

# AGÁLIA

PUBLICAÇOM INTERNACIONAL  
DA ASSOCIAÇOM GALEGA  
DA LÍNGUA

**Nº**

**95-96**

(2º semestre de 2008)

**Nº. 95 | 96 2º 2008**

**director:**

José-Martinho Montero Santalha

**conselho de redacçom:**

Carlos Figueiras, Carlos Garrido, Carmen Villarino Pardo, Isaac Alonso Estraviz, Isabel Morám Cabanas, J. Henrique Peres Rodrigues, Joám Manuel Araújo, Mário Herrero Valeiro, Oscar Diaz Fouces, Paulo Valério, Vítor Meirinho.

**conselho científico:**

**GALIZA:** Alberto Garcia Vessada, Aurora Marco, Carlos Campoy, Cláudio López Garrido, Felisindo Rodríguez, Higinio Martínez Estévez, Joám Trilho Pérez, José Agrelo Ermo, José António Souto, José Luís Rodríguez, José-Martinho Montero Santalha, José Posada, Luís Gonçalves Blasco, Manuela Rivera Cascudo, Marcial Gondar Portasany, Maria das Dores Rei Teixeira, Ramom Nogueira Calvo, Ramom Reimunde Noreña, Xavier Vilhar Trilho. **BRASIL:** Evanildo Bechara, Gilda da Conceição Santos, Júlio Barreto Rocha, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Raúl Antelo, Reynaldo Valinho, Yara Frateschi Vieira. **PORTUGAL:** Albano Martins, Álvaro Iriarte Sanromám, Amadeu Torres, Benjamim Moreira, Carlos Assunção, Inocência Mata, José Luís Pires Laranjeira, Mário Gomes dos Santos, Oscar Lopes. **ESTADOS UNIDOS:** Onésimo Teotónio de Almeida. **MOÇAMBIQUE:** Fátima Mendonça.

**Desenho e Maquetaçom:**

Inova - Comunicaçom Corporativa

**Imprime:**

Publidisa  
San Florencio, 2  
41018 Sevilla

Dep. Legal: C-250-1985

ISSN: 1130-3557

# SUMÁRIO

AGÁLIA 95-96 // 2º SEMESTRE DE 2008

## » *ESPECIAL*

RAMOM PINHEIRO | DIA DAS LETRAS GALEGAS 2009

Meu relacionamento com Piñeiro

(Isaac Alonso Estraviz)..... 9

Epistolário (escolhido) entre Ramón Piñeiro e I. A. Estraviz.....13

Ramom Pinheiro na lembrança

(Carlos Durão) .....129

Cartas de Ramom Pinheiro a Carlos Durão ..... 133

Carta de Ramom Pinheiro a Montero Santalha.....165

Isabel

(Adela Figueroa Panisse)..... 171

## » *ESTUDOS*

Tecnologias Informatizadas em Análises Lexicais, Textuais e

Discursivas: uma experiência do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas

em Lingüística Informática

(Zilda Maria Zapparoli, Neide Ferreira Gaspar, Edenis Gois

Cavalcanti).....179

O Apalpador e o toro de Natal; ou «Papá Noël» e a árvore de luzes

(Carlos Calvo Varela)..... 211

» *NOTAS*

Cinco notas etimológicas de antroponímia: Bráulio, Orraca (com um excurso sobre a etimologia de Pamplona), Osório, Varela e Vasco (Higino Martins Esteves).....253

» *TEXTOS LITERÁRIOS*

A inutilidade  
(André de Leones) ..... 269

Umás férias em Itália  
(Carlos Durão) .....293

» *RESENHAS*

Isaac Díaz Pardo e a Língua / AA. VV. / 2008  
(Joám Manuel Araújo) .....303

Pensar, Comunicar, Actuar em Língua Portuguesa.  
10 anos da CPLP / AA. VV. / 2006  
(Joám Manuel Araújo) ..... 305

Inxalá / Carlos Quiroga / 2008  
(Joám Manuel Araújo) .....307

Olladas no futuro / Ramón Piñeiro / 2007  
(Joám Manuel Araújo) ..... 311

Fios-de-contas / Paula San Vicente / 2007  
(Joám Manuel Araújo) .....313

Atlas Histórico da Galiza. E do seu Contorno  
Geográfico e Cultural / José Manuel Barbosa Álvares  
e José Manuel Gonçalves Ribeira / 2008  
(Joám Manuel Araújo) ..... 317

Longa Língua, número 19  
(Joám Manuel Araújo) ..... 320

» *PERCURSO*..... 325





**ESPECIAL**  
**RAMOM**  
**PINHEIRO**

*Dia das Letras Galegas 2009*

» *Meu relacionamento com Piñeiro*

ISAAC ALONSO ESTRAVIZ

» *Epistolário (escolhido) entre*

*Ramón Piñeiro*

*e I. A. Estraviz*

» *Ramom Pinheiro na lembrança*

CARLOS DURÃO

» *Cartas de Ramom Pinheiro*

*a Carlos Durão*

» *Carta de Ramom Pinheiro*

*a Montero Santalha*

» *Isabel*

ADELA FIGUEROA PANISS



# Meu relacionamento com Piñeiro

---

Isaac Alonso Estraviz – Universidade de Vigo

Em Osseira, depois de uma crise de identidade, decidi falar e escrever sempre em galego e negar-me ao emprego do castelhano. Lá na biblioteca encontrei algum livro em galego, que li avidamente e comecei pola minha conta a escrever em galego e romper ao pouco tempo o que escrevia. Voltando a reescrever aquilo do que já não gostava. Esses problemas ficaram plasmados no relato “Ai, os curas, mãe que os pariu!”

Conheci Otero Pedrayo e Jesus Ferro Couselo no ano 1953 aquando do VIII Centenário de S. Bernardo. No 1957 representamos a obra teatral *Os Trasacordos* do Tio Mingos de Xavier Prado, em honra do Padre Prior. A apresentação do acto correu pola minha conta e na obra o meu papel foi de Tio Mingos. Cantos na nossa língua... Foi um acto eminentemente galego. Estávamos no começo de uma nova sociedade, que em pouco tempo desapareceria por circunstâncias que conto noutro lugar.

Um bocado mais adiante fum nomeado submestre de noviços sendo mestre dos mesmos o Padre Lope. Este falou-me muito de López Cuevilhas e de Jesus Ferro Couselo. Cuevilhas tinha fama de bom católico e um grande investigador, muito simpático e ameno. Nom tive a sorte de o conhecer pessoalmente, por ter morto um pouco antes de eu começar a relacionar-me com o mundo cultural galego. A primeiros de Janeiro de 1959 fomos ter com Ferro Couselo que nos falou muito dos de Galáxia e especialmente de Ramón Piñeiro. Ele falou com os de Galáxia e o 17 de Janeiro enviaram-nos a nome de meu companheiro,

Pe. Lope, os livros que tinham publicado com uma carta de Xaime Isla Couto comunicando o envio, a sua galeguidade e o seu grande amor à Igreja. Via-se feliz porque estava a acontecer algo novo que não esperava naquela altura.

Ao pouco tempo fomos a Santiago, Pe. Lope e eu. Visitamos Piñeiro na sua casa em Gelmírez 15. Sentados os três arredor da famosa mesa-camilha, olhei para o alto e vi uma imagem em cerâmica de Sargadelos que me impressionou muito: um homem muito alto, vestido a preto e com chapéu da mesma cor, um pouco corcovado. Perguntei quem era e meu companheiro adiantou-se e disse-me que Castelao. Até entom não o conhecia. A conversa entre os três foi muito animada e cordial sobre língua, cultura, problemas e dificuldades que surgiam continuamente. A despedida foi também muito cordial. Depois fomos à Faculdade de História para ver as hipóteses com que podia contar para um trabalho sobre o monacato galego. De Santiago a Ponte Vedra...

O 14 de Março fui ordenado sacerdote e quis que ficasse constância do acontecimento fazendo uns recordatórios em galego. O 18 do mesmo mês escrevo-lhe a primeira carta incluindo nela o recordatório. O 22 responde-me com alvoroço. O 18, pola minha parte, e o 22, pola sua, deu começo um frutuoso e longo relacionamento epistolar. Epistolário que acho devo ter completo pola sua parte.

Isso não me aconteceu com outros que, no deambular por tantos lugares, ou perdi ou ficaram com eles meus amigos. O Epistolário com os meus companheiros desde França, Santa Maria de Huerta, Alemanha, interessantísimos, segundo o meu ponto de vista, por aparecerem os interesados com nomes diferentes e em clave, além de serem todos em galego, quando abri a mala das lembranças não apareceu nenhum... Tentei com alguns companheiros que ficavam e todos, todos, tinham queimado as suas correspondências.

Entre a minha papelada encontrei em vários sítios que, num fugaz deslocamento a Osseira após a saída do Hospital Marescot de Ponte Vedra, entregara um trabalho intitulado “Memórias dum frade velho” a uma pessoa amiga, onde acho deviam

estar plasmadas muitas das nossas vivências por esses mundo fora. O problema foi que num primeiro momento já me disse que não se lembrava de tal entrega. Depois prometeu-me que tentaria procurar essas “Memórias”. De momento nada!

Visitei depois muitas vezes a Ramón Piñeiro. Sempre cordial, sempre atento. Comi algumas vezes na sua casa e sempre que nos encontrávamos em Santiago, Vigo ou noutros lugares sentíamos o calor de dous sinceros amigos. Na sua casa conheci Ánxel Fole e Manolo Vidán. Não sempre coincidíamos nos nossos pontos de vista, como se pode comprovar através do Epistolário que se publica, mas sempre nos respeitamos. Devo-lhe muito. Em livros, em dar-me azos perante os problemas que me surgiam.

O Epistolário de Piñeiro é uma parte da história interna e externa galega. Mas o seu Epistolário fica incompleto ao faltarem as cartas que eu lhe dirigia. Como pessoa ordenada que era, o mesmo que Ben-Cho-Shey e outros muitos galeguistas, achei que seria muito fácil dar com elas. Tentei-o por muitos meios e foi muito pouco o que encontrei. De algumas problemáticas procurei ficar com cópia de papel químico. Espero poder encontrar ainda alguma mais. Necessito investigar numa entidade onde talvez seja possível.

O nosso relacionamento terminou no ano 1982 por causas linguístico-ortográficas, como se pode comprovar no Epistolário. Piñeiro, que fora partidário da unidade com o português – ele mesmo me contou exultante de alegria como num Congresso do Brasil, depois de estar falando hora e meia em galego, um dos participantes brasileiros lhe pedira afinal da sua dissertação que falasse um bocadinho em galego para ter uma ideia de como era, disse-me: “E eu estivera falando hora e meia em galego e ele não se dera conta!!” –, por causas que se entrevêm nas suas cartas, passou a defender teses contrárias.

No do Dicionário, ele e os que o aconselhavam, fizeram-nos perder muito tempo, dinheiro e energias, e uma oportunidade de ouro única, podendo dispor do mesmo antes de finais de 1983, quando não havia nada e o material estava numa linha de abertura!

Issso, junto com a passagem de Realidade Galega, da qual fazia parte, aos partidos estatais, levou-me a um afastamento ainda maior. Eu, que sempre tive por cima de tudo a defesa da nossa identidade cultural e patriótica, abandonei todo contacto com ele sem deixar, contudo, no fundo de lhe ter apreço. A última vez que o vi foi na igreja dos franciscanos de Santiago aquando do enterro de Carvalho Calero. Estávamos afastados por uns bancos e ele ainda tentou dirigir-se a mim e eu fiz que não via.

Manipulado por alguns chegou a se enfrentar com o seu grande amigo Rodrigues Lapa, colaborando com eles para torcer o fio da caminhada cultural galega quando se encontrava no seu melhor momento. É incrível o dura e cruel que foi a história!

# Epistolário (escolhido) entre Ramón Piñeiro e I. A. Estraviz

[1]

Compostela, 22-III-59

P. Santos Alonso

Oseira

Benquerido amigo:

Recebin a sua xentil carta do dia 18 e mailo recordatorio da sua Primeira Misa. Tanto a carta –escrita con tanta e tan cordial sinxeleza– como o recordatorio produxéronme grande lediza. Non estou absolutamente seguro, mais si bastante inclinado a crer que foi iste seu o primeiro recordatorio dunha Primeira Misa escrito na nosa língoa. E o contemplalo foi pra min –créame– un motivo de sincera emoción. Por eso lle agradecín e lle agradezo de todo corazón que mo teña enviado.

Non sabe canta alegría me dá o comprobar que nos vellos mosteiros da nosa Terra agroma de novo o espírito galego. Que Deus o arriqueza tanto como fai falla!

Si algún dia viñer por Santiago –agardo que sí– véñame ver. Terei grande lediza en conocelo persoalmente. Si antes for eu por ahí, preguntarei por vostede. Hai alguns meses estiven pra ir, acompañando ó historiador D. Américo Castro. Dispois non tivo tempo e somentes fomos a Celanova.

Dispoña da amizade certa diste seu amigo que lle desexa as meirandes venturanzas e millores froitos no seu outo ministerio

*Ramón Piñeiro*

[2]

Compostela, 9-IX-59

P. Santos Alonso  
Oseira

Benquerido e lembrado P. Santos:

De volta das Asturias de Oviedo, onde pasamos iste ano as vacacións, parte cos familiares da miña muller e parte co noso grande amigo Fermín Penzol, dono dunha grande biblioteca galega que donou a Galaxia, atópome eiquí coa sua garimosa carta do día 30.

Agradezolle de todo corazón que se teña lembrado de min nesa data onomástica e, sobre todo, dos seus xenerosos desexos no sacrificio da Santa Misa, que ben ás craras denotan a sua sinceira amizade i a sua nobreza de espírito, as duas cousas desta vida que máis fondamente conmoven o me[u] ánimo.

Envíolle hoxe un exemplar do número especial adicado ás letras galegas contemporáneas pola revista madrileña ÍNSULA. Por ser unha revista cultural con moita difusión e prestixio nas universidás de Europa e de América, non deixa de ter importancia que refrexe esa imaxe da nosa cultura vernácula aitual, que pra moitos resultará sorprendente por descoñecida.

As cousas van indo ben. Onte mesmo recibín unha carta do profesor Agostinho da Silva, da universidade brasileira de Bahía, comunicándome que un grupo de profesores brasileiros e portugueses tiñan acordado crear unha institución dentro daquela universidade destinada a dar a coñecer a cultura galega no Brasil i en toda América. Pensan mesmo en crear unha revista ou boletín con ise fin. Xa ve como, pouquiño a pouco, van tomando en serio o noso labor. Dentro de uns cantos anos, cando vostedes os mozos esteñan en pleno rendemento creador, todo cobrará un grande e seguro brío. Estou seguro.

Xunto coa miña gratitude, reciba un saúdo moi cordial do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

[3]

Compostela, 14-X-59

Benquerido e lembrado P. Alonso:

Recibín a súa carta do día 9, que me encheu de ledicia. De todo corazón me alegro de que teñan premiado o seu traballo sobre o poeta Curros, e de que o premio fose outorgado por unanimidade. Proba inequívoca da súa calidade. A apricación que lle pensa dar ó diñeiro do premio é ben simpática e conmovedora. Si nos vellos mosteiros da nosa terra alumase de novo esa chama pura de entusiasmo vernáculo, moito ben poderían facer por Galicia. En tempos pasados foron focos creadores do noso idioma e de moitas formas de vida que perviviron secularmente no noso chan. ¿Por qué non habían de volver a arraizar na sustanza vital do país e seren outra vez fontes de enerxía creadora?

Teño algún desacougo por esa incertidume que refrexa sobre o seu destino persoal. Non deixe de me contar –na medida do posibel, craro está– o rumbo das suas inquedanzas e proieitos. Gostarame moito saber de vostede. Considéreme como un verdadeiro amigo e, como tal, interesado espritoalmente polas suas cousas.

Reciba a minha sinceira noraboa por ise premio, que celebro, créame, como cousa propia. Reciba tamén un saúdo moi cordial do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[4]

Compostela, 23-XI-59

P. Santos Alonso  
Oseira

Meu caro e lembrado P. Alonso:

Recebín a súa carta. Coido interpretala ben. Sei que vostede – como nos pasa máis ou menos a cantos damos primacía ós valores espritoás– terá magoantes atricos entre as eixencias da súa personalidade íntima e mailas imposicións da realidade ouxetiva. Con todo, eu teño plena fe no trunfo final das aitudes ou conductas inspiradas nos nobres sentimentos do corazón humano.

Celebro muito ise proeiro de libro, millor dito de dous libros –un seu i outro do seu compañeiro–, que me anuncia na súa carta. En realidade nada ten de particular que lles devolvesen as cartas enviadas a Caracas si non levaban ben as señas. Ademáis, ocorre que aitualmente non hai convocado en Caracas ningún concurso relativo a Galicia. En cambio, o Centro Gallego de B. Aires convoca varios premios todos anos. Son premios de 12.000 pesos arxentinos. Turnan diste xeito:

anos pares

Premio Castelao (novela en galego)

Premio Villar Ponte (teatro en galego)

Premio Valle Inclán (prosa ou verso castelán)

anos impares

Premio Pondal (poesía en galego)

Premio P. Feijóo (ensaio en galego)

Pedro Alfredo Brañas (economía ou socioloxía galega). Iste de 20.000 pesos

Os orixinás débense enviar antes do 31 de Nadal de cada ano. Millor dito: deben chegar ás oficiñas do Centro antes desa data. O sistema é o corrente nos concursos, ou seña, firmados con seudónimo e sinalados con un lema que tamén debe figurar nun sobre pechado no que vaia incluído o nome verdadeiro e mailo domicilio do autor. As señas do Centro Gallego de B. Aires son: Belgrano, 2199.

Os envíos de orixinás pra o concurso non poden ser remi-

tidos co nome do autor si se mandan por correo. Debe figurar como remitente un nome distinto.

Cando se convoque algún outro concurso por algunha entidade galega xa me lembrarei de llo comunicar.

Mándolle un exemplar do tomo-homenaxe a Otero Pedrayo que publicaron os de Caracas.

Comprendo a súa door de non ter coñecido persoalmente a Cabanillas. Era un home moi sinxelo e moi humán, que se facía querer de contado. Morreu tranquiño, seguro de ter sido leal co seu pobo. Houbo moita xente no enterro. Xente que acudiu de toda Galicia. Tamén acudiron os nosos universitarios, que foron os que o entraron no cementerio.

Unha aperta moi cordial do seu de cote amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[5]

Compostela, 9 de xaneiro de 1.960

Benquerido P. Santos:

Recebín a súa carta. O mesmo día que a recibín entregueille a Manolo Beiras a que incluía pra il.

Recebín tamén unha do P. Ramón convidándome á súa primeira Misa. De moi boa gana tería asistido. Desgraciadamente impedíronmo preocupacións de orde familiar que aínda non están resoltas. Créame que tiveron verdadeiro sentimento.

Alegreime moito coa boa nova que me dá dos paquetes de libros recibidos de América O das “Cruces de Pedra” é, nefeito, un fermoso libro que prestixa a nosa cultura. Eu teñoo gracias a un amigo que mo enviou de agasallo.

Andamos a preparar a publicación dunha serie de tomos recollendo os dibuxos de Castelao. O primeiro queremos sacar

axiña. Estou seguro de que lles han gustar, pois ademáis do seu gran valor artístico refrexan aguda e admirabelmente o sentir do noso pobo. Interpreta coma ninguén esa especie de “filosofía popular” dos nosos paisáns.

Non sabe como me enche de leda esperanza cada recordatorio galego que recibo. Teño unha infinda confianza na renovadora enerxía espritoal que pode xurdir dos nosos vellos mosteiros. Unha dúcea de frades postos a investigar a nosa historia, a nosa língoa i o noso arte, poñamos por caso, ademáis da obra de creación literaria, filosófica, teolóxica, etc. que cada un poidera facer, operarían verdadeiros miragres na nosa evolución cultural. I estou seguro de que, ó mesmo tempo, acadarían un infruxo vivificador na espritoalidade relixiosa popular.

¿Díxenlle que na Universidade de Bahía, no Brasil, constituíuse un Centro de Estudos Galegos baixo a dirección do Prof. Agostinho da Silva? Propóñense dar a conocer a nosa cultura no mundo brasileiro.

Hoxe mesmo recibín unha carta de felicitación de Aninovo da profesora norteamericana Eileen Doyle, que é neta de irlandeses. Fálame moi admirada do número de “Ínsula” adicado ás letras galegas e anúnciame o seu propósito de estudar en serio a nosa literatura.

Unha aperta moi cordial do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[6]

Compostela, 20-IV-60

Benquerido P. Alonso:

Recibín hai días a súa carta. Non lle podo decir a miña opinión sobre a súa novela porque aínda non chegou ó meu poder. Lereina con gusto e direille a miña opinión, cousa que frecuentemente fago, pois bastantes amigos me dan a ler os seus traballos con ise mesmo ouxeto.

Hai uns cantos días coincidín en Vigo con Ferro, con motivo dun xantar que lle demos ó gran filólogo portugués Rodrigues Lapa. Faloume do seu libro nun intre en que estivemos solos.

Tocante a Galaxia, voulle espricar cal é o mecanismo polo que se rixe. Cando se trata de obras de investigación, xeneralmente é a mesma Galaxia a que as encarga ós autores que considera idóneos en cada materia. Cando se trata de obras literarias, xeneralmente son os autores quenellas ofrecen a Galaxia. O problema está en que é necesario escoller, tanto porque cuantitativamente non podemos publicar todo o que quixeramos –por falta de medios, craro está– como porque cualitativamente non todo o que nos envían é publicable. Polo xeneral escóllense con arreglo a un programa de edicións que se aproba na asamblea anual de aicionistas. Pra escoller as obras contamos con un Consello Asesor integrado por persoas competentes nas distintas ramas literarias (poesía, narración, teatro, ensaio) e cada obra sométese ó dictámen de tres lectores distintos entre os integrantes dese Consello.

No programa actualmente aprobado temos pra editar as seguintes obras de tipo literario: “Escola de Manciñeiros e Varia Fábula Galega”, de Alvaro Cunqueiro; “O señorito da Reboraina”, de Otero Pedrayo; “Leria”, de Vicente Risco; “Poesías completas”, de Manuel Antonio; “Prosas Galegas”, de Florentino L. Cuevillas; un libro de poemas de J. Díaz Castro, unha “Antoloxía” de prosa de Castelao; “Cando o vello Simbad voltou as Illas” de Alvaro Cunqueiro; “4 ensaios”, de D. García-Sabell; “O enigma do humor”, de Celestino F. de la Vega; “Arredores”, de A.

Tovar; un libro de contos de Camilo G. Suárez Llanos; un libro de contos de J. Casal Pardo; un libro de contos de J. L. Méndez Ferrín (non lembro de memoria os títulos); tres obras de teatro europeo traducidas ó galego –entre elas a “Antígona” de Anouilh e máis o “Agamenon” de Herwig Hensen– e máis un libro de Ramón Lugrís sobre a obra literaria de V. Risco.

Gran parte diste programa xa debera estar editado, mais non podemos levar o ritmo que nos quixeramos. Confiamos, con todo, en que irá saindo adiante. Paralelamente temos que editar obras de outro tipo como a versión galega da “Grande e Xeneral Estoria” de Alfonso X, a edición crítica das “Cantigas de Escárnio e Maldizer”, a “Historia Crítica da Literatura Galega”, de R. Carballo Calero, etc., etc.

Como ve, a aitividade cultural galega vai cobrando unha puxanza realmente seria. Quizáis nunca tivo a vitalidade creadora que agora ten. Polo panorama que lle acabo de trazar xa se decata de que se traballa moito. E todo semella indicar que se seguirá traballando cada día máis.

Tamén vai cundindo o exemplo que vostedes deron. Acompañolle un convite pra unha das procesións da Semana Santa feito en galego. Foi a primeira vez que tal cousa se fixo e tivo un gran éxito. Pouco a pouco van considerando cousa natural o se valer do noso idioma para as cousas serias.

Un saúdo moi cordial do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[7]

Compostela, 19-VII-60

P. Santos Alonso  
Oseira

Moi benquerido e lembrado P. Santos:

Recebin, no seu dia, a súa carta e mailo original da novela, así como un[h]a copia do ensaio premiado en B. Aires sobre “Curros, poeta”. Ten moita, motísima razón, ó se queixar do meu silencio tan alongado, que non se debe –créame– nin a molestia algunha nin a temor de lle espresar con franqueza o meu pensamento. Lonxe de me molestar, agradecínlle moi fundamente a súa proba de amizade e de confianza. Ocurriume estar demasiado ensarillado en mil enredos urxentes e miúdos e fum deixando día tras día varias cartas que debía escribir a outros tantos bós amigos, entre elas i en primeiro lugar a que lle tiña que escribir a vostede. Por si fora pouco, tiven que facer un viaxe a Madrid, onde demorei bastantes días. Mais asegúrolle que nin un soio día deixei de me lembrar de vostede. Incruso, cando estiven en Cambados no homenaxe a Cabanillas, pedín un “recordatório” pra lle mandar, que hoxe lle acompaño con moito gosto.

Lin con verdadeiro interés a novela e mailo ensaio sobre Curros. O ensaio paréceme que é unha excelente mostra de honestidade intelectual, pois en todo il trátase de comprender os motivos e aitudes do poeta con gran espírito de xusticia. A caracterización poética de Curros em función das peculiaridás espresivas do noso idioma é aguda e atinada.

A novela está ben de idioma –posto que manexa con soltura un galego vivo i espresivo– e ten bastante axilidade no diálogo. No tocante ó contido narrativo, quizáis pra o lector dos nosos días resulte unha miga inxenuo. Refírome, craro está, ó lector con cultura literaria. A súa eficacia queda máis ben cinguida ó campo do lector popular. Daniel Cortezón, en “As Covas do Rei Cintolo”, manexa tamén o tema i os recursos imaxinativos do

trasmundo demoníaco. Con todo, trata de neutralizar a propensión á inxenuidade que ises elementos narrativos levan consigo acentuando o elemento irónico e humoristaico. De tódolos xeitos, coido que fai moi ben en enviála ó concurso.

Mañán mesmo enviareille o orixinal por correo.

O 2º tomo do Dicionario de D. Eladio sairá nistes días da imprenta. Por certo que será necesario un terceiro tomo, pois non foi posíbel incluír todo o material no 2º.

Non deixarei de o ter ben presente o 25 na misa de Rosalía.

Dispoña como millor guste do seu incondicional e devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[8]

Compostela, 1-IX-60

Benquerido P. Santos:

Onte pola noite cheguei de Asturias, onde pasamos gran parte do mes de agosto por ser Isabel de Xixón e ter alí a familia, e atopeime eiquí con un rimeiro de cartas que se foron amoreando ó longo de todo o mes. Entre elas estaba a súa, tan cordial como de cote. Agradézolle de todo corazón os bós e xenerosos sentimentos de leal amizade que me demostra en toda ocasión e que son correspondidos por min coa mais fonda sinceiridade.

Teña a plena seguranza de que as súas cartas non me teñen magoado nunca. Pola contra, sempre as recibo con gran ledicia e sempre sinto un fraternal interés pol-as súas cousas.

Un saúdo moi cordial do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

[9]

Compostela, 7-XI-60

Benquerido P. Santos:

Xa estará a estas horas no seu novo mosteiro tolosán. Dende a sorpresa da carta que me escribiron o P. Ramón e vostede dende Cóbreces, non se me van do pensamento. Semella mesmo asombroso o súpeto cambio ocorrido no seu destino e no do P. Ramón.

Ben sei, porque eu tamén pasei por esa experiencia en terras de Castela, que lles agardan horas de soedade nesas terras lonxanas. Con todo, non podemos esquencer os íntimos e moi prolongados vencellos que Galicia tivo con Francia durante a Edade Media. Coido que atoparán ahí un espírito máis humán e máis aberto que en calquer lugar castelán. Sería raro que non acollesen con toda comprensión e simpatía a súa situación persoal. Polo demáis, coa rexa e fonda fe que arde no seu espírito estou seguro de que vencerá ben a soedade.

Os de Galaxia xa tiñan enviado o 2º tomo do Dicionario a Oseira. Ora, encarézolle unha cousa: que me diga con franqueza si de ahí llo mandan a Toulouse ou non. Se se esquecen de llo mandar, vostede non ten máis que decirmo, pois nós renovaremos o envío directamente a Ste. Marie du Désert. Farémolo con gran pracer, pode estar ben seguro.

Enviareille novas de por eiquí. Agardo que vostede me irá tendo ó tanto da súa vida por esas terras.

Non deixe de pedir calquera cousa que precise de por eiquí.

Lembrarémolo de cote e con agarimo.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[10]

Compostela, 5-XII-60

Meu querido e lembrado P. Santos:

Acabo de recibir a súa carta do día 11. Alegroume moito, pois vexo que está ben, tanto de saúde como de ánimos. Eso é o importante, pois os outros problemas poden ser vencidos polo espírito. O P. Ramón tamén me escribiu e tamén se amosra animoso. Anda a debullar no francés.

O día 26 foi o ingreso de Fernández del Riego na Real Academia Gallega. Resultou moi brillante. Acudiu xente de toda Galicia. Tanto o seu discurso de ingreso como o de Carballo Calero de resposta resultaron moi vibrantes e de gran emoción galega. Aplaudíronos moito ós dous. Ise mesmo día celebrouse un gran banquete en homenaxe a Sebastián Risco, o novo presidente da Academia. Asistiron máis de 200 e algúns tiveron que quedar fora por falta material de espaciao. Pola nova xeneración falou o poeta Salvador García-Bodaño, que gustou moito a todos. Resultou unha gran xornada.

En Madrid os rapaces conqueriron orgaizar crases de lingo galega. Danse dous días á semana, no Centro Galego. Asisten 50 alumnos, entre iles bastantes mulleres. Tamén en Barcelona as orgaizaron e acuden arredor de 30.

Os rapaces deiquí de Santiago tamén traballan con entusiasmo. Ademais das crases de galego que teñen, andan a preparar a representación de unhas obras de teatro en galego.

Estamos preparando os materiaes do 3º tomo do Dicionario de D. Eladio. Queremos sacalo canto antes. De todolos xeitos trátase dun traballo relativametne lento, así que tardará algúns meses.

Por eiquí temos gran invernia. Non deixa de chover. No campo están preocupados porque non puideron sementar o pan.

Xa sabe que si algo quer ou precisa deiquí de Galicia non ten máis que decilo. Enviarémosllo con moito gusto.

Unha cordial e forte aperta do seu bó amigo

*Ramón Piñeiro*

[11]

Compostela, 18-II-61

Benquerido P. Santos:

Tiven unha grande alegría coa súa carta, que nona contestei antes porque naqueles días saín pra Madrí. Celebro de veras que se vaia familiarizando con ise país, pois dise xeito seralle máis grata a permanenza ahí. Ademáis, a verdade é que Galicia sempre tivo unha intensa relación con Francia.

Nistes días, os pintores galegos novos celebraron en Lugo unha exposición de pintura vangardista. Queren que as novas ondas do arte universal cheguen tamén á nosa Terra. Na semana que ven celebrarase no Paraninfo da Universidade un homenaxe ó poeta lugués Luís Pimentel, que morreu hai tres anos. E o día 4 de marzo celebraranse os Xogos Floraes universitarios, nos que se concederán tres premios de poesía galega e tres de poesía en castelán.

En Ribadeo xurdiu a simpática iniciativa de lle erixir un monumento ó GAITEIRO GALEGO. Pensan levalo a cabo. Tamén están orgaizando un quinteto de gaiterías, cousa que non ten precedentes conocidos.

Hoxe e máis mañán celebra xuntanza a Academia Galega. Entre outras cousas queren preparar e publicar unha antoloxía de prosa galega pra utilizala de texto escolar. Tamén queren facer unha gramática da nosa lingua. Semella que se dispoñen a traballar.

No Centro Galego de B. Aires adoitan fallar os concursos aló polo mes de maio, pro o normal é que nono fagan público deica os días do Apóstolo, cando celebran a gran semana Galega.

En Madrí asistín a unha crase de galego. Había un ambiente moi animado e cordial e asistían bastantes mulleres. Falei longamente cos rapaces. Alguns diles son excelentes.

Xa temos na imprensa o terceiro tomo do “Diccionario” de D. Eladio. Querémoslle poñer un apéndice coas voces que non figuran na obra e que foran publicadas en vocabularios recentes. Tamén estamos animados a incluír outro apéndice con un vocabulario castelán-galego.

Niste ano temos mentes de publicar un bó grupo de obras, algunhas delas moi importantes.

Unha aperta cordial do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[12]

Compostela, 1º de abril de 1.961

Meu querido P. Santos:

Recibín, coa ledicia que pode supor, a sua carta do 24. Sempre me alegra moito recibir noticias suas.

Non crea que interveu mao allea no 2º tomo do Dicionario de D. Eladio. Todo o contido dos tres tomos, agás o Apéndice que figure no 3º, recollen o texto manuscrito que il deixou ordeado. Si hai contradicións de criterio, son contradicións do mesmo D. Eladio. Dende logo, no Apéndice meteremos a palabra “celeireiro” co siñificado que vostede establece. Si ten anotadas máis voces que non figuren, non deixe de nolas enviar pra incluílas.

Os xuicios que fai na sua carta sobre o galego que escriben os de América son moi asisados. Hoxe en dia xa carece de xustificación esa infantil teima diferenciadora. Non hai por que lle ter tanto medo ás inevitábeles afinidás co castelán, nin, moito menos ainda, renunciar ó que hai de común entre as duas línguas. ¿Por qué cederlles o que é tan noso coma dos casteláns? Pouco a pouco irán perdendo ise complexo de inferioridade e, paralelamente, deixarán de se entregar a ise esforzo de diferenciación artificiosa. O prestixio cultural do noso idioma vaise afirmando e rematará por se impoñer a todos. Resultaralle curiosa esta noticia que acabo de recibir de New York: unha rapaza norteamericana, devota da poesía e da língoa galega, escribiu un libro de versos no noso idioma, cuio manuscrito está en poder dun profesor galego da Universidade de California.

Acaba de sair un libro de Vicente Risco titulado “LERIA”. Dígame si llo enviamos. Farémolo con moito gusto.

Mándolle un programa dunha lectura de teatro galego que celebraron recentemente os universitarios. Agora dispóñense a preparar a lectura da “Aulularia” de Plauto traducida ó galego por Aquilino Iglesia Alvariño co título de “A comedia da oliña”.

O xornal lugués “EL PROGRESO”, por iniciativa de Anxel Fole, ven publicando unha serie de respostas a un inquérito sobre as letras galegas. Resulta confortador comprobar que hoxe en día tómase moi en serio a nosa realidade cultural. Todalas respostas coinciden en apreciar a importancia do noso esforzo afirmativo.

O día 16 celebrarase en Lugo un homenaxe ó escritor Alvaro Cunqueiro e acudirá xente de toda Galicia. O día 23 elixirano numerario da Real Academia Galega, cubrindo a vacante de Ramón Cabanillas.

Iste ano o Centro Gallego de B. Aires invitou a Sebastián Martínez Risco, como Presidente da Academia, a ir alá na 2ª quincena de Xullo pra tomar parte na celebración do Día de Galicia. De paso dará varias conferencias sobre problemas da nosa cultura e da nosa realidade xurídico-social.

Unha aperta moi forte do seu bó amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[13]

Compostela, 8-V-61

Benquerido P. Santos:

Recibín dúas cartas suas con sendos vocabularios pra incluír no Apéndice de D. Eladio. Son interesantes as precisións semánticas que nos dá e terémolas en conta, como é natural.

Por eiqui van indo ben as cousas. Pouco a pouco a xente vaise interesando pola nosa cultura. Recentemente púidose compro-

bar ben con motivo dun inquérito que fixo “EL PROGRESO” de Lugo sobre as letras galegas. A través das numerosas respostas botábase de ver que o ambiente aitual é de respeito e de vivo interés pola nosa cultura, e moi particularmente por todo o que atingue ó idioma. A xente nova vaise interesando por ises problemas.

O meu tocaio P. Ramón fixo os medios pra que lle autorizasen a vir seis meses á terra. Semella que o seu superior inmediato non tiña facultade pra llo conceder e aconselloulle que o pregase ó Abade xeral. Confía en que llo concedan. Está moi ledo porque o P. Rubinos S. J. envioulle tres libros de versos galegos que editou na Habana. Figúrome que o P. Rubinos estará abondo magoado coas cousas que lle toca presenciar en Cuba. Inda que il era amigo persoal de Fidel Castro, do que foi profesor de Literatura no Colexio de Belén, as cousas puxéronse abondo mal naquil país e coído que, o mesmo que fan todolos eclesiásticos non cubanos, tamén o P. Rubinos terá que abandonar Cuba.

As descrições que me fai desas terras son interesantes. Seguramente que dentro de moitos anos non deixará de as lembrar con agarimo.

Figúrome que resultaría moi ben a celebración do centeario da bendición do primeiro Abade desa casa. Con tal motivo acudirían ahí moitos abades. Gostaríame saber que foi un dia grato pra vostede.

Mañán chegarán eiqui 40 franceses que veñen visitar Galicia e que se interesan por estudar o seu arte e a súa historia. Veñen dirixidos por investigador celtista.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[14]

Compostela, 10-VI-61

Benquerido P. Santos:

Recibín, con poucas horas de diferenxia, as dúas cartas suas. Contéstolle antes à segunda e contéstolle todo o antes que puiden. Mándolle unha lista de discos galegos con todos os datos: coral, pezas que figuran no disco e casa grabadora. Non hai un catálogo de discos galegos. Veñen misturados cos outros. Tampouco hai unha casa especializada en grabar cousas galegas, senón que todas as casas graban. Por eso lle tiven que facer unha lista con discos de distintas casas. Hainos moi bonitos. Os de Santalices tamén son moi bonitos, especialmente o do “Romance de Don Gaiferos”, que resulta emocionante polo gran sabor medieval que ten.

Xa lle escribirei con vagar. Hoxe teño que saír de viaxe e antes quero cumprimentar o seu encargo. Por eso lle escribo apresa. Non teña ningún reparo en facer cantos encargos queira.

Un saúdo moi cordial do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

[15]

Compostela, 16-VI-61

Benquerido P. Santos:

Contesto hoxe á primeira das súas cartas, que me chegaran seguidiñas. Adianteime a cumprimentar primeiro o encargo que me facía na 2ª.

Comprendo ben o significado e o profundo alcance da experiencia persoal que están vostedes a vivir así como a fe íntima que os anima e lles permite albiscar no futuro. Ise nobre idealismo que

os guía é a millor garantía de que se moven na liña da verdade.

As consideracións que me fai ó falar da revista “Serra D’Or” son moi postas en razón. Eu tamén cavilei eso mesmo que vostede suxire na súa carta. Mais hai unha diferenza importante na apreciación das posibilidades prácticas da idea. Esa diferenza nace de que vostede quizáis non conoce ó Abade bieito de Samos i eu conózo demasiado ben. Tamén neso Montserrat lévamos inmensa ventaxa.

Voulle contar o do homaxe a Cunqueiro, que tivo unha curiosa resoanza en todo o país a causa dunha circunstancia especial que se produxo no seu intre culminante. Foi orgaizado pola Asociación da Prensa de Lugo. Acudíu xente de toda Galicia e xuntámonos en Lugo unhas 200 persoas. Os orgaizadores pedíronlles a Fernández del Riego e máis a García Sabell que falasen en nome dos escritores galegos. Os dous contestaron que non tiñan inconveniente en falar sempre que non se tratase dun banquete de caraiter oficial e a condición de falaren en galego. Os da Asociación da Prensa mostráronse conformes e solicitaron o correspondente permiso, que lles foi concedido. Incluíron, con todo, a Castroviejo pra que falase en castelán. En canto se soupo que tomarían parte os dous “galaxiáns” e que falarían en galego, comenzaron a xurdir fortes presións falanxistas tratando de o impedir. Chegou o día do banquete. Xantamos. Á hora do café comenzaron os discursos. Falou o alcalde de Mondoñedo pra espresar a compracencia e máis a adhesión do seu pobo natal ó homaxe; falou despois o representante da Asociación da Prensa pra ofrecer o homaxe; a continuación falou o del Riego en vibrante e cálido galego, que a xente acolleu con gran simpatía, pro, ó rematar, o alcalde de Santiago, que estaba na Presidencia, ergueuse e retirouse todo airado, e detrás dil dous falanxistas máis, un da Cruña e outro do Ferrol; falou a continuación Castroviejo, en castelán; despois falou García Sabell, en galego, e fixo un fermoso canto á nosa língoa, que foi aplausado con verdadeiro entusiasmo. O Cunqueiro respondeu brevemente, emocionado, i en castelán. O incidente da retirada do alcalde compostelán tivo unha gran resoanza, pro a reación xeneral foi unánime en condenar a súa aiti-

tude, que a todos pareceu necia e imprudente. E neso quedou todo.

Foi elexido membro da Real Academia Galega pra cubrir a vacante producida pola morte de Ramón Cabanillas. No mes que ven será elexido Anxel Fole pra ocupar a vacante de D. Manuel Casás.

Dígame si quer algunha cousa da Terra.

Unha aperta cordial do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[16]

Compostela, 9-VII-61

Benquerido P. Santos:

Recibín a sua carta. Confío en que terá os ollos completamente curados desa doenza de que me fala. De todo corazón llo desexo así.

Onte envieille un tomiño de sonetos galegos que lle premiaron e lle publicaron en Ourense ó poeta Iglesia Alvariño. Vai adicado polo autor.

Eiquí celebrouse no Hostal unha esposición de pintura galega nova. Orgaizárona os rapaces. Agora están montando no Palacio de Xelmírez –ésta xa non son os rapaces senón a Comisaría do Patrimonio Artístico– a gran esposición de Arte Románico que queren inaugurar o día 25 deste mes. Por certo que ise mesmo día preparan unha emisión en galego na B.B.C. de Londres adicada a esa esposición.

Hai uns días morreu o escultor Francisco Asorey. Morreu eiquí en Santiago onde vivía.

Nistes anos non teño visto ningún disco coa grabación do noso hino. Eso que algúns coros cántano de vez en cando ó final dos concertos, inda que nos programas disfrázano algo chamándolle “Los Pinos”, ou tamén “Himno a Galicia”.

Nestes días chegou a B. Aires Sebastián Martínez Risco, presidente da Real Academia Galega. Vai convidado polo Centro Galego pra tomar parte na gran Semana Galega que celebran con motivo do día 25.

Será unha novidade importante si o II Concilio Vaticano anula o carácter vitalicio das abadías bieitas e cistercienses.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[17]

Compostela, 29-VII-61

Benquerido P. Santos:

Chegáronme xuntas a súa carta e máis unha do P. Ramón. Coas dúas no peto asistín o 25 á Misa de Rosalía e máis á representación de “Os vellos non deben de namorarse”.

Na misa houbo moita xente. Díxoa un xoven coengo da Colexiata da Coruña (D. Rafael Taboada), que fixo un fermoso i emotivo sermón en galego. Gostou moito a todos. Realmente estivo ben.

Pola noite na Quintana, diante de catro mil persoas, celebrouse a representación da obra de Castelao. Non resultou ben de todo porque foi moi lenta a mutación escénica e porque fallaron nun par de esceas importantes. Mais tamén é certo que tiveron verdadeiros acertos e que houbo unhas cantas esceas moi fermosas.

O P. Ramón escíbeme en ton roxo e baril. Bótase de ver que nono amoleceu o destino nas Galias. Mandoume uns poemas.

O día 1 tomaremos as vacacións. Pasaremos uns días en Asturias. Ali percurarei os datos relativos ós discos asturiáns aitalmente no mercado e mandareille a correspondente información.

Iste ano acudiron á Misa de Rosalía rapaces e rapazas de “Vanguardia obrera” da Coruña. Ó fronte diles viña o P. Seixas (S.J.)

Na miña terra os siñificados de “Nabiña” e “nabiñeiro” son esaitamente os que vostede sinala.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[18]

Xixón, 20-VIII-61

P. Santos Alonso  
St<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. de Huerta

Benquerido P. Santos:

Non me esquecín do seu encárrago relativo ós discos asturianos. Mándolle os datos que me pide. Como ve, son todos de tipo folklórico, como ocorre con todas as manifestacións culturais de Asturias, que neso vai por detrás de nós.

Teño unha triste nova que lle comunicar: o día 29 de xullo morreu súpetamente en Compostela o poeta Aquilino Iglesia Alvariño. Tiña 52 anos. Un infarto de miocardio fulminouno en poucos minutos. Houbo moita xente no enterro. Estaba traballando dende hai unha dúcea de anos nun Dicionario galego e tiña recolleito moitísimo material. Tamén traballaba en traducións de cousas clásicas latinas e gregas ó galego. Nós temos o manuscrito da “Aulularia” de Plauto, que publicaremos. Foi unha perda importante.

O día 14 puxeron na praza de Touros da Coruña “Os velhos non deben de namorarse”, de Castelao. Creo que assistiu unha enorme cantidade de público. Pouco a pouco irá xurdindo e impoñéndose o teatro galego.

Nós iremos mañá a Oviedo e de alí seguiremos pra Castropol. Demoraremos uns días naquela Galicia asturiana. No cabo do mes retornaremos a Compostela.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[19]

Compostela, 22-XI-61

P. Santos Alonso  
Santa María de Huerta

Benquerido e lembrado P. Santos:

Tiña eiquí, pendente de resposta, a súa carta do 30 do setembro. Como nela me indicaba que, por térense cruzado as nosas anteriores, agardase a recibir nova carta súa pra nos pormos de acordo, fun deixando pasar o tempo sin lle escribir. Entrementes chegoume carta do meu tocaio, escrita dende Venta de Baños. Nela amóstrase animoso, con algunha preocupación por tranquilizar ós seus pais, que polo visto non chegaron a comprender ben as razóns do seu viaxe ás Galias. Tiña media esperanza de os vir ver.

Xa vexo que vai intercalando o estudo do grego cos labores agrícolas. Alégrome ben dos progresos que fixo. De agora en diante coido que lle resultará máis grato ise estudo, pois a medida que vaia penetrando na i alma desa língoa máis encanto terá o seu estudo.

Si, chámase Xesús Alonso Montero o autor dese artigo encol dunha tradución galega do Evanxello de S. Mateo. Trátase do seguinte: como vostede sabe, no século pasado ocurriúselles a Luis Luciano Bonaparte patrocinar traducións dos Evanxellos a totalas línguas carentes de desenrolo literario culto. Así, encomendou a tradución ó galego, ó asturián, ó vasco e a moitas

outras línguas de toda Europa que estaban en situación cultural semellante. Na tradución gallega interviñeron dous, un poeta chamado Vicente Turnes –deiquí de Santiago– e un tal Santamarina, quizáis eclesiástico. O que fixo Alonso Montero foi preparar a publicación deste texto galego. Leva varios anos con eso. Polo visto xa llo entregou ós da Editorial Monterrey pra que o editen. En canto salia eu mandareille de contado un exemplar. Dende logo, o interés que ten é puramente histórico. Como tradución teño entendido que val pouco. No ano 54, o día 25 de xullo, dispois da Misa de Rosalía, nós encarregámoslle a D. Avelino Gómez Ledo, poeta galego, traductor de Virxilio á nosa língoa e párroco de S. Agustín, en Madrid, unha tradución dos Evanxellos ó galego. Acolleu con gran simpatía a idea e prometeu facelo. Como é bó humanista, poeta galego e moi distinguido eclesiástico pareceunos que o podería facer moi ben. Tamén il acolleu con entusiasmo a iniciativa. Pro o caso é que pasaron os anos e inda non nos enviou a tradución, sin duda polos moitos atafegos do seu ministerio, pois ademáis da parroquia de S. Agustín tamén atende ó Consello Superior de Investigacións Científicas. No inverno pasado, o xornal lugués “El Progreso” fixo un inquérito en col das nosas letras que tivo gran resoanza. Interrogaron a varios. Todos prestaron gran atención ó idioma. Tamén a min me enviaron o inquérito, quizáis por ser un lugués máis que por outra cousa. Na resposta eu renováballe o requeremento a D. Avelino. Polo de agora resultou inútil, pois non deu ningún sinal de vida. Anos antes da sua morte, tamén tiñamos animado ó poeta Ramón Cabanillas á mesma empresa. Il cambiou esa idea por outra: escribir unha vida de Xesús en galego destinada ó pobo, ou seña escrita con poética sinxeleza. Comezou a tomar notas, pro xa notou que lle faltaban forzas e disistiu. Foi lástima, porque tería feito unha obra fermosa.

O día 17 comenzaron no Centro Galego de Barcelona as clases de língoa galega. Acudiron 125, entre iles vellos, mozos e rapaces. Incluso unha nai con un fillo de poucos meses no colo, que polo visto non chorou nada mentres durou a clase.

Tamén no Centro Galego de Madrí se reanudaron, pois xa se deran o ano pasado. Eiquí en Santiago andan dando as voltas

pra ver de que se dean na Universidade. Dias pasados houbo unha xuntanza do SEU e acordaron por unanimidade pedir a creación dunha cátedra de galego na Universidade. Sumáronse á petición os de todas as Facultás.

Hoxe comenzou a funcionar unha Escola Galega de Teatro, que por iniciativa dos rapaces universitarios funcionará nunha das aulas do Instituto. Poden facer un bó labor. Haberá clases dous días á semá, un en galego e outro en castelán.

Tratan de poñer eiquí en Santiago o “Don Hamlet” de Cunqueiro –un pouco escolmado no vocabulario– e tamén a tradución que da Aulularia de Plauto fixo Iglesia Alvaríño co título de “A Comedia da Oliña”, e que resulta moi ben en galego.

Na derradeira xuntanza da Academia Galega elixiron numerario, pra ocupar a vacante de Casás, ó escritor Anxel Fole. Está moi ledo e pensa facer o seu discurso de ingreso sobre Castela.

¿De veras non quer ningún libro? Mire que llos enviamos de moi boa gana.

En B. Aires funciona unha “Asociación Argentina de Hijos de Gallegos” que tamén orgaizaron cursos regulares de lingua galega con moito éisito. O prestixio crecente da nosa cultura fixo que os fillos dos galegos, que antes se consideraban máis arxentinos que Sarmiento e se desentendían do orixe paterno, agora síntense espritoalmente avencellados a Galicia e queren recoller e conservar o herdo cultural dos seus antepasados. Por eso comencan por deprender o idioma, e logo estudan o arte, a historia e todas as demais realidás de Galicia. Acaban de crear unha revista que lle chaman “Alen Mar”, na que pensan ir espoñendo os seus puntos de vista e inquedañas. Mándolle un exemplar.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[20]

Compostela, 7-II-62

Benquerido P. Santos:

Recibín a súa tarxeta do día 2. Decote me lembro de vostede e do tocaio P. Ramón, e cando recibo novas dos dous sinto unha íntima e fonda ledicia. ¡Cánto me gustaría poderlles axudar en algo!

Cando o César Arias me enviou as “Oracións” que traduciron ó galego, de contado me lembrei de vostede e pedínlle que llas enviase. Xa vexo que o fixo. Ora, tampouco a min me escribiu nin me dixo nada, limitándose a enviarme o caderno mecanografiado. De todos os xeitos, cando vaia a Vigo falarei da súa idea. Por certo que o caderno que me enviou o César produxolle tanta emoción a unha rapaza estudante de filosofía que nos veu ver que llo regalei. Marchou feliz de poder rezar en galego.

En Barcelona tiveron gran éisito as crases de galego. Acuden arredor de 80 persoas. Tamén en Madrid se siguen dando con éisito. Eiquí en Santiago semella que se darán na propia Universidade.

A Academia Galega anda agora ás voltas co problema de facer a Gramática Normativa do galego. Nomearon unha ponencia composta por Moralejo, Rabanal e Aquilino Iglesia Alvariño. Como iste morreu, desináronme a min pra ocupar ise posto. O probolema é abondo complexo e delicado, pola multiplicidade de formas que o galego vivo ofrece. A fixación dunhas normas tendentes á creación da “koiné” galega é empresa delicada. Eu coido que era preciso facer previamene un estudo sistemático da configuración dialectal do galego e un estudo e sistematización do noso verbo, que está por facer. Pénsolle informar á Academia nise senso, proponéndolles que convoque un concurso, dotado axeitadamente, sobre ises dous temas. Os traballos premiados serían unha boa base ouxetiva prá ulterior elaboración gramatical ¿Non lle perez?

Ontes rematamos co Apéndice o Dicionario de D. Eladio, no que incluímos arredor de cinco mil voces vivas e localizadas.

Agora queremos facer un Apéndice castelán-galego. Así resultará un instrumento máis útil.

Unha forte e cordialísima aperta do seu bó amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[21]

Paris, 28-IV-62

[*Cartão postal*]

D. Ramón Piñeiro

Gelmirez 15, Santiago de Compostela.

Espagne

Querido D. Ramón:

Ca saudade da Terra metida no corazón atópome hoxe no centro da Francia camiño do novo destino. Hoxe á noitiña baixaremos en Aquisgran e dali iremos directamente pra o mosteiro. Xa escribirei dende ali.

Unha aperta cordial a sua señora i a Vde de quen endexamáis os esquece

*Santos Alonso*

.....

[22]

Compostela, 3-VII-62

Benquerido P. Santos:

Coido que arestora xa terá no seu poder o 3º tomo do Dicionario. Con todos os seus defeitos, será unha obra moi útil pola

gran riqueza informativa que nela se manexa. Ise carácter enciclopédico que lle deu o bó de D. Eladio enche unha lagoa da nosa cultura. Agora poderán os filólogos preparar con calma e método o gran diccionario científico do galego.

Si volve a Colonia, alí está de lector de español na Universidade un mozo galego, Ramón Lourenzo, que era quen daba as crases de galego ós rapaces de Madrid. Il é un dos poucos lingüistas que temos polo de agora e pensa adicarse a traballar no galego. Leva ahí pouco tempo, pois marchou no abril.

Non sei si os galaico-arxentinos pasaron ó cabo por ahí. Demoraron en Galicia máis tempo do que tiñan previsto e con tal motivo alteróuselles todo o programa.

O das oraciós paréceme moi interesante. Temos que as publicar. E tamén os Evanxelios. Xa lle escribíu D. Ramón a Gómez Ledo lembrándolle a súa promesa.

A Trasalba foron 35 rapaces. Levaron varias gaitas. D. Ramón recibíunos con foguetes e preparoulles gran xantar. Pasaron todos un día moi ledo. Foi boa pena que non cadrase o mesmo día que foron vostede e máis Ferro, ou polo menos que estivese alí D. Ramón, pois teríase alegrado moito coa visita.

Eu non conozo esas terras, pro a descripción que vostede me fai dame unha imaxe ben “galega”. Alégrome ben, porque así o desterro semellará menos duro, polo menos sensorialmente.

A “paisaxe” humá de Compostela está agora trocando de fisionomía, como sempre ocorre por estas datas: marchan os estudantes e veñen os turistas.

Coido que iste ano na Misa de Rosalía axuntarase bastante xente. Asistirá D<sup>a</sup> Virxinia, a viuda de Castelao, que ven pasar unha tempada cabo da familia.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[23]

Compostela, 25-VII-62

Benquerido P. Santos:

Niste día de comunión espritoal galega non quero deixar de lle enviar unhas liñas de lembranza e de agarimo dende as afervoadas ruas de Compostela. Hoxe coinciden eiquí amigos procedentes de toda Galicia e tamén de lonxanas terras. Reina no ambiente unha espontánea emoción cordial. E tamén se nota a presenza invisíbel de aqueles que, imposibilitados de acudir en persoa, están presentes espritoalmente, como é o seu caso i o de outros moitos amigos. Pra todos a nosa lembranza fraterna.

Non se pode maxinar o esforzo tan enorme que tivemos que facer pra axuntar e ordear os milleiros de palabras dos Apéndices en tan pouco tempo. Certamente que, con vagar a recolleita pode ser inmensamente acrecentada. O valor principal diste Apéndice está, coído eu, en indicar un bó camiño pra facer ise necesario labor. Con todos os seus fallos, o dicionario, tomado en conxunto, representa unha aportación valiosa pra o coñecemento do noso idioma. Fáltanlle moitos, moitísimos datos, pro tamén é certo que en ningún outro se atopan tantos.

¿Qué tal vai a tradución das oraciós?

Por eiquí seguimos a traballar coma sempre, cada día con máis fe. O rexurdimento cultural é xa un feito consolidado.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

Está orballando mainamente.

.....

[24]

Compostela, 1-X-62

P. Santos Alonso  
Heimbach über Düren

Benquerido P. Santos:

Recebin, hai un mes, a súa cordial felicitación, que me encheu de ledicia. Non lle contestei antes porque me decía que andaba moi escaso de tempo.

Alegroume moito a noticia de que xa ten cáseque a punto a tradución galega das oracións. Paréceme un paso importante na revalorización espritoal da nosa língoa. Sei dun mestre de escola que escribiu unha vida de Xesuscrito en sinxelos veros galegos con miras ós lectores infantís e, según puiden comprobar, as autoridades eclesiásticas acolleron moi ben a iniciativa. Cousa semellante terá que ocorrer coas oracións.

Mándolle un libro de dibuxos de Castelao que acabamos de publicar. Ten a ventaxa de que lle roubará pouco tempo i en cambio levaralle a esas terras un certo orballo galicián.

Todo indica que a Universidade compostelá dispónse a levar a cabo o ensino do noso idioma. Polo menos o Reitor anunciouno públicamente nos xornás.

Andamos tratando de que nos deixen publicar unha revista cultural galega. Nesta ocasión teño algunha esperanza.

Temos xa ben avanzada a impresión do primeiro tomo da gran “Historia crítica da Literatura Galega”, na que ven traballando dende hai varios anos Carballo Calero. En Montevideo tamén remataron a impresión dos dous primeiros tomos da monumental “Historia de Galicia” que dirixe D. Ramón Otero Pedrayo. Son tomos de mais de 750 páxinas, en bó papel e con riqueza de grabados.

Tanta xente do noso campo emigra a Europa que dentro de pouco haberá por ahí grandes núcleos de irmáns nosos. O malo é que se teñen que atopar en situación de gran orfandá espritoal.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

[25]

Compostela, 11-X-62

Benquerido P. Santos:

Recibín onte a súa carta do día 3, que se debeu cruzar con unha miña, pois vexo que tardan bastante en chegar. Confío en que lle terá chegado. Nela anunciáballe o envío de “Cousas da Vida”, de Castelao, que lle ha gustar. Trátase dunha serie de dibuxos publicados polos anos 24, 25, 26 no xornal vigués “GALICIA”.

Iste ano estivemos gran parte do mes de setembro aló por Asturias. Por eso me demorei en lle escribir, pois condo viñemos tiña bastantes cousas da editorial agardando e consumíronme tempo. Agora temos na imprenta o primeiro tomo dunha monumental “Historia crítica da Literatura Galega”, na que ven traballando dende hai varios anos Carballo Calero. Está feita con gran rigor. O primeiro tomo abrangue o século XIX.

Non sei si lle dixen que xa saíron en Montevideo os dous primeiros tomos da “Historia de Galicia” que dirixe D. Ramón Otero Pedrayo. Istes dous primeiros tomos son introductorios. O primeiro contén o prólogo xeral da obra, no que D. Ramón fai a avaliación da nosa historiografía; unha descrición xeográfica de Galicia, con regalía de mapas, feita tamén por Otero; un capítulo xeolóxico de Isidro Parga Pondal; outro sobre a flora e maila fauna de Galicia, feito por D. Luís Iglesias; a parte da etnografía galega corresponde á cultura espritoal (lendas, mitos, etc.), feita por Vicente Risco, e, finalmente, un capítulo sobre a música popular, feito por Emilio Pita. O segundo tomo é íntegro de etnografía i está feito por Xaquín Lourenzo. Comprende a parte da cultura material e leva unhas 500 ilustracións. Son tomos de mais de 750 páxinas, ben editados i escritos totalmente en galego. O terceiro tomo levará a Prehistoria, que deixou feita Florentino L. Cuevillas.

Polo de agora nada me dixo Ferro das oracións. Non deixará de me falar deso na primeira ocasión.

Fai moi ben en desconfiar das faladurías dos políticos. Iles saben manexar o idioma dun xeito moi especial: pra decir e facer

crer o que a eles lles convén, que non sempre coincide coa verdade. De calquera xeito, eu son optimista no tocante ás nosas cousas. O noso rexurdimento cultural é cousa certa e vai sendo aceptado por todos como un feito válido. A mesma Universidade preocupase de que se cree a cátedra de galego eiquí en Santiago.

Como non puiden ir a Lugo polo San Froilán, vou hoxe aló.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

[26]

Paris, 28-II-63

[*Cartão postal*]

D. Ramón Piñeiro  
C. Gelmírez 15. Santiago de Compostela.  
Espagne - España

Querido D. Ramón:

Fai tempo que andaba pra lle escribir, pero como agardaba noticias fun o deixando pra largo.

Hoxe xa vou pra alá. Se me achego a Santiago xa falaremos, e senón, xa lle escribirei. Iste viaxe é algo aventureiro.

Unha aperta cordial

*F. Santos Alonso*

[27]

Compostela, 19-VI-63

Benquerido P. Santos:

Por unha rara casualidade, o mesmo dia que vostede me escribía en Madrid estabamos alí Isabel e máis eu. Fomos acom-

pañando a unha sobriña que se tiña que eisaminar e demoramos oito días. Como tamén estaba alí o Fermín Penzol, adicámonos a preparar os libros que tiña en Madrid pra seren enviados a Vigo. Tiña bastantes. Agora aínda quedan por trasladar os que ten en Ponferrada.

A súa carta ten un recendo de outimismo verdadeiramente confortador. Alegráronme moito as boas novas que me dá do P. Ramón.

Os rapaces universitarios enviáronlle un telegrama de pésame ó Sacro Colexio Cardealicio pola morte de Juan XXIII. Contestoulles o Camarlengo con un telegrama tamén en galego.

A novidade máis importante é que nos autorizaron de novo a publicar a colección GRIAL, que equivale a téremos unha revista cultural nosa.

Moito me alegro que non se estravien os libros que foran axuntando. Fora do seu ámbito natural serían estériles.

Xa vexo que van convivir cos navarros, polo xeneral xente rexa. Confío en que esa Terra lle seña grata.

Os rapaces de Barcelona e mailos deiquí de Santiago escribíronlle á Academia protestando de que no centeario dos “Cantares Gallegos” de Rosalia, dos tres académicos que tomaron parte somentes un falou en galego.

D. Avelino Gómez Ledo díxolles a uns amigos que pensaba pasar en Galicia un par de meses pa rematar a tradución dos Evanxellos. Si así o fai, niste vran pódeos rematar.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[28]

Vigo, 3-VIII-63

EDITORIAL GALAXIA, S. A.  
Reconquista, 1 - teléfono 18204  
Benquerido P. Santos:

Recebín a súa carta. Xa vexo que foi parar a Navarra, que é unha terra rexa.

Eu andiven polas serras luguesas con uns amigos da Fonsagrada que están de profesores nunha Universidade norteamericana. O 24 e 25 viñemos a Compostela. Houbo moita xente na Misa de Rosalía, incluíndo bastantes rapaces.

Iste ano volvéronlle dar o Premio do Centro Galego de B. Aires a Daniel Cortezón, de Ribadeo, por uns ensaios encol de Europa. O Premio de música déronllo ó M. Balaguer.

Nos Xogos Frorais que convocaron en Vilagarcía, o Primeiro Premio de Galego levouno un rapaz da Limia que se chama Carlos Casares. É compañeiro do seu irmao na Universidade.

Andamos a voltas co nº 1 do Grial. Temos que o sacar antes do 9 de setembro, cousa que nos amola algo por ser esta mala época. De todolos xeitos, coido que sairá ben.

Isabel e máis eu sairemos o día 7 con uns amigos camiño de Valencia e de Jaca. Será un viaxe rápido e logo iremos a Asturias.

Díganos si quer algún libro ou algunha outra cousa que lle poidamos mandar.

D. Avelinoprometeudarcabodasuatarefa. Veremosiacumple.

Unha comisión algo numerosa, na que figuraban Xaime Fontenla –pai e fillo–, Beiras, etc. foron falar co cardeal pra que lles autorizase a publicación da misa en galego. Recibiunos ben –como fai decote con todos– e nomeou unha comisión pra que dictamine.

Arelamos todos que vostedes se axunten eiquí na Terra canto antes. Hai moito que traballar.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

[29]

Compostela, 4-XII-63

Benquerido P. Santos:

Recibín dúas cartas suas, unha a fins de agosto i outra hai quince días. Como estiven de viaxe –primeiro en Portugal e dispois en Madrid– complicáronse as cousas bastante esta tempada, coa inevitábel repercusión na correspondenza. Mais o silencio epistolar non impediu que nos teñamos lembrado frecuentemente de vostede.

Pra lle decir a verdade, non vexo que no galego popular haxa unha palabra equivalente á grega “Hades” que non seña “inferno”. Certo que o Cunqueiro fala ás veces do “trasmundo” –palabra tan castelán como galega– pra se referir á zona do mundo onde habitan meigas, trasnos e demáis cofrades. Non me parece que a equivalencia semántica seña moi verdadeira, porque o “trasmundo” non é propiamente *outro mundo* senon a cara invisíbel deste mundo noso, algo así como unha cuarta dimensión do mundo na que habitan e se moven ises seres míticos. “Somundo” daría unha unha correspondenza moi xusta, pro resultaría un neoloxismo hiperculto. Coido que no galego vivo e popular a palabra equivalente é “inferno”. Non vexo outra, a menos que se invente.

Tampouco vexo maneira de substituir a palabra “soborno” por outra máis galega. Popularmente din “comprar” pra espresar a idea de sobornar, pro hai que ter en conta que é unha forma moi vulgar.

O Casares confirmoume que na Limia din, nefeito, “asubellar”, así que moi ben pode valer.

No tocante á interxeición “ou!” teño a mesma impresión que vostede ten: que non eistente. Polo menos eu nona teño comprobado. Na miña terra hai plena coincidencia co que voste ouserrou na Limia verbo das formas “ai”, “oi”.

As novidades destes tempos son que nos autorizaron de novo a revista GRIAL. Xa apareceu o nº 1 e nestes días sairá o 2º. É trimestral. Tamén apareceu un libro de contos populares da provincia de Lugo e máis un libro de Ramón Lugrís sobre D. Vicente Risco.

En Lugo están a orgaizar unha gran exposición do libro galego pra celebrar o centenario da aparición dos Cantares Gallegos rosaliáns. Inaugurouse o 6.

Os universitarios deiquí orgaizaron unha gran campaña pra recaudar fondos pra convocar un concurso de teatro galego. Fano así como protesta contra o S.E.U., que convocou un concurso con premios de teatro en castelán i en catalán, escriuindo o galego.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[30]

Compostela, 15-II-64

Benquerido P. Santos:

Recibín a súa carta e con ela unha moi grande ledicia ó me enterar da curiosa coincidencia davídica. Alegreime moito da coincidencia e, sobor de todo, de saber que ise Salterio xa está posto na nosa língoa. Boa falta fai ir arrequécéndoas coas grandes obras de valor universal. Hoxe mesmo recibín carta dun amigo noso que vive en Londres e que se dispón a facer a tradución ó galego de “Macbeth” de Shakespeare, mentres que o Isidoro Millán, catedrático de grego en Pontevedra, está preparando a tradución do “Asesinato na Catedral”, de Elliot. Todo vai indo ben. Eu conto que nun prazo de cinco anos teremos dado un gran pulo na categorización cultural da nosa língoa. De agora en diante imos prestar gran importancia ás traducións. Eso axudaranos moito.

Por certo que tamén se dá o caso inverso, pois nunha “Antoloxía da Poesía Medieval” que veño de recibir de New York, acarón da poesía francesa, italiana, inglesa, etc. aparece tamén a poesía galego-portuguesa. Alí aparecen os nosos trovadores ta-

les como Martín Codax ou Aires Nuñez traducidos ó inglés. No número 4 do GRIAL – o 3 está xa na censura– daremos a conocer estas traducións.

Hoxe mandeille os dous números do GRIAL que teñen saído deica agora e tamén un libro de Ramón Lufrís sobre Vicente Risco. Cando salia o novo número do GRIAL xa llo mandarei.

Calquera libro ou calquera cousa que lle interese non deixe de mo decir. Terei verdadeira ledicia en llo mandar.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

[31]

Compostela, 1-IX-64

Benquerido P. Santos:

Acabo de recibir a súa carta, que me encheu de ledicia. Moitas veces, nas conversas cos rapaces amigos, lembrámonos de vostede e botámolo ben de menos.

Certo que non lle escribín dende febreiro, en parte, dende logo, polos atafegos que sempre encerellan a un, i en parte tamén porque sempre estaba agardando a noticia da súa reincorporación ós eidos patrios. Xa vexo que esa noticia está suxeita a demora, cousa que moito sinto porque é iste un bó intre pra un intenso e proveitoso apostolado entre a mocidade, que non todos saben facer.

No xornal “La Noche”, deiquí de Compostela, publícase todos os sábados o Evanxelio correspondente en versión galega feita por Manolo Vidán. Ten boa acollida. O Cardeal recibe dúceas e dúceas –xa suman varios centos– de solicitudes pedíndolle que incorpore a língoa galega ós usos litúrxicos. En cambio, os cregos do campo decráranse contrarios alegando que si falan

galego na eirexa a xente perderalles o respeito ós cregos. ¡Que aberración! Evidentemente, algo falla na formación espritoal do noso clero cando considera máis importante defender a súa *autoridade* que ganar a fraternidade evanxélica dos fieles.

O Salterio sería moi importante podelo publicar canto antes.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[32]

Compostela, 2-XI-64

Querido P. Santos:

Recibín a súa carta. Non conozo ningún traballo especial sobre o paralelismo na poesía galega, inda que todos os traballos sobre a poesía galega falan sempre de paralelismo. En vista deso, mándolle a famosa obra de Rodrigues Lapa “Lições de Literatura Portuguesa”, na que analiza a nosa poesía medieval e trata tamén do paralelismo. Non sei si abondará ás súas necesidás.

Dende logo que o Ferro é home moi ocupado. Agora estivo traballando intensamente na transcripción de documentos galegos das terras de Ourense (moitos diles do concello), que queremos publicar no ano que ven. Pro tamén é certo que é preguiçoso pra escribir e resulta difícil que conteste as cartas.

Digo eu ¿hai dificultás canónicas pra que se publiquen os Salmos que vostede traducíu? Porque é unha verdadeira pena que permanezan inéditos.

Agora hai que arrequecer, canto máis mellor, o caudal dos nosos textos litúrxicos ou simplemente piadosos.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

[33]

Compostela, 11-XI-64

Benquerido P. Santos:

Recibín a súa carta do pasado día 18, na que viña unha copia da versión galega do Salmo 136, que é, por certo, fundamente fermoso. Penso que o conxunto dos Salmos serían unha importante achega niste esforzo que agora se escomenza por incorporar a nosa língoa ós usos e mesteres relixiosos. Por certo que no número 6 do GRIAL, que sairá a primeiros do mes que ven, incruimos unha espléndida tradución galega do Cantar dos Cantares –traducido do hebreo– coas correspondentes notas. Eu son outimista e coido que no ano santo que temos á porta van sair bastantes textos relixiosos na nosa língoa. Polo de pronto imos crear unha colección escrusivamente relixiosa.

O que vai indo ben é o das clases de galego. Na Cruña funcionan con éisito, i en Compostela, Pontevedra e Lugo van comenazar nistes días.

Falei con Manolo Vidán –il foi o traductor do Cantar dos Cantares– da expresión “no outro día” a que vostede se refería. Il díxome que, nefeuo, o texto grego ten sentido de futuro e non de pasado, e que, eiquí na comarca de Compostela a forma “no outro día” equivale a “deloutro día”, “ó seguinte día”. De todolos xeitos, como presta a confusión –como se bota de ver pola observación que vostede fixo–, modificará a espresión de xeito que quede ben claro o seu sentido de futuro.

A Ferro hai tempo que nono vexo. Andivo preparando unha colección de documentos galegos –varios centos diles– dos séculos XIII, XIV, XV e XVI, que queremos editar. Iste primeiro tomo será de documentos ourensáns. Logo trataremos de ir publicando os das outras Terras.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

[34]

Compostela, 26 de abril de 1965

*(Carta dactilografada)*

Benquerido Padre Santos:

Tivemos moita alegría coa súa carta, pois tiñamos dúbidas encol do seu paradeiro porque hai tempo que non vin ó seu irmao pra lle perguntar novas de vostede.

Hai tempo que non fun a Vigo e por eso non sabía que lles tiña escrito. Moito me alegro de que se poidan publicar os Salmos, que será unha fermosa aportación á nosa cultura. A derradeira vez que estiven en Vigo perguntei por iles e dixéronme que os estaba mecanografando o Ramiro Isla. Como non tardarei en ir por alá, xa me enterarei de como vai a copia e xa falarei con Paco e con Xaime. Eu teño ilusión en velos publicados, pois urxe a incorporación dos textos sagrados á nosa língoa.

Dende que vostede marchou, a presión prá incorporación do galego á liturxia seguíu sin interrupción. O Cardeal de Compostela recibiu miles e miles de solicitudes enviadas por fieles de toda Galicia e de totalas colonias galegas do mundo. Chegaron a se impresionar, pois non coidaban que tanta xente se interesaba seriamente polo problema. Dentro do clero, hai división de opinións: un sector bastante numeroso é pechadamente hostil; outro sector, non moi numeroso pro moi importante cualitativamente, é francamente partidario da incorporación. Bótase de ver que hai moita iñorancia do problema e bastante priguiza mental. Os novos, en xeral, responden ben. Agora vanlles presentar unha solicitude co leitiva dirixida a todos os bispos de Galicia e suscrita por varios milleiros de firmas. Polo que parece, o Cardeal está convencido de que non se pode eludir o problema. Semella que pensa nomear unha Comisión traductora e xa se sabe que un dos integrantes será o Filgueira Valverde. Dende logo, coido que esta batalla ganarse.

Os rapaces andan a preparar o Día das Letras, que iste ano estará adicado a Pondal. Tamén hai, o mesmo que o ano pasado,

un concurso de teatro galego (o Premio Castelao). Xa comenza-  
ron a chegar pezas de teatro. Están animados.

Istes dias temos por eiquí ó profesor Rodrigues Lapa, que veu  
pasar unhas semanas en Compostela.

Certamente, o labor de recolleita de vocabulario está cáseque  
a medio facer. Aínda faltan moitos miles por recoller. O que  
ocorre é que, hoxe por hoxe, non podemos abranguer todo o  
preciso. Compre agardar que se vaian incorporando novos ele-  
mentos aitivos procedentes da nova Seición universitaria de  
Románicas. ¡Hai tantas cousas por facer e tan urxentes! Craro  
está que unha das máis urxentes é mesmamente a da recolleita i  
estudo do idioma. Pro eu confío que a cátedra de Língua galega,  
cando funcione, ocuparase sistemáticamente dise labor.

Iste inverno díronse cursos de Galego na Cruña, en Compos-  
tela, en Lugo e máis en Pontevedra. Tamén en Madrid. Acude  
bastante xente nova.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[35]

Compostela, 28-VI-65

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Santos:

Tivemos alegría coa súa carta. Xa vemos que está agardando  
a autorización pra se axuntar cos outros compañeiros. Segura-  
mente que non tardarán en lla dar, porque o caso será total-  
mente semellante.

O asunto da liturxia en galego tropeza con moitos atrancos.  
En xeneral, o clero é contrario. Básanse en dous prexucios moi  
fortes: o prestixio social do castelán fronte ao galego i o desco-  
nocemento, por parte do clero, do galego culto. Trátase, natu-

ralmente, de duas argucias sofisticadas, mais que forman un verdadeiro estado de concencia colectiva no noso clero. Según os meus informes –de orixe eclesiástico–, o Cardeal tiña verdadeiro interés en sacar adiante a incorporación do galego, pero non se atreveu a forzar esta resistencia psicolóxica do clero e decidiu someter o asunto a consulta. O resultado foi negativo. Con todo, nestes días a censura eclesiástica autorizou a tradución galega dos Evanxelos feita por un profesor do Seminario compostelano e por un coengo da Cruña, que teño entendido que se vai publicar. As causas irán, pois, máis despacio. Pro hai que insistir pra que non esquezan o problema.

Tocante ao uso dos acentos, eu teño a mesma opinión que vostede manifesta na súa carta. Non se fixe no texto mecanográfico e corríxase como lle pareza máis conforme co seu propio criterio. Xa sei que van algo lentos. O motivo é que se ofreceu Ramiro Isla pra facer as copias e temos que nos axustar ó seu ritmo de traballo. Sei que o del Riego lle lembrou en varias ocasións a comenencia de apurar máis.

O Día das Letras Galegas fixeron os rapaces galeguistas a súa pelerinaxe xacobeá. Viñeron de toda Galicia. Acudiron uns 300, que entraron na catedral cantando o himno do Apóstolo en galego e fixeron en galego a ofrenda. Contestoulles o bispo auxiliar tamén en galego.

Non imos nunca ó cine e vemos moi poucas veces a televisión. Por eso non tivemos ocasión de ver ise reportaxe que lles fixeron ahí. Teríamos levado unha grata sorpresa si nos cadrara velo.

Agora xa se nota moito o Ano Santo, pois cada día vai aumentando o número de peleriños que acuden a Compostela. Os dous meses que veñen han ser moi movidos.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[36]

29-VIII-65

*(Cartão de Coimbra)*

Benquerido P. Isaac:

Cando voltamos de Asturias camiño de Portugal –viñemos pasar uns días cabo de Lapa e dunha familia amiga–, recollín en Santiago dúas cartas suas, unha coa novidade do seu traslado a Albacete i outra anunciándome a visita do P. Ramón. Moito sentín non coincidir alí con il. Nin xiquera tiven vagar de ver alí a ninguén porque nos agardaba un matrimonio estranxeiro que tivemos que atender durante as horas que permanecemos alí.

Lembranzas de Isabel e unha aperta cordial do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[37]

Compostela, 2-IX-65

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Xa estamos de volta de Portugal. Alá cadráronnos uns días de calor abafante. De todos os xeitos, a cordialidade dos amigos que nos convidaron fixo moi grata a permanencia naquelas fermosas terras. Lembreime varias veces do P. Ramón, que polas mesmas datas veu a Santiago e non coincidimos. Sentino ben.

Polas súas cartas vexo que non lle faltan atafegos nesa nova vida de crego secular. Figúrome que non deixará de ser unha experiencia interesante esa intensa convivencia coa xente e cos seus pequenos e grandes problemas de cada día. Comprendo que lle farán perder moito tempo coas súas latricadas. Convivindo coa xente en forma tan aberta como é propio dun bon crego, dificilmente se pode evitar esa perda de tempo. Habería

que lles facer ver que o tempo do cura ten un valor distinto do diles, pro non todos están preparados pra o comprender.

Moito lle agradezo que se teña lembrado de min con motivo do San Ramón. Paseino de viaxe. Como cai no remate das vacacións, sempre nos colle viaxando cara a casa.

Agardo que ó cabo aparecerían os arixinás dos salmos, pois nunha carta anterior falábame de que os tiña deixado esquecidos durante o seu viaxe por Galicia. Confío en que xa estarán no seu poder.

Polo programa que lle acompaño xa pode ver que os rapaces pontevedreses movéronse durante o vrao. Tamén os da Cruña orgaizaron varios programas radiofónicos en galego e algunha charla. Agora haberá que ir matinando nos novos cursos de galego pra o inverno.

Moitos saúdos de toda esta familia e unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[38]

Alascuás, 20-X-65

*(Cartão postal)*

Benquerido D. Ramón:

Onte ás nove e media pisaba por primeira vez as rúas valenciás. Estamos eiqui axuntados uns cantos sacerdotes estudian-do os problemas dun apostolado entre a xente moza. Hainos de Castellón, Mallorca, Valencia, Murcia i Albacete. De Albacete estamos somentes dous. A miña vida eiqui foi motivada porque un dos meus farexos en Albacete capital está en ter que me ocupar de xente moza dun e outro sexo, parroquial e interparroquial... Albacete teño que atravesalo tódolos días de parte a parte...

Lembreime do que dixo Rosalía destas terras e vexo que non está moito no xusto, quizais por vir agora eu da Mancha.

Estou suscrito a Grial e nesta semá pidirei o libro de Rodrigues Lapa e algún outro mais.

Estes curas están sempre a falar valenciano. Inda estando nós diante. Descasí tamén o rexeitaron da Liturxia. Son mais inconsecuentes nessto ca os nosos abades galegos.

Unha cordial aperta de

*Isaac Alonso*

.....

[39]

Compostela, 15 -XI- 65

*(Carta dactilografada)*

Sr. D. Isaac Alonso  
Albacete.

Benquerido amigo:

Pola sua carta e máis pola tarxeta que me enviou desde Valencia sei dos seus traballos por esas terras. Verdadeiramente, nos tempos que vivimos, coído eu que o apostolado na mocidade debe ser unha das angueiras máis apaixonantes pra un eclesiástico mergullado no “mundo”. O que sinto é que teña que facer ise labor nun mundo distinto do noso, tanto por ser eiquí ben necesario ise labor como porque eiquí potenciaría a eficacia do seu esforzo en virtude da máis íntima identificación. Comoqueira que estamos en tempos de gran renovación, confío en que esta lonxanía non se alongará moito tempo e axiña poderemos telo eiquí entre nós.

Recentemente celebráronse dúas misas en galego, unha eiquí en Compostela i outra en Betanzos. Según as miñas noticias, en Roma axuntouse a Comisión Episcopal de Liturxia. Presidiu

o bispo de Gerona. O noso cardeal presentou alí dúas traducións galegas do Ordinario da Misa (polo visto o bispo de Ourense tamén levaba unha, pro retirouna por seren mellores as que levaba don Fernando), que foron consideradas polos prelados interesados no problema. Apreciaron que o texto era moi semellante en ambas, cousa que lles congratulou polo temor que tiñan á multiplicidade lingüística do galego. Semella que teñen intención de aprobar e publicar unha destas traducións como edición típica. Si son verdadeiros os informes que me chegaron, os bispos territoriais de Galicia delegan no cardeal pra que oriente o problema.

A edición dos Evanxelios vai moi avanzada. Coido que poderá saír neste ano. Están moi animosos os dous coengos que a fixeron. Iles mesmos dirixen a edición.

Agora compre darlle un arrempuxón a “Logos”, que vai demasiado engorde. Fai falla que comence axiña pra encauzar toda esa renovación do pensamento católico que irá irradiándose dos acordos conciliares.

Saúdos garimosos de todas esta familia e unha forte e cordial aberta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[40]

Palma de Mallorca, 14-I-66

[*Cartão postal*]

Benquerido D. Ramón:

Un saúdo moi cordial dende estas meigas terras que tanto teñen de semellante cas nosas. Hastra se atopa un por eiqui co noso clásico cruceiro á entrada i á saída dos pobos. Ten as mes-

mas imaxes e feitura que o galego: o Cristo por un lado i a Virxe polo outro. Somentes que eiqui en vez de chamarlle “cruceiro” chamanlle “Creu de term”.

Hoxe á noite parto pra Albacete. A miña viaxe eiquí foi pra pornos en contaito xentes que temos os mesmos puntos de vista monásticos.

Unha cordial aperta de

*Isaac Alonso*

[41]

Compostela, 19-II-66

Benquerido P. Isaac:

Acabo de recibir a súa carta e tamén recibín a anterior. Agardaba as novas señas pra lle escribir. Pola carta de hoxe xa vexo que sigue no mesmo sitio polo de agora.

Os tradutores dos Evanxelos tíñanme dito que matinaban facer duas edicións, unha popular e outra de máis luxo. O certo é que polo de agora non apareceu máis que unha. E vexo que iles tamén utilizan os exemplares desta edición pra facer os agasallos que lles parecen oportunos.

No tocante ó dos Salmos sóbralle a vostede razón pra se queixar. Hai días estivo eiquí o Paco del Riego e tamén se me queixou de que o Ramiro non acababa de atar nin desatar. Estaba moi magoado por non lle poder dar unha resposta concreta a vostede. O certo é que o Ramiro fíxose cárrego da copia dos Salmos coa mellor vontade do mundo, pro ocorre que é un home vello –os vellos, ás veces, perden a pacencia– e por outra banda viaxa moito. O Paco pedíulle os manuscritos decíndolle que se comprometía a copialos il, pro o Ramiro se conoce que quer cumprir a súa promesa e non acaba de llos dar. Por outro lado,

tanto Ramiro como os seus irmaos están pasando unha tempada penosa porque unha irmá solteira que os goberna a iles e máis á nai –que é moi velliña– pois apareceu con un cancro de pulmón e non poden facer nada.

En fin, vou ver si lle pido eu a Ramiro que me mande a min os manuscritos dos Salmos e acabamos de saír adiante.

Por eiquí temos un inverno moi hidrófilo. Chove sin parar.

As clases de galego van indo moi ben. Hai interés. Tamén hai preocupación por poñer teatro. Algunha cousa xa fixeron.

Lembranzas de toda esta familia e unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[42]

Compostela, 28-III-66

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Hoxe recibín a súa carta e hoxe mesmo lles escribín aos tradutores dos Evanxelios pra que lle envíen os cinco exemplares que pide, poisque son iles mesmos que distribuen a edición. Están ledos porque tiveron moi boa acollida. Agora traballan na tradución do resto do Novo Testamento. Coido que arastora andan a voltas con San Paulo.

Non sabia que sufrira esa pequena operación. Sinto ben os contratemos que lle produciu. Confío en que xa terán cesado totalmente i estará outravolta disfrutando da máis plena saúde.

Ben sei que tivemos mala sorte coa encomenda mecanográfica dos Salmos. O bó do Ramiro ofreceuse coa mellor vontade e púxose ó traballo con entusiasmo. Nuturalmente, il é home profano en materias humanísticas e por ise motivo debeu de cometer erros na copia do texto galego. Logo ocorríronlles va-

rios acontecementos familiares moi penosos que magoaron o seu ánimo. Xunto con esto, trasladaron a oficina pra outro sitio. Con todas estas cousas, o bó do Ramiro andivo algo desnortado e misturou unhas cousas con outras. Por fin, a muller de Xaime púxose a buscar os Salmos e coido que lle entregóu os manuscritos a Paco. Non sei certo que é o que lle entregóu, porque hai tempo que non vin a Paco. Quizáis o verei na semana que ven, en cuio caso xa me informarei.

Eu non sei moito máis que vostede no relativo á Liturxia. Despois desa nota de que me fala, non sei que houbera novidades. En canto esteña aprobado o texto, o demáis é cousa dos propios fieis. Si reclaman a misa en galego é evidente que non lles poderán negar ise dereito. O que ocorre é que hai pouco ambiente coleitivo pra ise tipo de reclamaciós. Tamén hai, é certo, a dura resistencia da maioría do noso clero, que se opón con teima. O clero galego é, polo xeneral, asombrosamente inculcto. Menos mal que as novas xeneraciós teñen máis inquedaanza espritoal e irán, pouco a pouco, cambiando o nivel relixioso e cultural dos nosos cregos. Os vellos xa non cambian. Non é que teñan iles a culpa das suas limitaciós, porque en realidade son vítimas da formación que recibiron, pro non se pode agardar que seña capaz de se renovar toda a clerecía madura. Xa están anquilosados na rutina. Non creo que entendan apenas nada do que está pasando nos niveles profundos da propia Eirexa. E dun clero así non se pode agardar unha espritoalidade relixiosa ambiental que non seña tamen rutinaria, que é o que realmente ocorre na nosa terra. Pra romper esa rutina e crear unha relixiosidade viva, a batalla ha ser dura. Non penso que as aitudes de heroísmo individual extremo, como a que vostede me anuncia de non pisar terra galega mentres non poida misar na nosa língoa, señan útiles pra esa batalla renovadora. Penso mais ben que canto antes e cantas máis veces veña á terra máis poderá axudar e contribuir a esa batalla. O que se necesitan eiquí son eclesiásticos dotados dunha enerxía espritoal semellante á sua. O que nos facía falla era inzar Galicia de cregos así. De todolos xeitos, eu son optimista. Estou seguro de que cada vez haberá máis.

O día 3 irei á Primeira Misa de Andrés Torres Queiruga, que a dirá en galego. Coido que tamén algún outro compañeiro dil faró o mesmo.

Coido que a súa primeira contribución ao patrimonio cultural de Galicia deben de ser os Salmos. Trátase dun labor feito con grande fervor e feito no desterro. Debe de se converter nun ben común dos galegos. Por eso me alegro moito das revisiós e polimentos que me anuncia, que aínda os farán máis axeitados á nosa expresión natural.

Lembranzas garimosas de toda esta familia e unha forte aperta de

*Ramón*

.....

[43]

Compostela, 18-VI-66

Benquerido P. Isaac:

Chégame a súa carta cando me dispoño a marchar aos EE.UU. Na semá das ven alá me marchó. Botarei tres meses por aquelas terras. Vou dar un curso sobre a filosofía de Ortega e participar no VI Coloquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Uns amigos que teño alá arranxaron as cousas de maneira que me chegasen xuntas estas invitaciós. Como é unha oportunidade bastante esceicional pra min de ver aquíl país, decidinme a ir. Xa veremos o que resulta.

Ben me gustaría atopar os Salmos editados cando veña de volta. Polo menos marchó con esa esperanza.

O día das Letras Galegas foi o cardeal a Santo Domingo rezar un responso por Rosalía e polos escritores galegos mortos. Logo falou, certamente con emoción, da nosa língoa e da confianza que ten en que non tardará en ser aprobado en Roma o seu uso

na liturxia. Falou en galego –bó galego– e confesou que il, sempre que se dirixe a Divinidade con íntimo fervor, faino na sua língua materna.

Os rapaces andan às voltas de novo con iste asunto da Liturxia. Algúns que se casaron escribíronlle, e fórono ver coas prometidas, pedíndolle autorización para se casaren en galego.

Os de América semella que resolveron mellor o problema, como pode ver pola folla que lle acompaño.

Lembranzas de toda a familia e unha forte aperta de

*Ramón Piñeiro*

.....

[44]

Compostela, 7-XII-66

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Polas novas que eu teño vía Fontela, as modificacións idiomáticas só as fixeron no primeiro traballo e fixéronas con miras a unha adaptación co texto do Ordinario. Nos restantes non modificaron nada.

O do “Vocabulario Litúrxico” coído que non lle foi ben transmitido. Eu fixen esa suxerencia sin pensar nas suas nin noutras traducións concretas. Ocurriuseme que SEPT debería facer esa aportación cultural con miras a dúas cousas: fixar o vocabulario litúrxico galego e pór nas mans dos cregos un instrumento doado que lles resolva autorizadamente todas as dúbidas e problemas léxicos relacionados co seu ministerio. Pra eso, SEPT deberá encomendar a un equipo de colaboradores versados na materia a preparación dese “Vocabulario”. E logo publicalo como un libriño independente destinado a unha ampla difusión no clero galego, pra que lles axude a perder o pudor psicolóxico que moitos diles sinten fronte á utilización do galego. Naturalmente, deberá elaborarse con vagar e por un equipo, pra que non apare-

za como criterio individual, que sempre o faría máis discutible.

Sí, é certo que o “a” de “a miña irmá” non é o mesmo de “á miña irmá”. Como que no primeiro exemplo é un “a” e no segundo son dous. No primeiro caso é unha vocal simple e no segundo é dobre. No galego hai esas vocás *longas* por caída do *-l-* ou do *-n-* intervocálicos (*pá-paa-p a l a*; *irmá-irmáa*, ec.). O profesor Amable Veiga seguramente sabe isto moi ben, pro ó estudar fonolóxicamente o vocalismo galego non incorporou iste factor cuantitativo calculo que por razóns estrictamente científicas.

En cambio sorpréndeme esa súa afirmación de que o *é* do verbo *petar* sempre é pecha. Pódolle asegurar que non é certo. Toda a miña vida distinguín ben o *e* aberto de *pèto* (resoancia do golpe) do *e* pecho de *peto* (bolsillo, alcancía: “meter a mao no *peto*”, “danza dos *petos*”). A miña esperiencia idiomática sempre confirmou esa distinción. Pro dentro da conxugación do verbo *petar* nus casos é aberta (*pèto, pètas, pèta... pètan*) e noutras é pecha (*petamos, petaba, petei...*). Pode ser que nalgunhas terras, quizáis na súa Limia e noutras, non se dea tal distinción. Noutras partes de Galicia pode estar certo de que se dá con toda firmeza e craridade.

A edición dos Salmos vai moi adiantada. Onte estiven en Vigo e falouse deso.

Comparto a súa opinión de que o máis urxente é publicar cantos máis textos se poida. Con isto e coa predicación, si se vai xeneralizando (na Cruña comenzou con gran éisito), coido que se poderá acadar a autorización prá Misa en galego. Sin ambas cousas, seguro que non se acadará.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

p.d./ Vexo que, como todos adoitamos facer, tamén vostede é vacilante no seu galego. O primeiro verso do Salmo 50 comenza ca palabra *piédá* e remata coa palabra *bondade*, que son dúas formas bastante diverxentes de tratar un mesmo problema. Inda que se queira xustificar por razóns de eufonía, esa anarquía –na

que todos incurrimos– non pode seguir, porque padece a dignidade da língoa. Teremos que escoller. Dende logo, as formas *piédá, necesidá, virtú*, etc. que se poden rexistrar na língoa falada, son castelanismos.

[45]

Compostela, 16–XII–66

(*Carta dactilografada*)

Benquerido P. Isaac:

Alegroume moito a súa carta pola grande fogaxe e moita elocuencia con que desenvolve os seus puntos de vista idiomáticos, con moitos dos cales estóu plenamente de acordo. Non preciso de lle decir que a postdata da miña carta non tiña outro significado que o de unha súpeta alusión ocasional, facilitada polo texto da súa tradución, ó problema da nos[a] unificación idiomática.

Pra evitar confusiós, sempre doadas niste terreo, será ben que comencemos por aclarar que a “unificación gramatical” i a “uniformidade idiomática” non son a mesma cousa. A primeira é necesaria; a segunda, completamente utópica. Non sei de ningún que pretenda tal uniformidade –no senso mecánico, anti-vital, do concepto–, pro sería abondo asombroso que se pretendese conservar a súa anarquía. Coido que nin unha cousa nin a outra nos interesan, por seren igualmente nocivas. Certamente, o galego non debe de se converter –nin podería– nunha língoa uniforme, rixida, inmovilizada, ou seña, morta, como ocurriría si for rixidamente “uniforme” en cantos a falan i escriben. Pro tampouco pode seguir sendo un “mosaico dialectal” como agora é. Pra ser algo máis que un “mosaico dialectal”, pra ser unha verdadeira língoa de cultura, ha de ter unidade normativa. Esto non impide en absoluto a riqueza de expresión que cada falante ou cada escritor sexa capaz de lle imprimir. O que impide é a anarquía desintegradora. Vexo que vostede ten moi vivas reservas fronte á idea da unificación, en parte por identificala unha miga coa uniformidade empobrecedora i en parte, se cadra, por-

que a súa vocación i experiencia de predicador lévao a un conceito demasiado coloquial da lingoa. O que ocorre é que, sin perda da súa función coloquial, que é primaria en toda lingoa viva, temos que facer que acade outros niveles comunicativos que son propios da lingoa escrita e que requiren maior disciplina formal. Repare en que, como lingoa coloquial, non hai “un” galego común, non hai “o” galego (cousa que ocorre con totalas lingoas en menor ou maior grado, estamos conformes), pro si queremos pasar do plano coloquial ó plano “cultural”, ou seña, ó plano da lingoa escrita, debe haber un galego común, debe haber “o” galego (como ocorre con totalas lingoas cultas). Naturalmente que a unidade normativa non impede que se admitan formas dobles naquiles casos en que se considere oportuno, pro de ningún xeito pode a lingoa escrita ser un mero mosaico dialectal.

Tocante á escolla entre as formas *bondá-bondade*, *verdá-verdade* haberá que considerar cal resulta hoxe máis idónea. Evidentemente, nin niste nin en ninguén caso se pode recomendar un criterio estrictamente histórico. Hai que ter en conta todos os puntos de vista. Na miña opinión, as formas *bondá*, *verdá* son froito da presión erosionante do castelán sobre o galego. Non desconozo en cambio que son formas que teñen plena vixencia na realidade da lingoa falada hoxe en día. Pro o criterio da vixencia non sempre nos resolve os problemas, porque hai casos en que a fala popular nos ofrece catro ou cinco solucións distintas.

Teño boas impresiós no problema da galeguización da Liturgia. Si todo sigue polo camiño que vai, avanzarase ben e con relativa rapidez. Os atrancos van amolecendo. En realidade xa non hai resistencia negativa. Somentes compre que haxa presión positiva de abaixo arriba.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[46]

24-II-67

Ramón Piñeiro Lopez  
Gelmirez, 15-4º,  
Santiago de Compostela.

Benquerido P. Isaac:

Acabo de recibir a súa carta, pola que nos enteramos da recente morte da súa nai. Comprendemos a súa mágoa e tanto Isabel, como miña irmá, como eu compartímolos de todo corazón.

Sei que a súa acesa fe lle axudará a superar a door da perda temporal coa confianza na Gloria eterna. Seguro que tamén a difuntiña morreu con esa confianza íntima. Eso fará que ela siga viva no fondo do seu corazón.

Resulta ben confortador que a xente moza de ahí quixese acompañalo nas honras fúnebres á finada. A cordial espontaneidade con que acudiron ós funerais é unha boa mosta da gran estimanza que lle teñen.

Sí, hai certa frouxedade no comportamento da xente en relación coa lingua. Con todo, na miña opinión vaise ganando terreo con gran firmeza. Sei que non se fai todo o que se podía –e, polo mesmo, se debía– facer. Pro, de todos os xeitos, camiñase cara adiante con pasos seguros. Hai cada vez máis ambiente. As cousas relacionadas co idioma interesan cada día máis. Na propia Universidade veñen de crear unha nova cátedra de galego no Instituto de Idiomas.

Créame, nunca tivemos perspeitivas tan prometedoras prá nosa lingua. O que si lle digo é que se necesitaban uns cantos espritos reloxos e aitivos entregados á tarefa de vivificar a lingua no eido relixioso, no cultural, no social, etc. Hai, dende logo, uns cantos moi bós. Pro compría que se reforzase o equipo. Niste orde de cousas moito lamento a súa ausencia de Galicia. Nesta hora decisiva facía falta que estivese eiquí.

Unha forte e cordial aperta do seu bó amigo

*Ramón Piñeiro*

[47]

Compostela, 1-V-1967

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Acabo de recibir a súa carta. Comprendo moi ben as cousas que nela me di verbo da lentitude que reina nas vontades diste país. Compréndoo moi ben porque teño pasado moitas veces polo seu mesmo estado de ánimo a causa dises mesmos motivos. Moitas veces me teño alporizado íntimamente. Non podo deixar de lle dar a razón. Pro, visto que coas reaciós de tipo subxetivo non se resolve gran cousa porque non temos máis remedio que arar cos bois que temos, ó cabo sempre rematei por medir as posibilidades ollando prá realidade máis que pra os meus desexos. E gracias a eso coido que me fun afacendo a traballar con certa serenidade. Con todo, non lle nego que ás veces perdo a sernidade, porque, como vostede di moi ben, con esta tranquila pasividade dificilmente chegaremos a cumprir co noso deber. En fin, acepto o seu “sermón” e, pola miña parte, non deixarei de arrempujar o que poida.

Do mesmo xeito que me pareceu moi natural e xustificada a súa maneira de xuzgar a lentitude no aitar, sorprendeume, en cambio, o seu xuicio sobre o FACHO e outros grupos xuvenís semellantes. Na miña opinión, o seu xuicio é involuntariamente inxusto. Grupos como o FACHO, O GALO, a ASOCIACION CULTURAL DE VIGO, etc. fan unha admirable labor que merece o recoñecemento i a axuda de todos. Teña en conta que istes grupos son de tipo cultural e, polo mesmo, non teñen antagonismos entre si. Pola contra, colaboran fraternalmente, como é o natural. Cousa distinta é si vostede se refire ós grupos de tipo ideolóxico, que en Galicia, como en todas partes, son diverxentes e ás veces antagonicos. Pro eso é así por natureza i é demasiado utópico pensar que pode ser doutro xeito. Si se admite, como vostede e máis eu admitimos, o dereito de todo o mundo a ter a ideoloxía que queira, temos que aceptar as consecuencias ine-

vitables dise feito: a pluralidade e i discrepancia de opinións na interpretación dos problemas. Así é i así será sempre nas cousas humás. Cousas tan homoxéneas como pode ser un mesmo credo relixioso, poñamos por caso o católico, non impiden a discrepancia de criterios e aitudes. ¡Imaxínesse vostede no terreo das realidades temporás! Non sei si estarei ou non atinado, pro eu non vexo mal ningún na pluralidade de tendencias e de aitividades delas derivadas. En fin, xa falaremos longamente de todo esto.

Estou agardando dun día pra outro os SALMOS. Francamente, non comprendo como se demoran tanto. Estou desexando que salian pra llos mandar a varios amigos meus. De Roma escribíronme uns cregos e dinme que tamén os están agardando pra faceren uso diles.

Mire, P. Isaac. O que nos facía falla era que vostede viñese pra Galicia. Créame, sería unha gran cousa. Con media dúcea de homes con capacidade de aición e fe íntima podíanse facer bastantes milagres en orde á movilización espritoal do país.

Sinto que cando veña no vran non poderemos vernos. Convidaréronme de novo a ir ós EE.UU. a dar un curso universitario sobre Unamuno e marcharemos arredor do 20 de xuño deica primeiros de setembro. Iste ano irá tamén Isabel pra que teña ocasión de conocer aquilo.

Lembranzas garimosas de toda a familia. Unha forte e cordial aperta de

*Ramón*

.....

[48]

Compostela, 8-v-67

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Agora mesmo recibín a súa carta. Alégrome infinito de que lle chegaran xa os dous exemplares dos SALMOS. Era tempo. Eu aínda non conozo a edición. Como é natural, apresúranse a mandarlle ó autor os primeiros exemplares. Non tardarei, coído, en conocela. De todas as maneiras, nesta ocasión quérolle enviar unha cordial aperta de felicitación porque ten incorporado á nosa língoa unha xoia da literatura universal e ise simple feito xa é algo que nos emociona a todos. Agardo que esta primeira achega irá seguida de moitas máis.

Certamente terei que ir a Madrid antes da partida por mor do visado consular do pasaporte. Non sei cando irei. Cando vaia xa lle escribirei, pois alegrárame moito de nos poderemos ver e parolar.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[49]

Xaén, 8-v-1967

*[Cartão postal]*

Benquerido D. Ramón:

Imos camiño de Sevilla i eiquí en Xaén lembreime de vostedes. Na verde e linda paisaxe que hai dende La Carolina a Xaén, fun lendo os Salmos galegos que se refiren á paisaxe e gustaronme de verdade. Cun retoque que leven teremos o millor Salterio neolatino pra cantar ó gregoriano nas catedrás.

Apertas de

*Isaac*

[50]

Compostela, 15-V-67

Benquerido P. Isaac:

O Fontenla acaba de me tragner un exemplar dos SALMOS. Vexo, meu querido amigo, que levou a termo a súa idea de nos adicar a tradución a Xesús Ferro e máis a min. Non lle poido ocultar que sentín unha fonda emoción vendo o meu nome unido a unha obra que será lida con fervor por moitas xeneracións galegas. Verdadeiramente, a súa xenerosidade amistosa é inmensa.

Sei que o día 17, pasado mañán, porán en circulación o libro. Na miña opinión será o acontecemento máis importante de cantos se preparan pra celebrar esa data ("Día das Letras Galega").

Sei tamén que iste vran queren ultimar a versión do Novo Testamento enteiro. Polo visto, nistes días o Cardeal encaregou que preparasen unha tradución completa do Misal.

Recibimos a súa tarxeta camiño de Sevilla. Agardamos que lle resultase un viaxe grato.

Coa miña fonda gratitude e con saúdos garimosos de toda a familia reciba unha forte aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[51]

Compostela, 22-V-67

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Alégrome moito das súas boas impresiós sevillanas en conxunto e das posibilidades galegas en particular. Noutras ocasións –non unha senón varias; non unha persoa senón distintas– teñen ido ó Centro Galego con idéntica intención que a súa. Os

resultados sempre foron nulos e, ás veces, os modos mesmos moi desagradables. Conocemos –eu mesmo conozo– varios Centros Galegos e as xentes que os gobernan. Non me sinto con aptitudes pra cambiar a sua mentalidade e por eso renunciei a intentalo no que a min se refire, pro en cambio sinto unha gran alegría –e moitas espranzas– cando vexo xente disposta a intentalo. Por eso a sua xeira sevillana me alegróu tanto. Pode ser que a sua semente dea froito. Eu así o agardo.

Recibín, nefeito, carta do seu amigo Jerónimo Tebar. O que il me pide é traballo en Galicia ou Portugal. Non é cousa que esteña ó meu alcance facilitar. Todo o que eu podó facer nise terreo son pescudas e xestiós, pro non nesta ocasión. Estou tremendamente atafegado de preocupaciós apremiantes con motivo do inmediato viaxe a América (marcharemos a mediados de San Xoán) e non me resulta posible, por máis que o quixer, ocuparme de semellante problema, que non é, nin moito menos, doado de resolver. Eu contesteille con cordialidade e franqueza e agardo que comprenderá. O meu desexo é, naturalmente, axudalo no que poida.

O Dia das Letras Galegas celebrouse con bastante empuxe en varias cidades galegas. Os de Lugo conqueriron que por primeira vez se dixese ise dia unha Misa en galego, pois naquela vila non se tiña dito ningunha. Levaron a sorpresa de que, como en todas partes, concurreu moitísima xente e a todos gustóu. Onte tamén acudíu moita xente a Padrón con motivo de lle imponeren o “Pedrón de Ouro” a Carballo Calero como premio á sua “Gramática Galega”.

Pregúntame si os Centros Galegos de Madrid e Barcelona están ó tanto de todo o que se publica. No de Barcelona, o Secretario é amigo noso –Basilio Losada– e como é persoa moi culta ten bó coidado de que na biblioteca figuren cantos libros galegos aparecen. No de Madrid tamén hai amigos –entre iles o Bencho-sey– pro non lle interesan os libros galegos. Varias veces os rapaces trataron de facer cambiar as cousas e outras tantas veces tiveron que desistir por fracaso das suas tentativas. Tamén no de Zaragoza, e noutros varios, hai amigos na directiva e, como pode supoñer, tratamos de aproveitar pra introducir

inquietudanza galega e cultural. A experiencia é totalmente negativa. Dígollo para que sepa que non nos temos desentendido dese problema. O nivel en que se moven é o dos tópicos emotivos ou gastronómicos, pro moi mediatizados polo espírito acomodaticio dos funcionarios do Estado, que son, polo xeneral, quenés gobernan ises Centros.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[52]

Compostela, 1-VI-67

Benquerido P. Isaac:

Estou totalmente dacordo: arestora debíase evitar toda anarquía nas incitivas das traducións litúrxicas. O prudente é proceder acordadamente. Compre fortalecer e afianzar a coordinación. Coido que esto está no ánimo de todos e por eso non será difícil acadalo.

Dende logo é certo que hai “autorización pra autorizar” a predicación en galego. Dende ise punto de vista a misa luguesa non representa novidade. Con todo, eu sinaláballe o feito con alegría porque entendo que foi un acontecemento importante.

Por desgracia –e vostede sábeo tan ben coma min–, no noso país o problema é triple: que as xerarquías autoricen, que os cregos se presten e que a xente se interese. É unha batalla en tres frentes. No da xerarquía, foise avanzando; no dos cregos, despois dunha inicial resistencia masiva comenza a producirse unha reación favorable nos novos; no da xente, moi pouco se ten feito. Que en Lugo xurdise un grupo cultural interesándose pola incorporación do galego á liturxia, é un acontecemento importante; que, con tal motivo, aparece un grupo de cregos

dispostos a colaborar con interés na iniciativa, tamén é un acontecemento importante; que o bispo sacase a conclusión de que o “experimento” foi plena e rotundamente positivo, tamén ten importancia. En resumo, considero que foi a primería batalla librada –e ganada– na diocese luguesa. Por eso llo comunicaba. Estou seguro de que o problema se resolverá por ise camiño. Si temos que agardar a que haxa presión popular, tardaremos moito.

Sinto que non lle cadren ben as cousas pra participar na xuntanza de cregos. O seu rexo e vibrante esprito axudaría moito a froitificar a xutanza. Ademáis, conecería persoalmente a moitos, cousa que tamén é interesante.

Nós estaremos en Madrid polo 19-20-21, e seguramente marcharemos o 22. Cando teña máis datos concretos escribireille de novo.

Unha forte e moi cordial aperta

*Ramón*

.....

[53]

Compostela, 6-x-67

Benquerido P. Isaac:

Cando lle escribín anunciándolle o meu paso por Madrid camiño de América, contaba coa posibilidade de que as datas non fosen axeitadas pra o noso encontro. Logo soupen que viñera a Galicia pra fomar parte na xuntanza eclesiástica. Alegreime ben, pois estaba certo de que a súa presenza sería eficaz nesa xuntanza.

Pola súa carta que acabo de recibir, vexo que se sinte magoado pola lentitude con que vai todo. Comprendo moi ben os seus sentimentos. A min sucedeume o mesmo bastantes veces. Evidentemente, as cousas deberían ir máis a presa. Pérdese tem-

po e oportunidades. Neso non lle falta razón. Mais ben lle sobra. Ocorre entre nós que hai moita máis capacidade pró labor individual que pró labor colectivo. A creación do espírito colectivo e da disciplina do traballo en equipo nunca se acaba súpetamente entre nós. Leva tempo. Coido que eso é xustamente o que está ocorrendo no mundo que máis ou menos se polariza arredor de SEPT. Pese a todas as demoras e tanteos non realizados, coido que hai un pulo san que levará adiante a empresa.

Sei moi ben o desesperante que é ver os esforzos activos paralizados pola falta de colaboración colectiva. Con todo, na miña opinión vaise ganando terreo. Vai xurdindo xente nova interesada nistes problemas. As posibilidades son grandes. As dificultades non son pequenas. Hai que confiar na boa vontade da xente e tratar de movela. Por moito que seña o entuísmo individual, pra dar froito precisa da quentura solidaria dos demais. ¿Cal é o mellor camiño pra crear esa vontade colectiva de traballo, esa conciencia de responsabilidade solidaria? ¿Dar individualmente un exemplo abnegado de entrega activa e fazer diste exemplo a medida pra xuzgar ós demais? ¿Pór a atención nas necesidás ouxetivas de aición e facer desas necesidás a medida pra xuzgar ós demais? ¿Pór a atención na boa vontade dos demais e tratar de erguela ó nivel máis alto que en cada circunstancia seña posíbel? Pódense seguir istes camiños, ou outros. Cada un, asegún a súa disposición temperamental, terá preferencia por un ou por outro. De acordo coa experiencia que fun acadando ó longo dos anos, eu prefiro, distes tres, o terceiro. Estou convencido de que é o máis realista. Penso que confiando nos demais e tratando de fortalecer a súa responsabilidade solidaria, de acordo co nivel das súas posibilidades, é o camiño máis seguro. Si pensamos nas necesidás ouxetivas e nos esquecemos das posibilidades da mentalidade colectiva pra asimilalas e pra responder a elas, podemos alonxarnos da realidade. O noso drama sinálao vostede ben craramente: *somos poucos*.

Non se desalente, meu querido Isaac. Xa verá como todo irá avanzando. Os primeiros pasos son máis dificultosos. Hai que vencer a inesperiencia e hai que crear confianza e compenetración. Logo xurdirán os equipos e todo avanzará máis rápido. Xa o

verá. Eu confío moito na boa vontade que se percibe en todos os que sinten concencia galega. No ambiente vaise ganando respecto, sinal de que se fai labor positiva.

Lembranzas de toda a familia e unha forte aperta de

*Ramón*

.....

[54]

Compostela, 28-X-67

Benquerido P. Isaac:

Asegún os meus informes, hai 15 días que sairon pra Roma todos os textos litúrxicos, idiomáticamente unificados, pra seren sometidos á debida aprobación como textos provisionás pra experiencia. Tamén me dixeron que queren decir misas en galego en todas as cidades. As tres coruñesas siguen con pleno éxito de público.

Unha novidade bastante notable é que no Seminario de Ourense van dar crases de Língua e Literatura Galega e, polo visto, tamén no de Tuy. Xa ve como o problema idiomático sigue unha dinámica progresiva.

Dígolle todo de moi boa gana, pois sei moi ben o moito que lle interesa.

Eu ingresarei na Academia Galega o 25 de Santos, que é sábado. Fixen o discurso sobre o tema “A lingoaxe i as línguas”. Ao tratar da situación da lingua galega, non quixen deixar de dicir con toda craridade que a xerarquía eclesiástica da nosa terra seguía un criterio discriminatorio de orixe político, sinalando de paso, a gravidade do dano espritoal que producen.

Os rapaces da Cruña reuniron un gran informe con toda a documentación relativa ao problema da liturxia en galego. Va-

léndose de Ruiz Jiménez, vanllo facer chegar directamente a Pablo VI.

Lembranzas garimosas de toda a familia. Unha forte e cordial aberta do seu amigo

*Ramón*

.....

[55]

Compostela, 3-XI-67

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

As nosas cartas derradeiras cruzáronse no camiño. Mellor dito, xa recibín unha sua posterior. Agradézolle moito os bós agoiros que nela formula verbo da miña incorporación académica, da que nunca estiven moi seguro que fose proveitosa, tanto que fun demorando o ingreso moito máis tempo do que o Regulamento permite. En fin, non había máis remedio que ingresar e, unha vez incorporado, haberá que facer o que se poida.

Non conozo os detalles internos das tramitacións e xestións litúrxicas derradeiras, pro teño entendido que, como lle dixen na miña anterior, unificaron lingüísticamente os textos –e correxiron bastante o ordinario da misa de que vostede fala– e mandáronos a Roma pra unha nova xestión, cuios resultados aínda non se saben.

Nun temperamento vibrante e abnegado como é o seu, a lonxanía ten que lle facer máis intesa a sensación de inmovilismo que as apariencias amosan en Galicia. Ouservando as cousas de máis perto, como me ocorre a min por razón de presenza física eiquí, o inmovilismo non é tanto, porque os elementos aitivos son poucos e os atrancos son moitos. Con todo, van avanzando.

É cousa chocante o que nos ocorre en Galicia: durante moitos, moitos anos, o noso mal era a aitude nostálxica, saudosa, melancólica, lírica, etc., etc.; agora, o noso mal leva camiño de ser a impaciencia desesperada. Dígollo porque eu teño bastantes amigos –sobre todo xóvenes– que se atormentan pensando no que se *debería* facer e desembocan nunha posición tan ineficaz como a dos nostáxicos. Menos mal que no medio duns e doutros temos xente laboriosa e realista que vai facendo cousas. Certo que non temos moita sorte, porque cando xurden persoas de pulo dinámico capaz de influir no ambiente, por unhas cousas ou por outras teñen que se alonxar da terra (tal como no seu propio caso acontece) e así os progresos son máis lentos. De totalas maneiras hai progresos. Eso é cousa que se ve.

Vostede fala na súa carta do Club de Amigos da Unesco e, con tal motivo, espresa disgusto polas aitudes que se reducen a falar por falar. Deso, meu querido Isaac, hai moito máis do que vostede pensa. No problema da liturxia fixeron moito máis dano do que a xente coida todos os que utilizaron o problema como pura arma de propaganda política, como ocorre, por exemplo, con ise Club. A súa boa fe persoal sorpréndese desas cousas. Ben o comprendo. Pro, por desgracia, sorpresas desas levará máis. Non é ouro todo o que reloce.

Das suas ideas encol do problema idiomático penso que son atinadas e que, dun xeito ou doutro, non tardarán en facérense realidade.

Celebro que teña oportunidade de conocer Mallorca. Eu nona conozo, pro hai tal unanimidade no reconecemento das suas belezas que penso que val a pena conocela. Por eso me alegro moito de que vaia.

Os de SEPT non sei cando terán xuntanza. Dende logo ouvinlles decir que teñen que poñer en marcha todo (sei que xa teñen un local), pro non sei cando pensan xuntarse. Seguramente que nistes meses vindeiros comenzarán a publicar cousas. Istes meses falei pouco con iles.

Sei que hai pouco houbo un casameento en Oseira –os noivos viven no Carballiño– que se celebrou en galego. Logo no banquete regalaron a cada un dos asistentes un exemplar de “A

Palabra de Deus” como lembranza da boda. O noivo é farmacéutico e pertence a SEPT.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[56]

Compostela, 19-XI-67

Benquerido P. Isaac:

Acabo de chegar de viaxe e atópome eiquí coa sua carta do día 15. Anteriormente recibira outra, tamén moi interesante, datada o día 10. Non pense que me atosigan as suas cartas. Pola contra, a verdade é que me alegra recibilas.

Comprendo ben as suas dúbidas diante da proposta que lle fan os amigos da UNESCO: publicar a Encíclica como material de propaganda do Club. Comprendo as suas dúbidas e moito me gustaría axudarlle a resolvelas da mellor maneira. Unha opinión categórica non lla poido dar porque, como a vostede mesmo lle ocorre, non teño os necesarios elementos de xuicio sobre SEPT, por unha banda, e sobre a utilidade ou consecuencias prácticas desa publicación polo Club, pola outra. O xuicio que eu teño sobre o problema baséase nun conxunto de informació heteroxéneas, das que saquei, pra o meu goberno, as seguintes conclusións:

a).- A xerarquía eclesiástica de Galicia, basándose na carencia de vida relixiosa en língoa galega (cousa que non ocurría en Cataluña ou no País Vasco, onde os católicos rezaban nas suas respeitivas línguas e tiñan traducidos dende moito antes do Concilio os principás textos sagros), e apoiándose no feito realísimo de que a inmensa maioría do clero se mostró rotundamente contrario ó uso do galego na liturxia, adoitó a aitude cómoda de substituir o latín polo castelán o mesmo que nas demais diócesis de España.

b).- Frente a iste feito, producíronse dúas reaccións paralelas: unha minoría de católicos, moito máis importante pola calidade que polo número, iniciou unha presión interna pra conquistar a incorporación da nosa língoa á liturxia; outra minoría de persoas, non do campo católico senón dos distintos leiros ideolóxicos da oposición, intentou unha presión esterna denunciando públicamente a aitude da xerarquía. Os primeiros pretenden manter e resolver o problema no plano relixioso; os segundos, prantéxano directamente no plano político.

c).- Conseqüentemente, tamén na xerarquía eclesiástica de Galicia se produciron dúas aitudes: unha puramente relixiosa, favorable á incorporación do galego na liturxia, i outra fundamentalmente política, oposta a esa incorporación. Hai, pois, unha aitude constructiva e conciliadora i unha aitude polémica e agresiva, a primeira esencialmente relixiosa e a segunda esencialmente política. Esta dualidade dase simultaneamente na xerarquía e nas minorías que tratan de facer presión sobre a xerarquía.

d).- Como é natural, o sector adverso dentro da xerarquía – ou seña, o sector politizado– apoia a súa negativa xustamente no plantexamento e na intención no labor práctico da minoría católica que traballa unicamente no campo do apostolado relixioso, sin implicacións políticas.

e).- Na miña opinión, a minoría católica acadou certa eficacia na súa presión interna, primeiro facendo que o problema teña curso oficial, segundo facendo cambiar a mentalidade de unha parte do clero anteriormente oposta. Con todo, non foi dabondo forte pra forzar o ritmo desta evolución positiva. Por esa razón –ou seña, pola súa debilidade–, a marcha das cousas é lenta.

f).- A presión política feita por voceiros da oposición é igualmente minoritaria. Carece de apoio ou respaldo popular pra exercer verdadeira presión sobre a xerarquía, no suposto, sempre moi dudoso, de que no estado aitual das cousas for posible forzar á xerarquía eclesiástica por presión política da oposición.

g).- Colocadas así as cousas, as miñas esperanzas están íntegramente na eficacia da presión interna da minoría católica, presión que terá que combinar con tino a habilidade i a pru-

dencia pra compensar a súa debilidade real. Só si fracasa esta presión interna, de base e finalidade puramente pastoral, estará xustificada a politización do problema. Sería unha gran necedade non agotar todas as posibilidades internas antes de se lanzar ó terreo da loita aberta, de cúa eficacia dudo moito.

\* \* \*

Veleiquei os meus puntos de vista, que están fundados na información –certamente parcial e incompleta– dos feitos, e tamén, naturalmente, nas inclinacións do meu temperamento, de cúa repulsa ós radicalismos e demagoxias son perfectamente consciente.

Quixera poder darlle noticias certas dos plans, dos medios e das posibilidades efectivas de SEPT no seu desenvolvemento inmediato. Non llas podo ofrecer porque nonas teño. Non porque nonas haxa senón porque nonas conozo. Nos derradeiros tempos tuven pouco contaito con eles. E créame que desexo tanto como vostede mesmo que rompan a andar dunha vez. Sempre que teño ocasión, non deixo de os animar. Estóu convencido de que teñen unha gran misión que realizar en proveito da comunidade social galega e sería unha gran desgracia que nona levasen a cabo.

Do trasfondo do Club de Amigos da UNESCO, así como doutros grupos, nada lle vou decir, pois afortunadamente declárase vostede ben informado. Ademáis, tampouco a vía epistolar sería a mellor, xa o comprende.

Sobre iste panorama, eu non me sinto autorizado a lle dar un consello categórico, inequívoco, respecto das súas dúbidas. Sei que non pasaría de ser unha opinión fundamentalmente subxectiva e, mesmo por eso, sería demasiado sofisticado outorgarlle validez obxetiva. Doulle, con absoluta franqueza, os meus puntos de vista de tipo persoal, sempre condicionados pola miña inclinación temperamental á prudencia i á confianza. Ora, non desconozo que hai máis camiños válidos que o da prudencia i o da confianza. Máis aínda, sei que moitas veces istes camiños conducen ó fracaso. De ahí a obriga de ser pouco categórico cando non me poido basar en apoios obxetivos certos.

O que máis sinto é que vostede i outra media dúcea de espíritos abnegados non poidan concentrarse eiquí na terra pre lle dar pulo a SEPT. Na miña opinión, hoxe en día non hai outra cousa de tanta trascendencia pra o futuro de Galicia como o labor que SEPT debe levar a cabo. Porque ademáis non vexo posibilidade de que sea facedeiro por outros camiños.

En fin, é todo o que lle poido decir, que non é moito.

Saúdos de Isabel e Sara e unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[57]

Compostela, 30-I-68

*(Carta dactilografada)*

Sr. D. Isaac Alonso Estravís  
Lodoselo.- Vilaseca

Benquerido P. Isaac:

Recibín a súa carta. Coido que arastora andaré polos eidos de Vilaseca revivindo sensacións e lembranzas da infancia e recollendo esperencias e observacións do presente.

Moito lle agradezo o convite pra ir ahí, que ten moitos motivos de atraemento, un deles dende logo ise que vostede sinala de coñecer terras e xentes que aínda non conozo, pro tamén o de poder botar unhas parrafadas con vostede sobre cousas que nos preocupan. Con todo, non sei que é o que ocorre pra que cada día me atope máis afogado de tempo. Nin tan siquer poido ir ver ós meus pais –que están moi acabadiños– coa frecuencia que debera pra lles procurar algunha alegría dentro dese estreitiño marxe vital en que van decorrendo os seus días derradeiros. De todos os xeitos, inda que non me é posible ir deica esas terras eu agradézolle o convite.

O sábado estiven en Vigo. En Galaxia amostráronme unha carta súa na que falaba da posibilidade de editar as encíclicas. Coido que é comenente acrarar ben a aitude de Galaxia no tocante ás publicacións de carácter relixioso. Nunca houbo dentro de Galaxia normas ou criterios de escrusión da literatura relixiosa. Todo o contrario. Alá polo ano 52 –ou seña, bastante antes de que Xoán XXIII chegase a ser papa–, puxémonos á fala co poeta Ramón Cabanillas pra lle encomendar a tradución galega dos Evanxellos con vistas aos publicáremos. Cabanillas, que foi bastantes anos seminarista en Compostela e que conservaba moi viva a fe relixiosa, era, ó mesmo tempo, un gran poeta galego. Reunía escelentes cualidades pra facer ben esa tradución. Entusiasmouse coa idea. Pro, pasados uns cantos meses, escribíume decíndome que o pensara moito e que tiña chegado á conclusión de que sería un erro pretender sacar adiante a iniciativa por ise camiño. Bó conecedor da mentalidade da xerarquía eclesiástica de aquiles tempos, despois de facer unhas discretas pescudas chegou ó convencemento de que non habería a necesaria aprobación episcopal para unha tradución galega dos Evanxellos feita por un leigo. Propúxonos que se lle fixese o encárrago a un eclesiástico prestixioso si queriamos acadar a necesaria aprobación. Pola nosa parte, achamos que Cabanillas estaba no certo. Il prometeu escribir, en lugar da tradución evanxélica, unha “Vida de Xesús” pra difundir entre o pobo. Nós aceptamos o seu ofrecimento da “Vida de Xeús” e dispensámolo do encargo da tradución, encargo que lle fixemos a D. Avelino Gómez Ledo, sacerdote moi relevante en Madrid, poeta galego e traductor de Virxilio á nosa língoa, quen aceptou a encomenda, moitas veces renovada pola nosa parte, e nunca cumprida pola súa, inda que temos noticias de que, ó cabo, entregou a tradución ós Bibliófilos Gallegos. Cabanillas, que pensaba escribir a “Vida de Xesús” cando rematase co poema litúrxico “SAMOS” –que editamos nós–, enfermou e morreu sin dar cabo á súa obra, prá que xa tiña tomadas bastantes notas. Así, a morte de Cabanillas i a deixadez de D. Avelino Gómez Ledo malograron os nosos plans de pór en marcha unha colección relixiosa galega. Nestas, veu o papado de Xoán

XXIII e, como consecuencia, o Concilio. Abríronse novos horizontes. Os novos aires do Concilio chegaron tamén a Galicia e despertaron unha concencia relixiosa galega con vida de seu. Como expresión dela xurdíu SEPT, da que forman parte algúns membros destacados de Galaxia. A iniciativa está ben pensada e responde a unha verdadeira necesidade. Ten, ademáis, inmensas posibilidades diante de si. Hoxe en día, a primeira necesidade dos católicos galegos é darlle realidade viva a SEPT como órgano dunha corrente de pensamento do país. Moito, moito, moito máis importante que o labor *individual* que poidan facer os frades, os cregos, ou os leigos interesados no problema pro aituantes por propia iniciativa, será o feito de que exista un órgano común do pensamento católico galego. A conducta de Galaxia no tocante ás publicacións de carácter relixioso baséase pura e simplemente nise feito. Coidamos que a nosa inhibición favorece o papel que lle corresponde realizar a SEPT. Non hai, pola nosa parte, exclusión da literatura relixiosa “por principio”. Hai unha inhibición baseada en consideracións completamente ouxetivas. Coidamos que na economía espritoal do país é necesaria unha editorial católica que aglutine e promova a acción vivificante dese pensamento ao corpo social do noso país. A nosa maneira de axudar á súa realización é inhibíndonos de aitar no seu campo propio. Como pode ver, a nosa liña de conducta –equivocada ou non, que eso nas cousas humanas sempre é problemático– responde a motivacións moi serias e nada egoistas. Por outra parte, porque seguimos de perto os seus pasos e tanteos iniciáis e podemos comparalos cos que nós mesmos tivemos que dar inicialmente, confiamos no labor de SEPT. Estamos seguros de que cumprirá a súa misión.

Feita esta aclaración, xa comprende que non hai en Galaxia ningunha dificultade “de principio” pra publicar literatura relixiosa. E moito menos pra publicar as encíclicas *PACEM IN TERRIS* e *POPULORUM PROGRESSIO*, que en realidade representan unha filosofía social, unha das grandes correntes de pensamento do noso tempo. Se a esto se engade que a tradución está feita polo P. Alonso Estravís, que goza de toda a

simpatía e confianza dos galaxiáns, sobra decir que non opera en nós a máis mínima intención negativa. Ora, non podemos –nin debemos– publicar unha cousa *que foi solicitada por SEPT*, sin a conformidade de SEPT. Esto, meu querido P. Isaac, vostede ten que o comprender perfectamente. Póñase no noso caso. Estóu seguro de que obraría o mesmo que nós. Hai certas normas que garantizan a convivencia i a colaboración a base de que as respetemos todos. Na súa perspeitiva individual, sin dúbida hai razóns poderosas que urxen a publicación das encíclicas onde queira que seña. Deso estamos convencidos. Pro, si repara nesas razóns, comprobará que son, en gran parte, subxetivas –impaciencia temperamental, desexo moi lexítimo de corresponder á xentileza do bispo de Albacete, etc., etc.–. Son razóns importantes. Deso ninguén poderá dudar. Pro tamén é certo que, acarón desas razóns, hai outras que son, ouxetivamente máis importantes. Axudar a que SEPT seña unha realidade viva no catolicismo galego semella, hoxe por hoxe, un deber colectivo superior ás razóns de tipo individual. E non valería decir que lle falta moito camiño por andar, porque esa viría sendo unha razón máis poderosa pra lle axudar a andalo. Si eso costa sacrificios de orde subxetivo, non hai que lle facer. O verdadeiro labor de apostolado sempre eisixe sacrificios. Pra que SEPT chegue a ser fecundo na misión que lle compre realizar, terá que contar coa colaboración desinteresada de aquiles que se sinten identificados con tal misión.

Dígolle todo esto porque quero que conoza con toda a amplitude debida cales son os puntos de vista de Galaxia. Créame que todos nós sentimos sincera amizade e fonda simpatía persoal por vostede. Todos nós leeremos con emoción as encíclicas en galego, que veñen ser como a bandeira doutrinal de SEPT. Pense neso, pois eu sei que nos seus adentros vostede sinte e pensa como iles, coa diferenza de que ten un pulo executivo máis enérxico. Certamente que iles estímalo moito, pois moitas veces me teñen falado de vostede e sempre con grande estimanza, como é natural poisque a merece. Hai uns poucos días díxome o Morente que axiña sairán varias cousas de SEPT –o

Misal está na imprenta-, i entre elas algús dos rituais que vos-  
tede traducíu.

Bon, que pase uns dias felices ahí na súa terra.

Lembranzas de Isabel e Sara e unha forte aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[58]

Compostela, 29 de febreiro de 1968

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Por mor de certos atafegos urxentes e máis dalgún viaxe, demorei máis da conta a resposta á súa carta do día 9. Non quero que pase de hoxe porque non me gusta, salvo por necesidade, deixar de facelo coa maior dilixencia.

Francamente, alégrome moito de que os de SEPT editen as encíclicas, pois coido que deben de ser os máis interesados en facelo e hai que pensar que así ocorre. Eu non volvíñ velos dende que vostede estivo por eiquí e non sei que novidades hai. Aquele noite chamei ó Vidán pra lle reclamar unhas colaboracións que prometera pra o GRIAL e sorprendeume saber que aínda estaban alí reunidos e traballando. Tomeino por moi bon sinal.

Un dos temas que trata na súa carta é o tema de Galaxia. Trátase dun tema que eu conozo moi ben e, mesmo por eso, do que podo falar sin dificultade. Pola forza mesma dos feitos, debo ser unha das persoas mellor informadas de todo o referente a Galaxia. Falemos, xa que logo, dise tema, poisque lle interesa e, según di, viña con intención de o facer de palabra, como portavoz de outros, nas críticas, e co desexo de se informar, no ánimo persoal.

Verbo das críticas, teño que lle decir que as conocemos moi ben. Como conocemos as críticas e -non esqueza ésto- cono-

ce mos ós *críticos*. Nesta mesma habitación e na mesma silla en que vostede estivo sentado, teñen estado moitas dúceas de persoas de moi diversas ideas e tendencias, de diversas idades e procedencias, de diversa formación i experiencia, que me teñen falado de Galaxia dende os seus respectivos puntos de vista, ou me teñen informado –o mesmo que trataba de facer vostede– dos puntos de vista de outros. Pro, ademáis destas visitas que me fan moitos amigos, eu tamén salio da casa, tamén ando polas cidades e vilas de Galicia, i en Madrid, en Barcelona, en París, en Londres ou en New York falo e falo con xente amiga que me comunica o seu punto de vista persoal sobre Galaxia ou me informa dos puntos de vista de outros. I esto que me ocorre a min, ocúrrelles, naturalmente, a cada un dos responsables de Galaxia, de xeito que a información que temos do pensar e sentir dos galegos e non galegos tocante ó noso labor é amplísima e profunda. Porque compre que seipa que o segredo do noso éxito –no que de éxito haxa no noso labor– débese a esa íntima e constante comunicación, que nunca se interrompe. Como pode supor, recibimos toda cras de críticas: intelixentes e constructivas algunhas, inxenuas ou mesmo pintorescas outras, maliciosas ou sectarias unha parte delas, todas interesantes dende o noso punto de vista. Admitímolas todas no plano informativo e recolle mos as que nos parecen valiosas pra incorporalas á nosa acción. Non temos ningunha dificultade, créame, pra esta intensa i estensa comunicación, que é a verdadeira alma de Galaxia. Frente ás críticas somos interesadamente atentos e voluntariamente abertos (só así se comprende que non teñan reparo en nolas faceren directamente), pro con unha esceición: a impertinencia. Admitimos as críticas, leves ou duras, sempre que non señan impertinentes. Cando o son, non dialogamos, inda que o intelocutor seña amigo.

Con istes datos, xa se pode decatar de que en ningún intre deixamos de estar en íntimo contaito co pensar i o sentir da xente que se preocupa do pasado, do presente e do futuro do noso pobo. E, mesmamente pola intensidade e continuidade deste contaito, coecemos bastante ben a configuración e características da Galicia consciente dos nosos días. Coecemos

as persoas e coñecemos os grupos. Sabemos quen os move e a onde van. Podemos calibrar con ouxetividade e prudencia o valor das distintas críticas e suxerencias que se nos fan dende cada posición persoal ou dende as finalidades propias de cada grupo. Tamén coñecemos, craro está, a realidade e características do Poder no que se refire á súa aitude coas arelas galegas. E non é preciso dicir que coñecemos mellor que ninguén os medios con que contamos pra realizar os nosos fins. Ora, coñecendo como coñecemos a realidade galega, coñecendo como coñecemos a realidade do Poder e coñecendo como coñecemos os nosos fins i os medios que temos pra realizalos, si o equipo que dirixe Galaxia non é un equipo de necios –cousa que, referíndose ó conxunto, aínda non foi dita por ninguén–, hai que supor, cando se quer xuzgar con boa fe o noso labor, que detrás do que facemos hai un meditado plan.

E velahí o problema: un plan que se trata de realizar sempre desperta dous tipos de críticas: a crítica, moitas veces inxenua e ben intencionada, dos que xuzgan dende fora sin coñeceren as razóns internas do plan; a crítica destructiva dos interesados en combatir o plan por teren outros plans distintos ou, ás veces, antagónicos. Sempre hai que contar con estes dous tipos de crítica confusionista, e nós, naturalmente, contabamos con eles. E tamén, dende logo, coa crítica verdadeiramente positiva, interna, razonada e moi valiosa dos que coñecendo o plan e participando nil tratan de aportar os seus puntos de vista constructivos. Todas estas críticas danse no caso de Galaxia –como se dan diante de todo plan que se manifesta con certo pulo– e crean no ambiente unha atmósfera enormemente confusa. Non hai que lle facer, porque son así as cousas. A nosa obriga é non caéremos nós tamén na confusión ambiental. De ahí a necesidade de ponderar e valorar cada crítica asegun a súa procedencia e formalidades. Eso require que, ademáis das críticas, se coñezan tamén ós *críticos*. Xa lle dixen que estamos nise caso.

Tocante a Galaxia en si mesma, pódolle dicir que endemáis pretendeu asumir a representación do pobo galego como totalidade. Sería absurdo, por utópico, pretender tal cousa, pois o pobo galego, como todos os pobos, non é unha realidade ho-

moxénea. Dentro dil hai diversidade de intereses, diversidade de tendencias, diversidade de grupos. E así ten que ser. Cada tendencia, cada grupo, ten os seus propios fins i os seus propios métodos. Ora, dentro dese complexo panorama da realidade galega –complexidade natural– unhas cantas dúceas de persoas identificadas *no modo* de ser útiles a Galicia, crearon un instrumento idóneo pra levarenn a cabo a sua vontade. Porque se trataba de servir a Galicia através da aitividade cultural, o instrumento necesario era unha editorial, que foi o que creamos, e chamámoslle Galaxia. Propuxémonos despertar a conciencia do pobo galego e avivecer as suas enerxías creadoras por ise camiño e con ise instrumento. Así o fixemos e así o facemos. Na medida en que se pode falar razoablemente do futuro, direille que así o seguiremos facendo. En cada caso i en cada intre, axustando a nosa acción ás circunstancias que a realidade impón, poisque un dos nosos propósitos conscentes é o de aituvar con firme realismo. Sabemos o que queremos facer –pra eso creamos Galaxia–, naturalmente, facemos o que queremos facer, non o que os demáis queren que fagamos. De ahí que a verdadeira medida do noso labor hai que a percurar na comparanza entre os logros e os fins – cousas ambas que dependen de nós– e non na comparanza dos nosos logros cos fins dos outros, porque ésta é unha falsa correlación, falsa correlación que por certo sirve de base á maior parte das críticas que se nos fan. Pra entender a nosa atitude diante das críticas hai que ter en conta os nosos fins, os fins galaxiáns, e non os fins extra-galaxiáns.

Niste punto é moi doado caer nunha trapela sofisticada que consiste en falar da *unidade de ouxetivos* entre todos os grupos galegos. En certos casos concretos e moi determinados pode haber unha unidade circunstancial, xa o sabemos. Pro na acción fundamental, cada grupo ten os seus propios fins, que son xustamente a sua razón de ser. Mire, eu poderíalle presentar a sete bós amigos meus, todos iles moi bós galegos, pro que un é falanxista, outro é monárquico juanista (liberal), outro é tradicionalista, outro é socialista, outro é socialista cristián, outro é comunista da liña de Moscú i o outro é comunista da liña de Pekín. Todos aman a Galicia, e si tomamos o amor a Galicia como fin

común, poderíase falar de coincidencia. Mas ocorre que iste amor quérese *realizar* por camiños distintos, moi distintos, antagónicos mesmo, por onde resulta que o que era coincidencia no orde dos sentimentos morás é diverxencia i antagonismo no terreo das realizacións políticas. O sofisma está en misturar sentimentos de orde moral con ouxetivos de tipo político, enmascarando os segundos cos primeiros. Os distintos grupos eisistentes dentro de Galicia, señan cales foren, teñen cada ún unha visión da realidade galega e do modo de mellorala. Cada ún diles debe crear os seus propios instrumentos de aición. Galaxia non é instrumento dos falanxistas, nin dos juanistas, nin dos carlistas, nin dos socialistas cristiáns ou non cristiáns, nin dos comunistas de Moscú ou de Pekín. Simplemente é o instrumento dun grupo de galegos que coinciden entre si no modo de servir a Galicia e que o levan a cabo dacordo cos seus fins e na medida das suas posibilidades. Non pretende Galaxia representar a todos os demais grupos e, mesmo por eso, nin depende diles nin pode servir de instrumento á política que cada ún diles quixera facer a través de Galaxia. De ahí as inevitables críticas. Inevitables, si, pro tamén inútiles, porque coecemos ben o noso camiño. Cada ún dos grupos pode facer, como fixemos nós, unha editorial que responda ó seu punto de vista. Agora é bastante máis doado facela que cando nós creamos Galaxia. Alegraríanos moito que houbese unha editorial católica galega, e tamén, por que non, unha editorial marxista. Sería sinal de verdadeira vitalidade. Ora, non se pretenda que nós fagamos papés distintos dos que queremos facer.

Dígolle todo isto con certa insistencia porque me considero no deber de facelo. Vostede dime na sua carta que, como crego, é apolítico. Eu sempre dou por suposto que os cregos, como tales cregos, son apolíticos. Ora, compre acrarar que unha cousa é o apoliticismo e outra moi distinta o que poderíamos chamar “analfabetismo” político. Nos xóvenes españoles, e con máis motivo nos cregos xóvenes, é bastante frecuente, por desgracia, esta crás de “analfabetismo”, e non por culpa diles senon do ambiente. Isto ten o grave incomenente de que, cando se teñen que mover no mundo das realidades políticas, non están

en condicións de entender a dereitas o que ocorre, sinxelamente por falta de criterio. Por iste motivo, é moi frecuente que cometan erros de xuício e de aición, tanto máis que o mundo das realidades políticas é o máis complicado e difícil de todos, moito máis complicado e difícil que o da física nuclear ou da teoloxía dogmática. Pedirlle a un xoven que teña conciencia da súa modestia e das súas limitacións –inda que ise xoven sexa crego– ten poucas probabilidades de éisito. Il xuzgará de todo con moita seguranza e firmeza, tanto das cousas que conoce i entende como daquelas que non entende por nonas conocer. Os xóvenes galegos –cregos ou non– son igualmente vítimas desa falta de experiencia. Pro en Galicia como en toda España e como en toda a Ecumene, operan fortes realidades políticas, por onde resulta inevitable a mesma frecuencia de erros de xuício e de aición que no resto de España. Ise é un feito e, como tal feito, hai que contar con il. Pro aqueles galegos que, como no caso dos integrantes do grupo promotor de Galaxia, por razón de idade, de experiencia persoal e de formación teñen criterio político, ou sexa, capacidade de interpretar e valorar as realidades políticas, resulta inevitable que teñan unha visión distinta dos problemas e das posibilidades. Si nós en lugar de facer demogoxia verbal –por outra banda tan doada de facer– entendemos que é moito máis proveitoso pra Galicia despertar a conciencia do noso pobo i avivecer as súas enerxías íntimas mediante a aición cultural, hai que pensar –si se procede de boa fe, craro– que hai razóns moi fondas e moi poderosas pra que obremos así. Tanto máis que nós non lle impedimos a ninguén que obre de outra maneira. Hai galegos, algúns diles bós amigos meus, que identifican a solución dos problemas de Galicia co trunfo das ideas de Mao Se Tun. Sin duda son moi donos de pensar así. Mas ocorre que hai moitos centos de galegos que non creemos na utilidade do ideario maoísta pra resolver os problemas de Galicia. Como é natural, nin podemos perder o tempo i as enerxías en lles axudar aos maoístas galegos no *seu* camiño, nin podemos pretender que iles nos axuden no *noso* si non creen nil. I o mesmo que lle digo, por via de exemplo, dos maoístas, poderíase dicir doutras ten-

dencias. Esas diferencias son reás e non hai máis remedio que aceptalas. Como tamén é real que, polo de agora, a nosa aitude foi a máis fecunda. En parte, dende logo, porque comenzamos antes –cando era moi, moi difícil– pro, sobor de todo, porque temos a ventaxa enorme de non séremos un grupo dogmático e pechado. Entre nós hai xente de moi distintas ideoloxías, tanto políticas como estéticas ou relixiosas ou filosóficas. O que nos une é a vontade de ser útiles ó noso pobo *i a forma de realizar* esa utilidade. Repare ben neste: o decisivo non é a intención de ser útiles a Galicia senón o modo de entender a realización de esa utilidade. Na intención son doadas as coincidencias, porque non precisa sair do plano moral; no modo de realizala son inevitables as diferencias, porque pertence ó mundo das realidades políticas. Dentro destas diferencias inevitables, o camiño que nós seguimos resultou máis fecundo por non ser dogmático e por partir da realidade mesma en lugar de partir de esquemas abstractos apriorísticos.

Fora destas acraracións referidas a ises criterios de que vostede era portavoz, e cinguíndonos ós seus puntos de vista puramente personás, teño que lle decir dúas cousas: que no noso labor, como en toda obra humá, hai erros; que o sinalarnos os erros concretos é unha forma de colaboración que nós agradecemos. Esta é unha das cousas. A outra é que vostede, como tantos xóvenes, carece de experiencia política, circunstancia no seu caso acentuada por un temperamento rudamente persoalista –mais que vostede coide outra cousa de si mesmo–, e por ise motivo, e dende logo coa mellor intención con frecuencia cometerá grandes erros de xucio sobre realidades que non coñece e mesmamente por nonas coñecer. Na súa vontade hai unha inmensa xenerosidade, que todos respeitamos e admiramos, pro no seu temperamento hai un rudo persoalismo que tende a ser cada vez mais agreste. Non se engane a si mesmo procurando amparo en San Paulo. Olle que moitas veces é bó que dudemos da nosa propia capacidade, como medio de acadar unha reflexión máis serena e non como apoio da pasividade, naturalmente.

En fin, se logrei acrarar algo os nosos puntos de vista alegrárame moito, pois a verdade é que o desexo de veras.

Saúdos moi cordiás de Isabel e Sara. Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón*

.....

[59]

Albacete, 10 de abril de 1968

*(Carta dactilografada)*

Benquerido D. Ramón:

A primeiros de marzal chegoume a súa carta. Non a contestei daquela non por falta de tempo, que pra unha carta sempre sobra, sinón porque quixen madurar máis as cousas e tomar unha determinación. Descasí espero que lle chegase unha tarxeta miña dende Badalona. Agradézolle o interés que puxo en aclararme o seu punto de vista tocante a Galaxia que tan ben conece.

Quixera agora que me aclarase certos puntos da súa carta. Di que Galaxia non pode ser unha editorial universal de Galicia. Certo. Con todo deica o presente case se pode decir que foi a única existente dentro de Galicia. (Sei de todo o que se leva editado fora dela na nosa terra). Este feito, coido eu, non é suficiente pra valorar a súa acción, sinón sinal dun pobo que non acaba de espertar do seu sono.

Vostede fala con teima a través da carta dun plan meditado en Galaxia. ¿Quere aclararme cál é ese plan? Di tamén que se uniron un grupo pra servir a Galicia a través da actividade cultural. Ora, sendo múltiple a cultura dun pobo ¿quere decirme qué clase de actividade cultural é esa na que teiman por concretar ese plan?.

Coa creación de Galaxia propuxéronse despertar a conciencia do pobo galego e avivecer as suas enerxías creadoras. ¿Chegaron a espertar esa conciencia do pobo? Esta palabra –POBO– refiroa

ao que ordinariamente se entende con ela, á xente común, non aos intelectuás. Poida que esteña trabucado –estou lonxe de Galicia pra falar– pro dame a impresión de que Galaxia está aínda lonxe de chegar ao pobo, ao noso pobo galego. Da a impresión de que é pra poucos. A revista Grial lémolos uns cantos namáis. Isto non o digo criticando a Galaxia ou a Grial cuíos números teño todos comigo. Sinalo un feito de todos conecido. É unha arela non soio miña, sinón de moitos –galegos ou non galegos– que ven a necesidade de algo máis. Temos necesidade en Galicia dun semanario popular. Algo semellante a Tele/Estel, Serra d'Or, Cavall Fort. E isto, puramente popular e fora de todo partido político, non tén porque ser alleo a Galaxia.

Galaxia resultou máis fecunda simplemente porque non houbo outros que quixeran abrir roteiros, cicais debido a un pobo aínda hoxe pouco consciente da súa realidade esencial de tal. E, como vostede dí, a uns galegos que se moven nun mundo de ensoños e especulacións, que viven fora da vida real. Pero si houbera xurdido outra ¿tería Galaxia ese predominio?

Estas dúbidas que lle expoño non sei si as xusgará inxenuas ou cómo. Todo, menos ferintes ou malintencionadas. Coido que entre amigos pódense dicir as cousas tal e como un as ve, estea ou non estea no certo. Pra algo tén que valer a amizade.

Agora paso á segunda parte. Á que se refire a min. A súa carta causoume confusión. Confésoo. Quíxenlle dicir que aceptaba todo. Sin máis. Sin comentarios. Pro, ben pensadas as cousas, semelloume unha postura así pouco honesta. Vou intentar aclarar aínda que temo emburullar máis as cousas. No papel non sempre é doado.

Aconséllame que dubide da miña capacidade. Desgraciadamente fágoo máis do que pensa e así proiectos que teño pendentes si non fora por este dubidar meu xa estarían en marcha. Ao menos tería apalpada a miña capacidade ou incapacidade e ao atoparme cun camiño pecho xa houbera collido por outro. O mal non o vexo eu en trabucarse un pra saír dunha dúbida, sinón en non querer saír desa dúbida por temor a equivocarse. O individuo que sai da dúbida trabucándose leva xa moito máis adiantado que aquel que lle está a dar voltas dun lado para ou-

tro. Desto que lle digo vostede mesmo é testigo nalgures. Máis dunha vez –cicais inxénuamente– lle pedín parecer ante feitos que non vía claros. Ahí tén o caso da Pacem in terris cando o Club da Unesco a quería publicar. Escribinlle, telefoneille, puxen todo nas suas mans e vostede non me aclarou o lerio. E en Santiago xa, insistíume que as presentase a SEPT. Eu non estaba dacordo pois conecía en que pararía todo. Descasí quería estar trabucado naquel intre. Agora ahí están as encíclicas nun canellón sin saída apesares das boas palabras que sempre saben dar e con ganas de lles facer enmendadas ao seu gusto, que non acepto.

Dí –supoño que terá as suas razóns– “no seu temperamento hai un rudo persoalismo que tende a ser cada vez máis agresivo”. Abofé que quixera saber esactamente que quere decir con eso e cal é a causa que avala a tal afirmación pra correxir o que haxa que correxir. Póño-me a pensar si serán unhas cartas escritas derradeiramente un pouco duras. Non o sei. Si por eso é, son consecuencia da miña adaptación á mentalidade daquí onde decimos as cousas sempre sin fomentos, sin andar con amolecimentos ou componendas, sinón tal e como son, sin tomalo ninguén a mal. Pola contra, agradecendo unha tal sinceridade sin sentirse amolado. Ademáis non sei que farían vostedes si o que me pasou cos Salmos , Ritual etc. lles pasase a vostedes. Con todo teña presente que eso mesmo me pasa con todo libro galego que traia erratas ou un galego chavacano. Quixera que fosen sempre os mellores na súa presentación e no seu contido. E aquíndome inda que non coneza ao autor. Creáme, téñome examinado moitas veces neste asunto. Pregunteime e pregúntome a miúdo si busco o meu ben –o meu egoísmo– ou o ben dos outros. Penso que en min e nas miñas cousas, en min e no que toca aos outros e, únicamente que esteña enganado, hastra o presente estou tranquilo. Máis dunha vez ao aquelarme tanto as cousas de Galicia reflexionei sobre un posible racismo encobado en min. Ora dase o caso en min de que non é soio no tocante a Galicia: tamén me pasa con Cataluña, Mallorca, Valencia... E pásame dun xeito especial con todo grupo oprimido, prescindindo de todo partido ou rexión. ¿É isto persoalismo?

Confeso que son un analfabeto en política e que o serei. Non vallo pra eses lerios, nin me vai. Pero cando quero tamén lles sei metelo coitelo aos políticos e suavizarlle a ferida. Pero xa lle digo que non vallo e por eso chegado o caso calo sin admitir ou rexeitar o que se dí, agardando sabela verdade. Pero, que conste, non sempre sigo esta norma.

Sei das miñas limitacións e acéptoas precurando superalas, o que non sempre consigo.

Afirma, ademáis, “cometerá grandes erros de xucio sobre realidades que non conece”. Aceptado. Ora algúns deses erros que tén presentes ao escribir supoño que se refiren a certas cousas que tamén discutimos en Santiago os dous. Tocante ao de SEPT dixen o que me dixeron e que despois voltaron a repetirme. Si non estou no certo non teño culpa. Non me cabía na cabeza que persoas que se confesan amigas non señan sinceiras no que dicen cando nin lles vai nin lles ven. O mesmo ao discutíremos doutras cousas...

Dende moi pequeno sentín en min os problemas de Galicia. Vivinnos fondamente. Sufrín sempre vendo a miña falta dunha personalidade que fose capaz de solucionarlos. Sentínme pequeno. Coidei xa quando maior poder contribuir co meu grao de area – consciente, sí, consciente da miña limitación– á súa solución. Tense xogado comigo á pita cega. Si estivera en Galicia seguiría o xogo e a loita e algo acadaría. Pero a distancia non mo permite. Perder o tempo en carta vai e carta vén sin entendernos non o creo útil. Por eso tomo a determinación de romper neste punto con Galicia e adicarme a outros mesteres na agra do Señor. É unha pena estar a discutir namentas medran os toxos nas leiras. A vida dun home –a miña vida– non ten sentido si non a queimo en beneficio dos demáis. Ora estes “demáis” poden tamén ser os doutras bisbarras inda que non señan de Galicia. Esto é polo que me decidín despois de moito darlle voltas...

Saúdos a Isabel e Sara.  
Unha forte e cordial aperta de,

*Isaac*

[60]

Compostela, 24-IV-68

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Recibín a súa carta do día 10 e anteriormente unha postal dende terras catalanas. Con moito gusto tratarei de contestar ás preguntas que me fai, inda que non sempre é doado resumir coa necesaria craridade problemas que son complexos. Polo menos intentareino.

Polo de pronto, non teño ningún reparo que opór á súa acración de que o feito de ser Galaxia practicamente a *única* editorial galega non abonda pra valorar a súa acción, sinon sinal dun pobo que non acaba de espertar do seu sono. Tampouco é cousa de lle opór reparo algún a outra observación parella da anterior: que Galaxia resultou máis fecunda simplemente porque non houbo outros que quixesen abrir roteiros e que, de ter xurdido, é dubidoso que Galaxia tivese a (*sic*) actual predominio. Eu non vexo moi craro a onde conducen tan curiosos razonamentos, pero vexo perfectamente craro que se poden aceptar sin a menor reserva no tocante á intención que os move. Pola miña parte, aceptados. E, dende logo, nada teñen de ferintes.

Tocante ós nosos plans i as nosas realizacións, tratarei de lle acrarar o que poida. En primeiro lugar, lembrarlle que Galaxia foi fundada en 1950. A España de 1950 era bastante distinta da de 1968. Dende a perspectiva de 1968 resulta bastante cómodo criticar o labor que se fixo ou se deixou de facer durante os 18 anos anteriores. Ora, foi moito menos cómodo –deso pode estar certo– facer ise labor tendo que partir das perspectivas de 1950. A paradoxa, en certo xeito divertida, está en que os críticos de 1968 nin existirían nin terían razón de ser si non fora xustamente por ise labor. Son, xustamente, un dos seus froitos. Se cadra, un dos seus mellores froitos, polo menos a xuzgar polo propio P. Isaac e por outros amigos. Non nos produce mágoa que agora, en 1968, fagan a nosa crítica, por máis severa que poida ser. Non nos produce mágoa porque a existencia mesma dos críticos

é, como lle digo, un dos froitos do noso labor. E como estamos convencidos da sinceridade dos nosos críticos, canto máis severos iles se mostren tanto máis avanzaron en relación a nós, que é o millor sinal dunha fecunda evolución interior.

Esto quer decir que todos os nosos fallos dende o 50 ó 68 serán briosa e brillantemente superados de agora en diante, non só porque as condicións ouxetivas son máis favorables senón, e sobre todo, polo maior coraxe moral e pola maior eficiencia operativa da promoción discrepante. Todo isto, como é natural, podúcenos optimismo verbo de futuro, que é o que importa, e non nos produce remorsos nin mágoas verbo do pasado porque nós sabemos que fixemos o que puidemos facer. Si agora ó P. Isaac i a outros bós amigos nosos lles parece pouco, ¡espléndido! Eso quer decir que iles farán –ou polo menos intentarán facer– moito máis que nós. Eso fai que o futuro se presente moito máis ledado do que foi o pasado, que é o máis que podíamos cobizar. Trátase, como ve, dun feito totalmente positivo.

Sobre ise horizonte optimista do futuro, que vostedes representan ós nosos ollos, podemos proxectar un esquema do noso labor pasado por si eso lles axuda a comprendelo mellor, sobre todo porque nalgúns casos, como é por exemplo o seu, hai un sincero desexo de comprensión que estamos obrigados a atender.

Mire, P. Isaac, peche momentáneamente os ollos á panorámica de hoxe, faga un esforzo de imaxinación e percure situarse mentalmente nos anos 50. Trate de imaxinar a Galicia de entón. ¿Qué había? Afortunadamente pra vostede, daquela era demasiado noviño pra percibilo conscientemente, pro ten demasiados testimoños polos que se puido ir informando. Evoque, entón, aquíl panorama; un pobo –no senso que vostede lle dá á palabra– vencido e aterrorizado; unha burguesía entregada fanáticamente ós vencedores; unha eirexa entregada ó usufructo da Victoria (da Cruzada); uns intelectuás destruídos pola persecución ou acomodados á situación i entregados á cobiza do trunfo dentro dela; unha situación política rixida, dura, apoiada no “dereito” do vencedor. Naquelas alturas, moitos de nós xa tiñamos experimentado “persoalmente” esas características ó pasáremos polos calabozos da Dirección Xeral de Seguridade,

polos consellos de guerra e polos cárceres. Naquíl panorama e con estas experiencias, non era doado, créame, pensar en despartar a concencia galega en canto pobo. Compría máis coraxe do que agora poden crér. Con todo, uns cantos, ben pouquiños ó comenzo, intentámolo. Atopamos moitos atrancos, moitos, algús abondo penosos. Pro nós tiñamos crara concencia de que a brutal desgaleguización, de seguir uns anos máis, faría de Galicia o que sempre pretenderon: catro provincias administrativas. Decidimos actuar en contra dese proceso, que tiña ó seu favor todo o enorme peso do Poder, o apoio da burguesía e da eirexa, a acomodación dos intelectuás que non estaban destruídos pola represión, a apatía aterrorizada do pobo. Necesitabamos un instrumento pra actuar. Creamos Galaxia. E creámola porque sabiamos unha cousa: que no mundo de hoxe, ó nivel histórico en que vivimos, ningún pobo pode realizar o seu destino si non desenvolve a súa persoalidade cultural. O urxente, o primordial era devolverlle ós galegos a súa propia persoalidade, concencia de si mesmos; depois, darlles coñecemento das súas realidades, dos seus problemas; finalmente, iles mesmos tomarán a actitude que estiemen mellor pra decidir o seu destino. Galaxia propúxose actuar nos dous primeiros niveles: devolverlles concencia de si mesmos como pobo e darlles a coñecer a realidade i os problemas de Galicia como país. O terceiro nivel, o das decisións a tomar no plano da acción política, eso non é da incumbencia de Galaxia. De ahí os conflitos frecuentes entre os núcleos que se moven nise terceiro nivel e máis Galaxia, porque todos quixeran podela utilizar pra os seus fins, cousa que non pode ser porque Galaxia ten os seus fins propios.

Dende aquí punto de partida, en 1950, á situación actual, en 1968, hai un importante camiño recorrido. Hai importantes logros. Galicia non é a mesma. Nise recorrido, nises logros, nises cambios, a presenza actuante de Galaxia foi decisiva. Sin Galaxia, a Galicia de 1968 sería moito menos galega do que é, sería moi distinta. Dende o panorama de 1968 bótanse de menos moitas cousas que serían necesarias. Como é natural, porque é o máis doado, repróchaselle a Galaxia que nonas teña feito. Pro esquecese un pequeno detalle: que pra facer as cousas compre

ter posibilidades e medios pra facelas. E Galaxia, pra facer o que fixo, non só agotóu as súas posibilidades e medios senón que tivo que contar constantemente coa capacidade de sacrificio dos seus colaboradores. Ou seña, non podía facer máis. Pro non lle impediu nunca –nin agora tampouco– ós discrepantes que realicen as ideas e plans que defenden. Ten abondo con proseguir a laboura, comenzada pro non acabada, de cultivar a conciencia galega dos galegos e de promover o estudio e difusión das nosas realidades e problemas. Sin esto, Galicia non será nunca nada, por máis que inzasen nela os axitadores.

Esto é o que lle podo decir por carta. Outras cousa, se lle interesan, tamén llas podo decir, pro en ocasión oportuna. Si con todo o que lle levo dito, sigue sin entender, téñame por absolutamente incapaz de satisfacer a súa lexítima curiosidade, non por falta de vontade senón por que tal vez falamos lingoaxes moi disintos, cousa que moitas veces ocorre e impide o mutuo entendemento. Nise caso non queda máis que lamentalo e confiar en que outro calquer poida facelo mellor.

Tamén debo facer acraraciós á segunda parte da sua carta, aquela en que fala de si mesmo.

Pra lle decir a verdade, temo que tamén neso son pouco capaz de me espricar ben, porque sempre resulta complicado falar de cousas directamente persoás. Con todo, de boa gana o intento, pois sentiría moito calquera mala interpretación.

Coido que o miolo dos posibles equívocos está no que lle decía verbo do “rudo personalismo”. Mesmo por eso, debemos acrarar esta afirmación. Certamente, eu teño a opinión -que é falible e que pode ser mesmo errónea- de que o seu temperamento é acusadamente personalista. Pro, si decimos o mesmo doutra maneira, seguramente resulta menos equívoco. Si decimos que vostede ten como característica predominante a enerxía da vontade, quizáis resultase máis crara a miña idea. Porque o xucio refírese ós rasgos psicolóxicos pro non se refire a rasgos de tipo moral. De ahí que non teñen nada que ver o personalismo de que eu falaba co “egoísmo” que vostede non atopa en si mesmo. Tampouco eu o atopo en vostede. Nin poderá atopalo ninguén, porque xustamente é todo o contario: unha persoa acusada-

mente abnegada, como non se pode ser sin ter un corazón grande e xeneroso. Ora, tal como eu o vexo, a súa personalidade está gobernada por unha forte i enérxica vontade. Trátase, xa que logo, dun personalismo psicolóxico, temperamental, que está ó servizo dunha moral desinteresada e xenerosa. Son dúas cousas distintas, unha de carácter psicolóxico i outra de carácter espritoal. Repito que me refería á primeira e non á segunda.

Cando lle escribín ises xuicios, non estaba pensando en cousas concretas. Nada deso. Falaba de modo xeneral traducindo unha impresión de conxunto. A crecente rudeza é cousa que teñen que notar todos cantos o conoceron antes e teñan algunha capacidade de observación. Si eso se debe a unha plena adaptación ó estilo primario e simple de ahí, non creo que seña precisamente un progreso sobre o estilo comunicativo habitual en Galicia. Eu noto que a simbiosis do temperamento personalista con ise estilo espresivo tan elemental, pode chegar -i ás veces chega- a dar unha impresión de agresividade que será eficaz ahí, pro en Galicia nono é.

Cando lle dixen “cometerá grandes erros de xuício sobre realidades que non conoce” non estaba pensando en erros “cometidos” senon en erros que “pode cometer”. Os que teña cometidos pouca importancia lles dou. Mais ben trataba de o advertir contra riscos como o de facer xuicios demasiado absolutos sobre realidades insuficientemente conocidas. Decíalle esto porque teño a impresión de que non hai o necesario equilibrio entre o seu coñecemento da realidade galega i os xuicios que fai dela, demasiado radicás, demasiado seguros e, pra o meu ver, insuficientemente fundados. Xustamente por se deixar levar dos impulsos subxetivos. De totalas maneiras, debo dicir agora o que non dixen na carta anterior, inda que o pensaba igual que agora: que todos cometemos erros -eu o primeiro- desa ou doutra cras; que os seus erros son moralmente inocentes, poisque nunca están movidos polo egoísmo. I esto, meu querido P. Isaac, pódese dicir poucas veces.

As posibilidades do seu labor por Galicia nonas vexo tan pequenas. Polo de pronto, si un destino adverso nono tollera, arestora teriamos en Oseira un foco importante, moi importan-

te, de vivificación espritoal de Galicia. Estou seguro. E tamén o estou de que si en lugar de ter que se espatriar i espallar polo mundo, houberan podido constituir unha comunidade en calquera lugar de Galicia, a estas horas tería unha fonda influencia na espritoalidade galega. Sempre confío, e de todo corazón o desexo, que iste destino deica agora atrancado seña canto antes realidade. Estou completamente certo de que, situado eiquí, en contacto vivo, directo e constante coa comunidade galega, a súa poderosa vontade sería unha forza espléndida de arriquecemento de todos nós.

En fin, ogallá quede máis craro o meu pensamento. En todo caso, xa lle dixen que se trata de xuicios que moi ben poden ser erróneos.

Lembranzas garimosas de Isabel e Sara. Unha forte e cordial aberta do seu amigo

*Ramón*

.....

[61]

Compostela, 22-IX-68

Benquerido P. Isaac:

Acabo de ler a súa carta do 20 de San Xoán, pois nesa data xa estabamos nós en Madrid de camiño pra América e non voltamos de alá deica istes días pasados. Durante a nosa ausencia, que iste ano foi máis longa porque tiñamos prometido a dúas familias amigas irmos pasar dúas semás a Texas e máis a Georgia, foise amoreando eiquí a correspondencia. Por eso demorei tanto –involuntariamente– a resposta.

Comprendo os seus sentimentos. Dentro desa vontade de entrega que move a súa vida, ise sentimento de identificación cos que hoxe son os seus próximos semella natural.

Tamén coido comprender os sentimentos que manifesta verbo de Galicia. Non deixa de ser curioso o paralelismo crono-

lórico da identificación con Albacete e do choque con Galicia. Pra min e pra todos os demais amigos non deixa de ser penoso que vostede sinta ese conflito íntimo, esa ferida no seu corazón galego. Fala de incompreensións, disgustos, inaceptación. Con xenerosa elegancia, non se refire a ninguén en concreto, pro é evidente que se sente magoado polos seus afís, polos seus “irmaos”. A súa carta refréxao craramente.

Na miña opinión, non hai en Galicia unha soa persoa –en realidade non podería habela– que teña vontade de ferilo ou magoalo a vostede. Estou certo, absolutamente certo, de que todos, un por un, téñenlle afecto i estima como vostede ten a todos. Esto, por unha banda.

Por outra banda, ¿qué ocorreu no panorama espritoal de Galicia dende hai dous anos? Coido que xurdiron discrepancias de orde ideolóxico-político, pola aparición de grupos xuvenís “maoístas”, “guevaristas”, “castristas”, etc., coas correspondentes filosofías revolucionarias. Fora do activismo verbalista distes grupos, a concencia galega sigue o seu proceso de recuperación. Todo seguiu adiante, sin puxavantadas frenéticas e sin desmaios. A armonía, a confianza, a vontade colaboradora nin se interrmpíu nin se desviou. Mesmo por eso, hoxe é máis forte que hai dous anos. Sabémolo os que a pulsamos a cotío. Percibimos máis vitalidade, i a sólida irmandade de sempre. Dando por suposto, claro está, que o radicalismo revolucionario dos grupos xuvenís é un fenómeno universal e, mesmo por eso, natural tamén en Galicia.

Ora, si non hai –como non hai– cambios negativos no ambiente de irmandade e colaboración, ¿por qué esa ferida sua? Sería bó crarexalo, porque sería ben curala.

En todo caso, aínda que mergulle a súa mágoa no silencio i entregue con fervor a súa vontade ós próximos de Albacete, é evidente que os amigos o lembran en Galicia co afecto de sempre. Non pode ser doutra maneira.

Lembranzas garimosas de Isabel e Sara e unha forte aperta do seu amigo

*Ramón.*

[62]

Compostela, 13-I-69

Benquerido P. Isaac:

Recibín a súa carta e mailos dous relatos que nela me incluía. De veras lle digo que non me causaron ningunha sorpresa porque xa me tiña falado diles. Namáis coller o sobre, veume ó acordo que nalgunha ocasión me anunciara o envío de algúns contos.

A min gústanme. No primeiro, a vivencia da paisaxe está extraordinariamente viva, non menos viva que a tensión dramática da crise íntima. O segundo presenta un ben equilibrado contraste entre a miserenta condición humá do protagonista e a fonda tenrura comprensiva con que se trata. Os dous veñen sendo como dous “documentos humanos”, o primeiro da Fe i o segundo da Caridade. Hoxe mesmo os mando a Vigo pra o GRIAL.

Xa saberá, craro, que ó cabo en Roma aprobaron a incorporación do galego á liturxia “con plenitude de dereitos”. Mentres a Comisión interdiocesá –que presidrá o bispo Cerviño– non estableza os textos oficiás definitivos, rexirán os que publicou SEPT. As misas galegas van indo ben. Agora tamén a hai en Pontevedra e axiña comenará en Lugo. Coido que no decorrer deste ano 69 irán estendéndose bastante por toda Galicia.

As “Encíclicas” están pra sair, xa o sabe.

Unha vez que conquerimos incorporar o galego á Universidade e máis á Eirexa, agora quedanos a batalla do bilingüismo escolar. Xa estamos nela.

Unha forte e cordial aperta do seu bó amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[63]

Compostela, 8-II-69

Benquerido P. Isaac:

Acabo de recibir o exemplar galego da “Populorum Progressio” que vostede me enviou. Moitas gracias polo exemplar e mais pola adicatoria. Alegroume moito.

Sí, reseñarémola no GRIAL. Ten razón no que di do silencio encol dos “Salmos”. Non foi vontade do GRIAL o silencialos. Fixéronse varias tentativas e ningunha deu resultado. Eso ocúrenos de vez en cando. Onte mesmo recibín carta dun profesor galego residente en California queixándose do silencio do GRIAL encol dun libro que il publicou. É un caso semellante ó dos “Salmos”. Contratempus distes non nos faltan e non deixan de nos magoar. Confiamos en ilos correxindo.

Lembranzas de toda a familia. Unha forte e cordial aperta de

*Ramón Piñeiro*

No número de marzal non sairá o Comentario porque xa están os orixinás na censura. Sairá no número seguinte.

.....

[64]

Compostela, 25-III-69

Benquerido P. Isaac:

Teño unha mala noticia que lle comunicar, noticia que a min me sorprende moito: a censura refugou os dous relatos seus que iban no GRIAL. Tamén refugaron uns párrafos de un traballo de Fontenla, pro no seu caso non se trata de unha supresión parcial senon de una supresión total. Dígollo pra que seipa que os temos que suprimir.

Coido que imos ter atrancos distes con algunha frecuencia. Como, ó cabo, o fundamental é manter a continuidade do labor

cultural, haberá que evitar os atrancos. A verdade é que non sabemos en que criterio se basan, pro trataremos de sabelo pra ter unha orientación. Só sabemos que hai nubeiros, pro non sabemos cara onde se dirixen. Temos que pescudar.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón*

.....

[65]

Compostela, 31-III-69

Benquerido P. Isaac:

Moito sinto que lle cadren xuntos os contratemplos. Confíemnos en que seña pasaxeiros.

Verdadeiramente, eu tampouco comprendo os motivos de que censurasen os seus relatos. A proba é que os incluimos no número de GRIAL, mesmamente porque nos parecían publicables. Mándolle incluso o texto que tiñamos preparado, na confianza de que non habería tropezos de ningunha cras. Xa ve que a sorpresa foi meirande pra nós que pra vostede.

Non teño no meu poder os orixinás censurados porque os arquivan en Galaxia. En fin, máis importante é que salia a Pacem en galego, pois os relatos tamén terán a súa ocasión de sair. Todo chega.

Moito me alegraría que os incomentes que xurdiron no seu horizonte de ahí se resolvan favorablemente.

Unha forte aperta do seu amigo

*Ramón*

[66]

Compostela, 3-IV-69

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Xa recibín o exemplar adicado da “Pacem in Terris” que vostede me enviou. Moito llo agradezo. Como o contido doutrinal destas dúas encíclicas que vostede traduciu ó galego non perdeu en absoluto vixencia e aitalidade, podemos confiar en que a súa influencia espritoal será fecunda.

Nistes días constituiron a Comisión Interdiocesá encargada da liturxia en galego. Presídea o bispo auxiliar de Compostela e desíñaron Segredario Xeral ó Morente. Semella que están moi dispostos a traballar intensamente. Eu non conozo a todos que a integran –en conxunto coido que son unha dúcea–, pro varios deles son escelentes.

Unha forte e cordial aperta do seu devoto amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[67]

(Nova Inglaterra), 11-VII-69

Querido P. Isaac:

Estamos de novo por estas terras de Nova Inglaterra, que polo menos son fermosas e mesmo semellantes ás nosas. Seguro que abidueiras como estas hainas por Vilaseca ¿ou non? Por Lugo, si.

Unha forte e cordial aperta dos seus amigos

*Isabel**Ramón Piñeiro*

[68]

Compostela, 31 de xaneiro de 1970

*(Carta dactilografada)*

Benquerido P. Isaac:

Recibín a súa carta e mailos retallos do xornal coruñés. Agradézolle as palabras cordiás con que se refire ó meu recente viaxe a Lisboa, que resultóu pra min enormemente sorprendente porque en realidade iba alá dar dúas conferencias, unha na Sociedade de Língua Portuguesa i outra na Casa de Galicia, das que non agardaba ningunha resoancia especial. Con todo, produciuse unha sorprendente resoancia –nos xornás, na Radio, na Televisión– que deu lugar a moitos contactos non previstos, entre eles o da Universidade, de que fala o retallo que me mandóu.

Tocante ás preguntas que me fai en relación coa aitude do noso amigo Vidán –tan sorprendente pra min como pra vostede–, pódolle dar comprida información por estar eu metido nise problema. Doulla con moito gusto, poisque lle interesa todo o relacionado coa nosa língoa.

Olle. Hai máis de un ano comencei a cambiar impresiós con algús dos académicos máis sensibles ó problema da língoa sobre a necesidade de que a Academia asumise de modo positivo a súa responsabilidade no problema da unificación idiomática. Nestas primeiras conversas foise creando a concencia solidaria da urxencia do problema e da necesidade de promover unha iniciativa eficaz nise orde [de] cousas. Como a Academia xa tiña feito, en ocasiós anteriores, tentativas que se malograron, decidimos que nesta ocasión era necesario evitar calquera fallo. Consideramos comenente proceder por etapas, proceder con prudencia e proceder con firmeza. A primeira etapa tiña que ser a da unificación ortográfica. De todo esto xurdíu unha Comisión encargada de elaborar unha ponencia que sirva de base á discusión do pleno académico. Nesa comisión figuran Filgueira Valverde, Carballo Calero, Isidoro Millán e, sin dúbida por me consideraren elemento dinamizador, incluíseme tamén a min.

No mes de maio celebrouse eiquí en Compostela unha importante xuntanza pra tratar do problema do bilingüismo es-

colar, xuntanza á que eu asistín como representante oficial da Academia. Aproveitei a ocasión pra falar con Filgueira, con Carballo e máis con Millán da necesidade de nos xuntáremos de inmediato pra iniciar o noso traballo. Aquil mesmo día recibimos da miña familia luguesa o aviso de sair urxentemente pra Láncara por estar moi grave meu pai (un mes antes morrera miña nai). No intre en que chegaba un coche a nos percurar, petaron á porta Vidán e Morente, que querían falar urxentemente comigo. Pasaron e, de pé, porque eu estaba de marcha, espicáronme o ouxeto que os traguía cabo de min: que se enteraran por Millán da existencia desta Comisión académica e que viñan a pedir que a Comisión incorporase a Vidán como elemento de consulta. Díxenlles que, na miña opinión, eso non era reglamentariamente viable, porque a iniciativa, a tramitación i os acordos tiñan que ser intra-académicos. Que si a Comisión estimaba oportuno facer consultas, xa as faría oportunamente, pro que non podía incorporar, con este carácter esceicional, a unha persoa determinada de fora da Academia, porque hai varias persoas importantes, pola obra e pola competencia científica, que terían tanto dereito como Vidán a seren incorporadas. Mais que o criterio noso era non sacar o problema do ámbito académico, pra evitar inútiles complicacións entorpecedoras. E que, sendo iste o criterio, non había lugar ás esceicións. Insistiron moito os dous, sin tomaren en conta as dificultades reglamentarias, e eu limiteime a prometer que comunicaría tal pretensión ós compañeiros da Comisión e xa lles diría o que houbese.

Marchamos a Láncara e, cando chegamos, xa morrera meu pai. Como no prazo dun mes fóranse miña nai e meu pai, aquelas semanas foron moi penosas pra toda a miña familia e naturalmente, tamén pra min. Quedamos replegados ó ámbito familiar. Pouco despois marchamos Isabel e máis eu a América e non voltamos deica setembro. De volta, reanudamos os contaitos da Comisión, que durante o vrao quedaran interrompidos. Soupen por Filgueira que, despois de teren falado comigo, Morente e Vidán escribíronlle a il no mesmo sentido e dun modo máis oficial, pois considerábano presidente da Comisión e como tal lle fala-

ban. En vista deso, non me volví ocupear do problema Vidán, tendo en conta que se decidí proseguir o traballo tal como fora planexado.

O traballo levouse a cabo, i os catro discutimos a ponencia, que no mes de novembro quedóu ultimada. Pasámola a coñecemento dos académicos que nos parecían máis interesados no problema e, na primeira quincena de Nadal, presentámola oficialmente. Un grupo de académicos presentóu, simultaneamente, unha petición de sesión extraordinaria pra tratar do asunto. Durante ise tempo, Morente e Vidán insistiron, agora alí na Cruña, en que a Academia tiña que consultar con Vidán. Fixeron varias e moi teimosas xestións.

Tamén por Millán –Millán e Vidán son asesores lingüistas da Comisión interdiocesana da Liturxia en galego–, souperon que a ponencia estaba feita e presentada oficialmente. A reacción de Vidán son os artigos que vostede coñece, i o intento de facer unhas normas propias que nos anuncia nise párrafo final que viña na súa carta. Pra que non aparezan como escrusivamente persoás, fala de unha comisión técnico-pedagóxica, que será, polo visto, non só a autoridade suprema en materia de língoa galega senón a autoridade única.

Nós contabamos que a Academia aprobase as Normas en xaneiro. A ausencia temporal do presidente e algúns enredos burocráticos retrasaron algo a discusión e aprobación das Normas. Agardamos que serán discutidas e aprobadas en febreiro, porque a gran maioría dos académicos están completamente de acordo na necesidade de que a Academia aprobe e publique unhas Normas de unificación ortográfica como primeiro paso prá unificación idiomática.

No tocante á parella Vidán-Morente, non sei que lle decir. A min desconcertáronme con tan rara aitude. Si alguén me profetizase que iba ocorrer tal cousa, eu non só nono creería senón que o negaría. Non entendo cal é a razón verdadeira de tal proceder, que por outra banda non conduce a ningunha parte e forzosamente erosionará o seu prestixio. O ton dos artigos semella ter algo de delirante, que é unha faceta do Vidán pra min completamente nova. Créame que sinto unha fonda mágoa, porque

a estimanza persoal fai estas cousas máis penosas. En fin, iles saberán o que queren.

Cando se aproben e se publiquen as Normas xa llas mandarei.

Lembranzas garimosas de Isabel e Sara e unha forte aperta de

*Ramón*

.....

[69]

Compostela, 20-IV-70

*(Carta dactilografada)*

Querido P. Isaac:

Acabo de recibir a súa carta. Inda que non teño datos moi precisos e completos sobre o problema das traducións bíblicas, non quero deixar de lle decir o que sei.

Olle: teño entendido que esa tarefa asumíuna oficialmente a Comisión interdiocesana de Liturxia, da que é Secretario Morente. Está presidida polo bispo auxiliar de Santiago. Tuvéron algunhas xuntanzas, inda que, deica agora, sin grandes resultados positivos. Recentemente, tiveron dúas xuntanzas consecutivas, a primeira, máis ampla, con todos os elementos máis interesados na liturxia en galego, e a segunda reducida aos membros da Comisión. Ambas foron presididas polo bispo Cerviño. Na primeira, varios cregos que veñen practicando a liturxia en galego informaron das súas respectivas esperencias e, ademais, plantexáronse os problemas que se consideran urxentes: traducións; cátedras de cultura galega nos Seminarios que nonas teñen; que se celebren misas en galego en todas as catedrais de Galicia e non só na de Ourense, etc. Semella que houbo animación e que os participantes faláron con moita vontade de facer cousas positivas, ambiente que tratou de recoller o bispo-presidente, prometendo darlles curso ás diversas propostas.

Das traducións non sei cal será o ritmo que iles pensan dar. Sei que en Roma un grupo de cregos galegos están traballando na tradución do “Leccionario” e que, en orde á súa publicación, teñen algúns problemas coa Comisión interdiocesana.

En todo iste problema houbo deica agora unha evidente pasividade da xerarquía. O desenvolvemento da liturxia en galego aínda descansa na iniciativa de uns cantos cregos que teñen concencia crara do problema, sin que a eirexa como tal asuma responsabilidade promotora nise terreo. Mesmo semella que coidan que esa é unha preocupación de intelectuales e de cregos “galeguistas” e non un problema fundamental da eirexa galega. Evidentemente, o número de cregos conscentes vai medrando pouco e pouco, i os resultados pastorás, polo que din, son sorprendentemente bós, así que, á longa, ises feitos irán imponéndose.

Dos bispos, non hai novidades. A única novidade, por ser il novo no país, é o bispo de Tuy-Vigo, que vai ganando sona de intelixente, comprensivo e bó pegoreiro. Tal como vai, non tardará en ser o máis estimado e respetado de todos, porque exerce a súa función máis en consoancia coa realidade dos tempos. Fálase –e algúns temen– que pode ser nomeado Guerra bispo auxiliar con dereito a sucesión. Sospeitan que D. Fernandón [*sic*] se inclina por tal solución.

En fin, sinto non lle poder dar datos máis concretos en relación coa súa pregunta. Na miña opinión, os escrituristas da Comisión interdiocesana teñen a misión i o propósito de traducir a Biblia ó galego. Non sei si comenzaron a facelo. Deica agora non deron moitas mostras de actividade, pro dá a impresión de que comenza a traballar. Como esa Comisión pretende asumir plenamente a responsabilidade dos textos litúrxicos e bíblicos en galego, calquer iniciativa nise terreo deberá ter en conta a necesidade de se entender con esa Comisión. Como lle digo, está presidida polo bispo Cerviño.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

[70]

Compostela, 30-IX-70

Benquerido P. Isaac:

Coido que está recién chegado a Vicálvaro. Eu alégrome, non só porque poida continuar o seu plan de ampliación de estudos, que xa é un motivo importante, senon tamén porque ahí en Madrid está mais perto de nós. A súa intención de visitar con algunha frecuencia a terra e os amigos, non pode ser máis grata.

Nós voltamos de USA a primeiros de mes e xa estamos mergullados de novo no noso mundo habitual.

Comprendo ben que tivera certo pesar ao deixar Albacete, pois ao cabo botou alí bastante tempo e conviviu moi intensamente con aquela xente. Nesas condicións é inevitable o avencellamento afectivo co ambiente e, craro está, costa arredarse.

Lembranzas de Isabel e Sara e unha forte aperta de

*Ramón Piñeiro*

.....

[71]

Madrid, 18-XII-70

Benquerido D. Ramón:

¡Feliz Nadal e bon Aninovo! Que o camiño que se trazou na súa vida vaia sempre pra adiante.

Rematei iste primeiro trimestre ben. Foi un pouco duro por levar xa moito fora destas lides e pola falta de tempo.

Espero poder despois servir millor ao ideal galego e esto dame azos.

Unha cordial aperta

*Isaac*

[72]

Compostela, Nadal de 1970

*Feliz Nadal e ledo Aninovo*

Benquerido Isaac:

Alegrámonos moito das boas novas que nos dá verbo dos seus esforzos preparatorios e da rexa fe con que pensa adicalos ao servicio de Galicia. Espritos así son os que de agora en diante precisamos, porque compre converter as ideas en realidades e eso non se acada sin esforzo.

Cos mellores desexos de que o novo ano lle seña venturoso e de grande proveito, reciba unha cordial aperta dos seus amigos

*Isabel, Sara, Ramón*

.....

[73]

Compostela, 2 - xaneiro - 1976

Benquerido e lembrado amigo:

Hai dias dixéronme –non lembro quen mo dixo– que estaba vostede por Galicia e maxineime que viría pasar o Nadal. Hoxe recibín o exemplar do Estatuto, con comentarios de Castelao, enviado desde Madrid, así que xa está de volta nesas terras. Quérolle agradecer de veras o libriño, tan interesante e ao mesmo tempo desexarlle, en nome desta familia, moitas venturanzas neste novo ano.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

[74]

Compostela, 12-x-76

Benquerido amigo Isaac:

Recibín a súa carta. Como en realidade os problemas a que se refire pertencen á xerencia, mandei a Vigo os datos da súa carta para que eles os encaucen da maneira axeitada. Supoño que lle escribirán.

Alegroume moito saber que estivo en Portugal nun curso de Férias. E sobre todo alégrame saber que conta coa oferta dunha beca da Gulbenkian para pasar alí un curso. Eso é moi importante.

Tamén é moi interesante esa iniciativa que están desenvolvendo ahí en Madrid para dinamizar a presenza cultural galega. Compre combatir a “contaminación mental” que tantos paisáns nosos padecen ahí.

Por aquí seguimos co sarillo de sempre. Non hai mais remedio. Menos mal que o ambiente é agora máis esperanzador.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[75]

Madrid, 4 de abril de 1977

D. Ramón Piñeiro  
Santiago de Compostela

Benquerido amigo:

Fai tempo que tiña mentes de lle escribir pra lle comunicar un pouco os meus proxectos, caso de que non se veñan abaixo. Fai un ano que esperaba unha oferta de SEPT pra poder este curso rematar Románicas e facer un curso intensivo de Bíblicas co gallo de axudar na obra da traducción da Biblia. Axuda que

eu non pedira pero que se me ofrecera nun principio. Logo esa axuda fracasou. O porqué non o sei. O vrao pasado estiven facendo un curso de Língua e Cultura Portuguesa no grado superior. Alí fixenme amigo de varios dos profesores e eles mesmos animáronme que pedira unha beca á Gulbenkian. Nun principio pensei en pedila pra facer un ano de estudo de campo filolóxico. Logo mudei de idea e o traballo pra o que vou pedir a beca é pra un estudo do galego e do portugués nos séculos XIV e XV. Expuxen o plano do traballo e foi moi ben visto alá e agora somentes me resta mandar os datos necesarios e agardar pola decisión final que será –espero– a finais de maio. De ter sorte estaría un ano en Lisboa traballando no Centro de Lingüística, ou cicais máis xa que o traballo resulta un pouco complicado.

O título do mesmo podía ser: PADRÕES LITERÁRIOS NAS FALAS PORTUGUESA E GALEGA DOS SÉCULOS XIV-XV (de 1300 a 1450 aproximadamente). Da parte galega escollín os seguintes textos: *Crónica General de España e de Castela*, *Crónica Troyana*, *General Estoria*, *Miragres de Santiago*, *Libro de Alveitaria*, *Códice Calixtino* e *Corónica de Santa María de Iria*. Deles non teño nen a *Crónica Troyana* nem o *Códice Calixtino*, nen tampouco o *Libro de Alveitaria* por estar publicado no B. de M. de Ourense hai xa anos. Pola *Crónica Troyana* e o *Códice Calixtino* estou disposto a pagar o que for preciso se hai alguén que o queira vender. Pola parte portuguesa son outros tantos. O traballo consta de tres partes: datación de textos, edicións...; determinación das principais diferencias fonolóxicas, morfosintácticas e lexicais...; estudo comparativo do vocabulario empregado en dúas ou tres destas obras por campos lexicais...

Penso, pola miña parte, que é un traballo imprescindíbel agora que tanto se está a falar da unificación normativa do galego a todos os niveis. Se ten algunha nova en relación co meu traballo ou que me poida sacar de dúbidas, moito lle agradecería que mo comunicase.

Lóstrego sigue bastante ben. Aínda non está oficialmente recoñecido. Pro xa está a traballar. Hai conferencias, catro horas de galego á semán, un grupo que se está a preparar pra teatro, outro grupo que vai pola parte folclórica: gaitas, excursións... En

relación co Ateneu direille, por se non o sabe, que dende o 15 de natal non teño nada que ver con el. A razón é que non responde nen responde ó que era de esperar del. Nen siquer hai hoxe nel clases de galego, tendo que viren os que quixeron a Lóstrego pra assistiren ás mesmas.

Polo tanto, se as cousas van ben, despois do vrao un curso en Lisboa e logo xa definitivamente na nosa Terra a traballar como cadaquisque, inda que Lisboa pra mín xa é un bocado da Galiza.

¿Qué pasou con *Verba*?

Os meus saúdos á sua dona e mais á sua irmá. Unha aperta cordial deste amigo,

*Isaac*

P.D. ¿Podía mandarme o endereço de Rodrigues Lapa?

.....

[76]

Compostela, 3-V-77

Benquerido amigo Isaac:

Recibín a sua carta. Alegroume moito a información que me dá relativa aos seus plans de traballo e confío en que as cousas se poñan favorables para que poida pasar un anño en Lisboa. Será moi interesante para nós. Eu boto de menos, na formación dos nosos filólogos, esa falta de contacto directo co mundo portugués. Vostede debe romper esa incomunicación.

Sinto ben non ter ningunha das obras que lle faltan, pois prestaríallas con moito gusto. Hoxe en día non é doado atopalas. Si sei de algunha oportunidade de as adquirir non deixarei de comunicarllo.

Pregúntame por “VERBA”. Sigue como sempre. Está impreso o nº 3. Tamén teñen lista a tese de Menany Panisse sobre o vocabulario dos mariscos e mais un diccionario de Anibal Otero

sobre o galego de Piquín.

A súa decisión relativo ao Ateneo non me sorprendeu moito.

O Rodrigues Lapa está ben. Hai uns días cumpriu 80 anos, pero consérvase ben e con azos. O seu enderezo é este:

Prof. Manuel Rodrigues Lapa

ANADIA

= Portugal =

Por aquí hai demasiado rebumbio político, pero é cousa natural e, en realidade, tamén necesaria. O país vai despertando.

Lembranzas garimosas de toda a familia e unha forte aperta de

*Ramón*

.....

[77]

Compostela, 6-X-77

Benquerido amigo:

Estiven fora de vacacións e, por outra banda, deica hoxe non tiven no meu poder a “Crónica Troyana”. Mandareilla certificada ao novo enderezo que me deu.

Ogallá lle dean a beca para ir a Lisboa traballar a fondo. Coido que será útil para o futuro que vostede estableza firmes contactos científicos co mundo portugués, pois é evidente que, no futuro, necesitaremos conocernos mellor eles e nós e colaborar mais en todo o que é común.

Lembranzas de Isabel e Sara e unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón Piñeiro*

[78]

Compostela, 4-XI-77

Benquerido P. Isaac:

Acabo de recibir a súa carta comunicándome que lle concederon a beca para facer os estudos en Lisboa. Non deixe de llo comunicar ao profesor Cintra, así como o estado aínda non resolto da beca da Fundación Gulbenkian.

Tocante á pregunta que me fai sobor das normas idiomáticas do Instituto da Língua, teño que lle confirmar a súa suposición de que se trata de normas propostas exclusivamente polo Instituto. Na miña opinión, son mellores que as que viñan utilizando. En realidade, agora están bastante próximas ás da Academia pero manteñen algunhas particularidades, como a resistencia teimosa á grafía *ao*. Polo de agora non hai perspectivas de aceptación da grafía etimolóxica, inda que eu penso que cando se ensine o galego na escola sería o máis lóxico, e xa o teño dito moitas veces.

Unha forte e cordial aperta do seu amigo

*Ramón*

.....

[79]

Compostela, 12-II-78

Benquerido P. Isaac:

Recibín a súa carta e xa vexo que despois de moitas viravoltas xa está apousentado en Lisboa. Alégrome ben, porque confío en que a súa permanencia ahí sirva para afianzar a natural relación galego-portuguesa.

Sí, no Brasil coincidimos a Prof. Cintra e mais eu. El ten un interés moi sincero polas cousas galegas e estou seguro de que

será un bó apoio para os seus traballos científicos ahí en Lisboa.

Por aquí, as cousas van indo de vagar. Nestes dias hai grande rebumbio arredor da Presidencia da Xunta de Galicia, porque a U.C.D, propón a Pio Cabanillas e semella que non hai unanimidade.

Como se queixa de incomunicación galega, mándolle por correo certificado un paquete de cousas para que se vaia pondo ao día.

Saúdos de toda a familia e unha aperta coridal de

*Ramón*

.....

[8o]

Compostela, 19-VII-78

Benquerido Isaac:

Recibín a súa carta. A familia Blanco Cicerón foi unha familia moi importante de Santiago, de que os Castroviejo son descendentes. Esa familia tiña unha famosa colección de torques e de numerosas pezas arqueolóxicas e artísticas. Tamén documentos. Os torques están no Museu de Lugo. Dentro de uns dias falarei con un membro da familia para lle preguntar o paradeiro dos manuscritos e documentos. Xa lle escribirei de novo.

Unha aperta

*Ramón Piñeiro*

.....

[81]

Compostela, 3-III-79

Benquerido amigo:

Vexo que xa está de volta de Lisboa para proseguir a elaboración da tese nesas terras madrileñas. Desde logo é mágoa non poder aproveitar a colaboración dos computadores, que tanto traballíño aforran.

Non teño catálogo da exposición de documentos medievais que se celebrou no Arquivo Histórico de Galicia. De todolos xeitos falarei co Director sobre o particular e si teñen catálogos procurarei facerllo chegar.

Non saíu ningún comentario en GRIAL sobre a obra de R. Lorenzo porque llo pedín hai varios meses a Antón Santamarina e nono fixo. Naturalmente, non hai inconveniente en que vostede o faga, co único prego –ben sei que innecesario– de percurar a máxima cordialidade nas observacións críticas.

Unha forte aperta de

*Ramón*

5-III-79 = Xa conseguín o catálogo da exposición coruñesa e aquí llo acompaño.

.....

[82]

Compostela, 8-I-80

Benquerido P. Isaac:

Estivemos fora algún tempo e, mentras, a correspondencia seguíu chegando silenciosamente.

Tamén nós lle desexamos un bon e fructífero ano.

Sei ben o endiañadamente trabaloso que é ese labor que ten entre mans. Labor que, naturalmente, precisa o seu tempo.

Apertas nosas

*Ramón Piñeiro*

.....

[83]

Compostela, 7-VII-80

Sr. D. Isaac Alonso Estravís  
Badajoz, 14, Bajo A  
San Fernando de Henares

Benquerido P. Estravís:

Estiven botándolle unha ollada aos materiais da letra A que están en Galaxia. Xa vexo que traballa con azos e con admirable e disciplinada tenacidade. Como lle coñezo de vello esas virtudes, a verdade é que me producen mais admiración que asombro.

Ademáis de lle expresar a miña admiración sincera pola súa extraordinaria forza de vontade (moitas veces teño dito que o P. Isaac vale el só por todo un equipo), tamén quixera comentarlle un feito que me sorprendeu. Resulta que aparecen de maneira regular as fomas *lh* e *nh* como alternativas de *ll* e *ñ*. Sorprendeume moito, como digo, porque eso non se corresponde co que nós tiñamos acordado. Esas formas non están nas normas que estaban en uso e que iban servir de criterio para o Dicionario, nin están, claro está, nas publicadas pola Xunta, nin eran usuais no galego histórico. Introducilas sistematicamente nun Dicionario galego-galego ven resultar unha interferencia “lusista” que non responde ao acordado.

Apelo á súa memoria –á súa boa fe non necesito apelar porque a dou por ben certa– para lle pedir que non introduza ese elemento de confusión no Dicionario. Si dentro de cinco ou dez

anos acordamos establecer o *lh* e o *nh* na nosa ortografía, xa pasarán aos Dicionarios. Mentres, non teñen razón de figurar nelles. Porque vostede sabe moi ben que non foron predominantes nin siquera frecuentes no galego histórico. Introducilas hoxe resulta puro e simple “lusismo”. E o lusismo só pode pasar aos dicionarios cando sexa aceptado nas normas do galego. Non antes.

Tome un respiriño no trafego lexicográfico e pense neste que lle digo. Confío en que concordará conmigo.

Nós –Isabel e mais eu– temos compromiso de ir a Montevideo e Buenos Aires agora en xullo. Polo Apóstolo estaremos en Buenos Aires.

Lembranzas de toda a familia e unha forte aperta do seu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

.....

[84]

S. Fernando de Henares, 5–VIII–80

*(Carta dactilografada)*

D. Ramón Piñeiro López  
Santiago de Compostela

Querido amigo:

Recibín a súa carta con bastante retraso, pois, deu-se o extraño caso de o carteiro repartidor estar amontoando a correspondencia no seu garaxe durante un mes até que, descuberto o feito, foi expulsado. Hoxe penso que xa estará de volta desaxa viaxe a B. Aires e Montevideo, e que todo irá ben.

Vou procurar responder ás súas cuestións o mais axeitadamente posíbel. Grazas por recoñecer ese tesón de vontade de traballo que só responde a un compromiso sincero coa cultura galega.

O traballo non vai coa rapidez desexada porque algúns deronse de baixa e os outros ademais das súas clases andan tamén a prepararen as oposicións de galego. Con todo, xa teño todo o material do A (dentro de uns días estará listo para a imprenta) e andan a traballar no B. cando o A estiver publicado será entón cando se poderá facer un xuízo do que pode ser a obra ao final.

Non comprendo poque se nos tacha de lusistas. Talvez porque non coñecen a seriedade con que se está a traballar. E, o mais seguro, porque todos están inseguros do galego que utilizan. Un intelectual non ten porque ter medos nen se deixar levar por preconceitos políticos ou viscerais que o único que fan é obnubilar as cousas. Ten que se acercar ao problema fría e desapaixonadamente.

A respeito dos dígrafos entre paréntese *lh* e *nh*, coido que non interpretou ben as cousas, pois xa ian nas 14 primeiras páxinas que lle amostrei na súa casa (às que non lle puxo ningún reparo) e no único en que quedamos foi na imparcialidade de escolma do material rexeitando todo aquilo que sexa só castellano ou só portugués e aceptando todo aquilo que o galego ten de comun con un ou co outro. E isto é o que se está a facer escrupulosamente. Que de entre unhas formas galegas escollemos unhas con preferéncia a outras, iso obedece á necesidade dunha normativización que pode ser mais ou menos acertada, pero para iso está o tempo para nos dar ou non a razón. Aínda así, o dicionario é bastante plural.

A grafía “oficial” de hoxe é a mesma que xa estabamos a utilizar desde o primeiro momento. Puxo-se-nos como condición aceptar a que saíse da Comisión da Xunta talvez porque duvidasen de nós. Ora, deu-nos ou non a razón a Xunta?

En canto à grafía medieval galega podó dicir-lle que o galego nunca tivo unha grafía oficial. O *ll* e o *ñ* eran representados de moitos xeitos cando se escribía o galego. Non eran únicos. Un *ll* tan ben pode ser *ll* (actual) como *l* –e era representado ademais de outros xeitos– e o *ñ* aparece como dobre *nn*, *gn*... En cambio nos textos onde aparecen *nh*, *lh* a pronúncia está xa diferenciada. Que en galego se escribeu con *nh* e *lh*, vosté sabe de sobra que si e que ademais dos textos coñecidos aínda hai outros que

fai dous anos andaba eu no sua procura. Ora, se *lh*, *nh* non son grafías galegas, *ll*, *ñ* tampouco o son. E se por un lado hai “lusismos”, polo outra teremos “castellanismos” ou “españolismos”. Que é peor? Inventamos novos signos como fixeron os outros idiomas da Románia?

A grafía actual do galego xa lle dixen que a consideramos anti-natural e absurda e máxime nun dicionário, pois os dicionários do século pasado e o chamado da Academia, deste, están polo menos na grafía etimolóxica empregando o *j* e o *g*. O seu grande amigo e lexicógrafo Anibal Otero así o fixo tamén nos seus traballos. E nós temos que recuar dando un paso atrás. Nesta casa de S. Fernando teño amaldizoado unha e mil veces da grafía actual, poque o único que me dá é traballo e reduz o galego a un simple dialecto afastando-se dos seus irmaos derivados do latín.

Se a grafía *lh*, *nh* non foi dominante nos textos galegos, obedece a que cando estes se fixan o galego apenas se escribe. Teña en conta que Fernando III e Afonso X escriben en castellano e este último empregou só o galego para os seus arroubos místicos poéticos. El o que foi é o criador da prosa e da cultura castellana. É aquí onde está a sua grande obra. Nós non lle damos a eses signos nen sequer a importancia que tiveron na Idade Média xa que só aparecen entre paréntese, como condenados e avergoñados, campando en todo o corpo do dicionário a outra, que tampouco é nosa.

O meu criterio respecto deste problema –que non é o do dicionário– é que se deixara liberdade ao emprego dunha ou doutra durante algun tempo, sen renunciar a nada propiamente galego e despois co tempo aceptar aquela que tiver maior rendimento económico. Ora, se desde agora nos pechamos abertamente e hostilmente contra todo *lh*, *nh*, como imos saber os resultados? O galego porque aceptara estes dígrafos non por iso se ia aporuguesar, mesmo se podía ir un pouco mais adiante. Às veces resulta chocante e ridículo ouvir a persoas anti-lusistas dicir publicamente, cando non tiñan outra saída para o galego, ao afirmar que de 3.000 exemplares se podía pasar a moitos mais, pois os nosos lectores son uns douscentos millóns. E isto aquí en Madrid aínda fai pouco. Douscentos millóns con esta grafía?

Que imos cair no domíno do portugués? Home, os portugueses nunca necesitaron de nós para nada e cando nos metemos con eles servindo servilmente a Castela ben caro nos saiu. A nós en cámbio iría-nos mellor ao abrir un mercado maior ao noso mundo editorial. Se entre nós co tempo saisen xénius, entón tamén se poderían aproveitar eles. Mas hoxe por hoxe... Non esqueza que vosté foi quen fixo que hoxe contemos con un dicionário de literatura luso-brasileiro-galego.

Olle, para min resulta interesante comprobar como xentes que podían tenter varrer para a súa casa, son nisto mais abertos que os galegos. Aí ten o caso de Corominas e ultimamente o de Alarcos Llorach (lea *La Voz de Galicia*, 31–7–80).

Espero, pois, que esas dúas letras escondidas entre paréntese e meio avergoñadas da súa presenza nun lugar que non lles corresponde segundo vosté, non constitúan problema algun à obra e que, no lugar de ser un atranco sexa un melloramento da mesma. Ademais, vosté sabe que as normas actuais son abertas, posibilitan e postulan unha camiñada para adiante. Só exixen un mínimo indispensable, mais non cortan vieiros, que non tardarán en ser realidade se queremos salvar o galego. E nós aceptamos ese mínimo.

Por último só me resta dicir-lle que todo cámbio nas normas que nos impuxemos no equipo teñen que ser aceptadas por todos democraticamente. Sería o equipo, no caso de ter que mudar, o que tería que se definir.

Unha forte aperta de,

*Isaac*

.....

[85]

S. Fernando de Henares, 22/V/82

D. Ramón Piñeiro López  
Santiago de Compostela

Querido Amigo:

Despois de unha carta a Bieito (21/I/82) falando-lle da marcha do dicionário e da necesidade de facer efectivo aos colaboradores o que lles correspondía pola letra B, carta que non tivo resposta nen explicación algunha, escribín-lle novamente outra con data do 16/II/82 falando-lle tamén da marcha do dicionário e que me dese resposta se a Galáxia lle interesaba ou non o dicionário, carta que tampouco foi respondida en nengun dos sentidos.

A isto acrecentou-se o da suspensión da cantidade mensal que me tiñan fixada comprendidos os meses de Abril e Maio, como poden comprobar pola carta adxunta do meu banco.

Todos estes feitos están-me a dicir claramente que a Galáxia non lle interesa o tal proxecto (pois, como lle dicía na do 16/II/82, se o problema era polo da ortografía, non se ían introducir nela mudanzas algunhas) e que dá por zanzado o contrato que tiñamos. Pola nosa parte –falo no meu nome e nos dos colaboradores– ante tal atitude tamén consideramos roto o contrato, o cual non se opón a que as nosas relacións continúen a ser amicalmente as mesmas. Como eu non pretendín prexudicar a Galáxia nen aproveitar-me dela, simplemente servir à cultura galega, aínda que talvez con perspectivas lingüísticas diferentes, pido-lles que me manden conta detallada do diñeiro que me levan dado –en especie e en libros– durante este tempo e o diñeiro que deron en libros aos colaboradores para llo devolver integramente e ao mesmo tempo me devolvan os orixinais que teñen das letras A e B. E que isto o fagan a maior brevedade posíbel pois eu non podo perder mais tempo nen esperar a manter-me do ar.

Esta miña atitude non significa enfrentamento ou rancor contra dirixente algun da editorial. Simplemente non chegamos a entender-nos e nada mais. Tampouco pecha o camiño

para que, se algun día teñen interese nalgunha miña colaboración e chegamos a un prévio acordo, me negue a facé-la.

Espero, pois, unha resposta o mais rápida posíbel para deixar este asunto definitivamente zanzado para ben de todos.

Un cordial abrazo,

*Isaac Alonso Estravis*

P.D. Unha carta similar a esta vai dirixida a Bieito, como xerente da Edit. Galáxia.

.....



# Ramom Pinheiro na lembrança

Carlos Durão

Conheci Ramón Piñeiro<sup>1</sup> em Madrid, com ocasião duma conferência sua durante o curso académico 1964/65, no Centro Galego, se não lembro mal. Embora ele se encontrasse algo incómodo em situações coletivas, tinha um genuíno interesse em conhecer a “gente nova” e as suas ideias, sobretudo em relação com a cultura galega em geral. Como eu já conhecia a revista *Grial* e mais algumas publicações da editora Galáxia, foi natural que me dirigira a ele com propostas culturais e literárias juvenis, iniciando assim uma correspondência que duraria até à sua morte em 1990.

Continuei escrevendo-lhe desde Londres (para onde me desloquei em 1965) já com suficiente confiança (e talvez atrevimento) para lhe comunicar as minhas dúvidas a respeito do “galeguismo” e dos “galeguistas” naquela altura, que ele pacientemente atendia nas suas cartas. Eis um exemplo do teor das suas cartas por aqueles anos: “As consideracións que fás na tua carta son moi atinadas e moi interesantes pola sua radical sinceridade”<sup>2</sup>. Por outras palavras: chamava-lhe a atenção todo o que fosse “radical”, ainda que não o entendesse, em cujo caso tratava-o com certa generalidade e até reticência. Não entendia as revoltas estudantis dos anos 60, e não gostava das situações multitudinárias, mas procurava informar-se sobre elas, sempre interessado, e desde certa distância.

---

[1] Seguirei em diante a grafia que ele empregava para o seu nome.

[2] Carta de 31-V-69.

Ele informava-me desde a sua perspetiva santiaguesa (“O ambiente vaise animando pouco a pouco. Claro que no veciño Portugal está moito mais animado”<sup>3</sup>). E eu procurava informá-lo, desde a minha perspetiva londrina, não só do panorama literário, filosófico e cultural em geral, mas também de questões da emigração galega e da soliedariedade antifascista galego-portuguesa. Acontecia às vezes que o conteúdo duma carta minha para ele acabava sendo um artigo publicado em *Grial*, enquanto o dalgu- ma outra não era, segundo ele, “publicable”. Em todo o caso, para ele essas eram questões que atribuía ao meu “corazón xeneroso e azos entusiastas”.

Mas cedo tocamos um tema fulcral, que Piñeiro chamava o “lerio da ortografía”<sup>4</sup>, assunto que repetidamente tratamos na nossa correspondência, até eu notar que lhe causava certa contrariedade, e que andando o tempo provocou um enfriamento nas nossas relações (as quais, no entanto, permaneceram sempre cordiais por ambas as partes).

Como ele tinha ao respeito informação de primeira mão, comunicava-me não só a mim mas também ao nosso Grupo de Trabalho Galego de Londres<sup>5</sup>: a primeira Lei do Ensino, as “Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego”, os manuais *Gallego 1/2/3*, as atividades da Real Academia Gallega, do Instituto de la Lengua Gallega, etc. Sobre este escrevia-me: “Sin dúbida que iste Instituto será o órgano oficial do Ministerio para o relativo á lingua galega”<sup>6</sup>, e era justamente isto o que nos preocupava aos componentes do GTG, que na altura tínhamos preparado um livrinho de leituras para nenos, o qual não viu a luz por essas questões de “control pedagóxico” e “control idiomático” que men-

---

[3] Carta de 15-III-75.

[4] Carta de 26-IX-69.

[5] Fundado em 1970, que publicava um *Boletim* quasi-bimestral para os mes- tres rurais se familiarizarem com a primeira “Ley General de Educación y Fian- ciamiento de la Reforma Educativa” (Ley 14/1970, de 4 agosto, *BOE*, núm. 187). Os outros componentes do Grupo eram Teresa Barro, Xavier Toubes, Ma- nuel Fernández-Gasalla e Fernando Pérez-Barreiro Nolla.

[6] Carta de 9-VI-71.

cionava Piñeiro<sup>7</sup>. O tempo confirmaria que aquelas prevenções do GTG sobre o ILG eram bem atinadas.

Foi a sua resposta – “polémica”, em palavras dele– a Rodrigues Lapa<sup>8</sup> a que me fez entender definitivamente que o indeciso achemento de Galáxia ao mundo lusófono aquando da publicação dos poemários *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo de Guerra da Cal*<sup>9</sup> e das *Cantigas d’escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* de Lapa<sup>10</sup> se tornara em rejeitamento frontal e definitivo.

Ainda uma vez que lhe sugeri, telefonicamente, a publicação em Galáxia dum texto meu “reintegrado”, a sua resposta foi que essas cousas eram “para publicar em Lisboa”. Segundo Guerra da Cal<sup>11</sup>, Piñeiro tinha a certeza de que a censura espanhola não deixaria passar uma declaração de “lusismo” tão radical. E segundo Lapa<sup>12</sup>, tratava-se duma “atitude suicida” frente ao problema da língua e da cultura.

Nas visitas minhas à casa de Piñeiro em Compostela, em tempo de férias, coincidi alguma vez com Carlos Casares, J. M. Beiras, Anxo Tarrío, Salvador García-Bodaño, A. Torres Queiruga, Isidoro Millán, e mais os velhos conhecidos Xavier Carro e Antón Santamariña. Creio lembrar também a Gerald Denley e Enrique Santamarina. A Xaime Isla e Paco del Riego<sup>13</sup>, que conhecera em

---

[7] *Ibid.*: “eses libros deberán estar autorizados polo Ministerio de Educación –esto é, polo ICE–”.

[8] A “Carta a don Manuel Rodrigues Lapa”, *Grial*, n° 42, 1973, pp. 389-402, resposta ao artigo de Lapa “A recuperação literária do galego”, publicado na revista *Colóquio/Letras*, Lisboa, n° 13, 1973, pp. 5-14 e reproduzido em *Grial*, n° 41, 1973, pp. 278-287. Ambos os artigos concernem-me também a mim, porque ambos me mencionam, porque ambos foram escritos por pessoas amigas, e porque esse tema fulcral confirmou as profundas diferenças com Piñeiro que afinal resultaram ser insalváveis.

[9] 1959 e 1963.

[10] 1965.

[11] Com quem tive assídua relação quando ele veio morar em Londres.

[12] Com quem também tive relação epistolar por aqueles anos.

[13] A relação com “Paco” (Francisco Fernández) del Riego, naturalmente também devida a Piñeiro, passou a ser mais concreta quando, como gerente

Vigo, também os via com ele em Lourido (“Praia América”), na casa de Paco, como também a Carvalho Calero, pelos anos 70. Igualmente conheci J. M. López Nogueira e Á. Cunqueiro através dele. E também a E. Blanco Amor, numa conferência de Piñeiro em Vigo.

Em Londres também estive ele uma vez, na minha casa, com a sua esposa Isabel. O nosso relacionamento completa-se com algumas postais dele, e telefonemas meus nos derradeiros anos, quando esmorecera a relação epistolar.

Foi ele quem me ofereceu as páginas da revista *Grial* e repetidamente me animou a escrever, não só artigos e ensaios para ela (o que fiz durante bastantes anos), mas também obra de criação em geral (alguma publicada pela editora Galáxia<sup>14</sup>).

Ao meu ver, R. Piñeiro cumpriu uma importante função continuadora duma parte do “galeguismo” histórico nos denominados “anos escuros”<sup>15</sup> do após-guerra, positiva ao princípio no que tinha de animador de atividades culturais galegas, mas questionável anos depois, quando o seu agudo instinto político não o alertou do perigo daquele submetimento ao controle ministerial espanhol<sup>16</sup>.

*Carlos Durão, novembro de 2008*

---

de Galáxia, em certa altura me encarregou das relações públicas e vendas da editora na Inglaterra (por exemplo na celebração do Dia das Letras Galegas), enlaces, notas bibliográficas para *Grial*, etc., e também me fazia algum encargo para amigos, por exemplo livros, alojamento, etc. Igualmente me comunicava novas da situação cultural galega.

[14] Assim *A teima*, Galáxia, 1973, que naturalmente foi submetida à censura em Madrid (publicada sem o derradeiro capítulo e com diversas “correções” ortográficas).

[15] Por X.L. Franco Grande.

[16] Vide nota 7. Ou sim o alertou mas ele não soube, ou não quis, furtrar-se a ele.

# Cartas de Ramom Pinheiro a Carlos Durão \*

[1]

Compostela, 27-IX-66<sup>1</sup>

Benquerido Carlos:

Estiven ausente todo o vran, pois convidáronme a tomar parte nos Cursos de Vran da Univ. de Middlebury e máis a participar no VI Coloquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros que se celebrou en Harvard e New York (Columbia), e aproveitei a oportunidade pra ir dar unha volta aos EE.UU. Pasei por aló case 3 meses e logo viñen por Francia. A Compostela acabo de chegar. Entre o feixe de cartas, revistas e libros que se foron amoreando durante a miña ausencia, atópome con dúas cartas tuas, unha do 11 de xulio i outra do 5 diste mes. O non as ter contestado antes débese ao motivo que che acabo de decir.

Non estou enfadado contigo. Eu comprendo totalas inquedanzas e dúbidas da xente moza, porque tamén eu fun novo e pasei por moitas ilusiós e desilusiós. Mesmo que a tua evolución persoal se alonxe do galeguismo e dos galeguistas<sup>2</sup>, mentres sexa

---

\* Transcrevo o mais fielmente possível as suas cartas manuscritas (todas menos a do 13 de novembro de 1972, única datilografada), quase sempre com letra muito clara, mas nalgum ponto pode haver dúbida sobre alguma letra ou acento.

[1] Esta é a primeira carta que conservo de R. Piñeiro, mas é mais que provável que houvesse outras antes (ou cartões/postais), pois eu conhecera-o em Madrid com ocasião duma conferência sua por fins de 1964 ou começos de 1965, creio que no Centro Galego.

[2] Refere-se às dúbidas que eu lle comunicara a respeito “do galegu-

unha evolución sincera e desinteresada non deixarei de sentir o respecto que toda convicción persoal auténtica merece. Sentireino –eso nono podo negar– na medida en que creo que tí tés talento e sinceridade e que ambas cousas xuntas poden ser útiles para Galicia.

Hoxe escriboche moi apresa, máis ben pra che dar razón do meu silencio, porque co rebumbio de tantos viaxes e tantas experiencias novas aínda estou unha minga descentrado.

Unha forte e cordial aperta do teu amigo certo

*Ramón*

.....

[2]

Compostela, 24-X-68

Querido Carlos:

Acabo de recibir a tua carta. Confésoche que me produciu moita sorpresa recibila, e tamén, dende logo, moita alegría.

Como sempre tratei de saber de tí, algunha das cousas que me contas xa as fora aprendendo indirectamente, por amigos comúns. A tua información é máis completa e, sobor de todo, directa.

Xa vexo que deche pasos moi importantes na tua vida, como é a creación dunha familia. Coido que, ó caladiño, cando contempas ó pequeno Xohán sentiraste un ser importante ¿non sí? E con toda razón, naturalmente.

Alégrome de que tamén deras remate á licenciatura de filoloxía inglesa. Agora, como sabes, tamén hai esa Seición na nosa Universidade. Eu non sei si tés ou non verdadeira vocación docente, nin sei si nos teus plans de vida figura a posibilidade de

---

ismo e dos galeguistas” naquela altura, como ele recolhe na sua carta.

vivir en Galicia, pois dándose estes dous casos deberías aspirar a unha cátedra de inglés. Claro que terías que facer o doutorado.

Tocante ó galeguismo, a miña impresión é boa en orde ó desbertar i a vitalidade da concencia galega. Nunca antes chegara a ter tanta fondura e amplitude, poisque agora maniféstase por varios camiños. Pro tamén me decato de que Galicia está vivindo unha crise interna moi fonda na que ben pouco podemos intervir no intre presente. Con todo, as posibilidades de poder intervir algún día con eficacia semellan cada día máis certas. Hoxe Galicia está viva, tanto no terreo cultural como no das preocupacións socio-económicas. E mesmo nas relixiosas, pois é evidente a realidade dunha forte corrente relixiosa con vontade de “encarnar” no pobo galego.

Os nosos amigos Facal<sup>3</sup> están na liña relixioso-social e, pola súa fonda fe, o seu labor é fecundo. Eu teño gran confianza niles. Son xente de moito esprito.

Si che se ocorre algún comentario sobre algún tema interesante da cultura inglesa ¿por qué non mo mandas pra o GRIAL? Seguimos publicando a nosa revista. Xa imos polo número 21.

¿Qué fás da agurgullante vida interior que sempre tiveches? ¿Escribes?

O Nolla<sup>4</sup> é moi amigo noso. O ano pasado estivemos uns días ahí en Inglaterra, repartidos entre Seaford e Londres. En Londres estivemos cos Nolla e máis cos Lugrís<sup>5</sup>. Non tiñamos ningún indicio pra saber de tí. Si agora nos cadrase volver por ahí, con moito gosto te chamaremos pra botar unha boa parrafada. E tamén, claro, pra conocer a tua dona e mailo pequeno Xohán. Istes anos viñeron convidándonos pra ir tomar parte nun curso

---

[3] “nosos amigos Facal”: refere-se aos irmãos Xoán, Xavier e Xaquín Facal, com quem amistei quando éramos estudantes em Madrid a começos dos anos 60, e com quem colaborei nalguma atividade cultural galega.

[4] Refere-se a Fernando Pérez-Barreiro Nolla, colega e amigo, com quem mais adiante colaboraria no Grupo de Trabalho Galego de Londres.

[5] A Ramón Lugrís conheceria-o pouco depois em Londres; também colega no mundo da tradução nos organismos internacionais; não entrou no Grupo de Trabalho Galego, mas o nosso contato continuou ainda esporadicamente alguns anos, por via epistolar ou telefónica.

de vran de unha Universidade americana e nun dos viaxes viñemos por Londres.

Cando teñas vagar e humor, non deixes de escribir. Sempre nos alegrará moito saber de vós.

Unha forte e cordial aperta do teu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[3]

Compostela, 24-XI-68

Querido Carlos:

Recibín a tua carta e maila crónica da manifestación de Londres, que sairá no Grial<sup>6</sup>. Xa cho mandarei.

Comprendo ben a tua situación de ánimo, moi ben espresada na carta. Coido que debes de sair desa encrucillada espritoal polo único camiño que te pode levar cara adiante: a comunicación. Compre que saias de ti mesmo e vaias ó encontro dos demais. Algúns fan eso pola vía do compromiso ideolóxico e da conseguinte aición política. Ise é, dende logo, un dos medios. Pro non é o único. Nin tampouco serve pra todos. Os problemas da persoa non caben todos no canle político.

Na miña opinión, os teus problemas veñen das raíces mesmas da personalidade e precisan o seu propio camiño pra saíren fora, pra se achegaren ó rueiro comunal. Penso que o teu camiño máis propio é o da espresión artística. Debes escribir, debes espresar literariamente o teu mundo interior. No fondo, temos que nos liberar do abafamento íntimo comunicándollo ós demais. Ti precisas –como todos precisamos– desa comunicación radical. Percura acadala. Escribe. Escribe, xa que logo. Volve polos car-

---

[6] Núm. 22 (1968), p. 49: “Carta de Inglaterra”.

reiros da memoria cabo do Canuto<sup>7</sup>. Fala, discute, soña, lembra con il. Nono deixes só na gándara largacía do silencio perene.

Bon, Carlos. Dígoche todo esto movido por un sentimento de amizade que xurde espontáneamente así. Non hai –non podería habela– ningunha intención de maxisterio no que che digo.

En todo caso, sempre, sempre me gustará saber de tí.

Unha forte e cordial aperta do teu amigo

*Ramón*

[4]

Compostela, 2-II-69

Querido Carlos:

Recibín a tua carta e mailos escritos que nela me incluías. Nis-te número de GRIAL que temos na imprenta xa non poden ir porque nos sobrou orixinal, pro no seguinte irá “O sono da razón”<sup>8</sup>, e logo, según se vaian presentando as cousas –xa ves que se van virando abaladizas-, escolmaremos nos versos. Dende logo, resulta interesante o teu propósito de te valeres do xeito poético popular –no tocante á espresión– pra nos comunicar o teu sentir verbo da vida. Seguramente que ise é o ritmo espresivo máis peculiar da nosa língoa e pode moi ben servir pra espresar as vivencias espritoás máis fondas ou máis requintadas. As amosas que me mandaches, apuntan cara unha confirmación<sup>9</sup>.

---

[7] Creio lembrar que este era o nome duma personagem dum rascunho literário que eu lhe mandara ao Piñeiro.

[8] Núm. 24 (1969), pp. 220-4.

[9] Refere-se a um feixe de poemas da “musa popular”, alguns dos quais viriam a luz mais tarde no “Libro memoria da Casa Galicia New York”, 1975, como “Poemas do non”, p. 34, e posteriormente noutras publicacións.

Nos derradeiros anos non se interrompíu a aitividade poética na nosa língoa. Eu non sei deica onde a fuches seguindo. Quizáis chegaches ó Celso Emilio Ferreiro<sup>10</sup>. Na miña opinión, os libros máis interesantes que saíron con posterioridade foron: “Entre o Sí e o Non”, de Franco Grande<sup>11</sup>; “Non”, de Antonio Tovar; “Ao pé de cada hora”, de García-Bodaño<sup>12</sup>; “Profecía do mar”, de Bernardino Graña<sup>13</sup>, e “Palabra de honor”, de Arcadio L. Casanova (iste derradeiro secuestrado pola censura). Mandareichos pra que xuzgues por tí mesmo.

De por eiquí nada che digo, poisque estarás tan ben informado ou mellor que nós mesmos.

Tamén xurdiu un prosista moi interesante: o Carlos Casares<sup>14</sup>. Quizáis seña un nome novo pra tí, porque apareceu nistes derradeiros anos.

Xa che mandarei as memorias do Canuto<sup>15</sup>.

Unha forte e cordial aperta do teu amigo

*Ramón*

---

[10] Conheci Celso Emilio Ferreiro, com ocasião duma palestra que deu anos depois en Londres, em companhia do correspondente da Agência EFE Ramón Luis Acuña Sánchez; mas já antes ele escrevera a crítica do meu romance “Galegos de Londres” no jornal ABC, de Madrid, 22.2.79.

[11] Com Xosé Luis Franco Grande já tinha amizade desde os tempos em que a minha mãe e a sua eram mestras em Tevra (Tominho). Anos depois enviei-lhe material lexicográfico, que incorporou na segunda edição do seu “Diccionario galego-castelán”, Ed. Galáxia, 1972 (vide “Limiar”, p. 9).

[12] A Salvador García-Bodaño também o conhecera por aqueles anos numa visita a Santiago.

[13] Com Bernardino Graña coincidi anos depois em Londres.

[14] Creio que foi por aqueles anos na casa de Piñeiro onde conheci Carlos Casares, e anos depois coincidimos num simpósio na Universidade de Londres.

[15] Vide nota 8.

[5]

Compostela, 31-V-69

Querido Carlos:

Tiña á vista a tua derradeira carta de Londres coa idea de cha contestar a Vincios. Con todo, os acontecementos familiares que nos ocorriron –no mes pasado morreu miña nai i o martes pasado enterramos ó meu pai-, desviaron a miña atención i o tempo polos penosos camiños intrafamiliares da mágoa que nos une tan de raíz. Por eso non che escribín.

O traballo que me mandaches sobre “O sono da razón” está preparado pra incluílo no número 25 do GRIAL, que sairá a primeiros de setembro<sup>16</sup>.

A mediados de xuño, a miña muller e máis eu partiremos pra os EE.UU. Botaremos dous meses alá, porque nos convidaron a tomar parte nun curso universitario de vran. Eu teirei que dar dous cursos, un sobre o pensamento de Unamuno i outro sobre o ensaio español do século XX. Xa temos estado anteriormente. A Universidade está en New England, perto do Canada [sic], arrodeada de bosques e lagos. No inverno seica hai neve sobexa, pro niste tempo é moi fermoso todo aquilo.

Como na semá prósima teño que ir a Madrid –o día 4– e non voltarei deica o día 9 pola mañán, poderémonos ver entre o 9 i o 15. Dende logo gustaríame moito poder botar unha boa parrafada. As consideracións que fás na tua carta son moi atinadas e moi interesantes pola sua radical sinceridade.

Agardo que á tua muller e máis ó rapaz lles guste Vincios<sup>17</sup>.

Unha forte aperta do teu amigo

*Ramón Piñeiro*

---

[16] De facto foi no nº 24; vide nota 9.

[17] Vincios (Gondomar) era onde tinha então a escola a minha mãe, e ali ia eu com a minha pequena família passar as férias que podia.

[6]

Compostela, 26-IX-69

Querido Carlos:

Sí, hom, xa estamos de volta de New England. Moito sentín non estar eiquí en Compostela cando viñéstedes tí e maila tua dona.

Interesoume francamente o teu traballo encol do libro do Dr. Bowlby. Coido que tamén lles ha interesar ós lectores do GRIAL. Dende logo, publicarémolo<sup>18</sup>.

Certamente que os versos tamén son interesantes polo que teñen de centileos veraces dun espírito vibrante de sinceridade. Craro que niste intre non son publicables. Pro coido que é bó que os escribas, poisque van tracexando os rasgos da tua biografía íntima, que ó cabo está atenazada polas mesmas inque-danzas e carraxes que nos atenazan a moitos: inxusticia, insin- ceridade, dúbida, arela de fe no home, etc.

¿De veras sintes pulos de escribir unha boa novela pra o teu pobo? A min, eso, alegrárame moito, porque creo no teu ta- lento literario. Non sei ben dende cando, pro xa hai ben tempo que penso que a tua vocación máis fonda –aquela que lle pode ofrecer un camiño firme á realización da tua persoalidade ínti- ma– é a creación literaria. Polo de pronto, por ríspida que sexa a face da realidade histórica fronte ás nosas arelas íntimas, na horta familiar da literatura galega podes traballar prós teus ¿non sí?

No tocante ó lerio da ortografía<sup>19</sup>, estamos nun intre en que a Academia Galega trata de concretar un criterio orientador. Eu xa te informarei do que se acorde sobre o particular.

Fágome cargo das vosas mágoas –tuas e da tua muller– coa deficiencia auditiva do meniño. Con todo, eu coido que, atendi- do tan de inmediato, os recursos da menciña poderán ser efica-

---

[18] No n° 26 (1969), pp. 465-70: “Unha nova teoría sicolóxica”.

[19] O que Piñeiro chama o “lerio da ortografía” era assunto que evi- dentemente já tratáramos antes na nossa correspondência e que andando o tempo causaria certo enfriamento nas nossas relações que, no entanto, sem- pre permanerem cordiais pelas duas partes.

ces. Así o desexo de todo corazón.

Agora imos preparar un album de dibuxos de negros que fixo o Castelao cando vivíu en New York. Unha dúcea de dibuxos. Son espléndidos. Tamén temos xa pra saír un estudo sobre o século XVIII galego feito por Otero Pedrayo.

Si queres algo deiquí, pídemo sin reparo.

Unha forte aperta do teu amigo

*Ramón Piñeiro*

.....

[7]

Compostela, 4-II-70

Querido Carlos:

Recibín as dúas cartas tuas. Esta tempada de atrás estiven ben amolado con unha gripe que me inutilizou durante dous meses, e cando estaba saíndo da astenia que me deixou tuemos que marchar a Lisboa porque eu tiña contraído o compromiso de falar alí na Sociedade de Língua Portuguesa e máis na Casa de Galicia. Nós non tiñamos estado anteriormente en Lisboa e desta vez estivemos case unha semá. O malo é que choveu moito e, cando non, había néboa, así que non puidemos ver Lisboa na plenitude do seu encanto, pois todos nos aseguraron que eso require moita luz, sol mesmamente. En cambio, o ambiente humano non podía ser máis cordial pra nós. Mesmo os universitarios, profesores e alumnos, foron moi xentiles e convidáronme a falar na Facultade de Letras. Voltamos pra Compostela moi ledos.

A nota que mandaches na tua primeira carta non é publicable, como xa tí mesmo sospeitabas. Contra todo o que lles poída parecer a moitos ouservadores estranxeiros, agora non está o forno pra bolos por estas latitudes<sup>20</sup>.

---

[20] Não posso precisar de quê “nota” se tratava: suponho que dalgum

O Ferrín sigue en Vigo e sigue dando as clases, porque recurriu ao Supremo. Pro é certo que o Tribunal de Orden Público condenouno a 2 anos e máis a unha multa. Non se comprende a base xurídica da condena, porque se reduce a intencións –presuntas– e non a feitos<sup>21</sup>. Non sei o que fará o Supremo. Il, mentres, sigue traballando na súa tese de doutoramento, que versa sobre a poesía galega contemporánea.

Nós iremos a mediados de xuño aos EE.UU. e voltaremos a fins de agosto. Alegraríanos moito que aínda estiverades por aquí e poderemos pasar un día xuntos.

Pasei nota a Galaxia pra que te suscriban ao GRIAL. Cando veñas tí no vran xa abonarás o importe.

O libro do teu amigo Figueredo<sup>22</sup> pode ser moi interesante. Persoalmente coido que pode ser moi util [sic] pra renovar o horizonte ideolóxico dos portugueses, que eu acho demasiado choído polo pasado histórico.

Non sabes canto me alegra saber que te sintes máis seguro e confiado interiormente. Sin dúbida que o “Diario” axudarache positivamente a unha crarificación íntima.

Unha forte e cordial aperta do teu amigo certo

*Ramón Piñeiro*

PS. Mándoche uns libros pra o rapaz.

---

tema político que era “res non grata” na altura.

[21] Esse facto foi o que eu tentei salientar quando apresentei um relatório ao respeito na Amnesty International em Londres, a qual enviou um advogado à Galiza para assessorar neste caso. E ainda li uma nota sobre ele pelos microfones da BBC, onde eu trabalhava.

[22] [sic] Refere-se a António de Figueiredo, que fora secretário de Humberto Delgado. Vinha muitas vezes ao “Centro Ibérico” de Londres, que agrupava antifascistas do Estado Espanhol e de Portugal; os galegos íamos também ao centro português, que se chamava “Liga Portuguesa do Ensino”. Ainda coincidimos na Seção de Espanhol e Português da BBC. Creio que o livro a que se refere Piñeiro é “Portugal: 50 Years of Dictatorship”, Penguin Books, 1970.

[8]

Compostela, 21-IV-70

Querido Carlos:

Recibín, hai tempo, a tua carta e máis o breve traballo relatando as pescudas e viravoltas que tiveches que dar á percura do Centro Galego. Sairá no GRIAL<sup>23</sup>.

Mándoche esta publicación da Academia<sup>24</sup>, primeiro paso para chegar á unificación normativa da nosa lingua, agora máis urxente que nunca pra que poida servir de instrumento docente nas escolas.

Nistes días están discutindo nas Cortes a nova Lei do Ensino. Na discusión do artigo 1º refugaron unha enmenda na que se pedía unha declaración espresa do recoñecemento dos dereitos das linguas vernáculas. Na discusión dos artigos 14 e 17, en troques, incorporáronse os puntos de vista da lingua materna no ensino pre-escolar (dos 4 aos 6 anos) e tamén no ensino *básico* (dos 6 aos 14 anos). Por primeira vez na historia, a nosa lingua deberá ser instrumento docente. Moito tivo que agardar, leve o demo! Agora imos ver o que pasa.

Dende logo, unha das primeiriñas cousas que temos que facer é preparar material escolar galego de distintos grados. Si che se ocorre algunha suxerencia interesante, non deixes de nola comunicar. Non sei si os ingleses teñen cousas moi boas que se cadra se poderían traducir e adaptar ao nivel e ambiente dos nenos galegos, inda que quizáis resulten ambientes moi diferentes. En fín [*sic*], si che se ocorre algunha suxerencia que nos poida ser de proveito non deixes de ma comunicar. Chegóu a hora de nos ocupáremos dos nosos nenos.

Unha forte aperta do teu amigo

*Ramón*


---

[23] Núm. 28 (1970), pp. 235-6: “O Centro Galego de Londres”.

[24] Deven ser as primeiras “Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego”.

[9]

Compostela, 9-VI-70

Benquerido Carlos:

Coido que estaredes en Vincios como me tiñas anunciado. E coido que terías ahí unha carta miña na que che comunicaba que o domingo 7 pensabamos ir ao curro de Torroña, conducidos polo poeta Franco Grande. E así o fixemos.

Recibín o cartel anunciador da representación de “Os vellos non deben de namorarse” a cárrego da agrupación teatral de Vincios<sup>25</sup> ¡Cánto lle gustaría a Castelao, si vivise, presenciar esa representación! A non ser porque estamos en vísperas de partir pra os EE.UU. e xa non podemos facer viaxes, eu iría con moi-tísimo gusto. Non perdo a esperanza de que, por teren éxito, se sintan obrigados a representala noutra ocasión.

¿Cándo vés a Compostela? Eu penso estar por aquí estes días. Marcharemos a Madrid o 17, coido.

Hoxe mesmo chegoume o paquete de libros, os traballos e maila carta que me enviaches hai un mes dende Londres.

Saúdos aos teus. Pra ti unha aperta codial do teu amigo

*Ramón*

.....

---

[25] Dirigida pela minha irmã Elena Durán; encenação no local de teatro “Rosalia”, de Vincios, e no “Cine Rialto”, de Gondomar; interpretada por moços e moças de Vincios; resenha no *Faro de Vigo*, 18.6.70, e *El Pueblo Gallego*, 13.6.70 (baseada na nota enviada por mim).

[10]

Compostela, 11-XI-70

Querido Carlos:

Recibín a tua carta e mais o artigo pra o GRIAL<sup>26</sup>. Non chegou a tempo pra o número que está na imprenta pro irá no seguinte. Precisamente pensaba eu escribirche pra che lembrar que mandases algunha colaboración.

Si, díxome Lily que formárades un grupo de traballo<sup>27</sup>. Non sabes canto me alegrei, porque, hoxe por hoxe, non vexo outras posibilidades de situación positiva que as de preparar as bases pra un futuro mellor. E non hai ao noso alcance outro xeito de as preparar que estudar seriamente a nosa realidade e descubrir cales son os camiños que se deben seguir. Despois desta etapa de estudo e de crarificación –de auto-conoce[me]nto-, virá unha etapa de “docencia”, de difusión das verdades. Todo eso pra que algún día –cando chegue a ocasión– Galicia teña a necesaria concencia e coñecemento dos seus problemas e a necesaria vontade colectiva pra os afrontar con responsabilidade. Por eso son necesarios os grupos de traballo sobre todos os nos[os] problemas fundamentás: ensino, economía, política, estruturación administrativa, etc., etc. E por eso me alegro tanto ao saber do novo grupo.

Xa lle mandei a Lily o texto da nova Ley. Andamos a percurar o “Plan Galicia” –un tomazo de 380 pxs.-, pro dixéronnos que se esgotó a edición e que pensan impréntalo de novo. En todo caso percurarei mandarvos copia das páxinas relacionadas coa lingua.

---

[26] Deve de ser o núm. 29 (1970), pp. 333-6: “Encol do ensino do galego como lingua materna”.

[27] Trata-se do Grupo de Trabalho Galego de Londres, fundado em 1970, que publicava um Boletim quasi-bimestral para os mestres rurais se familiarizarem com a primeira “Ley General de Educación y Financiamiento de la Reforma Educativa” (Ley 14/1970, de 4 agosto, BOE, no. 187). “Lily” era Ma. Teresa Barro, esposa de Fernando Pérez-Barreiro Nolla.

Alégrome moito de saber que está ahí con vosco o gran David Mackenzie<sup>28</sup>. Mándoche un folleto do Rubén García Alvarez contra o Emilio Sáez pra que llo entregues ao David pois il conoce os motivos da polémica e conoce tamén ao Rubén.

Dentro de uns dias sairá un libro do profesor Gonzalo Anaya –un burgalés catedrático de Filosofía do Instituto Rosalía de Castro, especialista en Psicoloxía-, titulado “La depresión cultural gallega”. Tamén volo mandarei porque será util pra o voso grupo.

Estaba preparada unha “Semana Cultural Galega” na Universidade de Coimbra: exposición de libro galego, seis conferencias –tres a cárrgo de portugueses e tres a cárrgo dos galegos-, presentación da nova edición das “Cantiga de Escarnho e Maldizer”, etc. Iban ser neste mes –do 16 ao 22-, pro xurdiron estranos atrancos. De momento aprazouse por un mes. Xa veremos.

Un xoven profesor galego que vive en New York e está a facer a súa tese de doutoramento sobre Pondal, entregoume un libro –mellor dito, os orixinás dun libro– con poemas inéditos, pois algúns están recollidos de xornás e revistas da época.

Saúdos nosos á tua dona. Pra ti unha forte aperta de

*Ramón*

.....

---

[28] Eu conheci e fiz amizade com David Mackenzie em 1961, num dos cursos de verão que organizava a Universidade de Santiago (também assistiam Xavier Carro e Antón Santamariña). Posteriormente coincidimos em Madrid, com os irmãos Facal, Pepe Devesa e alguns do Grupo Brais Pinto; eu estive na casa dos seus avós em Brighton, e ele na nossa em Vigo; levei-o ao Centro Galego de Londres para falar num Dia as Letras Galegas; continuamos amigos, apesar das nossas diferenças a respeito da conceção da língua.

[11]

Compostela, 12-IV-71

Querido Carlos:

Recibín as páxinas de “The Goodbye Land” que traduciches ao galego. Dende logo, incluíremolas no GRIAL<sup>29</sup>, pois a tua idea ao traducilas con ise fin parécenos atinada.

Cando apareceu en U.S.A. o libro do José Iglesias, nos xornáis e revistas adicáronlle bastantes comentarios. A min faláronme varios estudantes do tal libro, polas referencias que tiña a Galicia, e ún tróuxome un retallo dunha revista con fotos do Iglesias. Pro eu non lin o libro. Estas páxinas que ti escolmaches son moi humás e lense con verdadeiro interés.

Comprendo a vosa sorpresa ao non recibíredes comentario ao “Plan Pedagóxico”. Gardei silencio porque os xornáis de por eiquí nos tiñan informados da folga postal inglesa, e resultaba inútil escribir. Agardei a que rematase a folga e aínda deixei pasar uns días pra que se fose normalizando o reparto das toneladas de cartas amoreadas durante a folga. Logo escribinlle a Lily. Coido que, inda que for con retraso, a carta chegaríalle. Decíalle que, na miña opinión, o mellor será publicalo no GRIAL<sup>30</sup> e logo en forma de folleto como o traballo do Valentín sobre “O galego na escola”. Non vexo mellor xeito de lle percurar difusión.

A Universidade, pola súa banda, tomou unha importante iniciativa no problema da lingua. Prepararon un “Método” en tres grados. O primeiro libro xa está no prelo e sairá o Día das Letras Galegas. Edítao oficialmente a Universidade<sup>31</sup> e fan unha

---

[29] Núm. 32 (1971), pp. 175-93, extratos de “The Goodbye Land” (“A terra da despedida”), de José Yglesias.

[30] Núm. 32, pp. 202-10 (1971, com separata): “Plan pedagóxico galego”, redacción colectiva do “Grupo de Traballo Galego de Londres” composto por Teresa Barro, Xavier Toubes, Carlos Durão, Manuel Fernández-Gasalla e Fernando Pérez-Barreiro Nolla.

[31] Os manuais *Gallego 1 / 2 / 3* foram publicados pelo Secretariado de Publicacións da Universidade de Santiago entre 1971 e 1974 sob a dirección de C. García, com X.L. Couceiro, Guillermo Rojo e Antonio Santamarina, ajudados

primeira edición de 5.000 exemplares.

Xa vedes que se vai avanzando na revalorización da lingua.

Saúdos a todos. Unha forte aperta pra ti de

*Ramón*

.....

[12]

Compostela, 9-VI-71

Querido Carlos:

Hai algún tempo que recibín o libriño de contos portugueses que me mandaches e mais a tua carta anunciándome que estabas a findar un libro de leituras pra nenos de seis a nove anos.

Nós estabamos moi decididos a promover a aparición de bós libros escolares para os nenos galegos, pero tivemos que interrompir os plans porque se dispuxo que eses libros deberán estar autorizados polo Ministerio de Educación –esto é, polo ICE– e polo de agora non hai normas a que se ater. Estamos á espreita para obrar en consecuencia. No caso do galego, ademáis do control pedagóxico haberá o control idiomático por parte da Universidade. Aínda non están as cousas craras. Mas, en todo caso, eu coido que é moi interesante que teñades feito ise libro de leituras, pois pode moi ben ocorrer que en calquera momento se acraren as cousas tocante ás posibilidades de publicación<sup>32</sup>. Nós

---

por M<sup>a</sup>. C. Ríos, I. Leis e L.F. Pensado, com a colaboración de Ramón Lorenzo.

[32] Com efeito, no Grupo de Trabalho Galego tínhamos preparado um livrinho de leituras para nenos, que não viu a luz por questões do “control pedagóxico” e “control idiomático” que menciona Piñeiro. De facto, o Grupo era bem consciente deste perigo, e no seu Boletim (n<sup>o</sup> 4, julho 1971, p. 3) dedicou ao manual *Gallego 1*, do “Instituto de la Lengua Gallega”, uma pequena crítica na que várias vezes notava o seu caráter autoritário, e a “policia rigurosa” que Constantino García propusera no seu impresentável artigo “Orixen e problemas do método de galego” (*Grial*, núm. 32, 1971, p. 132).

tamén temos algúns libriños preparados e agardando. Si vides iste vran a Galicia –e confío en que viredes– poderemos falar longamente de todas esas cousas. Nós non iremos iste ano aos EE.UU.

No Grial aparece o “Plan Pedagóxico” e máis os fragmentos da novela do Iglesias.

Onte mandeivos un exemplar do Método de Galego que editou a Universidade. Ademais de editar oficialmente un Método de Galego –do que en 15 días levan vendidos uns 3000 exemplares–, crearon un Instituto da Lingua, que agrupará varias cátedras e ocuparase do “estudio e promoción da lingua”. Sin dúbida que iste Instituto será o órgano oficial do Ministerio para o relativo á lingua galega<sup>33</sup>.

Tamén vos mandei un exemplar de “Galicia 70”, un libriño que publicaron os estudantes do COU en Lugo pra arrecadar fondos para un viaxe escolar. En dez días venderon os 2.500 exemplares que tiña a tirada.

Lembranzas pra todos os amigos, saúdos aos teus e para ti unha cordial aperta de

*Ramón*

.....

[13]

Compostela, 26-I-72

Querido Carlos:

Recibín a tua carta. Levamos grande solpresa coa nova do voso accidente de auto, pois, aínda sendo un suceso que ocorre decote, cando os protagonistas son amigos a emoción xurde súpeta. Menos mal que nos vos mancástedes e que o dano foi para o auto e máis para a carteira. Ao cabo, é o mal menor. A verdade

---

[33] Como assim foi, com efeitos deletérios para a nossa língua.

é que non nos maxinabamos que estabas sosoño ahí en Londres e Pía e Xan continuaban en Vincios. En fin, ao voltaren para ahí nestes días xa a vosa vida recobra a normalidade.

Irá no GRIAL o teu artigo<sup>34</sup>. Na miña opinión non ten nada de reaccionario, porque este concepto e o seu oposto non teñen para min o contido meramente esquemático que adoitan ter para os rapaces. Nada hai menos esquemático –e menos dogmático– que a realidade mesma. Para actuar positivamente sobre a realidade, usando dese raro privilexio da especie humá, non hai camiño mellor que o do coñecemento, e para conocelela é ben certo que necesitamos asimilar o que os seus mellores intérpretes nos ensinan. O progreso consiste en recibir o saber adquirido, facelo sustancia viva da propia persoalidade e transmitirlo aos demais arrequecido coa nosa esperiencia. Negarse a esa asimilación do legado dos grandes mestres é, dende o punto de vista do progreso da humanidade, o verdadeiro reaccionarismo.

Bon, Carlos, que os teus fagan ben o viaxe e que cheguen axiña ahí pra que o voso fogar recobre decontado a súa plenitude.

Unha forte e cordial aperta do teu amigo

*Ramón*

.....

[14]

Compostela, 13 de novembro de 1.97235

Querido Carlos:

Acabo de recibir a túa carta. Alégrame a noticia de que deches cabo á novela que tiñas entre mans. Pola miña banda, lereina con moito gusto en canto chegue ás miñas mans e xa che diréi a miña impresión de lector.

---

[34] Deve de ser o núm. 31 (1971), pp. 81-3: “A vixilia da razón”.

[35] Esta é a única carta datilografada.

Tocante á pregunta que fas sobre a súa disposición mecano-gráfica, o material destinado á imprenta ten que estar escrito a dobre espacio e por unha sola cara. Do contrario, plagiaríano de erratas. Os traballos que ti mandas para o Grial veñen xeralmente a un espacio e polas dúas caras, e teño que os copiar eu na forma que che digo para os mandar a Vigo.

Xa lles diréi en Vigo que cancelen o encárgo dos exemplares do “Macbeth”, pois seguro que xa terá ahí os seus o Fernando. Por certo que podías ti facer o comentario da traducción para o GRIAL. Na semana pasada entregoume o Isidoro Millán a súa traducción galega de MURDER IN THE CATHEDRAL de Eliot<sup>36</sup>.

Recentemente celebrouse na Cruña un Congreso Xurídico de Galicia (o I°) e presentou a novidade de ser bilingüe. Asistiron mais de 300 xuristas (abogados, notarios, xueces, fiscáis, maxistrados, abogados do Estado, etc., etc.) e reinou un espírito fundamentalmente galego. Resultou moito mellor do que cabía agardar. As actas fixéronas nas dúas linguas e a publicación dos traballos será igualmente bilingüe.

Saúdos nosos para os tres. Para ti unha forte aperta de

*Ramón*

.....

---

[36] A minha recensão da tradução de Isidoro Millán foi no núm. 41 (1973), pp. 374-5: “Morte na catedral”.

[15]

Compostela, 8-XII-72

Querido Carlos:

Recibín a tua novela e, posteriormente, o comentario á traducción galega do “Macbeth”<sup>37</sup>.

Tardei algo en che escribir porque tiven bastantes atafegos e un viaxe a Madrid e faltoume vagar para ler a novela. Ao cabo, de volta do viaxe, puíden lela. Acho que ten vigor narrativo e moi crara forza simbólica. O Bisiño e mais o Grande, por unha banda, e o Martiño e o seu tío Marcelino, pola outra, compoñen ben o cadro opresores-oprimidos, e o Martiño en especial, o da persistencia defensiva no traballo. Está ben desenvolva a cega teima do Martiño, e acada grandeza épica a súa rebeldía final que culmina nas mortes do Grande e mais do Bisiño. Para o meu gusto, ahí debería rematar a novela. Coido que, tanto desde o punto de vista do ritmo narrativo como da eficacia simbólica, ahí remata moi ben a novela. O pequeno capítulo disquisitivo que lle engades a continuación quere resumir a “filosofía” da novela, cousa pouco necesaria en calquera novela, porque esa “filosofía” xa está patente, con moita mais forza, na narración mesma.

Como che digo, o vigor narrativo e a intención aleccionadora están plenamente logrados. A persoalidade dos protagonistas ten forte presenza. Tamén compre sinalar a grande riqueza e fluidez do idioma. De certo empregas un espléndido galego.

Por certo que un dos persoaxes chámase Ramiro Cartelle. E ocorre que na Coruña hai un xoven –mais ou menos da tua idade– profesor de música que se chama Ramiro Cartelle. No derradeiro número do GRIAL ven un traballo del. Desde logo, non ten a menor semellanza psicolóxica co teu persoaxe do mesmo nome.

Coido que a novela débese publicar. Cando a vexas editada sentirás desexos de seguir escribindo. E be demostrado está que o podes facer ben.

---

[37] A minha recensão da tradução de Fernando Pérez-Barreiro foi no núm. 39 (1973), pp. 119-20: “Macbeth”.

Quedei moi sorprendido coa adicatoria<sup>38</sup>. Sorprendido e emocionado. Graciñas pola tua xenerosidade.

Unha forte aperta do teu amigo

*Ramón*

.....

[16]

Compostela, 15-XII-72

Querido Carlos:

Recibín a tua carta. Vexo que concordas coa idea de suprimir o aditamento final que lle puxeras á novela. Penso que quedará mellor.

A novela está no Ferrol. Mandeilla a un rapaz que se chama Siro e que é un excelente dibuxante, para que sexa ilustrada por un artista mozo. Está entusiasmado con ela. Eu estou certo que ha de gustar. Está sin novelar o tremendo e calado drama da nosa xente do campo –que quer decir a nosa xente–, e ti abres enérxicamente ese camiño.

En fin, como pensamos ir uns días ahí no remate do ano xa falaremos.

Mentres, apertas nosas para os tres

*Ramón*

PS. Aínda non chegou o novo boletín.

---

[38] A dedicatória diz: “A Ramón Piñeiro, guieiro”, p. 7 de *A teima*, Galaxia, 1973 (publicada sem o derradeiro capítulo e com diversas “correções” ortográficas).

[17]

Compostela, 11-I-73

Querido Carlos:

Xa estamos de novo en Compostela seguindo a roda cotián de sempre, inda que confortados polas lembranzas londinenses, entre as cales está a grata visita ao voso condado de Hampstead e ao voso fogar<sup>39</sup>.

Teño no meu poder as ilustracións do Siro para “A Teima”. Son realmente espléndidas. Na carta que as acompañaba viñan unhas curiosas espricacións, que che enví copiadadas. Desde logo, os dibuxos son moi bós. Agora xa está todo listo para seguir os trámites normáis.

Onte pola tarde entregámoslle ao Fontenla<sup>40</sup> o voso paquete. Xa está, pois, no seu poder.

O sábado haberá unha xuntanza dos Inspectores-Xefe de Primeiro Ensino no Salón Reitoral da Universidade para tratar do galego na escola. Inda que non se conquira moito, o feito mesmo da xuntanza xa é importante ¿non coidas?

Apertas nosas para os tres

*Ramón*

PS. Enderezo do Siro:  
Siro López Lorenzo  
Río Castro, 66-5° izqda.  
FERROL

---

[39] Com efeito, o nosso lar estava em Hampstead; mas não é “condado” senão um bairro (denominado Hampstead Garden Suburb) do município londrino de Camden.

[40] José Luís Fontenla Rodrigues, a quem conheci em Madrid a começos dos anos 60 e com quem me uniu uma duradoura amizade, além de uma longa colaboração nos trabalhos das Irmandades da Fala.

P.S. Non atopo agora o enderezo do Patronato da Cultura Galega de Caracas. Cando o atope xa cho mandarei

.....

[18]

(s/d)

Querido Carlos:

Velahí este cordial comentario do Cunqueiro, que aproveita pra evocar as suas lembranzas de Hampstead<sup>41</sup>.

Unha aperta de

*Ramón*

.....

[19]

Compostela, 5-IX-73

Benquerido Carlos:

Lendo o “Progreso” de Lugo, en cuia páxina literaria do derradeiro domingo viña este artigo sobre “A Teima”, lembreime de que ao marchares a Londres fixéchesme un encárrago desde o aeroporto. Fiquéi abraiado. Resulta que pouco despois de telefonares ti chamoume por teléfono desde o Hostal a viuda de Xohan Vicente Viqueira, que vive en México, e saín a reunirme con ela e a acompañala por Compostela –onde ela vivira algún tempo de recén casada en 1917-, e esquecéuseme o teu encárre-

---

[41] Creio que se refere à recensão de Á. Cunqueiro no *Faro de Vigo*, 13.5.73. Com efeito, Cunqueiro estivera uns dias na nossa casa de Hampstead.

go. Como durante o mes de agosto, entre visitas e viaxes, tiven bastantes atafegos, non volvín lembrarme ¡Non te podes imaxinar a cantidade e a diversidade de asuntos que me pasaron pola man –je pola mente!– nestas semanas! O caso é que ao ler o teu nome no xornal lugués veume ao acordo, coa súpeta forza dun latigazo, a lembranza do teu encárrago. Desgraciadamente demasiado tarde. Non sabes canto o lamento.

Mándoche ese artigo dun rapaz galego de Barcelona que está a facer o servicio en Huesca. É un rapaz novo, medio anarcoide, medio bohemio, moi leitor de literartura francesa, moi dado, como rapaz que é, ao tremendismo crítico. Xa ves que a Camus e mas a ti mándavos ao Purgatorio<sup>42</sup>.

Bon, eu acho que non é malo que os rapaces falen con petulante suficiencia. Ao cabo, a medida que vaian madurecendo aprenderán a xuzgar con tino. É moito mellor que discutan e runfen que non que se manteñan alleos ou indiferentes.

Nós partimos mañán para Asturias e permaneceremos alá deica o domingo 16. Son as nosas vacacións.

Estivo por eiquí o Toubes<sup>43</sup>.

Acabo de recibir un libro de poemas galegos escritos por un fillo de irlandeses nado e criado en Londres<sup>44</sup>. Polo visto vai to-dolos vrans a Valdoviño e aprendeu o galego por aquelas terras ferrolás.

Apertas nosas para os tres

*Ramón*

.....

[42] Era X. González Gómez quem fez a crítica em *El Progreso*, Lugo, 2.9.73.

[43] Trata-se do ceramista Xavier Toubes, do Grupo de Trabalho Galego.

[44] Trata-se de Gerald Denley, que publicou poemas galegos em *Grial*.

[20]

Compostela, 12-XI-73

Querido Carlos:

Hai ben tempo que recibín carta tua, mas entre unha gripe que me obrigou a gardar cama –co conseguente amoreamento e trastorno no traballo–, a necesidade de facer a resposta académica ao discurso de ingreso de Marino Dónega na Academia Galega, e facer tamén unha resposta –polémica– a Rodrigues Lapa<sup>45</sup> para publicar no próximo GRIAL, fóiseme enredando o tempo e teño unha chea de cartas sin contestar.

Impresionoume moito a escena da aldea abandonada, San Cosmiño do Monte<sup>46</sup>, que relatas na tua carta. Non teñas reparo de o contar nunha novela ou onde sexa, digan o que queiran os “inquisidores”. Si se quere traballar en serio, compre non lles dar creto, ou mellor, rirse deles.

Alegrámonos moito da boa reacción do Xan ante a experiencia escolar. Agora agárdalle outra experiencia nova coa chegada do irmanciño.

Por eiquí imos indo coma sempre. Temos moi bon outono.

O Gerald Denley vive polo inverno en Londres. Polo que me contan é unha gran persoa e un gran bohemio, un ser pouco dotado pra triunfar nunha sociedade industrial. Sin dúbida por eso fuxe para Valdoviño. No próximo GRIAL veñen poemas del.

---

[45] Refere-se ao artigo de Lapa “A recuperação literária do galego”, publicado na revista Colóquio/Letras, Lisboa, núm. 13, 1973, pp. 5-14; reproduzido em *Grial*, núm. 41, 1973, pp. 278-287 (e depois em *Estudos galego-portugueses*, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1979); a resposta de Piñeiro é a “Carta a don Manuel Rodrigues Lapa”, *Grial*, núm. 42, 1973, pp. 389-402, reproduzida em dezembro no jornal *El Ideal Gallego*, da Crunha, em 5 entregas sucessivas; e posteriormente no seu livro *Olladas no futuro*, Galaxia, 1974, pp. 261-279. Ambos os artigos concernem-me também a mim, porque ambos me mencionam, porque ambos foram escritos por pessoas amigas, e porque o tema fulcral é de tal importância que confirmou profundas diferenças que andando os anos resultaram ser insalváveis.

[46] Em Bainha, perto de Baiona, que com efeito estava totalmente abandonada por aqueles anos, devido à emigração massiva.

O Siro mercóu un piso –que fomos estrenar Isabel e mais eu– e está moi ledó. Traballa moito. Dentro de dez días fará unha exposición de dibuxos en Lugo e despois outra en Ourense.

Apertas nosas para os tres

*Ramón*

.....

[21]

Compostela, 24-I-74

Querido Carlos:

Quedamos abraiados coa noticia da tua tetania producida por un antibiótico demasiado eficaz. Imaxinamos doadamente a tua situación de ánimo ao longo do mes de Nadal. Verdadeiramente, os médicos deberían facerse mais prudentes coas manipulacións biolóxicas.

Alegrounos moito aos tres a feliz chegada do Xavier, inda que represente unha notable complicación familiar por mor dos celos de Xoán. Pouco a pouco irá acostumbrándose á presenza do novo membro da familia.

Coido que xa terás recibido o GRIAL, pois ocorreu que tiñan traspoleirada a tua ficha e mandároncho con retraso. Como verás, trátase dun número bastante polémico<sup>47</sup>.

Recibín, claro, o número 1 de “El emigrante”<sup>48</sup>. Comprendo que che resulte incitante esa empresa, porque a idea de que as ideas, sentimentos e problemas dos emigrantes teñan expresión leal e non mediatizada é de seu moi atraente. Como ti tés corazón xeneroso e azos entusiastas, a tentación de axudar esa empresa acáeche moi ben. E ademais sempre che porporcionará experiencias interesantes.

---

[47] Deve de ser o núm. 42, com a resposta de Piñeiro a Lapa.

[48] Era o boletim *Emigrante*, do qual eu era co-fundador. Embora fosse redigido em castelhano, levava colaborações em galego.

Teño unha boa noticia que che dar. Acaban de se celebrar en Ourense as segundas Xornadas de Cine e nelas discutiron con gran interese e con moito entusiasmo os problemas do cine galego. Presentáronse dous cortos –“O Corpiño” e mais “A Morte do Mariscal”-. Agora vanlle facer unha película a Otero Pedrayo, con guión de Carlos Casares. Tal como quedaron as cousas, semella que se pon en marcha un intento serio para a promoción do cine galego.

Olla: o Andrés Torres Queiruga precisa con urxencia –por razóns da tese de doutoramento, que xa a ten feita e vai defendela– un libro que se editou ahí en Londres<sup>49</sup>. Veume ver prea me preguntar si nos podíamos valer da tua mediación. Encargoume moito, eso sí, de que digas a forma de pago que che convén mellor. Si tés conta aquí e queres que che ingrese o importe na conta ou si hai forma de enviar un xiro ahí. Ou si hai algún libro de aquí que che interese.

Saúdos nosos para os catro. Para ti unha forte aperta do teu amigo

*Ramón*

.....

---

[49] Creio lembrar que se tratava dum texto litúrgico só atingível na livraria Mowbrays, especializada nesses temas. Naturalmente atendi com gosto o pedido, embora só conhecesse brevemente o Torres Queiruga na casa de Piñeiro.

[22]

Compostela, 20-VIII-74

Querido Carlos:

Recibín a tua carta co artigo encol do ensaio<sup>50</sup>. Coido que corresponde perfectamente ao que Paco<sup>51</sup> quere. Mañán imos pasar uns días con eles en Praia América e xa llo levo.

Anteriormente chegóu o teu traballo encol de Popper<sup>52</sup>. Xa está en Vigo para ser incluído en GRIAL. Non deixes de enviar cousas de vez en cando. Compre darlle riqueza intelectual á revista.

Apertas nosas para os catro

*Ramón*

.....

[23]

Compostela, 15-III-75

Benquerido Carlos:

Recibín a tua carta. Comprendo perfectamente o teu estado de ánimo actual –que, naturalmente, non comentarei con ninguén en absoluto– e, porque o comprendo, decátome das difi-

---

[50] Deve de ser o *Almanaque Galaxia*, 1975 (em cujas pp. 6 e 106-9 ia o meu artigo “O ensaio”).

[51] Paco (Francisco Fernández) del Riego, a quem víamos todos os veráos em “Praia América” (Lourido); também na fundação Penzol, de Vigo, e naturalmente em Galáxia; em certa altura encarregou-me das relações públicas e vendas de Galáxia em Inglaterra, e também me fazia algum encargo para amigos (por exemplo Cunqueiro), como livros, alojamento, etc. Andando o tempo, quando as nossas relações enfriaram por não concordarmos com a orientação linguística, num encontro fortuito em Vigo disse-me: “hai que ser consecuentes”, referindo-se à sua trajetória galeguista; eu, por respeito às cãs, calei (sabendo muito bem a história dos seus encontros e desencontros com Guerra da Cal, e porque ademais não havia por ali nenhum espelho...).

[52] Núm. 46 (1974), pp. 475-8: “A epistemoloxía de Karl Popper”.

cultades que estás atravesando. Na miña opinión trátase dunha fochanca (un “bache”) temperamental que te ensumiu nunha situación depresiva. Nese estado de ánimo o mundo vírase maçoante, a vida vírase abeseda, a convivencia vírase difícil. Mas olla, Carlos: ti sabes ben, por propia experiencia biográfica, que esa crise é transitoria, que ese desacougo é pasaxeiro. Un día calquera, escoitando os paxaros do xardín ao abrente do día ou contemplando o rebulir vital dos nenos, a ledicia vital abrochará de novo no teu ánimo. Estou certo que será axiña. Xa o verás. Eu teño pasado esas situacións de desalento e seino.

Si te animas a mandar os comentarios sobre o “Almanaque” e sobre “Mementos” para o GRIAL, alegrarémonos. O artigo que mandaches sobre “A tecnoloxía intermedia do doutor Ernst Schumacher”<sup>53</sup> está moi ben. Sempre resultan moi interesantes eses traballos teus de información cultural avanzada.

Hai mais lectores de “Olladas no futuro” que coinciden contigo nas preferencias, tanto na “Carta a Cunqueiro” como na semblanza de Villar Ponte. Houbo un lector amigo que me mandou unha “Carta a Ramón Piñeiro” glosando e actualizando a “Carta a Cunqueiro”.

O novo xerente de Galaxia é Valentín Arias, que conoces. Comunicareille que che mande os dous exemplares de “A teima”.

Por aquí houbo grande rebumbio conmemorativo do 25 aniversario da morte de Castelao. Os grupos identificados co Alonso<sup>54</sup> e mais co Ferrín<sup>55</sup> despregaron moito dinamismo con-

---

[53] Núm. 50 (1975), pp. 500-4: “A tecnoloxía intermedia do Dr E. F. Schumacher”.

[54] Xesús Alonso Montero, com quem tive relação epistolar desde começo dos anos 70, depois pessoal (em Lugo, em Vigo e em Londres, onde esteve na minha casa); também em relação com a “Gran Enciclopedia Gallega” e o seu editor. Em certa conversa comigo, em Vigo, acusou Rodrigues Lapa de imperialismo linguístico.

[55] Xosé Luis Méndez Ferrín (ver nota 22); aquando o lançamento de “A teima”, numa feira do livro em Vigo ajudou-me na barraca de Galáxia; em Londres consegui-lhe algum livro político dificilmente atingível em Espanha. Mas, quando se inteirou de que eu era reintegracionista, deu em alcinhar-me de “santinho lusista”.

memorativo, inda que o dos segundos axiña naufragou gubernativamente. Tanto uns como outros tenden a reforzar a politización da figura. Nós dedicamos o derradeiro GRIAL a Castelao, mas con intención de obxetividade.

O ambiente vaise animando pouco a pouco. Claro que no veciño Portugal está moito mais animado.

Unha forte e cordial aperta do teu amigo certo

*Ramón*

PS. Do Lugrís non sei nada directamente desde hai moitísimo tempo. Polo pai del vou sabendo por onde andan. As novas mais recentes que teño son de que mercaron un piso en Madrid para situaren nesa capital o seu centro de traballo.

[24]

Compostela, 8-III-89<sup>56</sup>

Benquerido Carlos:

Graciñas polas tuas palabras portadoras dunha sincera mensaxe de fraternidade cristiana ben confortadora nestes trances en que un sentimento de soedade profunda se apodera do ánimo. A mensaxe sinceramente cordial dos amigos é a que dá alento para sobreporse e reanudar a vida normal, que é o que procuro facer coa esperanza de que o vacío tan omnipresente nestes momentos se convirta co tempo en presenza ideal na memoria.

Apertas fraternas para ti e todolos teus de

*Ramón Piñeiro*

---

[56] Esta é a derradeira carta que conservo de Piñeiro, resposta à minha de pêsame pela morte da sua esposa Isabel. A minha derradeira carta a ele é do 30-V-90, que já não foi respondida, pois suponho que estava bastante mal. Depois do seu falecimento, em 27 de agosto do 90, recebi uma notinha da sua irmã Sara, do 10 de setembro, agradecendo o meu pêsame a ela.

Comportela, 8-III-89

Querido Carlos:

Gracias por las tuas palabras portadoras dunha sincera mensaxe de fraternidade cristiãna ben confortadora neste trance en que un sentimento de soledade profunda se apodera do ánimo. A mensaxe sinceramente cordial dos amigos é a que dá alento para sobreporse e reanudar a vida normal, que é o que procuro facer coa esperanza de que o vacío tan omnipresente neste momento se converta co tempo en presenza ideal na memoria.

Apertas fraternas para ti e todos os teus de

Ramón Piñeiro

---



# Carta de Ramom Pinheiro a Montero Santalha

## À maneira de apresentação

---

José-Martinho Montero Santalha – Universidade de Vigo

Das várias cartas que me enviou Ramom Pinheiro durante a nossa longa relação pessoal (iniciada no ano 1967 e concluída somente com o seu falecimento em 1990), reproduzo aqui, em saudosa homenagem de lembrança, uma do ano 1974.

Lembrarei, antes de mais, alguns dados da minha relação com ele.

Conheci pessoalmente Ramom Pinheiro em Santiago de Compostela em setembro de 1967 o mesmo dia que conheci Ricardo Carvalho Calero, e foi na casa de Pinheiro, no número 15 da Rua Gelmírez (edifício propriedade de Domingos Garcia-Sabell, no qual ambos, Pinheiro e Carvalho, moravam, em diferentes pisos). Lembro que Carvalho comentou que acabava de sair tanto a gramática galega de Leandro Carré como a reedição da de Saco Arce, publicadas as duas nesse mesmo ano 1967; e recordo bem que, a propósito da de Carré (que, como se sabe, é um trabalho muito deficiente), Carvalho, com a sua habitual cortesia, não fez nem o mais leve comentário crítico, o que nesse momento em que eu ainda não conhecia a obra não me chamou a atenção, mas sim mais tarde, quando a conheci: só então me dei conta da fina atitude de respeito que, andando o tempo, tanto cheguei a admirar em Carvalho. Também lembro que Pinheiro comentou que já entregara aos directi-

vos da Real Academia Galega o seu discurso de ingresso e que agora estava pendente de que eles lhe assinalassem o dia para a cerimónia pública (que seria no seguinte 25 de novembro). Foi casualidade que no meu derradeiro encontro com Pinheiro andou também implicada a figura de Carvalho: falei por última vez com Pinheiro no enterro de Carvalho Calero, no cemitério compostelano de Boisaca, em Santiago, nos fins de março de 1990. Pinheiro, que estava já gravemente doente (faleceria só cinco meses depois, em agosto desse mesmo ano) e, ademais, ficara viúvo havia pouco mais de um ano, teve então a coragem de acudir ao funeral e ao enterro do seu sempre admirado Carvalho: uma presença que merece salientar-se tanto pelo seu estado de saúde como pelo contraste com chamativas ausências de outras personalidades da vida cultural e política galega do momento, pois é bem sabido que desde alguns sectores da cultura oficial e da política Carvalho era hostilizado e marginado por causa da sua defesa da unidade linguística galego-portuguesa.

Uma vez, ainda durante a época do imediato após-franquismo (lembro, por algum pormenor da conversa de Pinheiro que me ficou gravado na memória, que era então presidente do governo espanhol Arias Navarro), levei-o a dar uma conferência sobre a cultura galega, para o clero da diocese de Mondonhede (de cuja Formação Permanente estava eu responsabilizado na altura), que se celebrou em Vilalva.

Quando na Real Academia Galega decidiram nomear membro numerário o bispo de Mondonhede-Ferrol Dom Miguel Ângelo Araújo, Pinheiro telefonou-me pedindo-me explorar a atitude do bispo ao respeito e, em caso de que se mostrasse bem disposto a fazer parte da Academia, conseguir citação para um encontro. E assim foi como uma delegação da Academia acudiu à *Domus Ecclesiae*, de Ferrol, entrevistar-se com Dom Miguel para conseguir que aceitasse o nomeamento, como assim foi.

Outra vez, anos depois, residindo eu ainda em Ferrol, fui convidado para fazer a sua apresentação numa conferência que ele pronunciou numa sala pública, organizada por uma entidade da cidade; e as minhas palavras de admiração e carinho nesse

acto não deixaram de produzir-lhe uma emoção que mal pôde reprimir, pois eram já os tempos em que, por causa do seu novo compromisso político com o PSOE, Pinheiro passara a ser objecto de crítica por uma boa parte da cultura galega.

A nossa relação foi sempre cordial, de respeitosa e mesmo afectuosa veneração pela minha parte, e de carinho e aprezo pela dele; e essa atitude não mudou sequer nos últimos anos da sua vida, quando o debate da identidade linguística se manifestou com dureza, e apesar de que as nossas posições ao respeito eram algo diferentes –e apesar de que nalguma ocasião não fiquei plenamente satisfeito com a sua atitude pessoal.

Na realidade, creio que Pinheiro, ainda que pareça ter incorrido em alguma contradição prática, não deixou nunca de defender a unidade linguística galego-portuguesa como chave para o futuro idiomático da Galiza, e em conversas particulares com ele tenho experimentado repetidamente que se sentia incómodo com os defensores da desmembração linguística do galego. Penso ter sido eu quem o convenceu (como também a Carvalho Calero) para que acudisse às reuniões que no ano 1977 se celebraram em Santiago convocadas pelo Instituto da Língua Galega (ILG), que supuseram um momento de esperança –finalmente esvaecida– de encaminhar adequadamente a normativa linguística galega, e das quais saíram as normas linguísticas conhecidas como *Bases pra unificación das normas lingüísticas do galego*; Pinheiro, e em geral toda a Real Academia Galega de então, era hostil ao ILG (tanto aos seus postulados linguísticos como às atitudes dos seus promotores, nomeadamente pela rebeldia que mostravam perante as normas académicas), e acudiu alguma vez a essas reuniões, mas sem grande convicção.

Das cartas que me enviou, várias tratam sobre a problemática linguística: alguma faz referência ao mestre Rodrigues Lapa, alguma outra critica severamente a gente do ILG. Noutra, respondendo a uma proposta minha, encomendava-me elaborar uma tradução galega do diário de viagem de Egéria e dos escritos de Prisciliano, para ser publicados pela Editorial Galaxia, trabalhos a que pus mão imediatamente mas que depois, por causa do problema da normativa, nunca chegariam a porto...

A carta que aqui reproduzo refere-se ao «Manifesto para a supervivência da cultura galega», que elaboráramos um grupo de galegos residentes em Roma nos começos do ano 1974, com a ideia de que fosse publicado na revista *Grial*. Ao meu envio do trabalho, Piñheiro respondeu, como se vê, que não era possível publicá-lo em *Grial*, por motivos de índole política, e sugeria que seguramente poderia ser editado em um folheto pela colectividade galega de Buenos Aires. Parece-me que não chegamos a intentar essa edição em Buenos Aires, pois com vistas a que fosse mais facilmente divulgado na Galiza foi finalmente publicado nesse mesmo ano 1974 nas revistas *Seara Nova*, de Lisboa, dirigida na altura por Rodrigues Lapa, e, em versão castelhana, na revista madrileña *Cuadernos para el diálogo*.

Compostela, 5-IV-74

D. D. José Maximino Montero Santalla  
 Colegio Español  
 Vía de Torre Roma, 2  
 00165 ROMA

Benquendo amigos:

Recibín as tuas copias do "Manifesto para a supervivencia da cultura galega", que está moi ben pensado e moi ben escrito. E, sobre todo, presentado con ~~tenza~~ <sup>tenza</sup> sinceridade xuvenil. Nós estudamos as posibilidades da súa publicación no *GRIAL*, mas, tal como está redactado, resultamos imposible. Os criterios da vosa liberdade expresiva — abí en Roma — non coinciden cos criterios da censura ~~que~~ que aquí decide. O exemplo da homilía de Añoveros pode servir de proba obxectiva, pois na tel homilía non se podía máis que defender uns dereitos que venen en os mesmos que vós reclamades no voso "manifesto".

Persoalmente credo que o "manifesto" merece publicarse. Resulta moi interesante que se manifesten os puntos de vista dos xóvenes, e máis

## Carta de Ramom Pinheiro a Montero Santalha:

Compostela, 5-IV-74

Sr. D. José Martinho Montero Santalla  
Collegio Spagnolo, Via di Torre Rossa, 2. 00165 ROMA

Benquerido amigo:

Recibín as dúas copias do “Manifesto para a supervivencia da cultura galega”, que está moi ben pensado e moi ben escrito. E, sobre todo, presentado con tensa sinceridade xuvenil. Nós estudamos as posibilidades da súa publicación no GRIAL, mas, tal como está redactado, resúltanos imposible. Os criterios da vosa liberdade expresiva –ahí en Roma– non coinciden cos criterios da censura que aquí decide. O exemplo da homilía de Añoveros pode servir de proba obxetiva, pois na tal homilía non se facía mais que defender uns dereitos que veñen ser os mesmos que vós reclamades no voso “manifesto”.

Persoalmente coido que o “manifesto” merece publicarse. Resulta moi interesante que se manifesten os puntos de vista dos xóvenes, e mais aínda cando están meditados responsablemente e expostos con gran claridade. Eu penso que se podería enviar a Buenos Aires para que o publiquen alí nun folleto. Si a idea vos parece ben, podedes enviarlle unha copia a Rodolfo Prada, Avenida de San Juan, 2767 - 5° B - Buenos Aires, a quen eu lle escribirei falándolle do asunto. El é un home moi maior –foi o mais íntimo amigo e colaborador de Castelao en Buenos Aires–, mas de espírito xuvenil e afervoado. Como é intelixente e culto, ten papel activo nas actividades culturais da colectividade galega e pode promover a publicación do manifesto.

Supoño que xa sabedes que os escrituristas galegos están traballando en equipo na traducción da Biblia á nosa lingua.

Unha forte aperta de

*Ramón Piñeiro*

Rt<sup>e</sup>: R. Piñeiro - Gelmírez, 15  
Santiago de Compostela



## Relatos de *Um queipo no lar*

# ISABEL

Adela Figueroa Panisse

Conheci Isabel na casa de Pinheiro. (Assim era como eu chamava a aquela vivenda.) Era a sua mulher.

Uma mulher alta, mais bem grande. Amável e tranquila. Tinha um peculiar jeito de falar, sobretudo na pronuncia do *lhe*, como se a língua lhe quedasse atracada no fundo da boca entre os dentes. Tentava falar galego, mas com fortuna pouca (isso digo-o com ternura, a que a lembrança dela me inspira). Tinha grossas gafas escuras, de montura semelhante às que levava o seu home.

De Isabel lembro, sobretudo, os seus riquíssimos flanes de coco. Também a sua amabilidade e o ar de serenidade que desprendia. Ia sempre vestida de escuro. Pelo menos essa é a imagem que eu guardo na minha memória. Uma mulher de membros longos e movimentos pausados.

Na minha casa relatava-se, acerca dela e de Pinheiro, uma história muito romântica que nunca comprovei, mas da qual eu gostava.

Conheceram-se em Lugo. Ela era enfermeira vinda de Astúrias, e ele estava ingressado no hospital, quase cego, quando o trouxeram de Madrid.

Pinheiro fora apanhado numa armadilha no após-guerra na capital de Espanha. Dizia meu pai que por causa dum sopro dalgum. Vinha de Paris de estar com os representantes do Governo Galego no exílio, e parara num café para reunir-se com elementos de esquerda. Ali fora colhido preso, numa redada.

No cárcere passou-o mal e foi ficando cego. Minha mãe contava que se fazia, entre os amigos de Lugo, recolha de comida, livros ou diferentes coisas para ele. Levava-lhas Milucho Gil Varela, irmão de Álvaro, quem fora Secretário do Partido Galeguista de Lugo,

(Álvaro Gil tinha sido preso e condenado à morte. Salvou a vida e, depois da Guerra “Incivil”, incorporou-se ao grupo de empresas dos Fernández de Lugo e ficou muito bem situado economicamente em Madrid. Desde ali fez de mecenas da cultura galega patrocinando economicamente todo tipo de projetos, como a Editorial Galaxia, da qual Pinheiro foi Diretor durante muitos anos. Álvaro tem ajudado a muitas personalidades do Galeguismo histórico, como Ramón Pinheiro ou Dona Virgínia, a viúva de Castelao. Justo é que aproveitemos a ocasião para irmos deixando testemunha do seu bom fazer com relação à nossa terra).

Para Ramón, da minha casa iam medicinas de todo tipo e botes de leite condensado Nestlé que, naquela época da fome, vendiam-se na Farmácia, quase como medicina. Pelos vistos, isso fazia-o meu pai às escondidas da minha mãe: o leite era prioritário para os filhos...

A Pinheiro ajudou-o a sair do cárcere Antonio Rosón (presidente da Deputação de Lugo no franquismo), com quem manteve, de sempre, uma dívida permanente.

(Rosón foi, andando o tempo, o primeiro presidente da Autonomia de Galiza, não eleito, proposto por Adolfo Suárez. Dizem algumas línguas que isto foi assim por conselho de Pinheiro, por oposição a Bibiano Fernández-Osorio Tafall, que tinha sido chamado por Suárez para presidir a Galiza, como Tarradellas o fora para Catalunya. Tafall foi uma das personalidades galegas que tem alcançado um dos mais altos níveis da intelectualidade internacional e com um impressionante currículo galeguista (como anedota, dele tinha dito a atriz Joan Crawford: «Tafall era como a última credibilidade que quedava à guerra de Espanha e ao antifascismo internacional».)

Quando Ramón saiu do cárcere trouxeram-no para Lugo, onde os amigos o podiam ajudar melhor. Entre outros, meu pai

como médico e farmacêutico, quem fundara com ele as Mocidades Galeguistas de Lugo, e Exiquio Sánchez Cuesta, um dos melhores médicos que passaram por Lugo e um bom amigo de meu pai. Exiquio não tinha nada a ver com as ideias políticas nem galeguistas nem de esquerdas, mas era um profissional de grande categoria e uma boa pessoa. Isabel trabalhava de enfermeira com Exiquio Sánchez Cuesta.

E lá, no hospital, conheceram-se Isabel e Ramón. Ramón nunca vira a Isabel com claridade, porque no cárcere perdera a vista. Pero sabia que o cuidava muito bem. E eu suponho que, em Isabel, aquele home de ar frágil e de aspecto intelectual deveu despertar uma grande devoção, que sempre vi nela.

Contavam na minha casa que, como se conheceram sendo ele cego, Isabel tinha medo do que podia pensar Ramón dela quando a visse. Temia que não gostasse dela.

Diziam que, quando ele por fim a pôde ver, quando lhe pôde conhecer a cara disse-lhe:

“– Tu ÉS tal e como eu imaginara.”

Percebia-se que Isabel sentia grande admiração pelo seu home: mistura de sentimento protetor e cumplicidade com as suas ideias, ainda que dando a impressão de estar sempre a olhar todo desde um balcão. Eu julgava que era prudência e respeito. Mantinha uma certa distância no que se referia ao mundo das ideias, mas era experta em estabelecer ligações afetivas entre o monto de gente que visitava sua casa, naquele terceiro piso da rua do Arcebispo Gelmírez em Santiago.

Com Isabel nunca falei de política nem de galeguidade, ou do que fosse eu falar com Ramón naquela casa. Mas sempre percebi que tinha uma grande capacidade para fazer análises profundas das gentes e das cousas. Era uma magnífica anfitriã e cozinhava muito bem.

Sempre estava lá. Com uma presença case imperceptível. Sem molestar, mas toda a quantidade de gente que visitava ao seu homem podia perceber que alguém, que não entrava na conversa, nem interferia nas decisões importantes que se tomariam, com segurança, naquela casa, mantinha o controlo doméstico do lar. Sempre protetora do Ramón e do fogar que tinham mon-

tado. Trazendo ora um café ora algum petisco até a sala onde reinava aquela “mesa camilha” que chegou a ser tão famosa em Compostela. Sem esquecer nunca o seu home.

Alguma vez tem mostrado preocupação polo labor que o seu companheiro desenvolvia. Sempre no sentido prático que a caracterizava. Parecia temer que tanta parolada ficasse apenas nisso: só palavras. Temia que todo aquele ir e vir de gente, não deixasse nada perdurável.

Mas Ramón Pinheiro deixou pouco escrito: para além dos artigos jornalísticos, apenas dois livros de ensaio, e a testemunha que Carlos Casares recolheu no seu livro (*Piñeiro unha vida por Galicia*). Conta este que Isabel chegou a regalar-lhe uma caderneta para que anotasse nela “o que falas com Ramón”.

Isso mostra como a sua preocupação era real e clarividente. E também deixa ver o respeito e a devoção que tinha polo seu companheiro.

Sempre esteve ao lado de seu home, amparando-o com o seu braço.

Lembro-a no enterro do pai de Ramón na casa de Armea, em Láncara, tomando conta da gente e da organização da casa

De estatura um pouquinho superior à dele, sempre a vim de sapato baixo. Ele caminhando a par dela com aquele andar inseguro de quem vê pouco, colhido do seu “ganchete”. Todas as tardes desde a casa de Gelmirez até a Rosaleda, à casa de Garcia-Sabell; a Norte-América, a Paris, a Láncara. Cuido que não se separaram muito.

Isabel foi como uma de tantas mulheres de galeguistas. Fiel ao seu companheiro e, por isso, fiel as ideias que ele defendia. Também fiel ao jeito que ele tinha de as defender. Em segundo plano, atendendo às suas necessidades materiais e afetivas. Assegurando-lhe a intendência material e espiritual. Partilhando a sua vida, mas sem entrar demasiado nela.

Neste ano 2009 em que as letras galegas se dedicam a Ramón Pinheiro López quero dedicar eu a mais carinhosa lembrança à sua mulher, ISABEL, companheira da sua vida, amparo do seu andar, cúmplice das suas ideias, sem que por isso necessitasse entendê-las, e que o amou até a sua morte com dedicação total.





# ESTUDOS

» *Tecnologias Informatizadas em Análises Lexicais, Textuais e Discursivas.*

ZILDA MARIA ZAPPAROLI, NEIDE FERREIRA GASPAR,  
EDENIS GOIS CAVALCANTI

» *O Apalpador e o toro de Natal; ou «Papá Noël» e a árvore de luzes.*

CARLOS CALVO VARELA



# TECNOLOGIAS INFORMATIZADAS EM ANÁLISES LEXICAIS, TEXTUAIS E DISCURSIVAS:

UMA EXPERIÊNCIA DO GRUPO  
INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS  
EM LINGÜÍSTICA INFORMÁTICA

---

Zilda Maria Zapparoli<sup>1</sup>, Neide Ferreira Gaspar<sup>2</sup>,  
Edenis Gois Cavalcanti<sup>3</sup>

**ABSTRACT:** Certified by the University of São Paulo (USP) and officially registered in the directory of the National Council of Technological and Scientific Development (CNPq) since 2002, the Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Lingüística Informática (Linguistic Informatics Interdisciplinary Research Group) congregates lecturers, professors, post-graduate and former graduate students who are interested in promoting an interchange between researchers in the fields of mathematical and language sciences. The Group's studies are particularly concerned with computer technology applied to lexical and discourse analysis, with the creation of data bases comprising different types of language manifestations (written or oral, of technical, literary, legal, medical, journalistic or advertising character), in different languages and with various aims (to be used

---

<sup>1</sup> Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas–Universidade de São Paulo (USP) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) / z mz@usp.br

<sup>2</sup> Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas–Universidade de São Paulo (USP) / neidegaspar@gmail.com

<sup>3</sup> Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas–Universidade de São Paulo (USP) / edenis@usp.br

in teaching, research, diagnosis and expert verification). The members of the Group are also concerned with the analyses of bases generated with the aid of computer tools and descriptive-statistical methods. In the exploration of the lexical, textual and discursive constitution of texts, the method of choice is that developed by André Camlong (University of Toulouse II). Based on parametric statistics and mathematics, this method entails a quanti-qualitative analysis of language manifestations, indicating directions in text and discourse analysis. The use of the method results in (1) a survey of lexical items, arranged in frequency vocabulary lists and frequency distribution tables - arithmetical calculus - therefore, quantitative treatment of data; (2) the constitution of preferential, normal and differential vocabularies, based on reduced deviation tables - algebraic calculus - therefore, quanti-qualitative treatment of data; (3) use of statistical tests - among them, lexical distribution normality and correlation. These results reveal the constitution of the lexis by means of quanti-qualitative lexical description. The results are presented in studies which analyzed the following corpora: (a) Oral Discourse corpus - Portuguese Language spoken in São Paulo (Zilda Maria Zapparoli); (b) Literary discourse corpus - Fernando Pessoa (João Martins Ferreira); Machado de Assis (Daniela Fregonese Bragazza); Fantastic Realism (Neide Ferreira Gaspar); Guimarães Rosa (Márcia Angélica dos Santos); (c) Biblical Discourse corpus - St. Paul's Epistles (Edenis Gois Calvanti); (d) Public Speech Discourse Corpus - the 1987-1990 strike of Pernambuco workers in Education (Maria Cristina Hennes Sampaio); (e) School Essay Discourse Corpus (Luís Rogério da Silva). Because it makes quanti-qualitative lexical analysis possible, the method employed unveils new perspectives in discourse analysis, with an approach which is interdisciplinary par excellence.

**KEY-WORDS:** Linguistic Informatics; Linguistic Informatics Interdisciplinary Research Group; informatics technology in lexical, text and discourse analyses; quanti-qualitative treatment of lexical data.

**RESUMO:** Certificado pela Universidade de São Paulo e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq em 2002, o Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Linguística Informática reúne docentes, pós-graduandos e ex-alunos de pós-graduação da USP, com o objetivo de promover intercâmbio de experiências entre pesquisadores das ciências exatas e da ciência da linguagem. As investigações do Grupo dão especial atenção a aplicações de tecnologias informatizadas em análises lexicais, textuais e discursivas, pela geração de bases de dados de diferentes tipologias de textos (verbais orais ou escritos, de caráter técnico, literário, jurídico, jornalístico, publicitário, patológico), em diferentes línguas, para diferentes finalidades (ensino, pesquisa, perícia, diagnóstico), e pela análise das bases geradas mediante a utilização de ferramentas informáticas e de métodos estatístico-descritivos. Na exploração da constituição lexical, textual e discursiva, aplica-se o método de análise de textos de André Camlong (Universidade de Toulouse II). Fundado na matemática e na estatística paramétrica, o método permite a análise quantitativa do léxico, que indica apontamentos para a análise textual e discursiva. Da aplicação do método resultam: (1) levantamento lexical, com constituição de vocabulários de frequência e de tabelas de distribuição de frequências - cálculo aritmético - tratamento quantitativo; (2) constituição de vocabulários preferenciais, normais e diferenciais, a partir de tabelas de desvios reduzidos - cálculo algébrico - tratamento quantiquantitativo; (3) aplicação de testes estatísticos - normalidade de distribuição lexical, correlação, entre outros. Esses resultados dão a conhecer o léxico através de uma descrição lexical quantiquantitativa. Os resultados são descritos em trabalhos relativos à análise dos seguintes corpora: (a) Corpus de Discursos Orais - Português Falado de São Paulo (Zilda Maria Zapparoli); (b) Corpus de Discursos Literários - Fernando Pessoa (João Martins Ferreira); Machado de Assis (Daniela Fregonese Bragazza); Realismo Fantástico (Neide Ferreira Gaspar); Guimarães Rosa (Márcia Angélica dos Santos); (c) Corpus de Discursos Bíblicos - Epístolas de São Pau-

lo (Edenis Gois Cavalcanti); (d) Corpus de Discursos Públicos – Greve da Educação em Pernambuco, 1987-1990 (Maria Cristina Hennes Sampaio); (e) Corpus de Discursos Escolares (Luís Rogério da Silva). Por permitir uma análise dos dados a partir de um tratamento lexical quantiquantitativo, o método empregado descortina aos pesquisadores novas perspectivas em análises do discurso, numa abordagem por excelência interdisciplinar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lingüística Informática; Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Lingüística Informática; tecnologias informatizadas em análises lexicais, textuais e discursivas; tratamento lexical quantiquantitativo.

### **1. Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Lingüística Informática.**

Certificado pela Universidade de São Paulo e cadastrado no *Directorio de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq* em 2002, o *Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Lingüística Informática*, liderado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zilda Maria Zapparoli, tem o objetivo de promover intercâmbio de experiências entre pesquisadores da área de exatas e das humanidades em geral, em especial, entre as ciências exatas e a ciência da linguagem. Para isso, os seus integrantes desenvolvem e divulgam trabalhos que se situam na interação entre Lingüística e Informática, de forma a que o grupo atue como agente multiplicador de métodos avançados de análise e de tecnologias de ponta na pesquisa lingüística junto a estudiosos de diferentes áreas.

A *Lingüística Informática*, concebida como abrangendo as diversas áreas em que as tecnologias informatizadas estão relacionadas aos estudos da linguagem – *Lingüística de Corpus*, *Lingüística Computacional e Processamento de Língua Natural* –, propõe-se, de um lado, à *utilização de recursos da Informática na Lingüística* para o armazenamento, processamento e recuperação quantitativa e qualitativa de informações lingüísticas; de

outro, à *utilização de recursos da Lingüística na Informática* para o desenvolvimento de sistemas que exigem equipes multidisciplinares, nas quais se incluem lingüistas, como sistemas de tradução automatizada, de ensino de línguas naturais a distância, de produção e reconhecimento de línguas naturais.

Nessa dimensão, as pesquisas inseridas na área da *Lingüística Informática* abordam temas por excelência interdisciplinares, relacionados ao emprego de novas tecnologias nos estudos lingüísticos: *Constituição de Corpora Eletrônicos, Análise Informatizada de Textos, Análise Fonética por Computador, Tecnologias Interativas, Sistemas de Ensino a Distância, Aplicações em Multimídia para o Ensino de Línguas Naturais, Processamento de Línguas Naturais*.

As investigações do grupo dão especial atenção ao exame de usos e aplicações de tecnologias informatizadas nos estudos da linguagem através da geração de bases de dados de diferentes tipologias de textos (verbais orais ou escritos, de caráter técnico, literário, jurídico, jornalístico, publicitário, patológico), em diferentes línguas, para diferentes finalidades (ensino, pesquisa, perícia, diagnóstico), e da análise das bases geradas mediante a utilização de ferramentas informáticas e de métodos estatístico-descritivos.

O *Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Lingüística Informática* substituiu o *Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Novas Perspectivas de Análises do Discurso*, criado em 1997 e integrado por docentes e pós-graduandos da Universidade de São Paulo. Atualmente, reúne docentes, pós-graduandos e ex-alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo, dentre eles docentes da Universidade Estadual de São Paulo (campus de Bauru), Universidade Federal de Pernambuco, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Paulista.

Este artigo prioriza trabalhos do Grupo que usam tecnologias informatizadas para investigações do comportamento do léxico, do texto e do discurso, tecendo considerações sobre um programa de computador para análise lingüística - *Stablex* -, sobre o método de análise de textos para o qual serve de ferra-

menta e sobre o uso que pesquisadores brasileiros fizeram ou vêm deles fazendo.

## **2. Lingüística e Tecnologias Informatizadas: o método quantiquantitativo de análise de textos.**

As mais diversas áreas beneficiam-se dos recursos que a Informática coloca à sua disposição. Também nos estudos da linguagem, são indiscutíveis as vantagens da utilização do computador no armazenamento, recuperação e tratamento quantitativo e qualitativo de informações. O lingüista conta, atualmente, com a possibilidade de investigar a língua através da exploração de *corpora* computadorizados por programas de análise lingüística, especialmente desenvolvidos para o trabalho com textos, os quais integram recursos informáticos, matemáticos e estatísticos, o que confere maior confiabilidade aos resultados de suas pesquisas.

O presente artigo dá destaque ao emprego do programa computacional *Stablex* (STA – de statistique, TAB – de tableaux, LEX – de lexique e T...EX – de texte), desenvolvido por André Camlong e Thierry Beltran, Universidade de Toulouse II. O programa possibilita a geração de léxicos, indexação, extração de seqüências e concordâncias, lematização, tratamento estatístico, atendendo às necessidades do pesquisador cujo objeto de trabalho é o texto e o discurso. Construído inicialmente para a plataforma *Macintosh* (1991), o programa *Stablex* conta, a partir de 2004, com a sua versão PC (São Paulo, Pirus Tecnologia, 2004), que inclui novas funções estatísticas para a análise de textos. Por contemplar uma confluência de áreas - Lingüística, Matemática, Estatística, Computação -, o *Stablex* facilita e otimiza não somente a busca, organização e quantificação, mas também a análise de dados lingüísticos – realiza uma análise preliminar dos dados a partir de um tratamento lexical quantiquantitativo. A análise quantitativa de textos é ponto de partida para a análise qualitativa. Destaca-se o fato de o programa ter sido desenvolvido em função de um modelo de análise lexical, textual e discursiva – o *método matemático-estatístico-computacional de análise de textos* de André Camlong. Trata-se, por conseguinte, não apenas da

aplicação de um programa computacional, mas, de forma mais ampla, de um programa que serve de ferramenta para um método de análise de textos

O método é fundado na matemática e na estatística paramétrica (estatística descritiva); possibilita o estudo descritivo, objetivo e indutivo do texto; permite a análise quantiquantitativa do léxico, que indica apontamentos para a análise textual e discursiva, descortinando aos pesquisadores novas perspectivas em análises do discurso, numa abordagem por excelência interdisciplinar.

A aplicação da abordagem de análise quantiquantitativa do léxico na exploração de *corpora* inclui:

- » levantamento lexical com constituição de léxicos de frequência, em que os itens lexicais são classificados por ordem alfabética, por ordem crescente de frequência e por ordem decrescente de frequência;
- » criação da Tabela de Distribuição de Frequências – TDF – cálculo aritmético – tratamento quantitativo;
- » criação da Tabela de Desvios Reduzidos - TDR - cálculo algébrico – tratamento quantiquantitativo;
- » determinação do grau de normalidade da distribuição lexical das variáveis pela aplicação do teste estatístico do  $\chi^2$  de Fisher;
- » criação de Léxicos Preferenciais - Tabelas de Valores Lexicais – distribuição preferencial dos itens lexicais, ou seja, ordenação dos itens lexicais por ordem decrescente de preferência de emprego no texto;
- » constituição de vocabulários preferenciais, básicos, diferenciais, exclusivos, a partir da estratificação do léxico preferencial em diferentes vocabulários, que destacam as características de emprego dos itens lexicais e os elementos fundamentais da estrutura temática e articuladora do discurso;
- » constituição de vocabulários específicos pela técnica da lematização – em função de finalidades do estudo, destacam-se itens lexicais por associação léxica, semântica ou temática, e calcula-se o valor do novo vetor obtido pela lematização;
- » extração de seqüências textuais, ou seja, de recortes discursivos, por recurso aos textos;

» aplicação do teste da correlação para análise do grau de ligação existente entre as variáveis.<sup>1</sup>

### 3. Aplicações do Grupo

Esta seção relaciona trabalhos do Grupo que vêm utilizando o modelo de análise de textos de Camlong para a descrição e análise da tessitura lexical, textual e discursiva de *corpora* compostos por diferentes tipologias de textos, os quais têm ressaltado as inúmeras vantagens de pesquisas lingüísticas baseadas em *corpora*, por sua vez explorados por programas de análise lingüística, que respondem, de forma satisfatória, às necessidades do pesquisador cujo objeto de trabalho é o texto, porque possibilitam não somente a busca, organização e quantificação, mas também a análise de dados lingüísticos.

#### 3.1. Corpus de Discursos Oraís (Zilda Maria Zapparoli)

Zilda Maria Zapparoli aplica o programa *Stablex* a *corpora* do português falado de São Paulo da década de 70. Inicialmente, desenvolveu trabalhos com inqueritos do *Projeto NURC-SP – Projeto de Descrição do Português Falado Culto de São Paulo*, os quais resultaram na publicação do livro *Do Léxico ao Discurso pela Informática* (2002), que integra a Coleção Acadêmica da EDUSP (v.45), dirigida por Plínio Martins Filho, e inicia a publicação da Série Lingüística Informática, por ela organizada. O livro apresenta uma descrição lexical quantiquantitativa das *Elocuções Formais* que integram o *corpus* mínimo do Projeto, com o objetivo de dar a conhecer o seu léxico como materiais de estudo para finalidades diversas e o percurso do léxico ao discurso através de análises lingüísticas do material lexical coletado. Atualmente, dedica-se ao estudo do português falado de São Paulo – Capital, Campinas e Itu – por sujeitos de diferentes níveis de escolaridade e diferentes níveis socioeconômicos, a partir das informações contidas nas *Bases de Informações Ortográfico-Fonéticas* constituídas por ocasião da pesquisa para o doutorado (1980),

---

[1] Sobre os procedimentos utilizados para a geração dos léxicos, vocabulários e tabelas, consultar Camlong, 1996:28.

com um total de 54 horas de gravações de 432 diálogos (entrevistas e conversações) entre 216 informantes e documentador (26/11/1972 a 02/05/1973).

## 3.2. Corpus de Discursos Literários

### 3.2.1. *Fernando Pessoa* (João Martins Ferreira)

João Martins Ferreira aplicou o método de análise de textos de Camlong no conjunto de quarenta e quatro poemas que compõem a obra *Mensagem*, escrita por Fernando Pessoa, no seu doutorado em *Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa*, com a tese *O Discurso de Fernando Pessoa em Mensagem* (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP, 2000), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Santilli. Os resultados da sua tese determinam as linhas de força que sustentam o discurso de Fernando Pessoa em *Mensagem*, a partir das quais se estabelecem os principais temas do seu discurso.<sup>2</sup>

### 3.2.2. *Machado de Assis* (Daniela Fregonese Bragazza)

Após uma *maîtrise* na Universidade de Toulouse sob a orientação de Camlong, Daniela Fregonese Bragazza dedicou-se, na sua tese de doutorado (Departamento de Lingüística da FFLCH/USP, 2005), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zilda Maria Zapparoli, ao estudo de um *corpus* constituído de oito contos de Machado de Assis: de *Papéis Avulsos* (1882), os contos *D. Benedita* e *O espelho*; de *Histórias sem data* (1884), os contos *A senhora do Galvão* e *Singular ocorrência*; de *Várias Histórias* (1896), os contos *Uns braços* e *D. Paula*; e, finalmente, de *Páginas Recolhidas* (1899), os contos *Missa do galo* e *O caso da vara*. Via aplicação do modelo de análise de Camlong, o seu objetivo foi verificar como se dá o

---

[2] As aplicações que João Martins Ferreira fez do método não se restringiram ao discurso literário, nem mesmo à linguagem verbal: aplicou-o, também, com êxito, à linguagem musical, num estudo sobre melodias de cinco canções compostas por Antônio Carlos Jobim, para determinar os campos de força melódica das canções, demonstrando que a análise de textos não-verbais também pode contar com a contribuição da Informática.

processo de construção das personagens e das principais temáticas nos contos selecionados, através de escolhas lexicais privilegiadas, ou seja, percorrer o léxico em busca de itens preferenciais que podem conduzir ao horizonte discursivo almejado pelo autor.

### **3.2.3. Realismo Fantástico (Neide Ferreira Gaspar)**

Em sua dissertação de Mestrado, *Mágico, Fantástico, Maravilhoso: em busca dos elementos constituintes de um realismo onírico* (Departamento de Linguística da FFLCH/USP, 2008), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zilda Maria Zapparoli, Neide Ferreira Gaspar analisou seis contos da Literatura Fantástica (três de Lygia Fagundes Telles, *A Chave na Porta*, *Emanuel* e *Natal na Barca*, e três de Marguerite Yourcenar, *O Homem que Amou as Nereidas*, *Nossa Senhora das Andorinhas* e *Como Wang-Fô se Salvou*, traduzidos para o português), com a intenção de averiguar se, na construção do discurso de duas autoras contemporâneas, que escrevem em línguas diferentes, há aspectos comuns responsáveis pela criação da atmosfera onírica peculiar desses contos e se tais aspectos podem ser revelados a partir de análises lexicais criteriosas, com o auxílio de modernas ferramentas digitais.

### **3.2.4. Guimarães Rosa (Márcia Angélica dos Santos)**

Na sua tese de doutorado, *Quando as veredas se encontram: diálogos entre a Estatística e a Semiótica em uma abordagem de seis contos de Guimarães Rosa* (Departamento de Linguística da FFLCH/USP, 2008), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zilda Maria Zapparoli, Márcia Angélica dos Santos teve como objetivo verificar as possibilidades dos dados do Léxico Preferencial, enquanto banco de informações para a aplicação de outros métodos. Para esse fim, considerou o percurso gerativo de sentido proposto por Algirdas J. Greimas, marcado por itens contrastivos mínimos em sua base, por estados e programas narrativos transformadores de estados, por figuras e temas que simulam o mundo fenomênico e concretizam as indicações do nível fundamental e narrativo, com acentos inspirados pelo conceito de paratopia desenvolvido por Dominique Maingueneau.

### 3.3. Corpus de Discursos Bíblicos (Edenis Gois Cavalcanti)

Na sua dissertação de mestrado, *A Estatística e a Semiótica: imbricação de olhares sobre textos neotestamentários* (Departamento de Linguística da FFLCH/USP, 2005), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zilda Maria Zapparoli, Edenis Gois Cavalcanti realizou uma análise textual e discursiva de um *corpus* constituído de cinco epístolas neotestamentárias –1Coríntios, Gálatas, Romanos, Efésios e Hebreus –, com o objetivo de investigar a paternidade-autoria da epístola aos Hebreus, a partir da comunhão de olhares teóricos aparentemente opostos: de um lado, o olhar estatístico e, de outro, o olhar semiótico de linha francesa.

### 3.4. Corpus de Discursos Públicos (Maria Cristina Hennes Sampaio)

Maria Cristina Hennes Sampaio utilizou o programa *Stablex* para o tratamento dos dados de sua tese de doutorado *Democracia, cidadania e produção de um espaço público democrático em tempos de globalização: práticas discursivas entre Estado-Sociedade no movimento grevista da educação em Pernambuco (1987-1990)* (Departamento de Linguística da FFLCH/USP, 2002), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisabeth Brait. Estudou os significados de práticas discursivas de três atores sociais - o governo do estado de Pernambuco de Miguel Arraes, o movimento sindical dos trabalhadores em educação e a mídia -, inscritas em discursos institucionais sobre o movimento grevista dos trabalhadores em educação no estado de Pernambuco, na Nova República, no período de 1987-1990. Com base na abordagem quantiquantitativa, sua análise do discurso pressupõe duas dimensões, uma micro e uma macroanálise: a primeira, que inclui procedimentos de descrição, fornece pistas significativas para a segunda, ou seja, para o trabalho de interpretação do analista do discurso, no caso, para a análise dos significados das práticas discursivas dos três atores sociais objetos de estudo. Da tese resultou a publicação do livro *Democracia, cidadania e linguagem em tempos de globalização*, 2005.

### 3.5. Corpus de Discursos Escolares (Luís Rogério da Silva)

O *corpus* de estudo da dissertação de mestrado de Luís Rogério da

Silva (Departamento de Lingüística da FFLCH/USP, 2005), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zilda Maria Zapparoli, foi constituído por um conjunto de redações produzidas para as atividades propostas em diversas disciplinas que envolvem a prática de redação. As redações foram avaliadas por três professores de língua portuguesa de ensino médio e ensino superior de acordo com critérios em que o grau de coesão e coerência é o requisito mais relevante para averiguação. Os resultados sugeriram a existência de dependência entre a frequência relativa de operadores argumentativos e a nota fornecida pelos avaliadores, mesmo quando os operadores selecionados não se apresentam corretamente empregados segundo as operações lógicas usuais previstas pela sintaxe.

#### **4. Alguns resultados de aplicações da abordagem de análise quantificativa do léxico**

A fim de dar mostras das aplicações da abordagem de análise quantificativa do léxico, expõem-se, a seguir, alguns resultados de duas investigações.

##### **4.1. Corpus de Discursos Literários - Realismo Fantástico (Neide Ferreira Gaspar)**

As questões propostas para este estudo eram: seria possível afirmar, com dados concretos, que havia uma proximidade entre seis contos do Realismo Fantástico, escritos por duas autoras diferentes (Lygia Fagundes Telles e Marguerite Yourcenar)? Como mensurar essa proximidade? Além disso, que peso teriam componentes com carga simbólica elevada, como cores e elementos da natureza, na criação da atmosfera peculiar desses contos?

O uso do *Stablex* foi válido para confirmar, com dados mais objetivos, as premissas de elementos comuns nos contos das duas autoras. Apenas alguns, entre os inúmeros recursos do programa *Stablex*, foram selecionados para esta pequena demonstração das possibilidades de utilização do programa em análise de texto.

Uma primeira análise foi feita a partir dos dados organizados na Tabela de Desvios Reduzidos. Para estudá-la, deve-se ter em mente que as distâncias são medidas em relação a um

centro de gravidade, que é a média reduzida a zero. Quanto mais próximos do zero, mais equilibrados são os valores. No *corpus* estudado, observa-se a grande proximidade dos valores do khi2, tanto na comparação das variáveis entre si, como nos valores de cada variável em relação ao zero. Abaixo, destacam-se apenas as linhas do total e das médias, que aparecem no topo das tabelas, e, a título de comparação, são apresentados os valores obtidos em dois outros trabalhos. No estudo das *Elocuções Formais*, feito por Zapparoli, o *corpus* era constituído por transcrições de aulas, conferências e entrevistas, e o método aponta a maior heterogeneidade entre os textos, com valores que se mostram mais discrepantes. Já no estudo de Bragazza, a homogeneidade é maior, com valores mais próximos entre si e do zero. Note-se que, neste caso, são textos do mesmo gênero (contos), do mesmo autor (Machado de Assis). No estudo sobre contos fantásticos, os valores estão ainda mais próximos entre si, apesar de se tratar de duas autoras diferentes, o que aponta para a existência de aspectos em comum (variáveis 1 a 3, respectivamente: *A chave na porta* – T1, *Emanuel* – T2 e *Natal na barca* – T3, de Lygia Fagundes Telles; variáveis 4 a 6: *O homem que amou as Nereidas* – T4, *Nossa Senhora das Andorinhas* – T5 e como *Wang-Fô se salvou* – T6, de Marguerite Yourcenar).

TABELA 1. *Desvios Reduzidos (Realismo Fantástico).*

Valores	T1	T2	T3	T4	T5	T6
Total	1,742	4,381	8,598	-14,841	-4,307	5,176
Média	0,025	0,063	0,123	-0,212	-0,062	0,074
Khi2	0,001	0,004	0,015	0,045	0,004	0,005

TABELA 2. *Valores Apurados Por Zapparoli (Estudo das Elocuções Formais).*

Valores	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7
Total	9,401	-17,830	-19,453	-30,692	9,434	52,509	15,433
Média1	0,091	-0,171	-0,187	-0,295	0,091	0,505	0,148
Khi2	0,437	0,029	0,035	0,087	0,008	0,255	0,022

TABELA 3. Valores Apurados Por Bragazza (Contos de Machado de Assis).

Valores	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8
Total	5,365	-20,449	-7,068	7,954	10,466	6,725	4,243	-9,871
Média	0,054	-0,204	-0,071	0,080	0,105	0,067	0,042	-0,099
Khi2	0,003	0,042	0,005	0,006	0,011	0,005	0,002	0,010

Portanto, os dados deste estudo revelam um *corpus* homogêneo, centrado em torno da média reduzida a zero, o que não teria acontecido se houvesse grandes diferenças nos planos narrativo e discursivo.

A questão sobre a importância de itens lexicais com valor simbólico foi respondida pela análise dos dados nas Tabelas de Valores Lexicais (TVL) de cada variável. Nelas, os itens lexicais são elencados em ordem decrescente de preferência de emprego no texto, e as análises foram direcionadas aos itens do léxico preferencial ( $Z = 2,0$ ) - sendo  $Z$  o valor do desvio centrado reduzido - e do vocabulário de base com tendência positiva ( $1,0 = Z < 2,0$ ). Os elementos com carga simbólica elevada (cores e elementos da natureza, como *água*, *cavernas* e *árvores*) apareceram, em sua maioria, nessas faixas, em todos os contos, indicando emprego preferencial.

No topo das tabelas, estão os valores de  $p$  e  $q$  ( $p$  indicando a probabilidade de determinado item aparecer naquela variável, e  $q$ , a probabilidade negativa, ou contrária). As colunas registram, da esquerda para a direita, os itens lexicais, a frequência no *corpus* (número de ocorrências do item no total do *corpus*), a frequência na variável e, finalmente, o valor lexical, ou seja, o peso calculado pelo desvio reduzido.

É interessante notar que, nas TVLs, os primeiros itens revelam a temática e dão indicativos sobre as escolhas morfossintáticas de cada autor, fornecendo indícios sobre a estruturação do discurso na variável. Normalmente, os termos arrolados entre os de maior peso são itens nocionais, como substantivos, verbos, advérbios e adjetivos. Quando itens de ligação, como preposições, aparecem com peso significativo, presume-se que haja uma razão a ser investigada. Note-se, por exemplo, que os itens *dos* e *de* aparecem com valor alto, no Léxico Preferencial da va-

riável T6, *Como Wang-Fô se salvou*. Isso indica emprego privilegiado – nesse texto em particular, sintagmas nominais muito ricos são usados em descrições: “barulho cadenciado dos remos, rápido e vivo como um bater de asas”, “expressões de gratidão, de medo ou de veneração”, “matiz verde que recobre o rosto dos mortos” “cor de uma laranja prestes a apodrecer”, “mar de jade azul”. Esse detalhamento quase barroco em muito contribui para a atmosfera particular desse conto. A presença de *teu*, *tuas* e *teus* entre os itens com valor mais alto demonstra a importância do discurso direto nessa variável.

Na variável T3, o conhecido conto de Lygia Fagundes Telles *Natal na barca*, mais uma vez se verifica, no topo da tabela, a presença dos itens ligados à temática (personagens principais, cenário, universo sensorial), alguns dos quais também têm alta carga simbólica (*barca*, *rio*, *menino*).

Abaixo estão colocadas as primeiras linhas da TVL das variáveis T3 e T6, a título de ilustração. Nas Tabelas, estão assinados em negrito os protagonistas e alguns dos itens que foram pesquisados por seu valor como símbolos. A seguir, são arrolados itens com carga simbólica elevada que aparecem nas tabelas com valor maior que 2,0 (léxico preferencial ( $Z = 2,0$ ) e do vocabulário de base com tendência positiva ( $1,0 = Z < 2,0$ )<sup>3</sup>.

TABELA 5. Primeiras linhas da Tabela de Valores Lexicais de T6: *Como Wang-Fô se salvou*.

Léxico	Total	T6	Valor
wang-fô	56	56	12,249
ling	39	39	10,222
imperador	15	15	6,340
pois	19	17	6,104
te	16	14	5,424
mestre	10	10	5,176
discípulo	12	11	5,021
mar	14	12	4,923
soldados	9	9	4,911
tuas	11	10	4,751
jade	8	8	4,630

[3] Para maiores detalhes, ver Gaspar (2005).

Léxico	Total	T6	Valor
wang	8	8	4,630
dos	72	37	4,618
de	505	183	4,576
pintura	7	7	4,331
velho	27	17	4,180
crepúsculo	6	6	4,009
teus	6	6	4,009
porém	8	7	3,835
montanhas	5	5	3,660
ancião	5	5	3,660

Alguns dos elementos com valor simbólico em *Como Wang-Fô se salvou*: *cor*; *cores*; *cor-de-rosa*; *vermelho*; *vermelhas*; *grená*; *escarlate*; *arroxeadas*; *branco*; *azul*; *azuis*; *escarlate sobre verde*; *safira*; *jade*; *oceano*; *mar*; *velho pintor*; *ancião*; *sábio*; *barco*; *embarcação*; *olhos*.

TABELA 6. Primeiras linhas da Tabela de Valores Lexicais de T3: *Natal na barca*.

p 0,10390321  
q 0,89609679

Léxico	Total	T3	Valor
barca	8	8	8,306
rio	8	7	7,148
quente	9	7	6,625
criança	9	7	6,625
menino	5	5	6,567
xale	5	5	6,567
me	109	32	6,490
banco	5	4	5,101
estávamos	3	3	5,087
natal	3	3	5,087
sentei	3	3	5,087
Tmágica	3	3	5,087
grade	3	3	5,087
marido	6	4	4,518
cabeça	16	7	4,373
estava	33	11	4,319
apanhar	4	3	4,235
cobria	4	3	4,235
tamanha	4	3	4,235
saí	4	3	4,235
morto	4	3	4,235
levantou	4	3	4,235
senhora	4	3	4,235
quatro	4	3	4,235
carta	2	2	4,153

Alguns dos elementos com valor simbólico de “Natal na barca”, do léxico preferencial ( $Z = 2,0$ ) e do vocabulário de base com tendência positiva ( $1,0 = Z < 2,0$ ): *rio; barco dos mortos; barca; embarcação; manto; verde; negro; preto*.

#### 4.2. Corpus de Discursos Bíblicos (Edenis Gois Cavalcanti)

Este trabalho<sup>4</sup> apresenta o olhar matemático-estatístico-computacional de análise de textos sobre um *corpus* (do Novo Testamento) constituído de cinco epístolas - quatro do apóstolo Paulo e uma “sem” autoria -, com a intenção de investigar a paternidade da epístola aos Hebreus a partir dos dados fornecidos pela estatística paramétrica, especificamente, a partir do Teste de Correlação.

##### 4.2.1. Objeto de estudo, justificativa e objetivos

O estudo realizado neste trabalho é uma *amostra* dentro do contexto da Linguística Informática, resultado do diálogo das Humanidades com as Ciências Exatas. É um exemplo da possibilidade da comunhão entre áreas aparentemente opostas. De um lado, os conceitos e paradigmas das ciências humanas, provocando o desconforto, o desequilíbrio e a instabilidade, e, de outro, a Matemática associada à Informática, dando o equilíbrio e a estabilidade (BARROS, 2002, p. 15). É nesse embate aparentemente contraditório que construímos esta pesquisa. A contradição é própria da constituição do ser, não um objeto estranho que deva ser expurgado, exorcizado, mas algo que deva ser entendido em suas múltiplas *determinidades*, isto é, em suas múltiplas propriedades essenciais (HEGEL, 1980, p. 64).

Aplicamos o método de análise estatística destinado ao tratamento informático dos dados lexicais, textuais e discursivos, desenvolvido por André Camlong<sup>5</sup>, a um *corpus* constituído de cinco variáveis (textos), com a finalidade de verificar, através da

---

[4] Este estudo pertence à Parte I – *O Olhar Estatístico* – da dissertação de mestrado *A Estatística e a Semiótica: imbricação de olhares sobre textos neotestamentários* de Edenis Gois Cavalcanti, defendida em dezembro de 2005 (USP).

[5] Sobre os princípios da abordagem teórico-metodológica, conferir Cavalcanti (2005) ou Camlong (1996).

análise objetiva, qual a probabilidade de a epístola canônica aos Hebreus (Novo Testamento) ser do apóstolo Paulo, pois ainda, após séculos de Cristianismo, não há uma conclusão definitiva sobre a sua autoria. O que há é apenas a *suposição* de que seja de Paulo. Embora nitidamente de inspiração divina, seria muito esclarecedor estabelecer a paternidade, não através de critérios subjetivos, mas científicos, objetivos, por meio de um relacionamento intertextual.

Não obstante existam outros supostos autores, optamos em confrontar textos de Paulo com a epístola aos Hebreus<sup>6</sup>, pois quase a metade dos textos do Novo Testamento são de autoria paulina. Ou seja, de um total de 27, 13 são do apóstolo. Além do aspecto da produção textual de Paulo, há o da sua importância para as Igrejas Cristãs Primitivas. Ele é considerado o Apóstolo dos Gentios. Sua missão era pregar o evangelho aos povos que não tinham nenhuma tradição judaica. Sob sua influência foram criadas diversas igrejas e, por causa disso, ele foi perseguido, torturado e morto. Os seus escritos influenciam ainda hoje todo o mundo cristão. São uma referência doutrinária e de funcionalidade das igrejas cristãs. É, portanto, por sua produção literária no contexto do Novo Testamento e por sua importância na fundação das Igrejas Primitivas que se justifica o desejo de descobrir a autoria – ou a *probabilidade* da autoria – de Hebreus *a partir das epístolas de Paulo*.

#### 4.2.2. *Corpora de estudo*

Os textos objetos de análise são cinco: quatro de autoria do após-

---

[6] Segundo Pearlman (1977, p. 310), “não há outro livro do Novo Testamento cuja autoria seja mais disputada, nem cuja inspiração seja mais incontestável. O próprio livro é anônimo. Por causa da diferença de estilo, comparado com os outros escritos de Paulo, muitos eruditos ortodoxos negam que foi ele quem o escreveu. Tertuliano, no terceiro século, declarou que Barnabé foi o autor. Lutero sugeriu que fosse Apolo”. Ou, nas palavras de Tenney (1972, p. 378), “a Igreja Oriental desde os primeiros tempos que considera esta epístola como produto de Paulo, se bem que talvez indireto. Eusébio declarou que Clemente de Alexandria afirmava que Paulo a escrevera em hebraico e que Lucas a traduzira para o grego [...]. Orígenes freqüentemente a citava como havendo sido escrita por Paulo [...]”.

tolo Paulo e um de autoria desconhecida, que fazem parte do conjunto de textos canônicos – sagrados – do Novo Testamento: a) 1ª epístola aos Coríntios; b) Gálatas; c) Romanos; d) Efésios; e) Hebreus (autoria desconhecida).

Como os textos em questão têm várias versões, em várias línguas, decidimos selecionar dois *corpora*: um *corpus* em português e um em grego. O *primeiro* (em português) é encontrado em <<http://www.geniais.com>>.7 O *software* é *free*. É necessário, porém, extrair os textos manualmente (copiar / colar). Utilizamos a última versão atualizada e revisada da tradução de João Ferreira de Almeida. O *segundo* (em grego) – *Textus Receptus*, King James Version – é encontrado em <<http://www.afii.org/grtrkjv.html>>, também *free*. Como essa versão utiliza a fonte grega *Symbol*, é necessário fazer a mudança para a fonte *Arial* e salvar os textos em formato ASCII.

Definido o *corpus*, é necessário proceder à preparação dos textos, evitando-se possíveis problemas durante o seu processamento.

#### 4.2.3. *Abordagem teórico-metodológica*

O método de análise estatística destinado ao tratamento informático dos dados lexicais, textuais e discursivos, desenvolvido por Camlong e aplicado aos *corpora* de estudo, faz uso da Informática e da Matemática Aplicada, pelo “viés” da estatística paramétrica (descritiva), através da aritmética, álgebra e geometria – método objetivo, que compartilha o ponto de vista segundo o qual a teoria científica deve ocupar-se não com o que é verdadeiro, mas com o que é verificável; método indutivo, que tem o texto como ponto de partida para a análise do léxico, a partir da qual se chega ao conhecimento da constituição textual e discursiva.

O método de análise lexical, textual e discursiva de André Camlong, pela estatística paramétrica, dá, pois, ao espírito o poder de observar e de transcender a matéria, possibilita entrever a constituição do discurso.

---

[7] Ou diretamente em <<http://www.rvsoft.sytes.net/biblia3g.exe>>.

#### 4.2.4. Descrição e análise dos resultados - teste de correlação simples e múltipla

La méthode statistique consiste à faire connaître pour faire reconnaître. On ne peut pas reconnaître ce qu'on ne connaît pas<sup>8</sup> (CAMLONG, 1996, p. 83).

É tendo esse princípio como base da investigação que prosseguimos a pesquisa. Uma vez estabelecida a normalidade e a dispersão dos itens lexicais, passa-se à análise do grau de *ligação* entre as variáveis.

Do grau de dependência de uma variável em função de uma outra variável, extraído a partir do coeficiente de correlação, podemos estabelecer a probabilidade da *autoria-paternidade de um texto, a probabilidade de o texto analisado ser deste ou daquele autor*. Neste trabalho, o objetivo é verificar a probabilidade de a epístola aos Hebreus ser ou não do apóstolo Paulo.

Segundo Camlong (1996, p. 90),

...la liaison n'a de sens qu'à partir du moment où le coefficient de corrélation atteint ou dépasse la valeur de 0,886 ( $r = 0,866$ ) à laquelle correspond un taux d'intensité de variation de 75% ( $d = 0,7500$ ) et un taux de résistance (ou d'indépendance) de variabilité  $r$  de 50%, et donc un taux de dépendance (densité du flux) de variabilité  $r'$  de 50%<sup>9</sup>.

Logo, quanto mais o valor de  $r$  ultrapassa 0,866, a dependência intertextual aumenta. Quanto maior o coeficiente de correlação, menor o coeficiente de resistência. Ideal seria ter um coeficiente de correlação igual a 1 (o que mostraria que os textos têm

[8] O método estatístico consiste em fazer conhecer para fazer reconhecer. Não se pode reconhecer aquilo que não se conhece (Trad. nossa).

[9] ... a ligação [de uma variável] só tem sentido a partir do momento em que o coeficiente de correlação atinge ou ultrapassa o valor de 0,866 ( $r = 0,866$ ), ao qual corresponde uma taxa de intensidade de variação de 75% ( $d = 0,7500$ ) e uma taxa de resistência (ou de independência) de variabilidade  $r$  de 50%, e portanto uma taxa de dependência (densidade de fluxo) de variabilidade  $r'$  de 50% (Trad. nossa).

uma dependência absoluta, possibilidade existente apenas nos casos de cópia, textos 100% idênticos).

A título de exemplo e para facilitar a compreensão, demonstramos, abaixo, o cálculo da *correlação múltipla* de um par de variáveis *do corpus grego*, T1/T2, para obtenção de *um coeficiente de correlação*. Lembramos que todo o cálculo é feito a partir da TDF.

TABELA 1<sup>10</sup>. Cálculo da Correlação Múltipla para T1/T2 do Corpus Grego

N	100									
Totais	6926	2253		Coeficiente de correlação		0,967511468				
ORDEM	X	Y	N	x = desvio de X = (X - Média de X)	y = desvio de Y = (Y - Média de Y)	x.y	x <sup>2</sup>	y <sup>2</sup>		
	Tx	Ty								
1	292	74	100	222,74	51,47	11464,43	49613,11	2649,16		
2	188	43	100	118,74	20,47	2430,61	14099,19	419,02		
3	220	59	100	150,74	36,47	5497,49	22722,55	1330,06		
99	437	143	100	367,74	120,47	44301,64	135232,71	14513,02		
100	921	309	100	851,74	286,47	243997,96	725461,03	82065,06		
Totais	6926	2253				S	S	S		
						366230,22	1183917,24	121024,91		

Observemos, agora, o *resultado* do cálculo do coeficiente de correlação (simples e múltipla) dos *corpora* em português e em grego. Primeiro, demonstra-se uma tabela com os elementos necessários para o cálculo dos coeficientes e, em seguida, as matrizes com os coeficientes. É preciso, para isso, calcular quarenta coeficientes de correlação: vinte para a correlação múltipla e vinte para a correlação simples. Para cada coeficiente, seguimos o processo descrito na tabela.

Observações:

a) nas três primeiras colunas, encontram-se os dados brutos:

[10] Ver dados integrais no CD-ROM em Cavalcanti (2005).

TABELA 2. Cálculo dos Coeficientes da Correlação Simples

1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
Tx/Ty	X	Y	N	Média de X	Média de Y	Dif.	Tx/Ty	X	Y	N	Média de X	Média de Y	Dif.
CORRELAÇÃO SIMPLES													
CORPUS PORTUGUÊS							CORPUS GREGO						
T1/T2	8517	2797	73	116,67	38,32	78,36	T1/T2	6926	2253	65	106,55	34,66	71,89
T1/T3	8517	8723	83	102,61	105,10	2,482	T1/T3	6926	7208	81	85,51	88,99	3,48
T1/T4	8517	2785	74	115,09	37,64	77,46	T1/T4	6926	2462	65	106,55	37,88	68,68
T1/T5	8517	6199	78	109,19	79,47	29,72	T1/T5	6926	5010	73	94,88	68,63	26,25
T2/T3	2797	8723	76	36,80	114,78	77,97	T2/T3	2253	7208	69	32,65	104,46	71,81
T2/T4	2797	2785	53	52,77	52,55	0,226	T2/T4	2253	2462	46	48,98	53,52	4,54
T2/T5	2797	6199	59	47,41	105,07	57,66	T2/T5	2253	5010	56	40,23	89,46	49,23
T3/T4	8723	2785	76	114,78	36,64	78,13	T3/T4	7208	2462	68	106,00	36,21	69,79
T3/T5	8723	6199	78	111,83	79,47	32,36	T3/T5	7208	5010	70	102,97	71,57	31,40
T4/T5	2785	6199	62	44,92	99,98	55,06	T4/T5	2462	5010	56	43,96	89,46	45,50

TABELA 3. Cálculo dos Coeficientes da Correlação Múltipla

1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
Tx/Ty	X	Y	N	Média de X	Média de Y	Dif.	Tx/Ty	X	Y	N	Média de X	Média de Y	Dif.
CORRELAÇÃO MÚLTIPLA													
CORPUS PORTUGUÊS							CORPUS GREGO						
T1/T2	8517	2797	113	75,37	24,75	50,62	T1/T2	6926	2253	100	69,26	22,53	46,73
T1/T3	8517	8723	113	75,37	77,19	1,823	T1/T3	6926	7208	100	69,26	72,08	2,82
T1/T4	8517	2785	113	75,37	24,65	50,73	T1/T4	6926	2462	100	69,26	24,62	44,64
T1/T5	8517	6199	113	75,37	54,86	20,51	T1/T5	6926	5010	100	69,26	50,10	19,16
T2/T3	2797	8723	113	24,75	77,19	52,44	T2/T3	2253	7208	100	22,53	72,08	49,55
T2/T4	2797	2785	113	24,75	24,65	0,106	T2/T4	2253	2462	100	22,53	24,62	2,09
T2/T5	2797	6199	113	24,75	54,86	30,11	T2/T5	2253	5010	100	22,53	50,10	27,57
T3/T4	8723	2785	113	77,19	24,65	52,55	T3/T4	7208	2462	100	72,08	24,62	47,46
T3/T5	8723	6199	113	77,19	54,86	22,34	T3/T5	7208	5010	100	72,08	50,10	21,98
T4/T5	2785	6199	113	24,65	54,86	30,21	T4/T5	2462	5010	100	24,62	50,10	25,48

na coluna 1, a identificação dos pares de variáveis; nas colunas 2 e 3, as ocorrências de cada variável;

b) nas 4 colunas seguintes, de 4 a 7, estão reunidos os dados da correlação: na coluna 4, está o número de linhas constituídas pelos emparelhamentos das variáveis; nas colunas 5 e 6, estão as médias de cada variável; na coluna 7, está a diferença das médias. A diferença entre a correlação múltipla e a simples é que, na simples, cria-se uma TDF para cada par de variáveis e, na múltipla, temos uma TDF para todas as variáveis. É por isso que o valor de  $N$  varia na correlação simples. Sendo  $N$  o número de linhas do par, se a TDF foi construída apenas e tão-somente na relação entre duas variáveis, o valor de  $N$  será variável de par para par. No caso da correlação múltipla, isso não acontece, pois o emparelhamento das variáveis está numa relação global. Assume-se, assim, o  $N$  do *corpus* e não do par.

A seguir, as matrizes com os valores dos coeficientes de correlação simples e múltipla do *corpus* em português e em grego.

TABELA 4. Matrizes Quadradas das Correlações Simples e Múltipla nos Corpora.

CORRELAÇÃO SIMPLES						CORRELAÇÃO MÚLTIPLA					
PORTUGUÊS						PORTUGUÊS					
	T1	T2	T3	T4	T5		T1	T2	T3	T4	T5
T1	1					T1	1				
T2	0,949822	1				T2	0,931450	1			
T3	0,965379	0,975279	1			T3	0,953158	0,960470	1		
T4	0,936747	0,963658	0,944574	1		T4	0,913197	0,913654	0,921998	1	
T5	0,960632	0,966691	0,954171	0,959638	1	T5	0,945506	0,929650	0,939643	0,924259	1

GREGO						GREGO					
	T1	T2	T3	T4	T5		T1	T2	T3	T4	T5
T1	1					T1	1				
T2	0,984212	1				T2	0,967511	1			
T3	0,976612	0,987908	1			T3	0,974085	0,979010	1		
T4	0,949641	0,957110	0,959676	1		T4	0,924441	0,914384	0,946051	1	
T5	0,972496	0,981207	0,985745	0,965697	1	T5	0,953017	0,963556	0,974141	0,929974	1

Como foi dito, a ligação de uma variável só tem sentido a partir do momento em que o coeficiente de correlação atinge ou ultrapassa o valor de 0,866 ( $r = 0,866$ ). Consta-se que todos os coeficientes estão muito acima de 0,866. Isso demonstra uma forte ligação entre as variáveis.

Como dissemos no capítulo 1, o objetivo é avaliar a probabilidade de T<sub>5</sub> (epístola aos Hebreus) ser ou não do apóstolo Paulo. A autoria de T<sub>1</sub>, T<sub>2</sub>, T<sub>3</sub> e T<sub>4</sub> é indiscutível, pois são epístolas assinadas por Paulo e aceitas como sendo de Paulo por toda a Igreja Cristã, tanto ortodoxos, como não-ortodoxos, tanto católicos como protestantes. Portanto, o *alvo* aqui é a variável T<sub>5</sub>.

Observações:

a) as proporções dos coeficientes de correlação estão mantidas nas quatro tabelas:

T<sub>1</sub>T<sub>2</sub>, T<sub>1</sub>T<sub>3</sub>, T<sub>1</sub>T<sub>5</sub> maiores que T<sub>1</sub>T<sub>4</sub>;

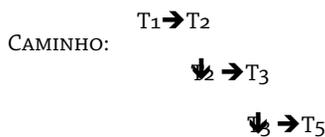
T<sub>2</sub>T<sub>3</sub>, T<sub>2</sub>T<sub>5</sub> maiores que T<sub>2</sub>T<sub>4</sub>;

T<sub>3</sub>T<sub>5</sub> maior que T<sub>3</sub>T<sub>4</sub>.

A correlação de T<sub>5</sub> com T<sub>1</sub>, T<sub>2</sub>, T<sub>3</sub> é forte, tornando-se um pouco mais fraca com T<sub>4</sub>, mas com valores ainda altos em relação à tabela de correlação, que exige um coeficiente acima de 0,866;

b) na tradução em pauta (de língua sintética => para língua analítica), os coeficientes “sintéticos” são maiores que os “analíticos”, demonstrando maior ligação nos textos originais – nas duas correlações;

c) *em grego, observando-se T<sub>1</sub>/T<sub>2</sub>, T<sub>2</sub>/T<sub>3</sub>, T<sub>3</sub>/T<sub>5</sub>, temos um coeficiente de correlação acima de 98% na simples e acima de 96% na múltipla, provando que T<sub>5</sub>, a partir de T<sub>2</sub> e T<sub>3</sub> (epístolas de Paulo), é uma epístola de autoria muito provável de Paulo. O caminho da ligação: T<sub>1</sub> è T<sub>2</sub> è T<sub>3</sub> è T<sub>5</sub>:*



d) a tradução enfraquece a ligação intertextual. Isso pode mostrar uma tendência natural nas traduções.

e) os coeficientes de correlação na tradução não podem ser maiores que os coeficientes de correlação nos originais;

f) há perda de ligação na tradução. Então, qual a melhor tradução? Provavelmente, a que demonstra uma correlação próxima dos originais.

Vejam os dados, graficamente, como ficou a ligação entre as variáveis na projeção ortogonal da correlação simples (CS) e da correlação múltipla (CM).

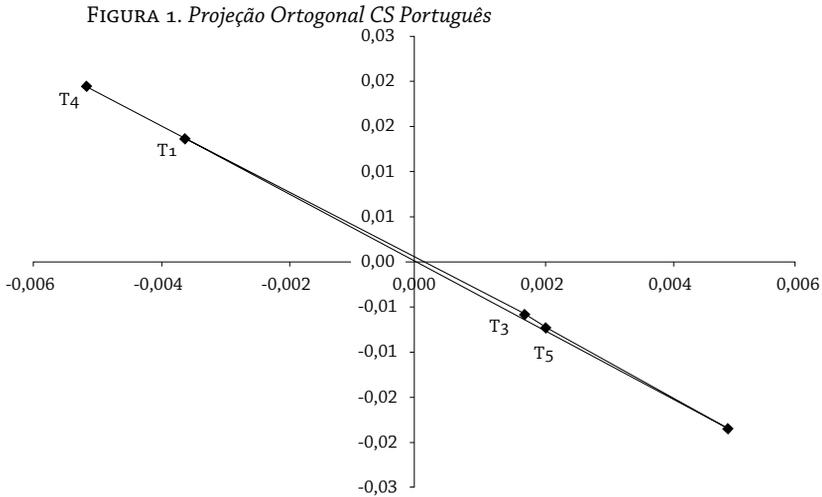


FIGURA 2. *Projeção Ortogonal CS Grego*

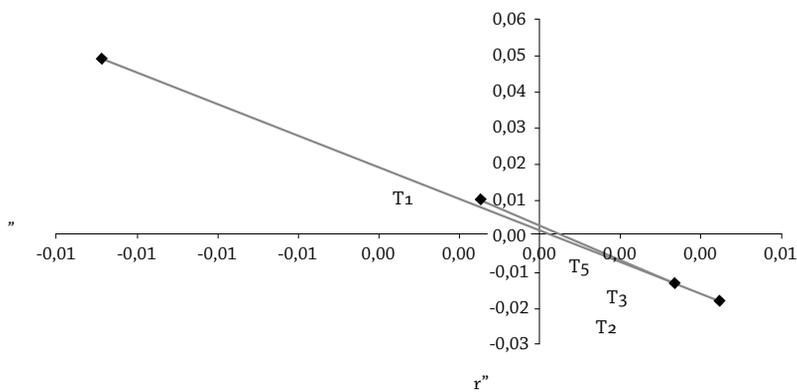


FIGURA 3. *Projeção Ortogonal CM Português*

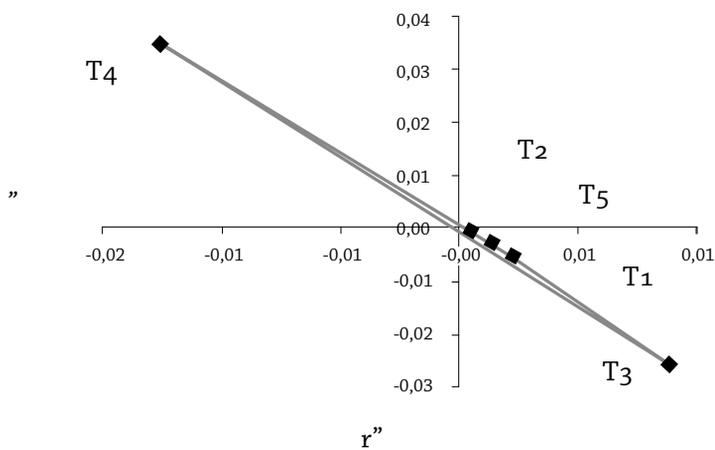
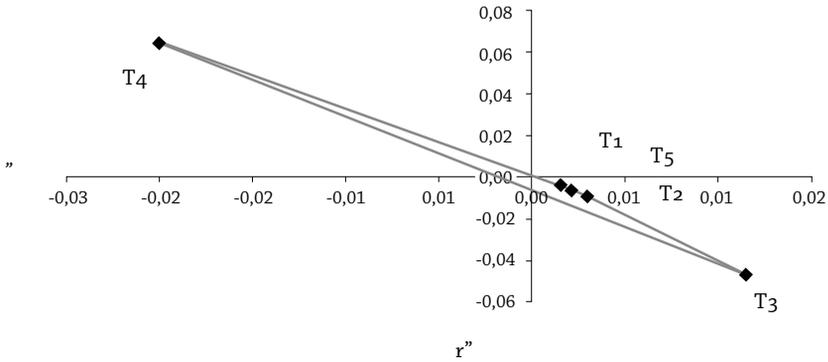
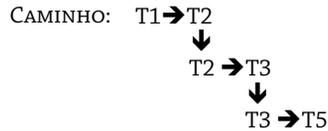


FIGURA 4. *Projeção Ortogonal CM Grego*

Observamos os seguintes agrupamentos na projeção ortogonal:

- a) CS Português: T3, T5 e, um pouco distante, T2;
- b) CS Grego: T5, T3 e T2;
- c) CM Português: T2, T5 e T1 ;
- d) CM Grego: T1, T5 e T2.

Como se vê, os gráficos confirmam o caminho da ligação das variáveis com T5.



## 5. Considerações Finais

As investigações realizadas dão mostras da possibilidade do diálogo entre áreas do conhecimento aparentemente opostas: de um lado, as Ciências Exatas e, de outro, as Ciências Humanas. A síntese dessa oposição sempre será rica, porque sempre será o resultado de um trabalho interdisciplinar. Acreditamos que a ferramenta informática já é parte constitutiva das pesquisas que envolvem o tratamento de *corpora* lingüísticos, e a matemática, pelo viés da estatística paramétrica, a fornecedora dos elementos analíticos necessários à compreensão do discurso.

O método matemático-estatístico-computacional de André Camlong apresentou-se adequado para a análise dos *corpora* em estudo, fornecendo elementos objetivos para o *desvelamento* do discurso.

No estudo dos contos do *Realismo Fantástico*, a proximidade entre os textos e o emprego preferencial dos itens lexicais com carga simbólica foram atestados pela aplicação do cálculo algébrico do desvio reduzido.

A partir da análise dos coeficientes de correlação simples e múltipla (ligação intertextual), obtiveram-se os elementos objetivos para apontar, do ponto de vista da probabilidade, a *paternidade da Epístola aos Hebreus*. Com mais de 96% de probabilidade no *corpus* português e mais de 98% de probabilidade no *corpus* grego, a epístola aos Hebreus é, provavelmente, de autoria paulina. Veja-se bem: *é muito provável que seja do apóstolo Paulo*.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Prefácio. In: ZAPPAROLLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. *Do léxico ao discurso pela informática*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2002.
- BÍBLIA: Almeida Revisada e Atualizada. 1993 (ARA).
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Trad. de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida, Bahia: Gráfica da Bíblia, 1995.
- BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida, 11. ed., 1999.
- BÍBLIA – NOVO TESTAMENTO. Trad. de Fr. Mateus Hoepers, O.F.M.. São Paulo: Vozes, 1978.
- BRAGAZZA, Daniela Fregonese. *SUBLIMES PORMENORES: escolhas lexicais privilegiadas na composição das personagens e das temáticas em contos de Machado de Assis*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.
- CAMLONG, André. Lexicométrie. In: *Stablex version PC*. São Paulo: Pirus Tecnologia, 2004. CD-ROM.
- . *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive*. Paris: C.R.I.C. & OPHRYS, 1996.
- . *Stablex pratique*. Toulouse: Teknea, 1991.
- ; BELTRAN, Thierry. *A propósito de Stablex - versão PC*. In: *Stablex version PC*. São Paulo: Pirus Tecnologia, 2004.
- ; BELTRAN, Thierry. *Stable version PC*. São Paulo: Pirus Tecnologia, 2004.
- CAVALCANTI, Edenis Gois. *A Estatística e a Semiótica: imbricação de olhares sobre textos neotestamentários*. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *The Penguin Dictionary of symbols*. Trad. John Buchanan-Brown. Londres: Penguin, 1996. Original em francês.

GASPAR, Neide Ferreira. *Mágico, Fantástico, Maravilhoso: em busca dos elementos constituintes de um realismo onírico*. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

GRUPO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA INFORMÁTICA. Traz apresentação, membros, pesquisas, eventos e cursos relacionados ao Grupo. São Paulo, 2002. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dl/li>>.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. A Fenomenologia do Espírito. In: *Os Pensadores*. Trad. de Henrique Cláudio de Lima Vaz, Orlando Vitória e Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MARTINS FERREIRA, João. *O Discurso de Fernando Pessoa em Mensagem*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.artemusical.com/martinsferreira>>.

PEARLMAN, Myer. *Através da bíblia – Livro por Livro*. Trad. de N. Lawrence Olson. São Paulo: Vida, 17ª ed., 1977.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. *Democracia, cidadania e linguagem em tempos de globalização*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

—. *Democracia, cidadania e produção de um espaço público democrático em tempos de globalização: práticas discursivas entre Estado-Sociedade no movimento grevista da educação em Pernambuco (1987-1990)*. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

- SANTOS, Márcia Angélica dos. *Quando as veredas se encontram: diálogos entre a Estatística e a Semiótica em uma abordagem de seis contos de Guimarães Rosa*. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. / Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.
- SILVA, Luís Rogério da. *Operadores na Constituição Textual*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. / Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Invenção e Memória*. 2ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1972
- YOURCENAR, Marguerite. *Como Wang-Fô se salvou*. Trad. Adriana Lisboa. Título original: *Comment Wang-Fô fut sauvé*. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergo-sum/recorte26.htm>. Acesso em: 8 agosto 2003.
- ZAPPAROLI, Zilda Maria. *Análise do comportamento fonológico da junção intervocabular no português do Brasil (variante paulista)*. Uma pesquisa lingüística com tratamento computacional. São Paulo, 1980. Tese (Doutorado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. / Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.
- . Um pouco da história da análise informatizada do léxico no Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Orgs.). *História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro*. São Paulo / Campinas: Humanitas / Pontes, 2002, p. 223-253.
- ; CAMLONG, André. *Do Léxico ao Discurso pela Informática*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2002, 256 p. + CD-

# O Apalpador e o toro de Natal; ou «Papá Nöel» e a árvore de luzes<sup>1\*</sup>

---

Carlos Calvo Varela – Universidade de Santiago de Compostela

**RESUMO:** O Apalpador é uma personagem mítica do Natal galego praticamente desconhecida pelos etnógrafos galegos. Compartilha certa familiaridade com o Papá Natal europeu, e também com o Olentzaro basco estudado por Caro Baroja. O trabalho tem três partes: uma etnográfica, outra de antropologia simbólica e outra sociológica. Primeiro tratarei, desde a antropologia simbólica, os aspectos etnográficos desta personagem, assim como a sua relação com outros elementos como é o toro de Natal e a simbologia da própria festa natalícia.

---

<sup>1</sup> \*Este trabalho foi elaborado para a matéria de Antropologia da Galiza, da qual é professor X. Ramón Mariño Ferro na Faculdade de Filosofia da Universidade de Santiago de Compostela. Depois da sua redacção informou-me de que outro aluno, da Faculdade de Filologia, realizara um pequeno trabalho de campo sobre o Apalpador. Desafortunadamente não pude contactar com ele (nem com José André López Gongález). Porém Mariño Ferro contou-me que o trabalho desta pessoa certifica o facto de que o dia do Apalpador estava estabelecido no 24 de Dezembro, e também que em algumas partes se identifica com o «Homem do Saco». Em um primeiro momento Mariño Ferro também me sugeriu a hipótese de que o Apalpador, carvoeiro, tivesse algo que ver com o facto de os Reis Magos levarem-lhe carvão aos meninos que se portaram mal. Aproveito para agradecer-lhe toda a ilusão pela antropologia que contagia e a Olga Roma-Santa por ler este trabalho e sugerir-me dados, bibliografia... E por mil coisas mais.

Na terceira parte traçarei a análise do processo de deslocamento desta personagem por outras forâneas, demonstrando que as teorias com que a linguística analisa o conflito da língua da Galiza também são válidas aqui, já que também se trata de um sistema simbólico sujeito às regras de formação de preços do mercado simbólico. O aparelho conceitual de Pierre Bourdieu será fulcral para a análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** O Apalpador, toro de Natal, Natal galego, etnografia galega, urgência etnográfica, dominação simbólica, desvalorização do campesinato, mercados simbólicos.

**ABSTRACT:** O Apalpador is a mythic celebrity of Galician Christmas, nearly unknown by Galician ethnographers. He has got some familiarity with the European Santa Claus, and also with the Olentzaro of Euskal Herria, studied by Caro Baroja. The paper has got three parts: the first, ethnographic, other of symbolic anthropology and the other sociological. First I will analyse, since the symbolic anthropology, the ethnographic aspects of this mitical celebrity, and his relation with other elements that the toro de Natal and the semiology of galician Christsmas.

In the third part I will draw the analysis of the process of displacement of this celebrity by other strangers, demonstrating that the theories which linguistic analyses the galician language conflict are too valid here, since also is a symbolic system subjected to the formation of prices' rules in a symbolic market. The concepts of Pierre Bourdieu will be fundamental for the analysis.

**KEY WORDS:** O Apalpador, toro de Natal, Galician Christmas, Galician ethnography, ethnographic urgency, symbolic domination, peasantry's depreciation, symbolic markets.

### INTRODUÇÃO

O Papá Natal, «Santa Claus», «Papá Noël», o São Nicolas ou o Apalpador semelham ser nomes que, em distintas partes do mundo, recebe uma mesma personagem mítica. Seja como for,

o São Nicolas parece que há tempo que deixou de levar laranjas aos meninos belgas e holandeses, de igual jeito que o Apalpador já não deixa presadas de castanhas. Nomes e presentes distintos para uma mesma função social.

Em 2006 a Associação Galega da Língua (AGAL) publica em formato digital um trabalho de López González sobre uma personagem mítica praticamente desaparecida, o Apalpador. Nesse pequeno trabalho, aparece informação inédita, recolhida nos anos 90 na montanha luguesa. Posteriormente, no Natal do 2007/2008, a Associação Cultural A Gentalha do Pichel inicia uma campanha de recuperação da personagem do Natal galego.

Neste trabalho intentarei compilar os dados etnográficos existentes para elaborar uma interpretação dos símbolos deste mito, ademais de relacioná-lo com o ritual do «Toro de Natal». Se for possível, a análise buscará certa profundidade diacrónica, tal que chegue aos costumes natalícios galegos actuais. Desta perspectiva, verá-se que o trabalho teórico desenvolvido face ao conflito linguístico na Galiza é perfeitamente válido para outros códigos que também padecem da diglósica social, ou violência simbólica.

## PRIMEIRA PARTE

### **OS DADOS ETNOGRÁFICOS**

#### **1. O Apalpador**

Nesta compilação amostramos dados sobre o Apalpador ao lado de outros sobre o Olentzaro, personagem mítica basca com a qual compartilha alguns rasgos que podem ser importantes na hora de proceder à interpretação.

##### **1.a) A personagem galega**

Os dados disponíveis são os recolhidos por López González (2006). Concernem à localização e descrição física do Apalpador, assim como ao seu *modus operandi* e uma cantiga sobre ele, que se cantava aos meninos.

O âmbito investigado por José André Lôpez González limita-se à alta montanha de Lugo: S. Cristóvão de Lôuçara e S. João de Lôuçara (concelho de Samos), o Courel e o Zevreiro. Pela informação que pude conseguir, parece ser que em toda a comarca dos Ancares também baixava o Apalpador: embora seja um costume já perdido, mantém-se o recorde. Sobre a descrição transcrevo inteiramente a que faz Lôpez González (respeito sempre a ortografia dos autores):

Mora nas devesas, dedicado em fazer carvão, um gigante que usa da boina, casaco esfarrapado e com remendas, fuma em pipa e alimenta-se com bagas selvagens e dos javaris (javarinhos nas modalidades linguísticas das comarcas orientais) que caça. (Lôpez, 2006:1).

O Apalpador baixa das espessas devesas na noitinha do 31 de Dezembro, Ano Velho, quando os meninos estão dormidos na cama. Chama-se o Apalpador porquê lhe palpa a barriguinha aos meninos. Se vê que a barriga está cheia, e que o menino não passou fume, o Apalpador diz-lhe: «Assim, assim esteja todo o ano», e deixa-lhes uma pressada de castanhas. Se o menino não tem a barriguinha cheia, fica calado, mas também lhe deixa castanhas para que a encha. A única cantiga da que disponhemos foi recolhida no 1994 por Lôpez González, e foi cantada por Amadora de Galego†, 79 anos e de Romeor de Courel. Diz assim:

Vai-te logo meu ninim / nininha,  
marcha agora pra caminha.  
Que vai vir o Apalpador  
a palpar-che a barriguinha.

Já chegou o dia grande,  
dia do nosso Senhor.  
Já chegou o dia grande,  
e virá o Apalpador.

Manhã é dia de cachela,  
que haverá gram nevarada

e há vir o Apalpador  
c'uma mega de castanhas.

Por aquela cemba  
já vem relumbrando  
o senhor apalpador  
para dar-vos o aguinaldo.

Cantava-se aos nenos na noite do 31 de Dezembro que, com os nervos de vir o Apalpador, não podiam dormir.

### **1.b) A personagem basca**

Todos os dados procedem de Caro Baroja (1946), que à sua vez bota mão de outros etnógrafos bascos, entre eles o seu tio Pío Baroja. Vejam-se as grandes similitudes com o Apalpador.

O nome do personagem corresponde-se com o da Noite Boa, e há muitas variantes<sup>2</sup>. A área de difusão é pequena: o Leste da província de Guipúscoa e parte da costa até Zarauz. Parte da bacia do Bidasoa em Navarra (mas com interferências) e os vales de Larraun e Araquil, correspondendo-se bastante com o antigo bispado de Baiona. É um gigante que veste um grande «chaquetón» e capacete, fuma em cachimbo e leva a cara tisonada. Tem os olhos encarnados. Baixa pela chaminé das casas na Noite Boa às doze da noite para aquecer-se no toro de Natal. Desce com uma fouce na mão, e um feixe de giestas na outra (noutros lugares dizem que leva a fouce e um farol), e gosta de que estejam limpas, caso contrário zanga-se. Em algumas partes descreve-no coma o «Coco» e em outros dizem que leva aos meninos em um saco. No vale de Larraun dizem que tem tantos olhos como dias tem o ano e um mais<sup>3</sup>.

---

[2] Olentzero, Orentzago, Onentzaro, Orontzaro, Onontzaro, Oranzaro, etc... O facto de existirem muitas variantes de uma só coisa (seja um mito ou uma ferramenta agrícola) normalmente tem a ver com o facto de tratar-se de uma cultura não «normalizada e normativizada», como veremos mais adiante.

[3] Comparar com o que conta Mariño Ferro (2000: 462) que se fazia na Galiza em Noite Velha: «... queiman ó ano vello representado por un boneco de palla, vestido con roupa vella. Ás veces está formado por un feixe dividido en doce partes envoltas cada unha cun papel de cor diferente, que simbolizan os doce

O seu carácter é complexo: por uma banda terrível e poderoso, por outra um carácter mais bem burlesco e, finalmente, um carácter doce e cristão (embaixador da chegada de Cristo). A sua profissão é a de carvoeiro, como a do Apalpador. Isto crê-se nas povoações que arroteiam a Vera e Oyarzun. E, outras só dizem m que leva a cara tisonada.

## 2. O toro de Natal<sup>4</sup>

### 2.a) *Dados etnográficos da Galiza*

Sobre este rito há muito material na etnografia galega. Mariño Ferro (2000: 458) explica-o assim :

O día do solsticio é un día apropiado para renova-lo lume da lareira. Como outros moitos campesiños europeos, limpan con moito coidado a borralla e logo acenden un cepo grande, o tizón de Nadal, que en bastantes lugares é de carballo [variantes: cañoto, cachopo de noiteboa, cepo das navidades, chopo de navidade, etc.]. Despois de deixalo arder un anaco, apágano e consérvano para prendelo cando ameaza algún perigo; en Becerreá e Cervantes, a finais do século pasado, prendíano cada día un chisco. Está especialmente indicado contra raios e tormentas producidas polos demos nubeiros: o fume sagrado que produce chega ata as nubes e escorréntaas.

López González (2006: 2) também recolheu material sobre o toro de Natal. Acho que são os dados mais recentes disponíveis:

O senhor Benigno da casa de Celaḡ de Romeor do Caurel assinalou-me que quado ele era moço ainda traziam desde

---

meses do ano».

[4] \*Outros nomes para o *Toro de Natal* são: *trasfogueiro, tarugo, tarulo, canhoto, cachopo de Noite Boa, cachopo de Nadal, cepo das Navidades, chopo de Navidade, tição de Natal*. Aos que se lhe somam uma grande quantidade de nomes de outros países europeus.

A Devesa para as casas uma torada bastante grossa para alimentar o lume de Natal, acrescentando: “ninguém, durante este tempo, não devia jurar, nem zangar-se, nem bater nas crianças, nem nos animais. Depois de se cantar Os Reis — cá vinham-che gente desde Santim, de Zanfoga e mesmo de Busmaior—, punham-se às portas das cortes as cinzas do tarulo para que o gado passasse por cima. Assim espantavam-se-lhes as doenças”. (O senhor havia ter em torno dos oitenta anos quando recolhi o rito em 1988. Ele, camponês, nunca saíra do Caurel fora do serviço militar).

Achega também informação sobre este rito Jesús Rodríguez López (1974), em esse *best-seller* da etnografia galega intitulado *Supersticiones de Galicia*, Lisón Tolosana (1971: 32), X. M. Reboredo (1985: 273-274), Eladio González (2001: 114), González Pérez (1991: 16) e Fraguas (1991: 102). Na sua monografia sobre a freguesia de São Cristóvão de Xavestre, Sixirei Paredes também achega dados sobre os costumes do Natal:

Durante as festas de Nadal na cociña, alí onde aínda se conservan as vellas lareiras, arde un gran cachopo, o «cachopo de Nadal» arredor do que se quenta toda a familia, a cinza ten un valor fertilizador e aproveitará-se pra botar-lle ás cortiñas e tamén nas leiras de millo cando no mes de Maio se fai a milleira pois até entón se garda nun saquiño. (Sixirei 1982, 172-3).

Taboada Chivite comenta que o toro de Natal fora condenado pela Igreja, e que se lhe atribuíam propriedades curativas:

Los Capítulos sinodales de Modoñedo condenan como *rito gentilico* el que desde el día de Navidad hasta el 1º de enero «ardiese en el lugar el gran leño a que daban el nombre de *Tizón de Navidad*. Según creencia popular, sus cenizas eran buenas para curar calenturas [Remete-nos a M. Murguía: «Galicia. España y sus monumentos y artes» Barcelona. 1880, 180]». (Taboada, 1980, 128).

Algo que também aponta Caro Baroja (1946: 119): «San Martín Dumense, obispo de Braga, a fines del siglo VI, nos habla de él [o toro de Natal] y del culto que recibía en su diócesis como de algo terriblemente pagano». Taboada sinala, aliás, a sacralidade que este lume tinha, já que não se podia cuspir nele (1980, 121). Enquanto ao âmbito geográfico, o tição de Natal, está presente em Vilalva, Teixido, São Vicente de Vigo (Carral), Banhos de Molgas e Tui, o qual demostra a grande extensão desta costume, que abrange praticamente toda a Galiza. Sobre as variantes, é de destacar que em Banhos de Molgas é a mulher mais velha da casa a que barre o lar, mentres que o patrão, é o encarregado de prender-lhe lume ao tição. Em Cruído, na Corunha, chamam-lhe *cachopo*, e ali o ritual tem a característica de que se põe primeiro ao sol antes de queimá-lo para conjurar a tempestade, atacando aos demos nuveiros (Taboada, 1980: 242). O seu potencial protector também o resalta Rodríguez González (2001: 114), «cando ameaza saraiba (pedrazo), unha treboada *ou algunha calamidade pública*» (itálicas minhas). A Taboada Chivite também lhe consta a presença da prática em Portugal<sup>5</sup>, assim como a antiguidade do tição de Natal, que data como mínimo do século XV<sup>6</sup>. Outra costume muito próxima (simbolicamente) é a do lume novo do 31 de Dezembro,

También en Mondoñedo los niños portan a la iglesia una *carripocha* o *carricocha*, hongo del sauce, hacen una hoguera en el atrio y, bendito el fuego, prenden con él la *carricocha* para encender la *lume novo* [...] Otra circuns-

---

[5] Remete-nos à referência de: Fernando Pires da Lima, *Ensaíos etnográficos*, Lisboa, 1969.

[6] Taboada Chivite remete-nos a um artigo de «La Región» (7-1-61) de J. Puga Brau, intitulado «Historiografía alaricense. La Navidad en 1495». Sinala também que há constância de que o lume se prendia incluso dentro das igrejas, prática proibida por um mandato episcopal do 1567. Sobre isto recordo uma visita ao castelo de Monte Rei em Verim. Na igreja do castelo as paredes apresentavam grandes zonas de cor negra. Ao perguntar-lhe por elas, o encarregado das visitas disse que não sabia a que se deviam, «mas quem sabe se antes prendiam lume dentro!».

tancia interesante es que el *lume novo* se encendía, e algunos sitios, no con cerillas sino con el chisqueiro de un viejo petrucio y si se apagaba se traía de la casa de un vecino. (TABOADA, 1980: 243)

### Também nos fala dele Clodio González:

Igual significado [que o toro de Natal], pero cristián claro está, teno [o rito ígnico] que se fai diante das igrexas o Sábado de Glória, coñecido tamén por *lume novo*, e do que os veciños levan tizóns ou mesmo carbóns para a casa, pois son bos para arreda-las chispas de treboadas. Este lume simboliza a resurrección de Xesucristo. (González Pérez, 1991: 16)

Para Vicente Risco (1994: 541) «o tizón de Nadal é rito coñecido e usado en toda Europa, e faise tamén en moitas partes de España. En Cataluña vén ser o que chaman *tió tió*, no que baten os nenos da casa para que lles bote doces, que os pais lle meten dentro». Além disso sinala a súa presenza em Ponte Vedra e Lugo.

Na noite de Natal também era habitual deixar a mesa posta, para que as almas dos difuntinhos comessem à mesa ao quente do toro de Natal (Fraguas, 1995: 22; Rodríguez González, 2001: 114).

Na Galiza, para além de queimar o toro do Natal, também se realiza um rito muito similar na Noite Velha<sup>7</sup>. Às vezes é um boneco de palha, formado por doze partes, envoltas cada um com um papel de cor diferente simbolizando os meses do ano (Mariño Ferro, 2000: 462). Em outras partes o boneco é levado polos moços a aldeias vizinhas, entregando-lho ao primeiro solteirão ou solteirona que apareça, recordando-lhe que já é tempo de casarem. Também se leva em processão para depois queimá-lo. Quando seja só cinza, o primeiro moço que lhe atire uma pedra será o primeiro em casar (*Ibid.*).

---

[7] Em realidade, em cada um dos dias sinalados como festa cíclica realizam-se actividades deste tipo. Há muitas variantes.

### **2.b) Dados etnográficos de toda Europa**

Acabamos de ver como Risco relacionava o tição de Natal com uma prática do Natal catalã. Mas há muitos dados sobre Espanha e Europa. No além-Minho o rito apresenta uma das formas mais interessantes para a interpretação, como veremos mais adiante:

Em Portugal há o costume de prender dos ramos das árvores figuras a anunciar o Natal que depois são queimadas diante da Igreja. No Douro há a tradição de queimar uma árvore inteira na lareira. Nas Beiras, tanto a Alta quanto a Baixa, a árvore conhecida como “o Madeiro do Menino-Jesus” [especialmente espectacular é a queima de Proença-a-Velha] é queimada na praça aos doze toques da meia noite, salta-se depois sobre o braseiro à par que se cantam as Janeiras, Antigamente o povo todo da aldeia comia, bebia, e dançava à volta do fogo, a seguir à misa do galo, entrando a diversão pela noite dentro. (López González, 2006: 2)

D. Julio Caro Baroja estuda o toro de Natal em relação com «Olentzaro», uma personagem mítica que compartilha várias características com o Apalpador, do que falaremos posteriormente.

En Oyarzun, Vera, Lesaca y otros pueblos se le consagra [a «Olentzaro»] el tronco, que en otras partes se llama tronco o tea de Nochebuena.

Refiriéndose a este tronco, del que luego tendremos ocasión de hablar más, dice el señor Lecuona, tratando de Oyarzun: «Días antes de la festividad escoge la «etxekoandre» (señora) un leño grueso y de un tamaño más que regular para alimentar el fuego en que se condimentarán por la tarde del día de «Olentzero» (Nochebuena) las viandas que se han de consumir en la cena. El leño se llama «Olentzero-enborr» (tronco de «Olentzero»).

Llegado el día, y luego de comer, se arrima el leño al fuego y se empieza a preparar la cena de «Olentzero» («Olentzero-apari»). [...]

En otro tiempo, los restos del tronco medio quemado se ponían al día siguiente en el umbral de la puerta para que el ganado pasara sobre él y así quedara preservado de ciertos males. [...]

En Larraun [...] el tronco de Navidad («Onontzaro mokorra») se tiene ardiente día y noche. (Caro Baroja, 1946: 105-6)

Reconhecemos aqui, novamente, propriedades curativas no toro de Natal. Passar o gado por riba de cinzas, ou restos de uma fogueira, é um ritual curativo próprio de toda a Europa, e também da Galiza. Na paróquia de Leira (Ordes) passam-se as vacas por riba das cinzas da *cacharela* do São João para sará-las e/ou protegê-las.

Caro Baroja relaciona os nomes atribuídos ao toro de Natal no País Basco e Navarra com as denominações empregadas para a Noite Boa e o Natal (1946: 118). Nas localidades de Esquiroz e Elcano (Navarra) a prática do toro de Natal apresenta uma variante interessante:

... no ponen un solo tronco al fuego, sino tres: uno para Dios, otro para honra de la Virgen y otro para la familia. La mañana de Año Nuevo ponen el primero de los tres en el umbral, y obligan a todos los animales a pasar por encima. Si no es a primeros de año, se celebra el rito el día de San Antonio Abad y así se cree que los animales quedan libres de desgracia para todo el año. Un informe parecido recogió Azkue en Araquil, y el mismo cuenta cómo en Ibarri (Vizcaya), para matar las alimañas esparcen formando una cruz las cenizas del día de Navidad por el campo, en el día de San Esteban. (CARO BAROJA, 1946: 118-9)

Outras zonas que praticam rituais semelhantes som Aragão, Andaluzia, onde «queda el vestigio que refleja la palabra «Nochebuena», con la que se designa al «tronco de olivo que sirve de cabecero a una candela», como ocurre también en Castilla» (*Ibid.*) Seguindo a Caro Baroja, em Catalunha é onde mais tradições correm sobre ele. Na França chamam-lhe o «Buche de Noël», e na Toscana ao dia de Noite Boa chama-se-lhe igual que

ao toro de Natal: «Ceppo», aliás acreditam nas suas propriedades fecundantes (Caro Baroja, 1946: 120). Na actual Grécia camponesa, aos «kallikantzaroi», seres míticos que baixam pola cheminé, «les ponen el mismo tronco [o de Natal], que debe arder durante los doce días, con ciertas hierbas mágicas para que no entren, aun cuando hay sitios en que se colocan ofrendas en las chimeneas para ellos» (CARO BAROJA, 1946: 125).

James Frazer também recolhe no seu *The Golden Bough* uma grande quantidade de dados, como é costume nele, sobre este tema. Situa a sua prática em Inglaterra, a França e os países eslavos meridionais. Nos vales centrais do Sieg e Lahn, na Alemanha central, os restos do toro «se desparramaban por los campos durante las doce noches [do dia de Natal ao de Reis], con lo que se creían promover el crecimiento de la mies» (Frazer, 2003: 715), o que também se fazia em Albânia. Em Westfalia chamavam-lhe ao toro «Christbrand», e era usado contra os raios, ao igual que o «Tréfoir» na França, que também guardavam em baixo da cama para protegerem a casa de incêndios e raios durante todo o ano; ou simplesmente para fazerem fugir os bichos. Em Perigord

... la parte del tronco que no se ha carbonizado en el fuego la usa el labrador para hacer con ella la cuña de su arado, pues alegan que esto es causa de que la simiente dé más rendimiento, y las mujeres guardan trozos de él hasta la noche duodécima [Dia de Reis], para la seguridad de sus pollitos. (FRAZER, 2003: 716)

Para saber qual será realmente a efectividade dessa virtude fecundadora, contam-se as chispas que o lenho desprende ao golpeá-lo ardendo. O número de anhos, bezeros ou pitinhos será igual ao número de chispas. Em Inglaterra o lenho encendia-se com um fragmento do seu predecessor. Por último, uma variante interessante é a dos huzuis, «pueblo eslavo de los Cárpatos, encienden el fuego por fricción de madera en la víspera de Navidad (cómputo antiguo, el 5 de enero) y lo mantienen ardiendo hasta la noche duodécima» (FRAZER, 2003: 717).

Outra prática muito parecida é a do «fogo pascual», que descreve Brisset (2000).

## SEGUNDA PARTE

### **INTERPRETAÇÃO DO MITO<sup>8\*</sup>**

#### **3. Cenário simbólico: o Natal**

Como é que se escolheu o 25 de Dezembro para celebrar o nascimento de Jesus Cristo quando não temos dados que o acreditem? Frazer fornece-nos os elementos que recomponhem esta decisão:

Los evangelios nada dicen respecto a la fecha del nacimiento de Cristo, y por esta razón la Iglesia no lo celebraba al principio. Sin embargo, pasado algún tiempo los cristianos de Egipto acordaron el día 6 de enero como fecha de Navidad y la costumbre de conmemorar el nacimiento del Salvador en este día fue extendiéndose gradualmente hasta el siglo IV, en que ya estaba universalmente establecida en el Oriente. Pero la iglesia occidental, que hasta finales del tercer siglo o comienzos del cuarto no había reconocido el 6 de enero como día de la Navidad, adoptó el 25 de diciembre como verdadera fecha y esta decisión fue aceptada después también por la iglesia oriental. En Antioquía el cambio no se introdujo hasta el año 375 aproximadamente. (2003: 414)

Deslocar o Natal para o 25 de Dezembro é uma estratégia para apropriar-se simbolicamente das celebrações pré-cristãs relacionadas com o facto de esse dia ser o solstício de Verão. O Natal data como festa do ano 354, quando é registada no *Cronógrafo*. Para estudiosos como Martimort e García Rodríguez, a Igreja opus esta celebração às festas do *Sol invictus*, convertida em todo um símbolo da resistência pagã. A conversão foi simples,

---

[8]\*Uma boa introdução à festa do Natal poder ser X. M. Reboredo (1985: 272-276).

ao estar Jesus identificado com a luz nos Evangelhos (Mariño Ferro, 2000: 457-58). Incluso há vezes em que os Pais da Igreja falam não do nascimento de Mithra, senão do Sol.

Que o solstício de Inverno tivesse celebrações e rituais associados era bem natural, ao ser um dia muito característico a nível astral (Frazer, 2003: 715). O cristianismo adoptou a estratégia mais eficaz: ao identificar a Jesus Cristo com o sol não só solapava e ocultava as tradições anteriores, senão que as iUn-te-grava, apropriando-se do seu capital simbólico. Assim de claro o explica um escritor cristão sírio citado por Frazer (2003: 414-5). A Igreja era consciente em tudo momento da estratégia que estava a levar a cabo, assim São Agostinho invita a celebrar o solstício, não em honra do Sol coma os pagãos, senão em consideração a quem o fez (*Ibid.*), ou diz que a luz nasce entre as trevas como símbolo de Cristo, trazedor da luz ao mundo (sermão 223D); os próprios Evangelhos elaboram a imagem de Cristo como luz<sup>9</sup>, cuja expressão mais explícita é a do ritual do Natal em Síria e Egito onde

... los celebrantes reunidos en capillas interiores, salían a medianoche gritando. ¡La Virgen ha parido! ¡La luz está aumentado! Aún más, los egipcios representaban al recién nacido sol por la imagen de un niño que sacaban al exterior para presentarlo a sus adoradores. (FRAZER, 2003: 414)

Se os solstícios eram importantes é porque, em sociedades com uma percepção cíclica do tempo<sup>10</sup> (a maioria das agrárias), datas astrais sinaladas serviam de «marcas temporais», ideia que incorpora o cristianismo, como sinala Rita Amaral:

Guardar as festas é importante característica do judaísmo e do catolicismo, preceito que encontra seu sentido, para estas religiões, no mito de criação do próprio mundo, pois

---

[9] Ver o «Apêndice I».

[10] Sobre a conceitualização do tempo ver p. ex. X. M. Reboredo (1985: 263-266); sobre os tempos cíclicos ver M. Eliade (1968: 68).

já durante a criação, Deus ordena “*Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite: que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos*” (Gênesis 1:14,15). (Amaral, 2001)

Assim era habitual que se celebrassem rituais de renovação. O cristianismo modificou estes rituais cíclicos de renovação, substituindo-os por um

esquema básico: o ataque do Mal na véspera do dia santo; e a purificación previa á manifestación do poder sagrado. Enténdese que o Mal acomete precisamente cando se vai manifesta-la sacralidade. De aí que nas vésperas as bruxas ataquen con furia e nas aldeas impere o caos, ritualizado de diferentes formas. (MARIÑO FERRO, 2000: 455).

#### 4. O toro de Natal e o Sol

Estes ritos e esta festa, o Natal, enquadram-se dentro do calendário das festas cíclicas do ano. Como tal, terá ritos que simbolizem o remate e o começo de um ciclo; a data mesma da festa é um solstício, o remate e o começo de um ciclo solar. A cosmovisão do campesinato recolhe um mundo de relações no que todo está entrelaçado: desde o microcosmos até o macrocosmos. Para fazer-nos uma ideia disto, podemos reparar no facto de que muitos agricultores ainda seguem o calendário lunar, ao igual que muitas pessoas da cidade o seguem para cortar o cabelo ou as unhas.

Este simbolismo cíclico aparece na cultura camponesa galega (subgrupo da europeia) com uma vestimenta plenamente cristã. «Tódalas festa católicas do ciclo anual responden ó mesmo esquema básico: o ataque do Mal na véspera do dia santo; e a purificación previa á manifestación do poder sagrado» (Mariño Ferro, 2000: 455). Neste esquema temos que entender as festas cíclicas como a representação dramática de uma luta entre o Bem e o Mal; a coreografia conta com três actos: o caos, quando as forças do mal dominam; a luta pelo reequilíbrio; e finalmente a vitória do Bem, que aparece em todo o seu esplendor.

O calendário cristã escolheu dois dias como os mais importante para estas luitas: os dous solstícios. Ao coincidirem com a noite mais grande do ano, e a noite mais pequena do ano, a festa cristã (Natal e S. João) vê representado no grande teatro celestial a sua batalha espiritual. A luz<sup>11</sup> contra as trevas. Se comparamos as duas festas (as duas batalhas) veremos que a realmente difícil de ganhar, na que se há que empregar mais afundo é a da noite São João. Nessa noite as bruxas parecem mais fortes, é o seu grande dia. Por isso não se escatima em defessas simbólicas: bilitroques, fiuncho e espadanas<sup>12</sup> em todas as janelas e entradas da casa; lavar a cara com a água purificada e, sobretudo, a grande fogueira.

Porém no Natal não são precisos. No Natal nasce o Nosso Senhor, e é tal o seu poder, a sua sacralidade, que o Mal não tem nada que fazer. Por isto as defesas podem relaxar-se.

O lume é um elemento comum: na «torada de Natal» e na «cacharela de São João». É o elemento purificador por excelência, poderíamos constatá-lo em centos de citações: Heráclito, Sam Clemente, Kraemer e Sprengel, etc... O lume queima a ganga, o impuro, para deixar o puro. Mas, o que é que significa exactamente a queima do toro de Natal? Para López González :

... a queima do todo de Natal tem uma ligação iniludível com as representações solares (o Sol, produtor da luz e da vida em correspondência com a vegetação firma-se nos solstícios como se torna evidente nas festas de São João no solstício do verão). (2006: 3)

---

[11] Ver Apéndice I.

[12] A casa identifica-se com o indivíduo (que de facto será conhecido entre os vizinhos polo nome da casa, sempre por riba do indivíduo) até nas protecções simbólicas. Se o Mal, em forma de enfermidade, entra pelos orifícios do corpo que devem ser protegidos (por exemplo, dizendo «Jesus» ao esberrar, ou fazendo-lhe a sinal da cruz), também entra, em forma de bruxa, pelos orifícios da casa: janelas e portas. O bilitroque é uma defesa simbólica pelo estalido que faz, o fiuncho polo seu bom odor, atributo do Bem, e a espadana é uma arma simbólica, como o seu próprio nome nos diz.

As festa cíclicas «balizam» o percurso das persoas a través do tempo, proporcionando marcas visíbeis. A vida renova-se, e pode-se simbolizar queimando roupa velha, ou queimando un boneco de palha. Renova-se a nivel persoal, parroquial e «tamén o universo se renova anualmente: cren [os camponeses galegos] que esa noite se desintegra unha estrela e cae en muxicas a Terra mentres nace outra para substituíla.» Ao nivel da casa, escolhe-se esse dia para limpar a lareira, para renová-la. O toro de Natal adquire poderes sacros pola purificación do lume, e esse *mana* que adquire poderá ser empregado ao longo do ano contra o mal, p. ex. contra un demo nuveiro, causante de tormentas.

Mas o realmente interesante é o caso de Portugal, em que o toro queimado é chamado «Menino-Jesus.» É uma combinação perfeita dos dois ritos, o astral (cíclico, solar) e o cristã, o nascimento de Jesus, a chegada do bem. A combinação não foi difícil nem suspeitosa de paganismo, já que é avalada pola Bíblia a identidade de Jesus Cristo com a Luz<sup>13</sup>.

A noite do 24 de decembro é a máis longa do ano, e as doce desa noite, o momento máis escuro; a partir de aí empeza a nace-la luz e os días medran. Nese momento nace Cristo. Como di santo Agostiño, a luz que nace entre as trevas serve de símbolo a Cristo, que trae a luz ó mundo (Sermom 223D) (Mariño Ferro, 2000: 458).

Há outra característica importante. Tenhamos em conta que, pelo geral, a religião conta com dois pólos: o que poderíamos chamar mais «teolóxico», a religião dos especialistas, à que responderiam os conceptos abstractos; e o pólo «popular», mais

---

[13] Um exemplo de identificação entre Cristo e a luz muito interessante é o que ofrece Camille (2005: 41-56). Na arte gótica a Virgem Maria tem um papel central nos desenhos dos vidraços das catedrais. Cristo, a luz, entra a través dela, mantendo-a virgem, para iluminar o mundo: «La luz que entra en la iglesia se asociaba a menudo, como hemos visto en Chartres, con la Virgen María, cuya vida se relata en las escenas de los muros. Este espacio abovedado se puede ver, por tanto, como una imagen del cuerpo puro e inmaculado de María y de la santidad de la Iglesia» (Camille, 2005: 48). «El artista medieval, como el filósofo, pensaba en función de contrastes dialécticos [...] La luz se asocia con lo elevado, y la oscuridad con la base... ». Ver también Apéndice I.

inclinado a práticas religiosas mais pragmáticas (se se permite a expressão), à que corresponderiam símbolos de menor abstracção<sup>14</sup>.

Nestes ritos o povo apoia-se (não sei se consciente ou inconscientemente) na «teologia» para a realização de um rito que apela a um elevado grau de abstracção. O facto de queimar o Menino-Jesus, p. ex., não é programada pelo sector teológico, quando em aparência, devido ao elevado grau de abstracção, ao «pólo normativo» que remete, lhe corresponderia. É fascinante como esse «inconsciente epistemológico» (maltratando o conceito) da festividade cíclica do solstício, se funde com o nascimento de Cristo nas práticas religiosas populares.

González Pérez comenta que, com a perda de importância do lume nas casa, causado pela chegada da electricidade, o toro de Natal está a perder presença (1991: 16).

## 5. Árvore de luzes

Comprovamos já a importância do toro de Natal a través dos dados dos etnógrafos galegos. Porém, parece que na actualidade é uma prática quase extinguida, pelo menos na Galiza. A unificação de mercados de bens simbólicos camponeses e urbanos<sup>15</sup> provocou a rápida desapareção do toro de Natal e a penetração total da árvore de Natal nos fogares galegos. Podemos sondear no tempo esta penetração de um elemento, estranho até há pouco. Para Taboada Chivite (1980: 119) a árvore de Natal era uma costume exclusivamente urbana, e sem presença no rural. Em troques, Sixirei Paredes (cujas investigações são posteriores às de Taboada) observa já um processo de assimilação da árvore:

---

[14] Sigo aqui a divissão que Victor Turner (2004: 30-32) estabelece entre o «pólo sensorial» (emotivo) e o «pólo ideológico» (normativo) dos símbolos na teoria da polarização de sentido. «En el polo sensorial se concentran *significata* de los cuales puede esperarse que provoquen deseos y sentimientos; en el ideológico se encuentra una ordenación de normas y valores que guían y controlan a las personas como miembros de los grupos y las categorías sociales» (Turner, 2004: 31).

[15] Em relação com uma unificação de mercados de bens materiais.

A árbore de Nadal, de orixe centroeuropea, non tivo moito máis éxito [do que o belém], a excepción das casas dalguns emigrantes, pro a importancia que o mundo vexetal ten no subconsciente labrego, fixo que se interpretase a xeito de ramo de funcionista ou de ramallo de San Xoán, daí que a xente lle chame «O Ramo». (1982: 172)

Neste trecho pode estudar-se todo o proceso de introdución: primeiro só aparece na casa de emigrantes, supoñemos que se trata de gente que estivo en Europa, e que ao voltar, conserva e expõe o capital simbólico (representante da superioridade económica de aqueles países) que observou e do qual se apropiou. Ao mesmo tempo, como todo proceso gradual, a gente instalada no sistema simbólico anterior (o campesinho) reintegra e re-significa o elemento novo (a árbore) em función dos esquemas simbólicos propios. O resultado é sorprendente: é o campesinato «ignorante» o que descobre o significado que a árbore de Natal tinha no seu contexto original, é dizer, un elemento com propiedades protectoras (Caro Baroja, 1946: 122); enquanto para a gente jovem, urbana e já instalada em um sistema simbólico alheio ao camponês<sup>16</sup> a árbore de Natal perdeu todo o seu capital simbólico (o significado original) para passar a ser simbolismo do Capital.

Caro Baroja (1946: 122) enumera distintas interpretacións que recebeu a árbore de Natal. Para M. Nilsson sería una supervivencia do culto à árbores, relacionado com a árbore de Maio. Outros, como Adolf Jacoby, afirmam que é totalmente cristiã e medieval, apoiando-se na populariade das representacións da árbore do paraíso<sup>17</sup>. Finalmente, varios investigadores como Mannhardt atendem a mais dados, especialmente à data,

en el período del solsticio de invierno, de los doce días,  
aparecen en la superficie de la tierra los espíritus y las almas,

---

[16] Evidentemente há graduações, não se trata de dois campos impermeáveis.

[17] O qual poderia ser uma explicação lateral da aceitação da árbore de Natal, mas não parece que seja a causa.

de los cuales eran representación las comparsas de enmascarados frecuentísimas en Alemania, como en España. (*Ibid.*)

No solstício o bem e o mal, a luz e as trevas lutam, e como já vimos, as bruxas aproveitam para atacar. Os camponeses activam então uma série de medidas protectoras: desde o lume purificador do toro de Natal, até as defesas simbólicas nas janelas em São João. É aí onde parece que há que enquadrar a árvore do Natal da Europa do Norte, e relacioná-la com o toro de Natal (CARO BAROJA, 1946: 121)

### 6. O Apalpador mais o Olentzaro

A interpretação do Apalpador conjuga, em certo jeito, muitos dos dados vistos até agora.

A escassez de dados não permite uma interpretação muito larga. Por começar, o reduzidíssimo âmbito geográfico no que se dá o mito do Apalpador pode explicar-se de dois jeitos: ou bem é um mito próprio só dessa zona, alheio ao resto da Galiza; ou bem só se conserva nessa zona embora fosse também próprio de outras.

Só a investigação etnográfica pode oferecer-nos uma solução fiável, porém, parece bastante provável que se trate de um mito que, pouco a pouco, foi desaparecendo. O facto de permanecer na única montanha luguesa pode ter a ver com isso; a zona de mais difícil acesso geográfico, também é a zona de menor acesso de costumes forâneas, e polo tanto mais livre da pressão de outros mitos como o Papá Natal.

É também provável que o Apalpador, em outros tempos, baixasse da devesa na Noite Boa (como o Papá Natal) e nom no 31. A cantiga da senhora Amadora assim o parece indicar: «Já chegou o dia grande,/ *dia do nosso Senhor.*/ Já chegou o dia grande,/ e virá oApalpador.» O dia grande não é outro do que o 24-25 de Dezembro, dia do nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo. Para Lôpez González (2006: 5) uma vez mais, a pressão de outros mitos pudo deslocar o Apalpador face o dia do Santo Silvestre.

Apoiando-nos na interpretação de Caro Baroja, analisaremos as características destas personagens da Noite Boa. Em princí-

pio não parece uma personagem cristã, de facto tudo está de mão para deslocá-lo: na Noite Boa o menino Jesus é o protagonista, e a função de levar-lhe presentes aos nenos, está hegemonizada pelos Reis Magos; se bem, paradoxicamente, está a voltar ao 24 de Dezembro a través de Papá Natal. Ainda outro dado nos indica que não é cristão: o seu carácter burlesco (sobretudo no caso basco). Se bem o campesinhado sempre acompanhou de humor ao sagro, nunca chega ao extremo de ridiculizá-lo. Outra cousa é que se esforce em ridiculizar outros mitos<sup>18</sup> alheios à tradição cristã:

Lo que en definitiva vemos es la preocupación de la Iglesia por transformar profundamente lo maravilloso dándose una significación tan nueva que ya no nos encontramos frente al mismo fenómeno; o bien, la preocupación de ocultar y hasta destruir lo que para la Iglesia representa uno de los elementos quizá más peligrosos de la cultura tradicional, a la que llama pagana, en la medida en que lo maravilloso ejerció en los espíritus evidentes seducciones que son una de las funciones de lo maravilloso en la cultura y la sociedad. (LE GOFF, 1986: 11)

Baroja descreve esta ridiculização (mas em outros casos demonização!):

Creer que su personalidad se ha formado sobre la costumbre cristiana es una candidez [...] estamos ante un caso típico de esfuerzo de cristianización de un mito [...]

Las coplas modernas, llenas de palabras castellanas, de pueblos relativamente grandes, como Oyarzun, Vera y Lesaca, nos hablan de un tipo borracho y glotón que se transforma de repente en el anunciante del nacimiento de Cristo. (1956: 115)<sup>19</sup>

---

[18] E note-se que os «objectos» de ridiculização da Igreja, tanto podem ser elementos «pagãos» (os menos), como elementos cristãs mas populares (a grandíssima maioria). A elite teológica sempre se preocupa de manter a distinção (no sentido que lhe dá Bourdieu) entre a religião popular e a profissional.

[19] Serve o exemplo para criticar aquelas interpretações que buscariam em

Penso que o fulcral é a profissão do Apalpador mais o Olentzaro: com carvoeiros, ou quando menos estão relacionados com o lume e a luz (ou levam a cara emboralhada, ou um feixe de giestas). Estando Cristo caracterizado como a luz e o Sol (como já vimos), sobretudo na Noite Boa<sup>20</sup> é fácil pensar que o Apalpador anunciava a vinda do novo Sol. Eis que está intimamente relacionado com o toro de Natal, outra representação solar e de renovação cíclica. Taboada explica-o citando a Mircea Eliade,

la producción ritual del fuego reproduce la creación del mundo. Por eso es por lo que al terminar el año se extinguen todos los fuegos (reactualización de la noche cósmica), que vuelven a encenderse el día de Año Nuevo (repetición de la cosmogonía o renacimiento del mundo». (ELIADE, 2004: 39 citado por Taboada, 1980: 137-8)

O Apalpador aparece como embaixador da renovação cíclica: na Noite Boa da renovação solar, no Ano Novo da renovação anual. O toro de Natal sublinha a renovação ao ser encendido pelo mais velho da casa, ou com um pedaço do toro do ano anterior. Mas a renovação estende-se a todos os níveis, também os reprodutivos (animais e prantas) para além dos cósmicos. É provável que o componente protector (p. ex. perante um demo nuveiro) fosse adquirido como um elemento cristã. Na Galiza não trascendeu do seu posto de embaixador do Sol, mas no País Basco também é embaixador do nascimento de Cristo nas cantigas populares. Sigo a explicação de Caro Baroja (1946: 112-4.). «Olantzaro» relaciona-se com a festa da O. Desde o 656, a festa da Expectação<sup>21</sup> (no 18 de Dezembro) converte-se na mais antiga em honra à Virgem. Na Idade Média funde-se com tradição de cantar as «Antiphonae majores»<sup>22</sup>, cantos que começam o

---

este mito um *survival* de uma festa báquica cujo significado se perdeu...

[20] Pois é quando mais precisa o traje de sol para ocultar outros mitos.

[21] Expectação pelo nascimento de Cristo, ánsia que o coro de eclesiásticos reproduze nas vésperas.

[22] Comparar com as que Egípcios e Sírios recebiam o nascimentos de Jesus; (Frazer, 2003: 414 e *infra.* 7).

dia 17 de Dezembro até o dia 23, pouco antes do nascimento de Cristo. Mas, por que se relaciona isto com Olentzaro?

... debemos tener en cuenta que a dichas antífonas el pueblo de Francia les llama, o ha llamado, «les o de Noël», y de aquí salió en la Edad Media la denominación de «les oleries»=la época de las O, que en vascuence es exactamente «Olentzaro-a» [...]

En consecuencia, se puede pensar en nuestro caso particular que el que a la personificación de «Olentzaro» se le haya dado el carácter de embajador con que aparece en las coplas se debe a que representa el último período de adviento, de la expectación del parto de la Virgen. En cuanto a las formas «olen...», «onen...», etc., parece que en su totalidad se han de relacionar con el viejo nombre francés de «oleries», de modo directo, teniendo en cuenta las alternancias citadas y un muy posible proceso analógico. (CARO BAROJA, 1946: 114)

Aliás, como já dissemos, a zona do Olentzaro é a zona do antigo bispado de Baiona.

Mas será certo que o dia próprio do Apalpador é a Noite Boa? Em Taboada temos um novo golpe de mão:

El comienzo del año es augural y propiciatorio. Si los tiempos comienzan activos, decía Ovidio [remete-nos a *Fastos*, I, 545] auspician para el año fecunda actividad y por eso se entregaban los romanos al diligente ejercicio. También en el siglo VI Galicia, refiese al Dumienense, que empezando alegre el año, todo él traerá alegría [cá envía-nos a «De correctione rusticorum», España Sagrada, xv, 428][...] Lllaman también a esta noche [Ano Novo], *noite do apalpadoiro*, porque se tocan el vientre a ver si han comido par todo el año y los mozos visten ropa nueva, para garantizarla todo el año así.

O carácter augural e propiciatório do Ano Novo mantem-se em milheiros de rituais (e ditos) urbanos de hoje.

Por outra banda, o calendário cíclico camponês oscila entre duas «balizas»: a Noite Boa e o Ano Velho/Ano Novo, podendo as duas exercer de «ponto de renovação», embora actualmente seja o Ano Velho quem conserva essa função de ritual cíclico. É o 31 de Dezembro quando se bota mão de todas as possibilidades sociais de significar a renovação cíclica: promesas de ano novo, mensagens de felicitação, festa rachada, roupa nova não posta em todo o ano, etc...

O soltício de inverno aparece, já que, como um cenário de disputa pola hegemonia simbólica, começada (talvez) polo cristianismo perante os mitos mitraicos.

Se em muitas partes da Galiza se confeccionava um boneco em Ano Velho para ser passeado em comparsa e depois queimado (o qual em princípio não tem nada que ver com o Apalpador), esta mesma função exerce-a em (só algumas partes) do País Basco o Olentzaro; de jeito parecido, o vestido do boneco de fim de ano galego tem doce remendos/meses, e o Olentzaro de algumas zonas 366 olhos/dias.. Se na montanha de Lugo parecia que o Apalpador vinha na Noite Boa trazer-lhe castanhas aos meninos, em outras partes da Galiza o Apalpador, mais que uma personagem mítica, é o nome de um rito augural.

Nas igrejas de todo o mundo, intentava-se “ajudar” à virgem a parir. Cantando na França e Espanha, berrando em Síria e Egipto, levando um galo<sup>23</sup> à missa do mesmo nome para que, como faz todas as manhãs, anuncie a chegada do Sol-Jesus.

Ficam tão só um fato de mitos e ritos, terrivelmente entrelaçados. Ao igual que caranguejos ermitanhos que buscam uma nova cuncha, os significados abandonam *significantes* já velhos para buscar algum outro mais novo, e a ser possível melhor valorizado na feira do mercado simbólico. E é que a hegemonia simbólica está em jogo.

---

[23] O símbolo do galo como anunciador do dia está extendidíssimo, da cultura popular até os grandes poetas hispanoamericanos. Lorca, por exemplo, di no “Romance de la pena negra” (*Romancero gitano*): “Las piquetas de los gallos/cavan buscando la aurora”; ou, menos claro, em César Vallejo, no poema II de *Trilce*: “Gallos cancionan escarbando en vano./ Boca del claro día que conjuga/ era era era era.” (2005: 400 e 1967: 8 respeitivamente).

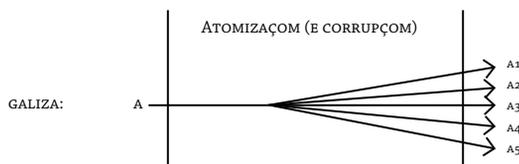
## TERCEIRA PARTE

**A ANÁLISE SOCIOLÓGICA****7. Desaparição. Unificação de mercados**

O Apalpador e o Olentzaro são variantes de uma personagem mítica europeia. Os dois não estão fixados, pelo menos na actualidade, por estarem inseridos em uma cultura dominada (é dizer, desapareceram as suas regras de formação de preço) como o Papá Natal; a homogeneidade de um código ou elemento simbólico é um termómetro fiável da sua saúde. Por esta razão os caracteres que apresentam estão muito diversificados; é um fenómeno semiótico homólogo ao que, no nível do léxico galego, Carlos Garrido define como «atomização (e corrupção)»:

Denominamos *atomização* [...] o fenómeno de degradação lexical sofrido polo galego-português na Galiza desde o início dos *Séculos Obscuros* que consiste no surgimento, a partir de um determinado étimo, por isolamento e deriva lingüística, de duas ou múltiplas variantes geográficas para designar um dado conceito, dentre as que, a falta de registo escrito e centro normador, nunca se impujo umha única solução como comum ou supradialectal (apesar da tradição literária posterior ao *Ressurgimento* decimonónico). Frequentemente, na Galiza a atomização lexical aparece acompanhada de *corrupção* ou generalização de variantes plebeias (GARRIDO, 1999: 17).

Garrido (1999: 31) representa o fenómeno deste jeito<sup>24</sup>:



[24] Sendo «Galiza» o contexto de existência do sistema simbólico (ele emprega-o para a língua, nós para um mito) e A o nome da variante simbólica. As linhas verticais servem-nos de indicadoras de um período sincrónico, e as flechas cara a direita o avanço diacrónico.

As formas (palavras, mitos, etc.) fixadas e homogeneizadas são as próprias de uma cultura normalizada, é dizer, que não pervive em uma situação de *diglossia cultural*<sup>25</sup>. Se na Galiza, até há menos de um século, o galego não perdia falantes nem as suas costumes se deixavam de transmitir, era basicamente porque ainda não se procedera a uma unificação de mercados de bens materiais e simbólicos, na sociedade de aquele então. «Conviviam» duas sociedades em uma, as classes altas e o campesinato, sendo a sua principal ligação uma transferência de excedentes (o *fundo de renta*) da esfera camponesa à classe alta (Wolf, 1982: 17-18). Em este contexto o ascenso social era impossível, e a melhora social reduzia-se a intentar subir um pouco dentro do grupo. Este fenómeno reflecte-se no que Foster (1965) deu em chamar «Image of Limited Good», que não é senão o reflexo na esfera mítica desta impossibilidade de mobilidade social ascendente. O camponês só acredita na sua possibilidade de ascenso por meios de um milagre (os tesouros dos mouros na Galiza) e, em contra-ponto, imagina as possibilidades económicas do seu entorno como um jogo de soma zero em a que, para que algum camponês melhore a sua situação deve ser em detrimento dos bens de outro; ilustrado à perfeição na luta pelos marcos das leiras, «a segum uma vai a mais, a do vizinho vai a menos». Outro exemplo da visão que o camponês tinha do seu próprio grupo social é o facto de que

El señor parece como algo distante y exógeno con respecto al campesino. La lucha del campesino con la naturaleza es tan concreta como la que sostiene con su señor. El propietario feudal es para el campesino un factor constante como lo puede ser en su ecología una determinada estación de lluvias (cfr. Mas 1972). (TERRADES, 1973: 32-33)

---

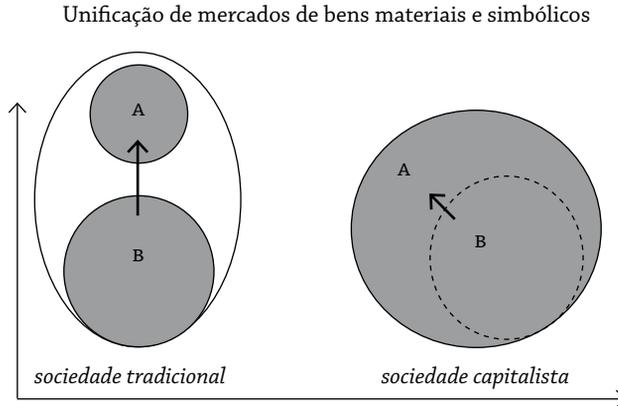
[25] Com este conceito quero alargar o significado típico de *diglossia* para além da linguística face qualquer sistema semiótico.

Evidentemente este abismo foi-se dissolvendo no processo de substituição do estatus adscrito pelo status adquirido, que coincide com o êxodo às cidades. É o que Bourdieu chama, empregando a frase de Alexandre Koyré, «Do mundo cerrado ao universo infinito» (Bourdieu, 2004: 221-228); tipificado por Álvarez Cáccamo (2004) como o passo de umas «*redes sociais densas* (muitas pessoas interligadas por contactos frequentes), *fechadas* (sem novas incorporações habituais à rede) e *multiplex* (ligações estabelecidas em função de múltiplos tipos de relação social)» a outras «*redes abertas pouco densas* (contactos mais ocasionais) e *simplex* (relacionamo-nos com alguém em função de apenas um tipo de papel social: amigo/a-amigo/a, empregado/a-chefe/a, etc.)». Nesta transição derrubam-se as duas esferas isoladas (agás pelo cordão umbilical em forma de transferência de renda que permitia à classe dominante exercer como tal) e a ilusão da mobilidade social e o *estatus adquirido* aparece.

Porquanto estas esferas foram derrubadas, e os mercados unificados, fez-se necessário, como meio de ascenso social para o campesinato, a apropriação do capital simbólico das classes altas (falar castelhano, copiar as suas crenças...) (ver p. ex. Álvarez Cáccamo, 1987: 134-136); ao mesmo tempo que os valores camponeses se devalorizavam:

... los productos hasta ese momento condenados a circular en el recinto protegido de los mercados locales, obedeciendo a sus propias leyes de formación de precios, se devalúan bruscamente por la generalización de los criterios dominantes de evaluación y el descrédito de los «valores campesinos», que implican el hundimiento del valor de los campesinos... Visible en todos los terrenos de la práctica (deporte, canción, vestido, hábitat, etc.), el proceso de unificación y producción y el proceso de la circulación de bienes económicos y culturales implica la obsolescencia progresiva del antiguo modo de producción de los hábitos y de sus productos. (PIERRE BOURDIEU, 1985: 24)

## DESENHO 1. *Unificação de Mercados*



No quadro, entre os eixos sincrónicos e diacrónicos, vemos como a sociedade tradicional mantém campos (ou mercados simbólicos) separados, sendo a única ligação entre classes altas (A) e baixas (B), a transferência de renda. No seguinte gráfico mostra-se a ruptura que descrevemos.

Assim o Apalpador apresenta muitas variantes em uma zona muito restringida<sup>26</sup>, e às vezes recebe um cariz pejorativo (descreve-no como o «Coco» ou «Homem do Saco»); pela outra banda o *Papá Noël* vai a cada vez mais casas, ora baixando pela chaminé para deixar presentes, ora aparecendo constantemente na televisão.

Para além disso, a tradição do Apalpador pertence ao círculo da infância e, como tal, a sua transmissão está fortemente ligada em uma sociedade tradicional ao papel da mulher. A mulher, com mais possibilidades de ascenso social mediante o casamento do que o homem, é a primeira sempre em adequar-se àqueles bens simbólicos mais preçados, cuja acumulação aumentará as suas possibilidades de um casamento «ascendente». Neste papel de rápida adaptação aos novos preços simbólicos, e de preparadora dos filhos, a mulher introduzirá rapidamente

[26] Já vimos que o Olentzaro até apresenta uma grande variedade de nomes.

novas práticas e crenças, entre as quais se acha a substituição do «camponês» Apalpador pelo moderno (e promessa de avanço social) *Papá Noël*, do mesmo jeito que começará a falar-lhe castelhana aos filhos:

... para avançar não só há que falar espanhol, mas, sobretudo, *há que falar espanhol aos filhos*, na esperança, tipicamente, de que os varões consigam um trabalho melhor e de que as mulheres “casem bem” (em inglês diz-se “casar para acima”, *to marry up*), quer dizer, casem com um membro estrato superior que já fala espanhol (é reconhecido o papel mais avançado das mulheres na mudança sociolinguística, até para -evidentemente- a assimilação à língua dominante). (ÁLVAREZ CÁCCAMO, 2005: 2)

... condenadas a la docilidad respecto a los usos sociales dominantes por la división del trabajo entre los sexos, y condicionadas por la lógica del matrimonio, vía principal para ellas, si no exclusiva, del ascenso social, las mujeres están siempre predisuestas a aceptar -ya desde la escuela- las nuevas exigencias del mercado de bienes simbólicos. (BOURDIEU, 1985: 24)

A escolarização, promessa de igualdade na apropriação de capital cultural recompensado no ascenso social, joga um papel fulcral na dominação simbólica: impõe novos preços às costumes, exis corporal, competência linguística; e homogeniza em torno à única cultura legítima (ver. p. ex. Grignon, 1981). Se em muitos países isto é um conflito classista, na Galiza é um conflito de «étnias», ao assimilarem-se a cultura galega à classe baixa e a cultura castelhana à alta. Automaticamente todos os sistemas simbólicos preexistentes se reajustam ao novo mercado.

## 8. Recuperação

No caso do Apalpador faz-se verdade o habitualmente ridiculizado termo de *urgência etnográfica*. Em contra do que se poda pensar, fica muita etnografia por escrever-se sobre a Galiza. O trabalho antropológico actual está muito condicionado pela es-

cashez de material, na sua maioria material bastante antigo já. A recuperação e estudo de uma tradição deve começar, como medida de urgência, pelo registo do material existente, fonte de próximos trabalhos. Embora seja pouco valorizada pela antropologia actual, a labourea de etnografia é absolutamente necessária, e não deixa de ser interessante do ponto de vista mais teórico precisamente nestes tempos de grande mudança social e cultural.

Recuperar um sistema simbólico (seja a língua, seja O Apalpador) significa recuperar as suas *condições de existência*, que neste caso significa criar as condições em as quais a posse de esse capital simbólico seja valorizado positivamente. Não se pode culpabilizar aos membros de uma cultura de não protegê-la enquanto se criam umas condições sociais desfavoráveis para ela. Não se lhe pode peder à população galega que seja monolíngue em galego por «amor a Galiza, por sem bom galego» enquanto, desde as instituições de poder, não se criem as condições favoráveis para esta eleição que nunca é meramente «sentimental», senão que obedece a umas promesas de vida, a uma posição social, etc. Mentras a cultura galega não seja sancionada como legítima, e vista como um capital cultural necessário para o indivíduo, este tenderá a fornecer-se do capital cultural que promete uma vida melhor; e aos seus olhos as castanhas do Apalpador não serão mais do que uma acção terna de avôs ao lado da promessa de ascenso do «Papá Noël».

As políticas culturais podem, por outra banda, cair no problema de museificar as tradições e convertê-las em fenómenos de museu mais do que em actividades nas que a gente participa activamente; é dizer, que ainda lhe são funcionais. A morte de uma tradição (de uma cultura) por asfíxia, por falta de ar novo, é a que menos custos políticos acarreta, se o comparamos com o etnocídio.<sup>27</sup>

Em princípio parece normal que o Apalpador se divulgue primeiro entre um campo muito determinado, o *campo galego*

---

[27] Sobre as políticas culturais e a transformação de tradições em “bens culturais”, ver Llinares Garcia e Bermejo Barrera (2007).

*universitário, nacionalista e de esquerdas* (do qual a Gentalha do Pichel é um bom exemplo), por ser um mercado local em o qual este tipo de capital será altamente valorizado, e a sua posse quase um requisito para a «adquisição de acções e direitos mercantis». Extendê-lo a outras camadas da população é difícil, pois incluso os Reis Magos estão a perder a batalha. A sua divulgação escolar corre o mesmo risco que a promoção do galego: que se converta em um capital reconhecido e recompensado no exame e na aquisição de capital cultural legítimo mas que se deprecie bruscamente fora do mercado protegido da escola, sendo abandonado uma vez que se passe à esfera laboral. O Papá Natal não só leva presentes materiais como joguetes, também dá o seu próprio valor simbólico à criança.

Fazer visível a dominação simbólica, é uma tarefa necessária para que, o que é imposição e violência não se disfraze de «eleição individual e livre». Pois nenhum contrato ou acordo é livre quando as condições em as que se realiza são assimétricas.

## REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVAREZ CÁCCAMO, Celso. 2004. «A transmissão da língua nas famílias e nas classes». Disponível em Internet. [O último dia no que foram consultadas todas as páginas na Internet foi o 25-3-08].
- 1986. «Fala, bilingüismo, poder social». *Agália*, 10: 127-150). Disponível em Internet.
- AMARAL, Rita. 2001. «Perspectivas de populações locais sobre o turismo cultural nas festas brasileiras ou: festa para que(m)?». *Revista de Antropología Experimental*, 1. Disponível em: <<http://www.ujaen.es/huesped/rae/2001/articulo/ritamaralo1.htm>>.
- BOURDIEU, Pierre. 1985. *¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos*. Madrid: Akal.
- 2004. *El baile de los solteros*. Barcelona: Anagrama.
- BRISSET MARTÍN, Dementrio. 2000. «Imagen y símbolo en el personaje ritual de Judas». *Gaceta de Antropología*. N° 16, texto 16. Disponível em: <[http://www.ugr.es/~pwlac/G16\\_16Demetrio\\_Brisset\\_Martin.html](http://www.ugr.es/~pwlac/G16_16Demetrio_Brisset_Martin.html)>.
- CAMILLE, Michael. 2005. *Arte gótico. Visiones gloriosas*. Madrid: Akal.
- CARO BAROJA, Julio. 1946. «“Olentzaro”. La fiesta del solsticio de invierno en Guipúzcoa oriental y en algunas localidades de la montaña de Navarra». In: CARO BAROJA, Julio. 1984. *Sobre la religión antigua y el calendario del pueblo vasco*. Donosti: Editorial Txertoa. (3ª edição)
- FRAZER, James. 2003. *La rama dorada*. Madrid: F. C. E. (2ª edição, 12ª reimpressão).
- FRAGUAS FRAGUAS, Antonio. 1991. *La Galicia insólita. Tradiciones gallegas*. Sada: Edición do Castro (4ª edição).
- 1995. *A festa popular en Galicia*. Santiago de Compostela: Seminario de Estudos Galegos.

- GARCÍA LORCA, Federico. 2005. *Romancero gitano*. In: *Obras completas*, Madrid: RBC-Instituto Cervantes.
- GARRIDO, Carlos. 1999. «Estado actual e perspectivas da norma lexical», *Agália* n.º57. Disponível em:  
 <<http://www.agal-gz.org/modules.php?name=Downloads&do=viewdownload&cid=4>>. (Emprego a paginação desta versão).
- GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio. 1991. *As festas cíclicas do ano*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego.
- GRIGNON, Claude. 1981. «La enseñanza agrícola y la dominación simbólica del campesinado». In: VV. AA. 1981. *Espacios de poder*. Madrid: La Piqueta.
- LE GOFF, Jacques. 1986. *Lo maravilloso y lo cotidiano en el Occidente medieval*. Barcelona: Gedisa, (2ª ed.).
- LISÓN TOLOSANA, C. 1971. *Antropología cultural de Galicia*. Madrid: Siglo XXI.
- LLINARES GARCÍA, Mar e J. C. BERMEJO BARRERA. 2007. «¿De quen é o ouro dos nosos antepasados? Os “bens culturais” e os seus modelos políticos » In: BERMEJO BARRERA, J. C. (2007, (67-86)) *¿Para que serve a historia de Galicia?*. Santiago de Compostela: Lóstrego.
- LÓPEZ GONÇÁLEZ, José André. 2006. «O Apalpador. Personagem mítico do Natal galego a resgate». *Vaga-lume* n.º2. Disponível em:  
 <<http://www.agal-gz.org/modules.php?name=Downloads&do=getit&lid=152>>. (Emprego a paginação de esta edição).
- MARIÑO FERRO, Xosé Ramón. 2000. *Antropoloxía de Galicia*. Vigo: Xerais.
- MIRCEA, Eliade. 1968. *El mito del eterno retorno*. Buenos Aires: Emecé.
- 2004. *Herreros y alquimistas*. Madrid: Alianza.
- REBOREDO, X. M. 1985. «Festas cíclicas» In: RODRÍGUEZ IGLESIAS, Francisco (Ed.) 1985. *Galicia. Antropoloxía. t. XXVII. Relixión. Crenzas. Festas*. A Corunha: Hércules de Ediciones.

- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Eladio. 2001. *Breviario Enciclopédico*. Santiago de Compostela: La Voz de Galicia (Edição de Camilo Fernández Valdeorras).
- RODRÍGUEZ LÓPEZ, J. 1974 (1895). *Supersticiones de Galicia y preocupaciones vulgares*. Lugo: Celta (4ª edição).
- RISCO, Vicente. 1994. *Obras completas, Vol. 3. Etnografía*. Vigo: Galaxia.
- SIXIREI PAREDES, Carlos. 1982. *San Cristobo de Xavestre*. A Corunha: O Castro.
- TABOADA CHIVITE, Xesús. 1972. *Etnografía galega*. Vigo: Galaxia.
- TURNER, Victor. 2005. *La selva de los símbolos*. Madrid: Siglo XXI (4ª edição).
- VALLEJO, César. 1967 (1922). *Trilce*, Buenos Aires: Losada (2ª edição).
- WOLF, Eric R. 1982. *Los campesinos*. Madrid: Labor (3ª edição, 1ª reimpressão).

## APÊNDICE I:

**JESUS E A LUZ NAS SAGRAS ESCRITURAS**

Emprego a classificação de Lôpez Gonçâlez (2006)

**a) Cristo é a luz**

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

A luz nas trevas resplandece, e as trevas não prevaleceram contra ela.

Houve um homem enviado de Deus, o qual se chamava João. Este veio por testemunha, para que desse testemunha da luz, a fim de que todos cressem por ele.

Não era ela a luz, senão para que desse testemunha da luz.

Aquela luz verdadeira, que alumia a todo homem, vinha a este mundo.

(*JOÃO 1, 4-9*)

Então Jesus disse-lhes: Ainda por um pouco está a luz entre vós; andai entre tanto que tendes luz, para que não os surpreendam as trevas; porque o que anda em trevas, não sabe aonde vai.

Entre tanto que tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos de luz.

(*JOÃO 12, 35-36.*)

Eu, a luz, vinhem ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.

(*JOÃO 12, 46.*)

... com gozo dando graças ao Pai que nos fez aptos para participar da herança dos santos em luz.

(*COLOSENSES 1, 12*)

**b) Cristo, luz do mundo**

Outra vez falou-lhes Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; o que me segue, não andaré em trevas, senão que terá a luz da vida.

(*JOÃO 8, 12*)

Entre tanto que estou no mundo, luz sou deste mundo.

(*JOÃO, 9, 5*)

### **c) A luz como ressuscitação**

Respondeu Jesus: Não tem o dia doze horas? O que anda de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas o que anda de noite, tropeça porque não há luz nele.

Dito isto, disse-lhes depois: Nosso amigo Lázaro dorme; mas vou para despertá-lo. [continua com a narração da ressuscitação de Lázaro.]

(*JOÃO 11, 9SS*)

### **d) A luz e o olho iluminado são signo de salvação da pessoa**

A lâmpada do corpo é o olho; assim que, se o teu olho é bom, todo o teu corpo estará cheio de luz; mas se teu olho é maligno, todo o teu corpo estará nas trevas. Assim que, se a luz que em ti há são trevas, quantas não serão as mesmas trevas?

(*MATEUS 6, 22*)

Estejam cingidos os vossos lombos, e as vossas lâmpadas acesas; e vos sede semelhantes a homens que aguardam a que o seu senhor regresso das vodas, para que quando chegue e chame, lhe abram em seguida.

(*LUCAS 12, 35*)

Assim que, não julgueis nada antes de tempo, até que venha o Senhor, o qual aclarará também o oculto das trevas, e manifestará as intenções dos corações; e então cada um receberá a sua louvaminha de Deus.

Mas isto, irmãos, apresentei-no como exemplo em mim e em Apolos por amor de vós, para que em nós aprendais a não pensar mais do que está escrito, não seja que por causa de um, os envanizades uns contra outros.

(*CORÍNTIOS 4, 5-6*)

**e) O juízo escatológico de Deus realiza-se na aceitação ou na negação da luz, que é Cristo.**

E esta é a condenação: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas que a luz, porque as suas obras eram más.

Porque todo aquele que fai o mau, aborrece a luz e não veem à luz, para que as suas obras não sejam reprechendas.

Mas o que pratica a verdade vem à luz, para que seja manifesto que as suas obras são feitas em Deus.

(*JOÃO 3, 19-21*)

**f) Na transfiguração, Jesus aparece esplendente como a luz**

... e transfigurou-se diante deles, e resplandeceu o seu rosto como o sol, e os seus vestidos fizeram-se brancos como a luz.

(*MATEUS 17, 2*)

APÊNDICE II

**CARTOGRAFIA\* DA ZONA DO APALPADOR**

**a) Mapa municipal:**

1. Concelho de Samos
2. Concelho de Folgoso do Courel
3. Concelho de Pedra Fita do Zevreiro



**b) Mapa comarcal**

1. Comarca de Quiroga
2. Comarca de Sárria
3. Comarca dos Ancares



## APÊNDICE III

**DESENHO DO APALPADOR**

Imagem empregada na campanha de difusão do Apalpador levada a cabo pela A. C. Gentalha do Pichel.



Disponível em:

<http://agal-gz.org/blogues/index.php/gent/2007/12>  
(última consulta no 27 de Março de 2008).





# NOTAS:

» *Cinco notas etimológicas  
de antroponímia: Bráulio, Orraca,  
Osório, Varela e Vasco*

*HIGINO MARTINS ESTEVES.*



# 5 notas etimológicas de antroponímia: **Bráulio, Orraca** (Com um excursus sobre a etimologia de Pamplona), **Osório, Varela e Vasco.**

.....  
Higino Martins Esteves

## 1. **Bráulio**

Eis um enigma antroponímico. Apesar do perfil vagamente latino ou germânico, não é destes domínios. Nem da Itália nem dos vizinhos, inclusive Catalunha e Aragão. Só do velho reino de Leão, a Galécia medieval. Germânico não é, como crê Gutierre Tibon, que o tira dum *Brandila*, o que é foneticamente impossível. Frequente e geral em galego-português, do leonês passou também ao castelhano, onde é americano e filipino.

### **Documentação antiga e variantes formais**

Em *Orígenes del español*, § 60, M. Pidal regista documentação medieval, do Reino de Leão. Mostra nesses casos um curioso BO interno, que M. Pidal chama de anti-hiático: 944 *Brabolio*, patronímico *Braboliz*, 1097 *Brabolio*. Como no caso do castelhano ant. *Burraca*, por *Urraca*, esse BO/BU é grafia do uau, fonema ausente nos romances, mas vivo no misterioso céltico final, no cabo do primeiro milénio. Essas datas 944 e 1097 notam justo o tempo final do sistema linguístico céltico da cornija cantábrica. Se nem latino nem germânico, é no céltico onde devemos buscar.

*Bráulio*, na forma atual, deve ser de tradição (semi)erudita, não popular de todo. Diz Flórez na *España Sagrada*, e repete M. Pidal, que no baixo latim o nome se declinava *Braulio*, *Braulionis*. Cumpre supor-lhe étimo de tema em nasal. Ao perder-se a língua que o cunhara, a frequência de nominativo-vocativo decretou a perda do \**Brauliom* ou \**Braulhom*, que é o eco românico do acusativo latino. O eco popular deveu existir: no guia telefónico de Buenos Aires (2001) figura um *Luís N. Braullón*, que suponho de origem galega ou leonesa. Uma consulta rápida na Rede dos guias telefónicos do estado espanhol não me revelou outros testemunhos, o que lamento.

#### \*BRAUNIŪ, BRAUNIONOS

Firmada essa base, proponho o célt. \*BRAUNIŪ, BRAUNIONOS, que ao passar ao baixo latim dissimilou regularmente em L o primeiro N a causa do segundo, dando *Braulio*, *Braulionis*. Que significava? Na hipótese, o tema \*BRAUNION- analisa-se em \*BRAUN- e o sufixo de pertença -ION-. O que é BRAUN-? Vemo-lo no grã *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien* de Vendryes: o étimo do gaél. ant. *brao*, g. *broon* “mó, moinho de mão”. Portanto \*BRAUNIŪ, BRAUNIONOS era “moleiro, homem do moinho”. A par de galês *breuan*, córn. *brou*, bret. *breo*, vem do célt. \*BRĀWŪ, BRĀUNOS, e este do indo-europeu \**gr<sup>w</sup>āwō*, *gr<sup>w</sup>awnos* (\**g<sup>w</sup>reH<sup>a</sup>uon*, em autores mais recentes). À margem da reconstrução indo-europeia, a forma pancéltica vai com o scr. *grāvan* “mó ou pedra para premer o soma”, arm. *erkan* “mó”, gót. -*q<sup>a</sup>airnus* (*asilu-q<sup>a</sup>airnus* “moinho de asno”), ant. isl. *kvern*, anglo-saxónio *cwearn*, inglês *quern*, neerlandês *kweern*, a.a.a. *quirn(a)*, lit. *girmos*, ant. eslavo *runy*, russo *zhernov*, polaco *żarna*, tocário B *kärwenne*.

#### Semântica

Difícil é saber –não impossível– por que via o apelativo “moleiro” cobrou prestígio para virar antropónimo, além do enxergado nome de família \**Braulhom* / *Braullón*. Talvez fosse caso similar ao do ferreiro, considerado em todas as culturas um poderoso mago. O moleiro pudera ser também um bruxo po-

deroso. Mas talvez a chave do popular nome deva buscar-se na ideologia social que descobriu G. Dumézil; seria eco e representação da terceira função, a do povo produtor de riqueza, tal qual *Garcia* evocava a primeira e *Ordonho* a segunda. Mais ua vez produz-nos surpresa maravilhada debruçar-nos naquele remoto mundo, sempre tam longe e a par tam perto de nós.

## **2. Orraca e o final do céltico hespérico**

Intriga a origem do sonoro nome, tamanho no medievo e depois subitamente banido; trevas antes e depois. Pouco dá o apelativo cast. *urraca* “pega”, que para Coromines não é outro que o antropónimo dado ao pássaro, que em toda a parte leva nome de mulher pelo arremedo duma voz gárrula que se quer feminina. Surge no século XVI, quando o nome de mulher já saíra do uso.

Coromines, trás rejeitar hipóteses caducas, detém a pesquisa julgando-o pré-romano, “quicá ibérico e mesmo acaso aparentado com o basco”. Qual usava, Coromines, a não chegar a termo certo, deixava campo ordenado, com dados suficientes para completar a busca. Tentá-la-emos, mas antes fixemos uns factos pertinentes, não computados, talvez úteis na hora de etimologizar.

### **Dados históricos**

a) O nome surge no séc. IX, abunda até o XIII e depois languidece até fins do séc. XIV.

b) Nos três primeiros séculos, as *Orracas* (e *Urracas* castelhanas) das crónicas todas são *mulheres de reis*. Só após o séc. XIII, começam a levá-lo mulheres nem esposas de reis nem reinantes.

c) Quanto ao espaço, dá-se em todo o Norte, de Galiza a Catalunha. Devo contestar res-peitosa e firmemente o asserto do DCECeH de julgar raro o nome em galego-português e empréstimo castelhano. Por caso, leva-o a filha de Afonso I de Portugal, casada com Fernando II de Leão.

O segundo ponto é fulcral. Primeira que registo, na *Crónica Galega*, é a mulher de Ramiro I de Leão (rei de 842 a 850). Em Navarra chama-se assim a mulher de Garcia Éneguez (rei de 851 a 870), morta duma lançada moura que lhe produz o parto. No X destaca uma filha de Sancho I de Navarra. Das quatro filhas que lhe nasceram, Sancha, Orraca, Maria e Velasquita, só a segunda casou com rei, de Leão. Caso curioso é o das Orracas sucessivas de Fernando II de Leão, uma a ementada filha do rei de Portugal, a outra Orraca López, filha de Lopo senhor de Haro.

Notável é a rainha de Aragão entre 1137 e 1162. Ao nascer “*disserom Dona Peroniela* (Petronila). *Mas mudarom-lhe depois o nome et chamarom-lhe Dona Orraca. Et esta Dona Peroniela foi casada com o conde Dom Reimom de Barcelona.*” (*Crónica Galega*, pág. 291, 53). Por que muda nome? Nos IX, X e XI todas são *esposas de reis*; no XII duas já reinam por direito próprio: Petronila-Orraca de Aragão e Orraca de Castela e Leão, rainha *per se* de 1109 a 1126.

### As variantes formais dos documentos

*Orraca* é a nossa forma mais frequente<sup>1</sup>, de O- átono irrelevante como todos os átonos (sobretudo o final absoluto, que não segue o vocalismo lat.-vulg. de tipo “napolitano” e sempre soou U). Nota mais o texto castelhano do Norte (Cantábria?) datado em 1285, que Coromines topa em M. Pidal (*Documentos Lingüísticos de España*, 67.18, 23, 24). Três vezes lê-se aí *Vurraca* e uma vez *Burraca*. Daí me chegou a ocorrência que ainda me pasma e vou expor. Essa grafia nota decerto uma inicial semiconsoante, um uau em processo de fechar-se e consonantizar.

O uau na península e no séc. XIII soa insólito. Cabe ignorá-lo, despachá-lo com qual-quer expediente, e também cabe seguir a indagar por ver que guarda ao cabo do túnel.

### Buscar o étimo, reconstruir o monstro

As grafias *O-*, *U-*, *Vu-* e *Bu-* convergem no fonema uau. *Vurraca*

[1] Uma *Orracca* de duplo C (Coimbra 1094) só nota a erudição do copista, que conhecia a equação latina da oclusiva velar surda intervocálica do vulgar.

–a letra deve estudar-se *in situ*– mostra a letra W, inventada dos anglo-saxões para o uau e rápido espalhada alhures. Um copista insular é possível, mas não necessário. *Bu-* também representa uau, limítrofe com a consoante<sup>2</sup>.

Falar de uau é ousado. Supõe o grupo WR-, não românico, doutras línguas indo-europeias: é inglês e foi germânico. E céltico; no insular subsistiu até perto do séc. VII: no gaélico fez-se *fr-*, no britónico *gwr-*. Aqui o que há não é WR-, mas WRR-, de R similar ao inicial e de evolução paralela: o substrato céltico reforçou o R inicial hispânico e gascão<sup>3</sup>.

Leio *Wrraca*, e noto *WRaka*, pois não é voz românica, bem que sumida em meio bilingue. O resto é fácil: -C- intervocálico de -CC-; reforço do R-/WR- e simplificação de geminadas são solidários na lenição. Logo *Orraca-Urraca-Vurraca*-\**WRaka* aponta ao étimo \*WRAKKA. Cabe buscar no pré-romano ou no germânico. Neste nada se vê. Os casos de lenição, paralelos aos substráticos dos romanches, induzem a busca no céltico.

### \*WRAKKĀ

Há vozes célticas deste feito? Existem e não posso crer não se notarem antes. O gaél. ant. tinha *fracc* “mulher, esposa”, hoje só no escocês *frag* “id.”. No britónico há galês *gwrach* “bruxa”, cón. ant. *gruah*, mod. *gwrach*, bret. méd. *groach*, mod. *groac’h* (Léon *grac’h*) “velha”. Todas do étimo do cabeçalho: célt. \*WRAKKĀ “esposa”, de câmbios semânticos fáceis de ver: “esposa”, sentido jurídico, deliu-se em “mulher”, que esvarou errático. A forma escocesa é “mulher, esposa”, cf. Thurneysen de conotações positivas: “a kind wife”. Donde vem \*WRAKKĀ? Era hipocorístico (var. coloquial carinhosa) de \*WRAKŪ, WRAKONOS f. “esposa”, voz só jurídica, donde galês *gwraig* (< \**wrakī* < \**wrakū*), cón. ant. *grueg*, *greg*, méd. *gurek*, mod. *gwrêg*, bret. méd. *gruec*, mod.

[2] V. *Bráulio* em 36, § 15, n. 17. Em textos do reino de Leão (a Galécia medieval) o uau interno grafa-se -BO-. M. Pidal chama de anti-hiático o que decerto é uau impossivo: 944 *Brabolio*, patroním. *Braboliz*, 1097 *Brabolio*.

[3] Jungemann, *La Teoría del Sustrato y los dialectos hispano-romances y gascones*, Madrid, 1955, p. 258.

*groek, grouek, Léon grek.* O hipocorístico nasce por redução, geminação expressiva<sup>4</sup> e atrair do morfema -Ā, típico do feminino. Para além não há étimo indo-europeu certo, mas Pedersen compara-o com lat. *virgō, virginis*, próximo, não igual, que o Ernout-Meillet declara de origem *ignota*. A meu ver Pedersen atina: célt. \*WRAKŪ e lat. *virgō* não só têm feitiços próximos, também semânticas contíguas. Noção original comum é “esposa, desposada”, de puro conteúdo jurídico. O latim só focaria o lapso entre o contrato de sponsais e o início da coabitação, entanto que o céltico usou dele todo o tempo do contrato matrimonial. Será uma alucinação? Como tantas coincidências? Se chegamos aqui, sigamos. A sequência seria: célt. comum \*WRAKŪ, WRAKONOS > hipocorístico \*WRAKKĀ > célt. hespérico \*wRaka, já lenido, > romances *orraca* e *urraca*.

### Corolários

a) Cada vez se sabe melhor quão pouco se sabe do meio cultural e linguístico de fins do primeiro milénio. Surgem dados pasmosos e seguimos a dizer que “o rei vai vestido”.

b) Os montanheseos iletrados da cornija cantábrica ainda falavam céltico. Só ficaram rastos toponímicos (só se escrevia latim); o que não era latim era invisível, mesmos os romances. Das *Orracas* de reis surge a língua estar viva nos sécs. IX e X.

c) O Reino de Leão (a Gallaecia para cristãos e muçulmanos) era âmbito rude e iletrado. Os montanheseos que só falavam céltico –arcaico, próximo do gaélico– nele chamavam de *Esposa* por excelência à do rei. Até o séc. XII é nome só de rainhas por casamento. Então do nome surgem duas rainhas *per se*. É dúbia Petronila-Orraca: fala-se da troca de nome e depois do matrimónio com o conde de Barcelona. A castelhana, rainha de 1109 a 1126, já demonstra opacidade: em céltico chamariam-na \*RĪGANĪ, não \*WRAKKĀ.

---

[4] Redução e geminação como a de *Eporedorix* a *Eppos*.

d) Cântabro e calaico não se vêem diferentes: a cornija cantábrica comparte a voz<sup>5</sup>.

e) Dar-se \*WRAKKĀ mesmo em Navarra e Aragão nota o céltico ainda valer como língua franca popular, misturada com romance mas com estruturas subsistentes, ainda só em parte substituída na função pelo latim, língua franca culta. Converge o facto de *Pompaelo* e *Barcino* não dar os regulares \**Pamplon* e \**Barcelon*, dos acusativos latinos *Pompaelonem* e *Barcinionem*, senão *Pamplona* e *Barcelona*, dos acusativos célticos \*POMPAILONAN e \*BARKINONAN. Assim é mais clara a etimologia *barscunes/ bascunes* de Tovar. Isolados há muito, os bascos, protegem a sua identidade usando constitucionalmente duas línguas, a própria e íntima, e a externa ou franca. A franca primeiro foi o céltico –por mais tempo do que se cria–, depois superpondo-se o latim, agora o francês e o castelhano. Esse uso não seria só dos bascos, também dos iberos.

### À maneira de excurso

Ampliando o parágrafo e), colo aqui meu artigo no Boletim da *Fundación Vasco Argentina “Juan de Garay”*, de Buenos Aires, correspondente a setembro de 1996.

### Pamplona y algunos misterios de su etimología

El nombre latino de Pamplona, POMPAELŌ, POMPAELŌNIS, no nació en la lengua del Lacio. Tiene que haber sido acuñado por euskaldunes y rápido incorporado a la lengua del imperio. Se sabe que el topónimo honraba a Pompeyo. Éste ostentaba nombre osco o umbro: \**Pumpais* > \**Pompaios* “quintus”. El otro elemento, quizá hoy no tan conocido, es el protovasco \*ILUN “ciudad”.

Dijimos que, una vez acuñado el nuevo nombre, pasó a la lengua del Imperio, donde a favor de la opacidad su fortuna se prolongó indefinidamente. En vasco, en cambio, como conse-

[5] Calaico e lusitano também, cf. *Promontorium Artabrum* (Plínio IV 113), Cabo da Roca, norte da foz do Tejo.

cuencia de la transparencia intralingüística, la suerte del topónimo por fuerza debía ser paralela a la del jefe romano. Derrotado Pompeyo, quedó naturalmente el vasco \*ILUN-AR, que sufrió rotacismo de la antigua L dulce, caída de la -N- intervocálica, generación de una palatal nasal desde la -I- antihiática nasalizada, reducción del demostrativo-artículo enclítico, aglutinación con pérdida de la función sintáctica y nueva incorporación del artículo; *Iruñea*. En latín, POMPÆLŌ quedó cristalizado en su estructura.

Si nos propusiéramos imaginar la hipotética evolución de aquel protovasco \*POMPAILUN-AR, hoy tendríamos rigurosamente \**Banberuñea*, con paso regular de P a B, resolución del diptongo (pretónico en la prosodia latina) por la pronunciación latina popular de la época del imperio, y con el rotacismo y demás fenómenos mencionados en relación con \*ILUN-AR. También cabe notar el mantenimiento del timbre único de la U vasca. Sobre la caída de la -N- intervocálica, producida en algún momento entre los siglos III y VIII, cabe abundar. Meyer-Lübke, sistemati-zando datos de Gavel, Altube y Azkue, clasifica las soluciones de la vieja -N- intervocálica en el vasco conocido, y muestra que el protovasco -UNA puede pasar a -UA y después a -UMA, como en portugués moderno, o, en otros dialectos, a -UA: latín *cūna* > vasco *kuma* o *kua*. Resultado regular debía ser \**Banberuma* o \**Banberua*, en vez del antes propuesto \**Banberuñea*. Si optamos por éste es por el *Iruñea* real. -UÑE- supone la presencia regular de un sonido palatal (¿antihiático?) interpuesto entre las vocales tras la caída de la -N-: -UIA/-UIE.

Hasta aquí, más allá del interés de conocer orígenes y revivir mundos perdidos, no tenemos grandes sorpresas. Pero, aceptada la condición románica del topónimo POMPÆLŌ, cuando intentamos seguir el curso real de su evolución, surge un curioso fantasma. El cariz románico de *Pamplona* exige aplicar las leyes de la gramática histórica. Sin duda de que el acusativo latino POMPÆLŌNE- (caso del objeto directo, base de las formas románicas sin declinación) debía dar regularmente em castellano \**Pomplón* o \**Pamplón* (El timbre de la vocal pretónica siempre es lábil y no está en cuestión, pero adelantamos la convicción de

que se debe a la pronunciación nasal de la vocal, que sustituye la articulación de la consonante nasal: *molīnu-* > fr. *moulin* /mu-laN/ [mulā]).

Clama al cielo que no se haya considerado. Esa regularidad (repetida en *Barcelona* y otros lugares peninsulares donde se esperaría castellano *-ón*, catalán *-ó*) ya no puede ser ignorada por más tiempo. Hasta donde veo, no hay respuesta fuera de que la base de esas formas románicas (cast. *Pamplona*, fr. *Pampelune*) no es realmente latina. Acusa una variante céltica, tal vez inconsciente, fantasmal. Parece que me contradigo; reclamé la condición latina del vocablo Pamplona y ahora digo que viene del celta. Lo que en verdad estoy diciendo es que había POMPÆLŌ en la lengua oficial y de los cultos, y a la par otra forma popular entre los vecinos no euskaldunes e incluso entre éstos cuando se comunicaban en la lengua franca popular. Con la autoridad de Thurneysen, Pedersen y Pokorny, no cabe hoy duda de que el tema latino POMPÆLŌN- en el céltico del s. I dC. se declinaba en singular: nominativo \*POMPÆLŪ, genitivo \*POMPÆLONOS, acusativo \***POMPÆLONA(N)**, acusativo plural \*POMPÆLONĀS. Justamente es ese acusativo singular lo que nos llegó. La nasal final no se articulaba, se realizaba fonológicamente en la nasalidad de la vocal anterior. PAM- con su apertura supone justamente la nasalidad vocálica. Por otra parte, el francés PAMPÆLUNE supone también una base \**Pompælūna*, coincidente en la -A final, y también curiosa por el timbre de la vocal tónica, que en románico siempre es firme. Se alegará que es el timbre de la base vasca, pero recaemos en el tránsito imposible entre sistemas. Creo que la -Ū- se debe a analogía del nominativo, facilitada por ser cerrada la O breve del céltico, al revés de la latina, abierta. El mismo fenómeno se da en el gallego *Arçua* (< \*Artiū, Artionos, ac. \*Artionan).

Hoy sabemos que el celta era la lengua de las tribus que rodeaban a los euskaldunes y seguramente lengua franca de éstos antes de adoptar el latín para tal función. Lo que no se sospechaba era la fuerte inercia cultural de la montaña, que no sólo mantenía la lengua propia, en el ámbito interno, también los otros elementos culturales. En verdad no debería sorprender

que el pueblo vasco, para guardar la identidad, que es la lengua, haya enfrentado el problema del aislamiento lingüístico y lo haya resuelto con el uso de dos lenguas, la propia y la franca, sea ésta celta, latín, castellano o francés. Lo asombroso es la inercia cultural en el primer milenio, con una complejidad que se nos escapaba totalmente.

Aunque suene extemporáneo, quiero dejar puntual y explícito testimonio de mi simpatía activa e interesada, no sólo en la supervivencia de la lengua y cultura vasca, sino también en la normalización plena de su estatuto lingüístico. El estudio presente no persigue más que la verdad. No pretende sentar precedentes históricos para programas de “bilingüismo armónico”, que sólo buscan la extinción de las lenguas minorizadas. Tampoco pretende llevar agua para el molino de la cultura celta, que podemos amar pero que también sabemos que terminó superficialmente derrotada y oprobada. Sólo busca conocer la verdad y la realidad, siempre más generosas que la ficción, y de paso gozar con el encanto que nos prodigan a borbotones.

### 3. Osório e o patronímico Osores

São nomes obscuros de ortografia incerta. Na Galiza abunda a escrita com SS: no estado espanhol correm *Ossorio-Osorio* (tom no 2º O) e o patronímico *Ozores*. Em Portugal grafa-se *Osório* (também parece correr *Osorio*); o patronímico é *Osores*.

Pelo SS antes propus o étimo URSORIUS “caçador de ursos”, no que agora descreio. O patronímico português ofereceu-me a hipótese que estimo certa. Cuido que no cast. *Ozores* há metátese da antiga africada sonora: antigo *Osórez* > *Ozores*. Tradição gráfica castelhana que não obsta a origem galega da protagonista do romance *A Regenta*, Ana Ozores, asturiana de apelido galego.

Cremos ser voz semierudita tirada do “latim popular leonês” (Leão era a Galécia romana) vigente até fins do século XI. Nesta luz o étimo parece claro: o adjetivo latino UXORIUS, A, UM, cuja semântica é preciso desvendar.

O Ernout-Meillet diz que UXOR era “femme légitime prise par

le mari... terme juridique e familier”, cujo par nobre, CONIUX, não se usava em direito (“casar” dizia-se UXOREM DUCERE). Ora bem, se lembramos que o termo MATRIMONIUM não era então o que hoje *matrimônio* é para nos, “sociedade conjugal”, senão propriamente “filiação legítima”, concluiremos que o adjetivo UXORIU- “relativo à esposa”, na mente popular funcionava principalmente com o harmónico “da esposa legítima”. Logo OSÓRIO não era outro que “nascido legitimamente, legítimo”.

#### 4. Varela

Eis um sobrenome galego de vasta difusão moderna na península e América, aparente diminutivo de *vara*, mas que como tal apelativo não se regista. Haverá uma explicação simples dessas circunstâncias?

Parece concentrado mormente na Corunha província, e os genealogistas falam nos arredores de Santiago como solar do primeiro documentado. Também tem frequência em Lugo e algo menos em Astúrias. Com a reconquista espalhou-se no sul peninsular, com maior abundância no ocidente.

É decerto diminutivo de *vara*, aliás por alguma razão banido dessa função. Postos a imaginar as causas que puderam determinar os câmbios semânticos, pendemos a supor aí a presença da acepção *vara* “símbolo de autoridade”. O homem galego-português, e a tradição linguística com ele, muito cisma com o tópico do poder.

Aqui palpita a contradição irónica entre o positivo *vara* e a desinência diminutiva. Prova e testemunho eloquente disso é o dizer português, hoje politicamente incorreto:

« Se é varão, manda ele e ela não; se é VARELA, ora manda ele, ora manda ela; se é varunca, manda ela e ele nunca.»

Certo que parece jogar com a palavra *varão-varom*, mas, a meu ver, é aqui uma mera paretimologia inevitavelmente suscitada pela proximidade fónica. Deveu de existir a metonímia *vara* “autoridade (municipal)” e junto dela também *\*varela* “autoridade subordinada”, talvez “vereador”. Se foi assim, a ironia se-

ria produto secundário da contradição inserida pela desinência diminutiva.

### 5. Vasco e Vasques

*Vasco* e o patronímico *Vasques* eram *Vaasco* e *Vaasquez* na Idade Média. Para saber que consoante se perdeu entre os A, chega lembrar o castelhano *Velázquez* (o pintor sevilhano era filho de português, decerto um *Vasques*).

Além da desinência patronímica (que aqui nom estudamos), temos um tema pré-romano, cuja forma mais antiga parece ter sido BELAISKO-. O ditongo desta foi geral e prontamente reduzido para BELASKO-.

Disse-se muito tempo que este nome era de origem basca, tirado do adj. *beltz* “negro”. A hipótese aparece hoje desacreditada. O contexto mais antigo é céltico, no nome da cidade celtibérica chamada CONTREBIA BELAISCA. A celticidade do primeiro nome (CONTREBIA “conjunto de casas”) faz verossímil a do segundo, aliás decerto indo-europeu conforme a desinência. Pois que o céltico tinha inúmeros sinónimos para o conceito “raia, fronteira, limite”, cabe ver aí um derivado de \*BELÎ, genitivo BELIÂS “bordo, rebordo; lábio”, étimo do gaélico antigo *bil*, genitivo *bile* “id.”.

As bases da conjetura são fracas por *bil* não ter etimologia indo-europeia, mas fá-la verossímil CONTREBIA ter estado situada certamente na borda leste da Celtibéria, perto do Ebro, raia nessa altura dos célticos com os ibéricos.

Em suma, *Vasques* vem de *Vasco*, e este do medieval *Vaasco*, resultado românico do adjetivo pré-romano, decerto céltico, BELAISKO-, cujo masculino BELAISKOS cabe arriscar que significaria “o homem da fronteira”. As conotações guerreiras do nome são cabalmente coerentes com o que sabemos, através da epopeia conservada polos irlandeses, do *ethos* céltico.





# TEXTOS LITERÁRIOS:

» *A inutilidade*

ANDRÉ DE LEONES

» *Umás férias em Itália*

CARLOS DURÃO



# A inutilidade

## Conto

.....  
André de Leones\*

*O tempo existiu esse tempo todo.  
Não dá para matar o tempo com seu coração.*  
(DAVID FOSTER WALLACE,  
*Para Sempre em Cima.*)

### 1. MARCELA

A sala de espera era branca como quase tudo naquele enorme útero albino de paredes movediças por onde ecoavam campanhas telefônicas distantes como choros vindos de uma maternidade remota, o arrastar de chinelos pelos corredores, o ranger de portas e os urros dos recém-chegados.

Estava escrito lá embaixo, na entrada, mas todos entravam se debatendo, aos berros, ou intranquilamente desacordados, estava escrito: clínica de repouso.

Marcela entrou gritando e se debatendo, uma ofensa à presumível placidez do lugar, que tratou logo de jogar o teto e as paredes sobre ela até que ela finalmente parasse de gritar e de se debater. Na cama, arregalada, via paredes e teto se aproximando, o ensaio de um possível esmagamento. Mas, não muito tempo depois, outra, dócil, foi desamarrada. Dizendo a eles o que queriam ouvir. Eu sei. Agora eu sei. Eu cheirei demais. Eu surtei. Eu quero ficar boa. Ficar limpa. Mudada. Uma outra pessoa. Alguém diferente. Coisas bonitas. Coisas boas. Dizer coisas boas. Pensar coisas boas. Uma boa pessoa. Eles, médicos e enfermeiros e o próprio lugar, eles queriam ver sorrisos, queriam ver quietude. Eles queriam vê-la curada. Antes, Marcela comia as vísceras com as mãos. O objetivo era domesticar sua angústia a fim de que ela comesse as vísceras usando talheres. E ela

fingia estar ocupada, fingia estar cuidando disso, fazendo o melhor, no que estava, de fato, ocupada, cuidando disso, fazendo o melhor.

Na sala de espera (que eles chamavam de “sala de estar”), sentados em sofás ou nas poltronas, os pacientes não diziam palavra e não se entreolhavam, perfeitos estranhos, sistemas isolados, uma dúzia de bonecos de carne e osso, emburrados, metidos em batas de um azul bem claro, limpos e escovados para o jantar que em poucos minutos seria servido no refeitório ao lado; uma dúzia de bonecos adolescentes e jovens adultos, os fodidos da cabeça, os fodidos das mães. Não se falavam, mas cada um sabia de si e dos outros, filhos de gente endinheirada, metidos ali porque aquela era a primeira das últimas chances que teriam. Outrora raivosos, agora se arrastavam pelos corredores, bovinos, progressos e promessas, bebês de ouro puro (em polimento). Desintoxicados, a expressão abobalhada de quem esteve fora por um bom tempo e foi trazido de volta. Os papais e mães, pensavam, estavam certos a respeito deles: eram uns fodidos. Uma vez desintoxicados (ou algo próximo disso), e quando era o caso, eram empurrados à “reintegração social” e à “terapia ocupacional” e deixavam de comer em seus respectivos quartos. Em seus quartos, quando tinham por companhia apenas o olho eletrônico a observá-los do teto e o som por um tempo nauseantemente orgânico de suas mandíbulas, nacos de coisas sendo mastigados e engolidos, talvez os pedaços deles mesmos que deixavam escorrer nas sessões diárias e obrigatórias de análise para depois serem cozidos (ou não) e servidos, desejum almoço jantar. Oficinas de cerâmica, sessões de cinema (filmes supostamente edificantes, tipo *Além da Eternidade*, tipo *Patch Adams*), terapias de grupo, terapias individuais, dinâmicas, atividades, trabalhe sua raiva, acorde para a vida, alteridade, empatia, o mundo lá fora, as coisas boas dentro de você que você nem sabe que tem, desenterre-as, traga-as para fora, traga-as para a vida, *venha para a vida*.

A “sala de estar” era uma sala de espera. Mas todos os cômodos da clínica eram salas de espera. Diante deles, uma pequena mesa de centro e, sobre ela, revistas intocadas, jamais lidas ou

sequer folheadas por ninguém. Era como se não tivessem mais olhos para tanto. Oprimidos pelo branco onipresente, a clínica como o núcleo de uma estrela que se exauria, ouviam os próprios estômagos virando e revirando e sentiam os corpos como se prestes a desfalecer de uma vez por todas. Suas testas apontavam para o chão. Uma estrela engolindo a si mesma, e eles ali no meio, igualmente autofágicos. O sentido de tudo era: o álcool e a droga me comiam e agora eu me devoro no lugar do álcool e da droga. A extinção ou a sensação de extinção pesava sobre tudo e sobre todos ali, de tal forma que o conceito ou a idéia de uma *sala de espera* ganhava uma ressonância pesada. Na melhor das hipóteses, saíam “limpos” dali, o que, por outro lado (Marcela pensava), queria dizer: mais quebrados do que ao entrar.

Ela gostava de ficar no quarto, os dias entre a chegada e ser considerada apta para a “ressocialização”. Ocupar a cabeça, diziam. Mas isso (“ressocialização”) não tinha nada a ver com ocupar a cabeça. A cabeça ela ocupava no quarto, perdida em algum ponto entre o *on* e o *off*, entre estar ligada e desligada; ela vivia em *stand by*.

Livros não eram permitidos. Ou melhor: livros, sim, mas não literatura. Por quê?, ela perguntou a alguém certa vez. Não obteve resposta.

Agora, na sala de espera com os outros, egressos da oficina de cerâmica, a poucos dias de receber alta, de ser considerada “pronta” (“mudada”, diziam para ela), olhava para si e reconhecia: a mesma coisa. Os outros eram todos iguais, e ela era igual aos outros. Os outros (e ela), que, nas terapias de grupo, contavam suas histórias e, ao fazê-lo, usavam de um distanciamento maníaco, como se aquelas histórias não lhes pertencessem, não fossem deles, não tivessem absolutamente nada a ver com eles e eles não passassem de maus atores encenando (ou tentando encenar) histórias alheias, furtadas de outrem. Terminada a terapia, não se falavam mais, não conversavam. A encenação terminara, não havia motivo para ninguém ali continuar interpretando. Caminhavam pelos corredores em silêncio e sentavam-se todos ali, lado a lado, uns diante dos outros, e não se falavam,

não se observavam, nada. Bonecos de carne e ossos à espera do jantar, e só. Não se falavam, não se entreolhavam, não se mediam, não se buscavam, mas.

Alguém olhava para Marcela.

Alguém que não olhava para o chão como os demais. Alguém que preferia, sim, estava olhando para Marcela. Os olhos de outrem. Os olhos de outra pessoa direcionados para ela. Talvez estivesse se vendo. Sim: uma garota olhava para ela como se não se visse há muito tempo. Afundada no sofá em sua ressaca eternizada dia após dia após dia, Marcela não levantou a cabeça. Mas a garota a encarava. Ela sabia disso. Ela sentia isso. Mesmo sem levantar a cabeça, os olhos, era como se a visse olhando para ela, encarando-a.

Por quê?

Ela finalmente levantou a cabeça. Enquanto levantava a cabeça, pensava que talvez não houvesse ninguém ali, que talvez não houvesse ninguém olhando para ela, que talvez o sofá à sua frente estivesse vazio, que talvez não.

Não.

Uma garota. Sorrindo para ela.

Uma garota. Talvez uma recém-chegada, não, *certamente* uma recém-chegada: as olheiras fundas dos recém-chegados, dos ainda inadaptados. Mas: sorria. Recém-chegados não sorriem. Quem ela pensa que é? Quem ela pensa que.

Marcela, disse a garota.

Eu sou?

Marcela, ela disse. Ela falou. Mas recém-chegados não falam. E no entanto: Marcela, ela disse. Sentada no outro sofá, entre elas as pequenas pilhas de revistas intocadas sobre a mesa de centro.

Você é Marcela, não é?, insistiu. A escritora.

Ali, as palavras não tinham peso. Pior que isso: não tinham *utilidade*.

Não, ela respondeu. *Não* foi a sua resposta. Outra palavra sem peso. Outra palavra inútil. E o sorriso da garota desapareceu. E os olhos da garota desapareceram, escorregaram para dentro da cabeça dela.

Não: uma mísera palavra, sem peso como qualquer outra. Inútil como qualquer outra. Alguém avisou que o jantar estava servido.

Como está se sentindo hoje?, foi a primeira coisa que o médico perguntou a Marcela na manhã seguinte.

O dia lá fora, Marcela via pela janela acima da cabeça do médico, estava nublado. Ventava muito. Chuva forte a caminho, talvez. Ruas alagadas, galhos de árvores caindo sobre os carros, crianças se escondendo debaixo das camas, com medo dos trovões, falta de energia.

Normal, ela respondeu.

Pensando em... criar alguma coisa?

Você quer dizer... escrever?

Sim. Você *ainda* é uma escritora. Não é?

A escritora. Uma escritora. Algo assim. Ainda um certo fascínio por essa *coisa*. Mas sempre perguntavam depois: E o que você escreve? O médico sabia o que Marcela escrevia. Certamente leu o livro dela. Concluiu coisas a partir da leitura. Ela *ainda* era uma escritora. Não era?

Minha autobiografia.

O médico sorriu. Sabia que ela estava de sacanagem. Mas ela própria não sabia se estava de sacanagem. Ele sorriu: os dentes enfileirados, um pequeno exército branco. Limpos, perfeitos. Feito as paredes daquele lugar. Eles se moviam, também. Abriam e fechavam, avançavam e recuavam. Feito as paredes daquele lugar.

Você ainda não completou trinta anos. Não acha um pouco cedo para uma autobiografia?

Talvez. Inovar, sabe qual é?

O médico suspirou: Entendo.

Ele disse que entendia. Entrando no jogo. Ou era Marcela quem estava completamente por fora. Sempre o tom de quem não estava ali para julgar ninguém. Doente ou algo próximo disso. Fodida da cabeça. Você tem todo esse seu potencial, ele disse na primeira sessão. Livro escrito e publicado, algum reconhecimento. É sempre um convencimento, ou uma tentativa de. Algo como: *vale a pena*. A vida e coisa e tal. Coisas para se fazer por

aí quando você se sentir viva. *Para* você se sentir viva. *Sentir-se viva*. O que *eles* entendiam por *vida*. Um jogo, sempre um jogo de mútua enganação, de mútua empulhação. E, no final, ninguém dobrava ninguém. Mas todos fingiam que sim. Ora, é claro que sim. Personagens de Buñuel caminhando a esmo por uma estrada deserta.

O médico abriu uma gaveta e dela tirou duas balas. Colocou uma sobre a mesa e empurrou na direção de Marcela. O som da bala sendo empurrada por sobre o tampo da mesa não se parecia com nada que ela já tivesse ouvido. Agradeceu e guardou a bala no bolso da camisa:

Pra depois.

Ela seria liberada em alguns dias. Não havia mais nada que pudessem fazer por ela. Desintoxicada. Não estava quebrando coisas. Era ativa, aparentemente interessada nas tarefas. Iam sentir saudades.

Tinha uma novata junto com a minha turma do jantar.

Sim.

Uma garota de uns vinte anos, magrinha, bonita. Ela ficou me olhando. Ficou me encarando um tempão.

Isso te incomodou?

Um pouco. As pessoas aqui não costumam ficar encarando, né?

O que você fez?

Ela falou comigo. Mas... eu não fui muito legal, não.

O que você fez?

Eu fui grossa.

Grossa como?

Parece que ela me reconheceu. Parece, não. Ela me perguntou se eu era “Marcela, a escritora”. Perguntou daquele jeito de quem já sabe, entende? Tipo, é lógico que ela sabia que eu era eu e só estava querendo mesmo puxar conversa, como você disse. Mas aí eu disse que não.

Não o quê?

Que não era eu. Que eu não era “Marcela, a escritora”.

Por que fez isso?

Não sei. Ela ficou me olhando um tempão, sabe? Acho que

isso me irritou e tudo. Mas, caramba... depois eu me senti mal com a coisa toda. Acho que... sei lá... acho que preciso pedir desculpas pra ela.

É a melhor coisa a fazer.

Aliás...

Sim?

Eu quero fazer isso *agora*.

Agora? Aqui?

É. Tem como?

Mas...

Você pede pra alguém chamar a garota aqui e eu peço desculpas. Tem como fazer isso?

Animada com a idéia. Isso talvez contasse pontos. O médico estava visivelmente surpreso. Pegou o telefone, sorrindo, intrigado, e pediu que trouxessem a paciente. Depois, perguntou a Marcela:

Ela ficou tão ofendida assim com você?

Não sei. Acho que sim. Qual é o nome dela?

Nathalie.

Consertar as coisas. Ela só queria papear um pouco. Ninguém papeava naquele lugar imbecil. Duas batidas na porta. O doutor pediu que entrasse. Nathalie entrou. O médico pediu que ela fechasse a porta. Nathalie fechou a porta atrás de si e permaneceu parada. Pequena. Magra, os cabelos curtos. Alguns fios azuis. Evitava olhar para Marcela.

Sente-se aqui, disse o médico, apontando para uma cadeira vizinha à de Marcela. Ela obedeceu. Como você está hoje, Nathalie?

Olhando para o chão, a voz pastosa, ela respondeu que: Melhor.

Marcela pediu que eu lhe chamasse aqui. Ela quer lhe dizer uma coisa.

Nathalie permaneceu olhando fixamente para as próprias mãos, pousadas sobre suas coxas. Marcela, sim, olhava fixamente para ela. Olheiras fundas. No pulso esquerdo, o curativo. Tão previsíveis, eu e você.

Quero te pedir desculpas. Ontem, eu... fui grossa contigo.

De cabeça baixa, Nathalie sorriu. Um sorriso que surgiu aos poucos e foi aumentando. Marcela e o médico, vendo aquilo, também sorriram. Por um segundo, tudo ficou bem. Seriam amigas. Conversariam sobre o livro. O que ela quisesse saber. As melhores possibilidades. Entendimento, compreensão. Tudo em paz. E, então, Nathalie levantou a cabeça bem lentamente, encarou primeiro o médico e, em seguida, Marcela. Já não sorria. Com uma voz rouca, olhando diretamente nos olhos de Marcela, ela disse:

Por que você não vai tomar no meio do seu cu, sua vaca metida filha de uma puta?

## **2. NATHALIE**

O gás está vazando, Marcela disse à mãe. Vamos todos morrer.

Estava sentada à mesa tentando escrever um conto, extremamente rressacada, há cinco semanas que saíra da clínica e ainda se sentia extremamente rressacada, e tentava escrever um conto, o seu primeiro, a primeira coisa que tentava escrever desde a internação, desde semanas antes da internação, desde *meses* antes da internação, e nem era bem um conto, mas uma brincadeira com Nathalie, uma possível viagem pela possível cabeça dela levando em conta as coisas que ouvira a seu respeito enquanto esteve internada, coisas que ouvira de terceiros, é evidente, porque depois do incidente na sala do médico Nathalie se fechou mais e mais, até o dia em que a procurou para pedir desculpas. Não conversaram muito, ela apenas se aproximou e pediu desculpas e ficaram de se encontrar depois que saíssem dali. Ela estava sentada à mesa tentando escrever quando sentiu um forte cheiro de gás. Foi até o quarto da mãe (a mãe, estirada na cama, assistia a *Vale a Pena Ver de Novo*) e disse:

O gás está vazando. Vamos todos morrer.

A mãe olhou para ela *daquele* jeito, como se suspirasse e depois dissesse Marcela..., e então suspirou e disse:

Marcela...

Ela não estava com a menor paciência para com os suspiros e para com o tom de voz da mãe, não estava com a menor paciência para coisa alguma, sentada à mesa havia horas tentando

escrever algo que nascera torto ou morto, um erro literário, um problema, um conto que não era um conto, que não era nada, sentindo-se ressecada e estéril, e ao ouvi-la suspirar e depois dizer Marcela... teve de fazer força para não gritar, para não xingar, e respirou fundo, cruzou os braços e sugeriu:

Dá uma chegadinha ali na sala e respira fundo. Se você não sentir o cheiro de gás, me dá um esporro e volta pro seu quarto e pra sua cama e pra sua novela.

Nessa ordem?

Aham.

Feito.

A mãe levantou-se da cama com certa dificuldade, calçou os chinelos, deu uma chegadinha até a sala e respirou fundo.

Merda, disse.

Gás, Marcela corrigiu.

A mãe correu até a cozinha, pegou o interfone e começou a esbravejar com alguém. Marcela voltou à mesa e releu o que tinha escrito. Se tudo ia mesmo pelos ares, que ela, pelo menos, fosse pelos ares fazendo algo de que costumava gostar, por mais que *aquilo* sob as suas vistas não fosse, de fato, um conto ou o início de um romance ou sequer um exercício. Fazer como Daniel fizera no romance dele. Reinventar as pessoas. Você é você. Você não é mais você. Você agora é *isto*. Ficou de ir a Silvânia com ele. Conhecer a cidade louca dele. Prometera tantas e tantas vezes e nunca fora. Desde quando o conhecera em São Paulo, na Bienal. Precisou ir a São Paulo, à Bienal, para conhecer o conterrâneo. Não voltara a vê-lo depois da internação. Viajando, por certo. Bienais, feiras de livros, jornadas literárias.

Reinventar Nathalie.

Ela sabia algumas coisas sobre Nathalie e, ao mesmo tempo, não sabia nada sobre Nathalie. Mas algumas coisas lhe foram ditas, é evidente, e outras coisas (e isso é mais evidente ainda) ela imaginara, ou tentara imaginar. De qualquer forma, a coisa não estava funcionando. Pensou, então, sobre o que ouviu a respeito de Nathalie. Ela pegou uma arma e apontou para o paradrasto, disseram. Completamente chapada. Dois dias antes de cortar os pulsos. Duas semanas antes de ser internada. Naquilo

que acabou não sendo um conto ou o início de um romance ou sequer um exercício, ela tentou imaginar a cena: garota magra, pequena, quase mirrada, vinte anos, cocainômana, de arma em punho, apontando essa arma para a cabeça do padrasto. Mas, e depois? Mas, e antes? Mas, e daí? Releu o que tinha escrito, pensou sobre o que tinha escrito, rasgou o que tinha escrito, embolou o que tinha escrito, andou para o que tinha escrito. Dizer a Daniel: Você escritor. Eu não. Não mais.

Não?

Ao interfone, a mãe disse qualquer coisa gás qualquer coisa explosão qualquer coisa porra qualquer coisa. A mãe, quando gritava, tendia a abafar a própria voz, que soava cada vez mais baixa e ininteligível à medida que ela tentava fazê-la soar mais alta e inteligível. Isso era meio desesperador, especialmente para ela. Talvez fosse culpa do cigarro. Marcela tentou se lembrar de como era quando criança. A voz dela sumia quando ela gritava comigo? Não conseguiu se lembrar.

Porra, a mãe quase sussurrou ao interfone.

Marcela respirou fundo. Ela precisava descansar. Estéril, resacada. Voltou a pensar em Nathalie. Ainda podia vê-la na sala do médico (porque você não vai tomar nomeio do seu eucusuavacametida filha de uma puta?) e depois sendo levada de volta para o quarto sem opor resistência, cabisbaixa, e, pouco tempo depois, penúltimo dia lá, ela se aproximando, cabisbaixa, mas com uma aparência bem melhor, um pouco menos magra, corada, e dizendo:

Foi mal.

Pensara nela e sobre o que fizera e sobre o que ela fizera, pensara em tudo aquilo, o tempo todo, mas não tivera coragem de se aproximar, de puxar conversa, de tentar se desculpar pela segunda vez e, por que não?, ouvi-la se desculpar pela primeira vez.

Tudo bem. Eu fui meio cretina com você. Você estava com raiva. E tinha acabado de chegar. Sua cabeça devia estar... sei lá.

Gosto muito do que você escreve.

Ela sempre ficava sem graça quando a elogiavam. Isso não acontecia sempre, é claro. Quase nunca, na verdade. Mas ela ficava sem graça quando acontecia.

Valeu, balbuciou.

Pequena, mirrada quase. Sorrindo. Tímida, olhando para os lados, para o chão, mãozinhas para trás. Bem melhor agora do que antes. A caminho. Nos trilhos. Sair dali, voltar para o mundo, pronta, coisas boas na cabeça, renovada. Recomeçar.

Ouvi dizer que você vai sair daqui hoje.

Amanhã.

Amanhã? Me disseram que era hoje.

Amanhã cedo.

Ela respirou fundo e ergueu os olhos e perguntou: A gente pode se encontrar lá fora?

Arrojada quando necessário. Os cortes nos pulsos. Fundos ou rasos? Determinados ou hesitantes? Tirar algo de si, tirar algo dos outros.

Claro. Sem problemas.

Mesmo?

Mesmo. Vou deixar os números dos meus telefones e o e-mail com o pessoal da clínica. Eles vão te passar tudo. Aí, quando você sair, é só me ligar ou escrever que a gente marca alguma coisa. A gente se vê e tal.

Nathalie, então, abriu um sorriso ainda maior e abraçou Marcela. Cheiro de Palmolive. Todos rescendiam a Palmolive naquele lugar.

Essa porra tá vazando!, a mãe gritou ao interfone.

Olhou para ela, encostada na parede da cozinha. Ela sempre achava que as piores coisas só aconteciam com ela. As piores coisas: vazamentos de gás, quedas de sinal da TV por assinatura, problemas com a linha telefônica, o marido dar o fora, pivetes arranhando a lataria do carro, a única filha virar uma viciada, surtar e ser internada em uma clínica. Mais cedo, por exemplo, quando o telefone tocou, Marcela estava no banheiro em pleno ato de cagar, a mãe *não* atendeu. Do banheiro, ela ouviu a mãe atravessar a sala, checar o número na bina, não reconhecê-lo e, assim, decidir não atender. *Ouviu* tudo isso, sim. Saiu do banheiro e foi até a cozinha. A mãe colocava água para ferver.

Vai querer chá?

Não, obrigado. Quem era?

Quem era o quê?

Eu ouvi o telefone tocar.

Não sei. Não conheço o número. Não atendi.

As piores coisas: o marido traí-la com duas de suas melhores amigas; o marido sair de casa e pedir o divórcio para se casar com a sua (dele) então secretária.

O telefone tocou outra vez. Era Nathalie.

Saí anteontem.

Saiu?

Da clínica. Você disse que eu podia ligar.

Marcaram um cinema para aquela noite. Ao telefone, ela perguntou a Marcela se estava escrevendo alguma coisa.

Algumas coisas. Ainda não sei direito o que é, disse, olhando para o caderno surrado sobre a mesa.

Às sete, no Flamboyant?, Nathalie perguntou.

Piso superior?

Isso, ali perto da Saraiva. Pode ser?

Claro. Às sete, então.

Desligou o telefone e voltou para o banheiro e fechou a porta e abriu o armário e se apoiou na pia e chorou um pouco sem saber por quê. Depois, tomou um banho e ficou a manhã inteira trabalhando naquele algo inspirado em Nathalie e que poderia ser um conto ou o início de um romance ou apenas um exercício, mas que acabou não sendo nada disso, coisa alguma, folhas de caderno arrancadas e emboladas sobre a mesa, e só.

Vai mandar alguém arrumar essa coisa ou não?, a mãe gritou ao interfone. Porque do jeito que está ficando o cheiro aqui *nós vamos todos morrer!*

Marcela respirou fundo e sentiu que o cheiro de gás tinha diminuído bastante. Mas não disse nada para a mãe. Ela tinha arranjado algo com o que se distrair.

Moravam em um apartamento espaçoso na Vila Nova, a dois quarteirões da avenida Independência. Depois que o divórcio se consumou e Marcela, para alívio de todos, sobretudo do pai, decidiu morar com a mãe, esta achou que não seria bom continuar no apartamento do Setor Oeste onde vivera desde o casamento.

Mudou-se com a filha, então com dezessete anos, para o outro lado da cidade.

Marcela se dava bem com a madrasta. Tinham quase a mesma idade e alguns gostos em comum, de tal forma que, juntas, mais pareciam duas amigas ou mesmo namoradas. Quando saíam pai, madrasta e filha para jantar fora, era comum os garçons tratá-los como um pai e suas duas filhas. Nas primeiras vezes em que isso aconteceu, o pai se irritou e chegou a corrigir rispidamente os desavisados. Depois, com o passar dos anos, ele começou a se fazer de surdo e, em dias bons, até mesmo a fazer graça com a confusão.

O pai não pôde comparecer ao coquetel de lançamento do romance de Marcela, mas, contrariando todas as expectativas e munida de uma coragem considerável (afinal de contas, a mãe de Marcela obviamente estaria presente), Idila, a madrasta, marcou presença e ainda levou consigo alguns amigos. Marcela nunca se esqueceu desse gesto.

Duas semanas após o lançamento, Idila ligou para Marcela e marcaram um café na Sutri. A Sutri era uma cafeteria-livraria localizada nas proximidades da avenida 85, a alguns quarteirões do Fórum, onde Idila trabalhava. A exemplo dos pais de Marcela, era formada em Direito. Não advogava, contudo; era assistente de uma juíza.

Marcela chegou quinze minutos antes do horário marcado e Idila já a esperava. Trajava um terninho cinza discretíssimo, mantinha os cabelos presos e estava de óculos; sua aparência era a de uma mulher pelo menos dez anos mais velha. Marcela fez um comentário a respeito.

Tenho cara de menina. Se não me arrumo assim, aparentando mais idade, e vou trabalhar, ninguém me respeita. Me comem viva lá.

Idila lera o romance e trouxera o seu exemplar repleto de anotações nos cantos das páginas e longos trechos sublinhados. Marcela, que considerava uma espécie de sacrilégio fazer aquele tipo de coisa com um livro, balançou a cabeça negativamente e disse:

Por que me maltrata?

Idila riu tapando a boca com uma das mãos, à maneira de uma oriental, e retrucou:

Mania. Me perdoa?

Marcela sorriu, perdoadando. Pediram dois expressos e Idila começou a fazer uma série de perguntas relativas ao romance, às quais Marcela respondia pacientemente.

Eu não sei bem as razões dos personagens. Tá, eu os criei, eu escrevi o livro, mas certas coisas ficam obscuras até para mim. Pode ser um problema em se tratando de um romance, uma falha estrutural, como dizem os entendidos, mas foi assim que eu achei que a coisa devia ficar.

Mas, enquanto você trabalhava o texto, não lhe ocorreu desenvolver esses lados, iluminar os pontos cegos e tal?

Sim, e eu cheguei a fazer isso. O problema é que o livro ficava pior. Não explicar algumas coisas deixava o livro melhor. Problemático, mas melhor. Então, deixei isso que você chama de “pontos cegos” e pronto. Coisas soltas. Coisas que não se resolvem. Final em aberto. Eu prefiro um bom livro problemático a um péssimo livro todo certinho.

Idila soltou os cabelos e tirou os óculos. Estranhamente, ainda aparentava ser uma mulher bem mais velha. Era apenas dois anos mais velha do que Marcela.

Você não parece bem.

Aquele problema.

Não identificou de imediato a que problema ela se referia. Percebendo isso, Idila atalhou:

Seu pai quer que eu engravide.

Marcela sabia disso. Mas não sabia que era um *problema*.

Você não quer?

Quero. Quero muito.

Então, qual é o problema?

Não consigo. Acho que sou estéril.

Ao ouvi-la dizer isso, Marcela instantaneamente deixou de achá-la com uma aparência de velha para achá-la efetivamente velha. Mais do que isso: sentiu-se parte de uma cena de novela das seis. Ele quer que eu engravide. Eu não consigo. Eu acho que sou estéril. Marcela não sabia o que dizer, de tal forma que sol-

tou a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

Não será culpa do meu pai? Ele é que está *velho*.

Não se tratava, por certo, de uma inverdade, mas, sim, de uma grosseria. Idila respirou fundo e lamentou melodramaticamente:

Eu também. Eu também me sinto velha.

Você tem vinte e oito anos.

Eu tenho vinte e oito anos.

Impaciente com o rumo da conversa e ciente de que uma grosseria a mais ou a menos não faria a menor diferença, Marcela sorriu e provocou:

Arruma um amante. Um cara da sua idade, um pouco mais velho, um pouco mais novo. Alguém com menos de trinta, enfim.

Isso ia ajudar?

Acho que sim. Destruir uma coisa ou outra. Gozar um pouco, pra variar.

Eu não quero engravidar de outro. Seria um desastre.

Existem maneiras de evitar isso. Não sabia?

### **3. IDILA.**

As pessoas se acostumam umas com as outras, disse a mãe. Eu e seu pai, por exemplo. Eu me acostumei com ele, ele se acostumou comigo. E daí tivemos você.

Ela esbravejara ao interfone até o zelador lhe prometer que o problema com o suposto vazamento seria resolvido de imediato, e agora, enquanto conversavam à mesa, uma dúzia de funcionários do condomínio checavam todos os encanamentos do bloco. Assim, depois de se certificar de que todas as providências para evitar a explosão que supostamente os mataria estavam sendo tomadas, a mãe sentou-se à mesa, acendeu um cigarro (ela aparentemente confiava na palavra do zelador) e lamentou ter perdido o capítulo da novela por conta daquele maldito vazamento. Depois, sem qualquer motivo aparente, sem que Marcela dissesse nada, desandou a falar do ex-marido.

Me tiveram porque ele se acostumou com você e você se acostumou com ele?, Marcela perguntou.

Ela falava sem olhar para Marcela. Recostada na cadeira, fumando rapidamente, a parede diante de si.

*Grosso modo, sim.*

E por que a coisa deu no que deu?

Ela deu uma tragada, bateu as cinzas.

Por quê?

É, mãe. Se desacostumaram?

É, ela suspirou. Pode-se dizer que sim. Mas ele se desacostumou primeiro. E eu me desacostumei porque ele se desacostumou. Mas aí ele já tinha ido embora havia algum tempo.

O interfone tocou. Ela apagou o cigarro e correu para atender. Não havia vazamento no prédio. O cheiro viera de um carro parado a um quarteirão. Segundo o porteiro, que confirmara tudo com o balconista do mercadinho da esquina, o dono do carro se atrapalhara um pouco ao trocar o botijão, mas tudo se resolvera sem maiores sustos. Ou seja: sem explosão.

Não vamos todos morrer?, Marcela perguntou quando ela voltou a se sentar e acendeu outro cigarro.

Hoje, não.

Ficaram caladas por um tempo, talvez contemplando a morte que não aconteceria por enquanto. A mãe apagou o segundo cigarro e se espreguiçou ruidosamente, esticando braços e pernas e abrindo a boca num bocejo enorme.

Deita um pouco, sugeriu Marcela.

Hoje é sexta-feira, ela disse, ainda com a boca meio aberta, concluindo o bocejo.

Hoje é sexta-feira, a filha repetiu.

Eu devia ir ao escritório.

E por que não vai?

Nenhuma audiência, nada marcado. Se acontecesse alguma coisa, me ligariam aqui. Hoje é sexta-feira. Nunca acontece nada na sexta-feira.

Nunca acontece nada na sexta-feira.

Quem te ligou hoje cedo?

Nathalie.

Nathalie. Eu não conheço nenhuma Nathalie, conheço? Ainda mais com esse jeito afrancesado de pronunciar o nome.

Não, não conhece, não.  
Quem é essa Nathalie?  
Na clínica. Eu conheci ela na clínica.  
Bacana. Assim vocês podem ter uma recaída juntas, disse a mãe, outro cigarro sendo aceso.  
Nosso problema é mais complicado.  
O que essa Nathalie fez?  
Meio que surtou também.  
Ela *surtou* também? Nossa. *Surtar* deve ser uma espécie de traço geracional aí de vocês.  
Na verdade, ela é mais nova do que eu. Quero dizer, a gente não é da mesma geração, não.  
Aposto que ela leu o seu livro.  
Leu, sim. Disse que gostou.  
Ela perguntou se você anda escrevendo alguma coisa?  
Perguntou, sim. Todo mundo pergunta, né? Por que ela não ia perguntar também?  
E o que você respondeu?  
Nem me lembro mais.  
Você anda escrevendo alguma coisa?  
Você viu. Uma coisinha ou outra.  
Eu não vi nada, disse a mãe. E depois de uma pausa: Estou sentindo cheiro de gás outra vez.  
Quando terminou o terceiro e acendeu, de imediato, o quarto cigarro desde que se sentara ali e começara a fitar a parede e a falar do pai de Marcela e de outras coisas, a mãe comentou:  
Mas ele realmente gostava daquela moça.  
Idila?  
Idila. Já viu nome mais obtuso? É pior do que Nathalie com essa pronúncia afrancesada metida a besta.  
Não fode, mãe. Nathalie é um nome bonito.  
Mas seu pai realmente gostava daquela moça.  
É. Acho que ele gostava mesmo dela.  
Quando ela se matou, eu pensei que ele fosse voltar para mim. Eu sempre fui muito burra quando o assunto é o seu pai. Muito, muito burra.  
Muito burra.

Grávida. Feito a personagem do livro do seu amigo. Não exatamente igual, está certo, mas.

Dois meses, só.

Quase três.

Quase três. Isso.

Um dia, você vai achar que eu sou louca, Marcela, mas um dia me ocorreu uma coisa terrível.

Eu te acho louca, mãe.

Foi um sonho, na verdade. Eu sonhei que o filho não era do seu pai. Sonhei que era *seu*.

Sou menina, mãe, disse Marcela, cerrando dentes e punhos, as mãos sob a mesa. A mãe continuou falando, fitando a parede.

Ela estava grávida, mas o filho não era do seu pai. E ninguém sabia disso, nem mesmo você, o “pai” da criança. Ela não contou pra ninguém. Ela foi e se matou.

Ela foi e se matou.

A mãe, olhando de soslaio, percebeu a perturbação de Marcela, muito embora não a compreendesse.

Relaxa, garota. Foi só um sonho maluco que eu tive. Um filme sem nome que passou pela minha cabeça.

Um filme sem nome que passou pela sua cabeça.

E eu fiquei pensando que ele ia voltar para mim e eu ia ajudar ele a juntar os cacos. Burra, muito burra. Burra demais.

Burra demais, mãe. Burra, burra demais.

#### **4. RICHT!**

Outro dia eu vi na televisão essa matéria bem maluca sobre animais selvagens debilitados, bichos lesados *mesmo*, leões e tigres que foram de traficantes e esses traficantes davam aquelas festas de traficantes e no meio das festas eles injetavam cocaína nos pobres dos bichos. Devo ter ficado uns dois ou três dias pensando no leão que aparecia na matéria, lesadão, abraçando a mulher que cuidava dele. É isso que a cocaína faz com um leão? Transforma o rei das selvas num ursinho carinhoso? Porque a cocaína não me transformou em uma ursinha carinhosa, não. Pelo contrário.

Marcela a encontrou no local combinado, shopping Flamboyant, piso superior, perto da Saraiva. Parecia melhor. Os cabelos um pouco mais longos, dois ou três quilos menos magra, sorrindo. Disse que, na verdade, não queria ver filme algum, queria era conversar, falar, ouvir, e disse que era como se elas se conhecessem há anos, como se toda aquela merda na clínica jamais tivesse acontecido, estávamos bem diferentes naquela maldita clínica, éramos pessoas diferentes, pessoas piores.

Circularam um pouco pela Saraiva e Marcela se surpreendeu por ainda ver o livro exposto com algum destaque em uma gôndola, passados dois anos do lançamento, lançamento realizado ali mesmo, naquela livraria, família, amigos, imprensa, o pacote completo.

Saíram da livraria. Marcela comprou um copo de suco, Nathalie comprou refrigerante, elas se sentaram a uma mesa na praça de alimentação e Nathalie desandou a falar.

Na verdade, eu tentei *matar* o meu padastro, sabia? Eu tinha visto a Richthofen na televisão e pensado que seria legal (ok, eu estava noutra dimensão) trucidar papai e mamãe. Sério mesmo. Mas o problema é que eu não tenho papai e mamãe. Tenho mamãe e marido-da-mamãe, e isso não quer dizer que eu me tornei uma garota revoltada porque eu não tenho papai e mamãe. Pelo contrário. Meu padrasto é gente fina, a minha mãe é que é uma boçal. Então, foi assim que eu descobri que tinha passado dos limites: quando vi *La Richthofen* na televisão, algemada, os cabelos desgrenhados, jogados na cara, lembra dessa imagem dela?, acho que a caminho de um de seus oito mil e trezentos e sessenta e nove julgamentos, pois é, eu não me vi matando a pauladas a boçal da minha mãe, não, eu me vi matando o pobre do meu padastro, coitado, tão bacana, sempre me dando dinheiro escondido da minha mãe, sempre encobrindo a hora em que eu voltava da rua, sempre fazendo vista grossa, sempre, de alguma forma, ou de várias formas, né?, encobrindo a joça do meu *vício*. Ele sabia, a minha mãe não sabia. Pra você ver como as coisas eram.

Fez uma pausa. Tomou um gole. Daí continuou:

O leão na TV era um bicho lesado. A mulher que cuidava dele se aproximava e ele abraçava ela. Era uma imagem muito, mui-

to doida. Um leão com toda aquela carência afetiva. E a mulher se deixava lamber, aquela língua *enourme* passeando pela cara dela. Bicho lesado, mulher lesada. Mundo lesado. Mas a cocaína é tipo um troço tão comum, né? Eu tive um professor de cursinho que usava, cheirava muito, demais da conta. Ele era antisemita. Ele dizia: “O mundo é uma merda por culpa dos judeus, que mandam no mundo e têm interesse em fazer do mundo essa merda que está aí porque eles *lucram* com isso, eles *lucram* com essa merda que está aí”. Era engraçado porque ele cheirava cocaína logo cedo e ia dar aula totalmente trincado. Tirante a panacada antisemita, era o melhor professor daquela merda de cursinho. Puta cara engraçado. Piadista. Ele cheirava e ia dar aula. Curtia Beatles e Os Mutantes. Mas aí ele dizia que Guevara no fundo era um pacifista e que os judeus eram uns filhos da puta e que o mundo era uma merda por culpa dos judeus, aqueles filhos da puta. Dos judeus e dos americanos, aqueles filhos de uma égua. Eu, particularmente, curto aquelas camisetas que trazem as fuças do Guevara e aquela frasesinha batidíssima sobre endurecer sem perder a ternura, mas, caramba, dizer que o sujeito era, *à maneira dele*, um *pacifista*, qual é? Mas o grande problema mesmo eram as coisas que ele vomitava contra os judeus. Tinha uma menina na sala que era judia e um dia ela se levantou indignada e gritou com o professor dizendo que ia meter um processo na bunda dele por conta daquelas cretinices que ele vivia dizendo e que ele não sabia de nada e que a tia-avó dela tinha morrido em Treblinka e que ele (o professor) era um babaca drogado e que aquilo não ia ficar assim, não. O que ninguém entendeu foi o porquê dela ter demorado tanto tempo (já era o fim do semestre) pra apelar daquele jeito com o professor. Até porque, tirante uns babacas que se diziam neonazistas (um cursinho serve pra gente aprender pela enésima vez que o mundo está cheio de babacas), a maior parte da turma curtia o professor porque ele era engraçado e malucão, por mais que (repito) achasse essas coisas que ele dizia sobre os judeus um bocado escrotas. Então, a menina gritou com ele e saiu da sala e foi falar com o diretor e na semana seguinte a gente tinha um novo professor de história, uma professora, na verdade, e ela

não era lá muito de brincadeira, entrava na sala, dizia bom-dia, jogava a matéria no quadro, passava e corrigia uns exercícios.

Nova pausa. Novo gole. E:

Mas eu te falava do lance todo com o meu padrasto e a arma e tudo. Eu peguei a arma que tinha sido do meu pai e que a minha mãe (boçal) guardava (escondia) nem me lembro onde e apontei pra cabeça do meu padrasto. Ele estava sentadinho lá na poltrona dele, vendo telejornal. Mais de cinquenta mortos em atentados ocorridos hoje em Bagdá. Apontei a arma pra cabeça dele e disse: RICHT! Mas não atirei, não. Acho que nunca passou pela minha cabeça atirar na cabeça dele, matar ele de verdade. Era só meio que uma coisa pra fazer. Pegar a arma, entrar na sala, apontar pra cabeça dele, dizer RICHT! e pronto. Eu não atirei, isso nem passou pela minha cabeça. Sei que é meio estranho alguém pegar uma arma e apontar essa arma pra cabeça de outra pessoa e depois dizer que nunca pensou em atirar nessa outra pessoa, mas é a pura verdade.

Respirou fundo, olhou para os lados. Um casal de doze ou treze ou catorze anos se beijando na mesa ao lado. Sorriu. Piscou com um olho só para Marcela. E continuou:

Lá na clínica, eu às vezes me sentia como aquele leão, sabe? O leão era *enourme* e carinhoso, quase um irmão mais velho pra mulher que aparecia na matéria e era abraçada por ele, o bicho lesado porque o ex-dono traficante levava ele pras festas de traficantes e injetava cocaína nele pra fazer graça. Você consegue imaginar um leão trincadão e tudo? Tipo, o que ele faz? Come as grades da cela? Mastiga a própria pata? Aprende a *falar*? Aur, aur. Ha, ha, ha. Então. Eu peguei a arma e apontei pra cabeça do meu padrasto e falei RICHT! e ele levou o maior susto da vida dele. Caralho, ele se assustou *muito*. Ele levou o maior susto da vida dele, mas não me decepcionou, não. Ele foi bem corajoso, tranqüilão, e se levantou bem devagarzinho e foi falando comigo de um jeito bem macio, como se eu estivesse nervosa (eu não estava nervosa) e precisasse me acalmar. Me fez entregar a arma, me levou pro quarto, me deitou na cama, disse que eu ficar bem e tudo. Ele foi bem legal mesmo. Me fez dormir dizendo essas coisas macias, sabe? Peguei no sono mesmo. Mas, tipo,

quando eu acordei, o leão ainda estava lá ha, ha, ha.

Quando Nathalie afinal deu, de fato, um tempo, dois ou três segundos, Marcela se viu obrigada a perguntar:

Você cheirou? Hoje? Aqui? Em algum momento? Sem que eu tenha percebido?

Nathalie respirou fundo e respondeu que não, de jeito nenhum, que estava era nervosa.

Olha, eu sinto muito ter te tratado daquele jeito lá na clínica, eu sou muito sua fã, amo tudo, absolutamente tudo o que você escreve. Eu... eu fico falando desse jeito, sem parar, porque estou nervosa e porque tenho tanta coisa pra te dizer que, meu Deus do céu, você é muito importante pra mim, as coisas que você escreve, caramba, parece até que você escreveu especialmente pra mim, só pra mim e pra mais ninguém.

Ok, disse Marcela. Mas... vai devagar.

Tá.

Silêncio. Eu quero mesmo transar com ela?, Marcela pensou.

Eu daria tudo pra saber no que você está pensando agora, ariscou Nathalie.

Olhando para o lado, para as escadas rolantes apinhadas de gente:

Estou pensando se quero mesmo transar com você. E sobre literatura. Literatura é merda. A minha, pelo menos.

Não seja ridícula, a outra balbuciou, baixando os olhos e balançando a cabeça em sinal de negação. Eu gosto do que você escreve.

Os livros estragaram a minha vida, Marcela insistiu, toda camicase.

Alguma coisa sempre estraga a vida da gente, ainda cabisbaixa, brincando nervosamente com os dedos das mãos.

É. Acho que é verdade.

Ela, então, inesperadamente, levantou os olhos e encarou Marcela. Marcela tentou se desviar, mas não conseguiu. Sentiu uma vontade estúpida de chorar.

Desculpa, sussurrou em seguida, sem entender direito por que pedia desculpas.

Desculpas aceitas, disse Nathalie, decidida. E agora? No que você está pensando?

De verdade?

É. De verdade.

Em me apaixonar por você. Em chupar os teus peitos. Em gozar com a sua boca, você chupando a minha boceta.

Nathalie não enrubesceu, mas voltou a baixar os olhos.

E você? No que está pensando?

A cabeça de Marcela latejava. Ela só queria dar o fora dali. Com ou sem Nathalie. Com ou sem as palavrinhas mágicas que Nathalie utilizara na clínica (porque você não vai tomar nome iodo seu cusuavacametida filhadeumaputa?). Com ou sem o que quer que fosse. Apesar de tudo isso, trêmula, assustada, tonta, Marcela repetiu a pergunta:

No que você está pensando, Nathalie?

FIM

PARANAGUÁ, DEZEMBRO DE 2007  
CATALÃO, JANEIRO DE 2009.



## Umas férias em Itália\*

Carlos Durão

“Mrs Hockett conduzia o automóvel pela estrada da Riviera italiana, na direção de Nice. Estava zangada. Tinha pressa por chegar à fronteira francesa. Seguiu a autoestrada até Savona, mas agora tinha que ir pela estrada da costa, que estava congestionada de trânsito. O sol do verão caía a prumo no asfalto, e quentava até à exasperação o metal dos carros.

Com ela iam os seus dous filhos, uma menina de quase dez anos e um menino mais novo. O seu marido tivera que deslocar-se urgentemente a Londres para assistir a uma reunião inesperada na sua empresa. A notícia da crise chegara-lhes a Florença, apenas no começo das férias. E agora estava nesta estrada cheia de carros italianos. Enfurecia-lhe ver aqueles pequenos e antiquados FIAT com o I na placa de licença. Tudo lhe saíra mal desde que chegara a este país. Primeiro fora aquele problema com o seguro. Depois a multa em Milão. E agora o seu marido tivera que partir de avião.

Se tivéssemos ido à Irlanda, como eu queria – pensou.

O trânsito espessava-se. Os italianos tinham a mania de tocar a buzina ao menor motivo. É que não tinham olhos? Por que todo este barulho? Mrs Hockett impacientava-se.

Mr Hockett dissera-lhe que ficasse em Florença, ou que fosse a Roma. Este assunto da companhia só podia ser questão de dias. Ele voltaria a tempo para findar aquelas férias com a sua família. Mas ela não queria saber mais da Itália e dos italianos. As férias tornaram-se-lhe uma tortura. Não suportava o pessoal do hotel, era brusca com os seus meninos. Decidira voltar à Inglaterra.

A longa bicha de carros avançou mais uns centos de metros. Chegaram a Imperia. Dali à fronteira francesa eram uns poucos quilómetros. Ainda bem. Gastara quase todo o dinheiro italiano que tinha, mesmo o troco miúdo, quando enchera o tanque de gasolina. E desfizera-se dos cupões que o monopólio do Estado obrigava os automobilistas estrangeiros a comprar. Ah!, que país atrasado! Estava desejando chegar à fronteira. Tinha bastantes francos, que lhe ficaram de quando atravessaram a França, a caminho deste maldito país.

‘Mamã, tenho sede’ – disse a menina.

‘Bebe a laranjada da garrafa’ – disse a mãe.

‘Não me sabe. Está quente. Eu quero um fresco frio.’

‘Pois sinto-o muito, filhinha, mas não posso parar aqui. Quando chegarmos à fronteira já o tomarás, sim?’

Viu uma estrada à direita, que se metia pelo monte. Que sorte! Em todos aqueles quilómetros de estrada costeira, esta era a primeira que deixava a principal, com aquele trânsito congestionado. Hesitou uns instantes. Apitou o FIAT de atrás. Sem considerá-lo mais, colheu pela estradinha do monte. Que tranquilidade! Aqui não havia carros, nem sequer sinalização. Só paz. E a brancura do pó relado daquelas encostas, em lugar do asfalto quente lá em baixo.

Mrs Hockett tranquilizou-se. Ia fresquinho aqui acima. Sentiu que logo acabariam as suas preocupações. Olhava a paisagem de tojo e urzes, os penedos pelados dos corutos dos outeiros, umas oliveiras, alguma casinha branca perdida no monte. Parou à beira duma fonte. Mentres os pequenos bebiam, ela estudou o mapa. Achou a estrada: sim, era esta vermelha que subia a Cuneo; e dali outra chegava até à fronteira francesa. Tudo ia bem, então.

Pôs em funcionamento o motor, que deu uns quantos arrelpões. Mrs Hockett franziu as sobrancelhas. Mas o carro arrancou, e a preocupação dissipou-se como as nuvenzinhas que subiam da costa. Lá em baixo, naquele vale à esquerda, esperava-os a França.

Mas a estrada seguia a subir, a subir. Parece que não havia conexão. Colheria o ramal que não era? E se não vinha no mapa?

Ah! Aquelas casas devem ser de Cuneo. Mas não há postes de sinalização. Teria que perguntar.

Afrouxou a marcha. Repuganava-lhe a ideia de ter que pronunciar as poucas palavras de italiano que sabia. O carro entra pelo meio duma aldeia que parecia abandonada. Àquela hora da tarde, o único indício de vida era algum cão deitado à porta duma choupana suja. E um cheiro como de amoníaco.

Mrs Hockett sentiu nojo e acelerou. Não muito, porque não queria despertar os pequenos, que agora dormiam no assento de atrás. De súpeto, um rapaz saiu correndo de detrás dum valado. Ela virou, e chocou contra um monte de lenha. Mas não pôde evitar o rapaz, que saiu despedido pelo guardalama. O carro parou em seco.

‘Que passou?’ – perguntaram a um tempo os seus pequenos, acordando da sesta.

Mrs Hockett tinha a face vermelha. Tremiam-lhe as mãos. Abriu a porta do carro, mas ela mal podia erguer-se. Apoiada no carro, via o rapaz espernejar e queixar-se no meio da estrada. Ela tinha a boca seca. Fazendo um grande esforço, conseguiu endireitar os joelhos e dar uns passos em direção do rapaz. Mas ele levantou-se e fugiu por detrás do valado, a dar berros.

‘Que passa? Por que paramos?’ – perguntavam os seus filhos.

Mrs Hockett, toda pálida, viu vir por entre as casas um grupo de gente, e rapazes aos berros. Meteu-se no automóvel. Mas o motor não dava arrancado. Deveria passar-lhe algo ao parar em seco. E a gente chegava cada vez mais perto.

Arrancou o carro de milagre, e saiu por entre a lenha, rabunhando no pó da estrada. A gente ficava atrás, numa nuvem de pó e fumo. Um pouco mais adiante, o carro enfiou por um bosquezinho. Já não se via a aldeia.

Mrs Hockett parou. Estava a chorar.

‘Por que choras, mamã?’

Ela olhou no retrovisor. Viu a estrada deserta. E a sua maquilhagem desfeita. Acalmou-se um pouco. Então deu-lhe à chave de ignição. Nada. Intentou outra vez. Nada. Mrs Hockett olhava nervosa no retrovisor, atendendo à estrada, atendendo ao arranque, atendendo à maquilhagem. Os seus olhos passavam

nervosos pelo indicador da gasolina sem recolher a informação que marcava a agulhinha imóvel, e rejeitando-a quando por fim a leu, por medo de reconhecer a verdade terrível, a possibilidade impensável de ter que dar volta.

Não passaria por ali outro automóvel? Algum turista caridoso que lhe deixasse um pouco de gasolina? Mas a estrada, mais bem caminho poeirento, estava vazia, branca ao sol da tarde. Buscou uma lata de gasolina no carro. Mas só havia uma garrafa de plástico. Colheu-a e botou-se ao caminho com os seus pequenos.

‘Imos para a casa?’

‘Sim.’

Caminharam uns dous quilómetros para ao monte. O caminho era agora caminho de monte. Os seus passos ressoavam contra as pedras, levantando nuvenzinhas de pó. Começavam a lhe doer os pés.

‘Eu canso-me’ – dizia o neno.

‘Quando imos ver o papá?’ – dizia a nena.

Mrs Hockett viu um homem caminhar por um vieiro, um pouco mais abaixo. Chamaria e perguntaria onde havia gasolina, pensou. Mas deixou passar o homem, inexplicavelmente imobilizada, contendo a respiração. Ele nem sequer reparou no grupo, e desapareceu entre umas giesteiras.

Agora entrou-lhe o medo a Mrs Hockett. Pensou que os da aldeia teriam chegado até ao carro e que se vingariam botando-o por uma encosta abaixo. Voltou, com os miúdos. Ia pensando ainda em como obter a gasolina que precisava. E deu-se conta de que não tinha dinheiro italiano. Já estava a ver que se botava a noite em cima, que não tinham onde dormir, ou que comer.

Apertava os beços, e apertava as mãos dos seus filhos. O carro estava igual que o deixaram. Só tinha nos guardalamas os sinais do que acontecera na aldeia.

Mrs Hockett precatou-se de que só podia fazer uma cousa: dar volta como pudesse ao carro e baixar costa abaixo. Com uma sombria resolução, manobrou como pôde, ajudada pelos meninos, e conseguiu endireitar o automóvel no sentido oposto, alongando-se a cada metro da anelada França, baixando à fatídica aldeia do acidente. Cada segundo daquela volta era doloroso.

Divisou a aldeia dos seus pecados, e desejou que a engolisse a terra. Mas a terra não se abriu, e o carro entrou silenciosamente pela aldeia adiante, em ponto morto.

Por um instante pensou que ia passar o carro sem serem descobertos pela gente. Mas não tardaram em aparecer rapazes a berrar ‘a máquina, a máquina, os turistas’, segundo Mrs Hockett podia entender, e teve que frear e parar diante dum grupo de homens e mulheres de caras torradas e vestidos pretos. O que iria acontecer? Mrs Hockett abraçou-se aos filhos, esperando Deus sabe o quê.

Fez-se um oc entre a gente, e chegou um homem vestido com uma batina preta. Seria o cura?

Faça favor, senhora, venha conosco – entendeu-lhe ela que dizia, pelo menos o ‘scusi’ e o ‘signora’.

A gente deixou-os passar, murmurando baixo. Mrs Hockett caminhava num estado de tensão que se tornou ansiedade ao entrarem na casa escura onde cheirava a álcool. Num quarto interior estavam sentados uma velha e mailo rapaz do acidente. A Mrs Hockett veio-lhe o sangue à cara, e sofreu um desmaio.

Quando voltou em si, sentiu os seus nenos a chorar. Alguém tencionava que cheirasse algo dum frasco. Um mulherio arre-moinhava-se arredor deles. Não sabia quanto tempo estivera inconsciente, mas deveu ser longo, pois o sol entrava quase horizontal por uma janelinha.

‘Senhora, tem que perdoar’ – disse o homem da sotaina. - ‘Chegaram-me com histórias dum acidente terrível... mas não se passou nada, o rapaz só se mancou no nariz... claro, a senhora fez mal em fugir...’

Mrs Hockett recuperava pouco a pouco a fala. Entendeu que aquele homem era, com efeito, o cura da aldeia, que ninguém lhes ia fazer mal, que aquele rapaz era um pouco subnormal... Ela pediu escusas por não ter parado. Tinha tanto medo...

‘Compreendo, compreendo’ – dizia ele.

Mrs Hockett olhou para o rapaz, que sorriu aparvoadamente. E a velha disse algo que ela não entendeu.

Ainda falaram de mais cousas. Mrs Hockett ofereceu ajudar, não sabia bem em que. Deu-lhe ao padre os pormenores do

seguro, por se for necessário. Mas ela queria fazer algo, pagar algo. Deu-se conta de que não tinha moeda italiana. E, pior ainda, não tinha gasolina.

‘Ah!, isso não é nada. Aqui um rapaz vai procurar gasolina à casa do carteiro, que tem uma moto.’

E não quiseram nada em troca. Mrs Hockett queria erguer-se, voltar ao carro. Mas ainda teve que corresponder à hospitalidade daquela gentinha, e comer alguns petiscos que lhes trouxeram.

Era já noite quando por fim marcharam. Toda a aldeia se ajuntou ali para os despedir. Então Mrs Hockett sentiu que algo mudara dentro dela. Tinha a sensação de que podia passar a vida inteira ali, com aquela gente. De repente aquelas caras mouras do sol e da pobreza pareciam iluminadas de calor humano, e ela sentia-se como um deles. Todas aquelas nuvens de temor vago, que umas horas antes a sufocavam, dissiparam-se agora como num sol forte.

‘Vão com Deus. Que tenham boa viagem’ – entendeu que diziam.

‘Deus vos abençoe’ – pensou Mrs Hockett, acenando desde a janela do carro, que baixava a modo, quase não precisando a pouca gasolina que lhe deram naquela aldeia perdida da Itália.

Respirou fundo o ar puro da noite que entrava pela janela aberta. Quando chegou a Imperia, na estrada principal, virou para a esquerda, em direitura a Génova.

Decidira passar o resto das férias na Itália.”





# RESENHAS

» *Isaac Díaz Pardo e a Língua*

AA. VV. | 2008

» *Pensar, Comunicar, Actuar  
em Língua Portuguesa.*

*10 anos da CPLP*

AA. VV. | 2006

» *Inxalá*

CARLOS QUIROGA. 2006

» *Olladas no futuro*

RAMÓN PIÑEIRO | 2007

» *Fios-de-contas*

PAULA SAN VICENTE | 2007

» *Atlas Histórico da Galiza.*

*E do seu Contorno Geográfico  
e Cultural*

JOSÉ MANUEL BARBOSA ÁLVARES E JOSÉ MANUEL

GONÇALES RIBEIRA | 2008

» *Longa Língua, nº 19*



## ISAAC DÍAZ PARDO E A LÍNGUA. HOMENAGEM DA AGAL.

Joám Manuel Araújo

No Dia das Letras Galegas, segundo o colofon, publicou-se este volume<sup>1</sup>, em jeito de homenagem a Isaac Díaz Pardo. Nele juntam-se textos publicados por este intelectual e empresário a respeito da situação e o futuro do idioma, e intervinham vários autores. “Quem ler estes trabalhos –por certo de muito fácil leitura– verá com que claridade e interesse se trata o tema. Como pessoa excepcional que é, reconhece todas as qualidades dos seus numerosos amigos aos que também lhes lembra, com muito humor e retranca, onde estão as deficiências do seu labor”, indica a introdução deste belo livro.

O primeiro contributo é “Vida e obra de Isaac Díaz Pardo”, redigido por José Maria Casariego Guerreiro, professor no liceu Sam Paio, de Tui, que em apenas sete páginas oferece muito sintetizadamente os principais factos biográficos, livros publicados, texto teatral, ensaios, monografias e outra produção do

homenageado, além de reconhecimentos recebidos, e mais o repertório bibliográfico sobre ele publicado em várias páginas da revista *Moénia*, o que resulta uma aproximação muito interessante sobre a personagem.

Na continuação, Isaac Alonso Estraviz, da Universidade de Vigo, escreve “Isaac Díaz Pardo e a Memória Histórica”, um texto de 9 páginas em que assinala que “É o Homem que nunca tem tempo para si e todo lhe é pouco para levar avante o seu projecto. Nom se obcecou polo dinheiro ainda que sem ele pouco se pode fazer. O dinheiro para ele é um meio para trabalhar, para criar, nunca um fim em si mesmo. Ainda que esteja a falar com alguém tem que estar em movimento e anda de cá para lá sem parar. Ultimamente ainda muito mais. Nom tem acougo, nom tem paria. Sente angústia de deixar a obra inacabada ou que depois dele siga roteiros fora da identidade galega”.

José Paz Rodriguez, também da Universidade de Vigo, escreve “A Dignidade de Díaz Pardo”, artigo de apenas três páginas, em que conclui: “Gostamos muito do pensamento vigente de Isaac sobre a actualidade galega. ‘Na Galiza nom somos donos nem do ar’ diz com retranca galaica. E assim nos vai. Só que tivéramos cem mais como Isaac esta terra seria outra. Quanta falta nos fazem pes-

[1] AA. VV., (2008), *Isaac Díaz Pardo e a Língua*, A Corunha, AGAL, Coleção Testemunhos, 166 páginas.

soas com a generosidade, inteligência, dignidade, entrega e amor pola Terra, como tem Isaac Díaz Pardo! Verdadeiro orgulho de galegos e galegas de bem”.

O Presidente da AGAL, Alexandre Banhos, contribui com o trabalho “Isaac Díaz Pardo, um dos bons e generosos, devidamente acreditado”. Refere como o homenageado defendeu, junto com Valentim Paz Andrade, que em 1977, no tempo do Governo de Adolfo Suárez, assim como Catalunha e Euskadi tivérom como primeiro presidente Tarradellas e Leizaola, duas personalidades relacionadas com o passado político que dérom continuidade às suas renovadas autonomias, na Galiza se contasse para o mesmo fim com Bibiano Fernández Osório-Tafall. Aquela soluçom foi muito contestada e nom prosperou apesar de que, segundo Banhos, teria sido de enorme interesse na altura. Afirma-se neste contributo, de 10 páginas, que “Isaac Díaz Pardo é um desses milagres que se produzem por fortuna de quando em vez neste país para que sigamos a ter esperança”.

De um outro professor da Universidade de Vigo, José-Martinho Montero Santalha, oferece-se a seguir o estudo “A nossa língua vista por Isaac Díaz Pardo”. Quem é um dos principais promotores da Academia Galega da Língua Portugue-

sa analisa, em 9 páginas, os artigos incluídos no volume, embora note em falta outro de interesse sobre o mesmo tema, difundido em 14 de Janeiro do 2002. Segundo este reputado especialista, primeira figura da ciência filológica galega “Isaac Díaz Pardo possui uma clara concepção da unidade lingüística galego-portuguesa, e nela devem incluir-se as suas repetidas críticas à atitude isolacionista e culturalmente suicida da Real Academia Galega e do Instituto da Língua Galega”.

Incluem-se na continuação 16 breves textos, de entre 3 e 8 páginas, de que se frisa terem sido difundidos no jornal *La Voz de Galicia* e no livro *Galicia hoy y el resto del mundo*, em que Díaz Pardo foca o problema da língua. Os significativos títulos destes artigos som os seguintes: “*Preto ou perto?*”, “Os problemas da Galiza e os importunos”, “Os problemas da língua manifestam-se de formas muito diversas”, “O problema da língua visto por um que nom é filólogo”, “O fio da História”, “Um contrador no Caminho de Santiago”, “A baralha dos partidos estatais”, “O galego e o português”, “A inércia dos especialistas”, “Os especialistas”, “Sobre a cultura galega”, “Nós os terroristas”, “A nossa História em esquema”, “A propósito da língua galega”, “Espanha, Portugal e Galiza”, e “O Mercado Comum e outras eivas”.

Finalmente o volume inclui umha entrevista, realizada por Sole Rei e publicada originariamente no jornal *Novas da Galiza* (em versom resumida) e no PGL (íntegra), sob o título “O Galego está a morrer, se nom se abrir à naçom irmã, que pode sustentá-lo, nom vai ficar em nada”. Dos muitos elementos de interesse desse derradeiro contributo vale a pena salientar este depoimento de Díaz Pardo: “Entom eu cuido que haveria que fechar a porta a Castela; refiro-me às instituiçons da língua como a Academia Galega... Eu levo-me mui bem com os da Academia Galega, porque umha cousa nom tem a ver com a outra: umha cousa é o que pense eu como ideal e outra cousa é o que me vejo obrigado a fazer para conviver. E creio que a Academia Galega fai moi bem em todas as cousas, menos na da língua galega”.

Em definitivo, um interessante volume, belamente editado, que ajuda com certeza para conhecer melhor esta personagem, que em tantos campos da cultura galega tem contribuído nas últimas décadas, e que também se revelou um empresário de sucesso à frente do Grupo Sargadelos, de que foi artífice principal e a que ainda contribui activamente. Livro com muitos elementos de proveito, e polémicos, que bem pode favorecer o sempre necessá-

rio diálogo para avançar com soluçons melhores que as actuais para garantir um futuro mais próspero para a língua da Galiza, o assunto central focado nas suas valiosas páginas.

COMPOSTELA, MAIO DE 2008.

## **PENSAR, COMUNICAR, ACTUAR EM LÍNGUA PORTUGUESA. 10 ANOS DA CPLP**

Joám Manuel Araújo

Em 17 de Julho de 1996 celebrou-se no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, a cimeira fundadora da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Para comemorar o décimo aniversário desse acontecimento editou-se *Pensar, Comunicar, Actuar em Língua Portuguesa*<sup>2</sup>, um volume de enorme interesse e actualidade que informa das ca-

[2] AA. VV., (2006), *Pensar, Comunicar, Actuar em Língua Portuguesa. 10 anos da CPLP*, Lisboa, CPLP. (Exemplares deste volume fôrom oferecidos como presente ao presidente da AGAL, Alexandre Banhos, e à vogal da directiva, Margarida Martins, na recepçom oficial que tivêrom com dirigentes da CPLP em Lisboa, em Abril de 2008).

racterísticas e peculiaridades desta colectividade unida por um idioma comum. Está constituída por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Timor, oito Estados soberanos; e há grupos de outros países, entre eles a Galiza, que têm exprimido o seu interesse em aderir e participar da sua dinâmica e actividades.

Nas 173 páginas deste precioso volume, editado com bom gosto e cuidado, encontra-se muita informação de utilidade a respeito da história, funcionamento e finalidade da instituição supranacional. A língua ocupa um lugar central, e estão recolhidas desde a famosa frase de Bernardo Soares, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, de que “a minha Pátria é a Língua Portuguesa”, a outros contributos de vultos como o Padre António Vieira, os brasileiros Sílvio Romero e Gilberto Freire, ou os africanos Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Samora Machel, entre outros que se valorizam de “precursores da CPLP”.

Porém, não são personagens das Letras ou da Cultura os protagonistas principais deste volume, mas os políticos. Embaixadores, Ministros e outros altos cargos, com presença de Presidentes das respectivas nações, ocupam o lugar de maior destaque com contributos muito diversos que

deles dizem respeito. Há referências à promoção e difusão da língua portuguesa, ao Acordo Ortográfico ou ao Instituto Internacional da Língua Portuguesa, mas também à cooperação, aos direitos e liberdades, à solidariedade, à educação, à cidadania e circulação de pessoas, à defesa e segurança, e outros assuntos de interesse comum. Afinal é aos políticos e às instituições, como representantes legítimos, que corresponde definir os elementos identificadores que se procuram e trabalhar para que se tornem efectivos, e por isso atingem uma participação tão directa e específica.

Entre os muitos dados de valor deste livro merece salientar-se que se dá como população da CPLP há, pois, dois anos, 239 milhões de habitantes; uma superfície de 10,7 milhões de quilómetros quadrados; e zonas económicas exclusivas comuns de 5,7 milhões de quilómetros quadrados. Datas principais, e contactos e endereços de utilidade, completam um volume que se publicou com o patrocínio de conhecidas multinacionais desses países, e também se informa de ambiciosos projectos para os próximos anos, entre os quais são do maior relevo os de fortalecer as instituições políticas com o desenvolvimento de novas iniciativas.

Entre os depoimentos recolhidos vale a pena citar o do Embaixador Luís Fonseca, Secretário Executivo da CPLP, quem no texto que abre o livro afirma: “a Língua Portuguesa, ao mesmo tempo que se consolida nos países da Comunidade onde ela não constitui língua materna está a conquistar progressivamente espaço de afirmação no mundo”. Ou o do ex presidente brasileiro José Sarney, um dos principais impulsores da CPLP, que escreve: “a língua portuguesa não é apenas um meio de comunicação para nossa comunidade de nações; não é apenas um elemento aglutinador para nossas culturas. A língua deve ser, acima de tudo, reflexo e veículo de amplos movimentos de renovação cultural de nossos povos”.

Som muitas as ideias, perspectivas e sugestões que se concluem da leitura deste volume, elaborado por vários autores, e que podem resultar de grande proveito e a ocasião de gizar importantes reptos se se ler desde a Galiza criticamente; mas também com a amizade, o respeito e a cumplicidade que supom o partilhar esse idioma que tivo o seu berço no Norte do Minho, onde ainda se reconhece como próprio.

COMPOSTELA, MAIO 2008.

## INXALÁ

### CARLOS QUIROGA

João Manuel Araújo

A editora galega Laidioventu incluiu na sua colecção de narrativa este livro<sup>3</sup> de Carlos Quiroga, ganhador do XIV Prémio Carvalho Calero na convocatória de 2004 realizada pelo Concelho de Ferrol. Mais recentemente publica-se em Portugal.

Trata-se de duas edições muito bem cuidadas e apresentadas. Apesar do mesmo conteúdo, há algumas diferenças que vale a pena salientar. A mais evidente está na capa, pois enquanto na edição galega encontramos só a única palavra do título; na portuguesa deparamos com *Inxalá. Espero por ti na Abissínia. Quem nunca pensou em largar tudo de repente e partir? Quem nunca amou perdidamente?* Um título mais comprido, pois, que tem como principal objectivo chamar a atenção do leitor e ajudar a convencê-lo para que compre o exemplar e mergulhe nas suas aliciantes páginas. Afinal, Quiroga é umha figura bem conhecida sobretudo para os estudiosos de literatura e mesmo para os escritores portugueses (reputado especialista

[3] Quiroga, Carlos, (2006), *Inxalá*, Ames, Laidioventu. Edição Portuguesa: (2008), Matosinhos-Lisboa, QuidNovi.

em Fernando Pessoa, participaçom activa em actividades científicas e literárias no Sul do Minho, com presença em acontecimentos como feiras do livro ou a prestigiosa reunião Correntes da Escrita, além de ter coordenado um número especial da revista *Mealibra* em que se apresentou a literatura galega actual para o público português, colaborador no *Dicionário Temático da Lusofonia...* por citar umhas poucas, mas significativas, das suas múltiplas intervenções nos últimos anos em Portugal; onde também com antecedência publicou já alguns livros, entre eles o maravilhoso *O Regresso a Arder*, editado de parceria entre a Agal e a Quasi), mas menos para o grande público; e esse acréscimo de referentes no frontispício do livro pode com certeza impactar para que se ofereça preferência a esse produto em lugar de a outros que compitam com ele nas livrarias de autores mais assentados no mercado luso. A capa tem o maior interesse para atingir esse objectivo ao ser o primeiro que olha o candidato a leitor/comprador. Para incidir no mercado é bom aproveitar as oportunidades, polo que é muito compreensível essa modificaçom.

Outro elemento que chama a atençom ao abrir as páginas deste muito recomendável trabalho literário é que a editora QuidNovi adverte que para o lançamento português o

texto foi objecto de “revisão lingüística”, labor que correspondeu a Maria do Rosário Pedreira. Som poucas, com efeito, as diferenças entre os dous textos, apenas as derivadas das escassas marcas caracterizadoras do cânone ortográfico da Associação Galega da Língua, o utilizado na edição príncipe, mas nom só. Vejamos exemplos dessa disparidade, na primeira página da narrativa:

a) Edição da Laiomento:

« Estou olhando isto a perguntar-me agora com que olhos de anjo caído e rebelde terá olhado para a mesma praia desolada aquele rapaz raro há mais de um século. [...] Porque estou a olhar isto e estou a querer ver-te. Porque te vejo apenas num esforço de imaginação. E o tempo passa e já nom sei adivinhar-te bem. »

b) Versom da QuidNovi:

« Estou *a olhar para* isto e a perguntar-me agora com que olhos de anjo caído e rebelde terá olhado para a mesma praia desolada aquele rapaz raro há mais de um século [...] Porque estou a olhar *para* isto e estou a querer ver-te. Porque te vejo apenas num esforço de imaginação. E o tempo passa e já *não* sei adivinhar-te bem. »

Com perspectiva galega nom passa isso despercebido. Em primeiro lugar, emerge a questom de se es-

sas “emendas” (caso ser pertinente dizê-lo assim) estarão justificadas e se nom seria mais positivo deixar o original no belo e muito competente registo lingüístico de Carlos Quiroga. Isso serviria também porventura para que em Portugal se assumisse melhor a identidade do idioma galego-português. Vários autores galegos, entre eles o próprio Quiroga, tenhem publicado na normativa da Agal em Portugal nos últimos anos com normalidade e sem maiores problemas, polo que acrescentar esta tam interessante narrativa seria um avanço mais, sem sombra de dúvida, para a tam necessária aproximação entre os mercados do Norte e do Sul do Minho. É discutível mesmo que resultasse prejudicada economicamente a empresa editora portuguesa: antes polo contrário, mesmo poderia utilizar a singularidade em seu proveito, sem dificuldades de entendimento para os consumidores. Porém, isso “já foi”. Mas também nom deixa de ser gratificante verificar o escasso movimento efectuado no texto pola especialista portuguesa, o que demonstra o acerto (e a pertinência) dessa proposta ortográfica galega de 1983, revisada em 1989 e com muito pequenas alteraçõs desde a altura.

Outra diferença entre as duas edições é que a galega está acompanhada de valiosas imagens, contri-

buição do próprio autor, condizentes ao texto, ausentes no produto da QuidNovi.

Em todo o caso, justo é dizer que as duas editoras se preocupárom de apresentar um produto muito bem acabado, realizado com gosto, de fácil leitura, para o que contribui um “ritmo hipnótico, com uma linguagem envolvente, compacta, lançada num jacto ora lírico, ora épico, por vezes erótico, que deixa no ar um perfume de mistério nunca inteiramente resolvido...”, como assinala esta acertada síntese que se encontra na contracapa da edição portuguesa.

A respeito do conteúdo, assim o define o próprio Carlos Quiroga, em entrevista<sup>4</sup> recente publicada no *Jornal de Letras* de Lisboa: “É um grito de uma pessoa, um médico galego

---

[4] A entrevista, publicada no exemplar do 7/20 de Maio de 2008, está assinada por Luís Ricardo Duarte, quem por sua vez apresenta este livro de Quiroga destarte: “É ao mesmo tempo uma confissão de amor, um livro de viagens e a discrição do dia-dia de um galego em Lisboa. Inspirado na figura mítica de Rimbaud, conta a história de um médico que deixa tudo para trás e segue viagem até ao Gibuti. É um ‘grito de liberdade’, que faz com que o protagonista abandone posses e afectos, rotinas e certezas, quotidianos e intimidades, em busca da sua própria identidade. E a urgência do momento reflecte-se nesta escrita torrencial, expressiva e intensa”.

a trabalhar em Lisboa, que deixou tudo para trás. Passou pela Arménia, pela Abissínia e depois de uma série de peripécias chega ao Gibuti. É aí que escreve esta narrativa de um jacto, que também é uma declaração de amor. [...] há sempre uma história de amor pelo meio... Ao longo do livro vão-se revelando três histórias cruzadas. As recordações do médico em Lisboa, o que o levou a sair dessa cidade. Os dois crimes que o levaram a tomar a decisão de partir –um deles de uma antiga namorada, que aparece já morta no hospital onde trabalha. Tudo isso é contado numa espécie de confissão amorosa, dirigida a uma mulher com quem teve um caso”.

Ao mergulharmos na leitura encontramos, como é habitual em Quiroga, inevitáveis referências a Fernando Pessoa, mas também neste caso a Blas de Otero e a Rimbaud; e paisagens geográficas e humanas atraentes: o Mar Vermelho, Etiópia, Aksum, Harar, Lisboa, Compostela, Tiro, Alexandria, Abissínia (Habeschym-Habechi-Abexins), Eritréia, Somália, os Açores, Brasil, Java, o castelo de S. Jorge, Lalibelá, o padre Abba Tekelu, o filósofo Merópio, Edésio, Mateus, Salomom, Oriana Figueiredo, o doutor Cervanha, o inspector Oliveira da Polícia Judiciária, Urbano Bonner, Rufino, Frumêncio. S. Atanásio, Carlota Leite,

Gabra, Masql, Ondina (personagem angolana que lembra outra muito célebre, de Pepetela)... mesmo o Livro dos Reis, a Arca da Aliança ou o Espírito Santo e o Juízo Final encontram lugar nesta narrativa que finaliza com referências a Adis Abeba e indicando para o receptor que “Um acaso extraordinário poderia fazer que nos encontrássemos, agora que tudo está escrito. *Inxalá*”. Umha leitura, enfim, que nom decepciona, e que deixa com vontade de ler novos trabalhos deste professor universitário e escritor, que demonstra uns domínios acertados de muitos registos e técnicas da mais exigente Literatura dos nossos dias.

Com antecedência a *Inxalá*, Carlos Quiroga demonstrou em volumes como *g.o.n.g. - Mais de Vinte Poemas Globais e um Prefácio Esperançado* (1999), *Periferias* (1999), *A Espera Crepuscular* (2002), *O Castelo da Lagoa de Antela* (2004), *O Regresso a Arder* (2005) e *Venezianas* (2007), ser um dos escritores galegos com propostas mais arriscadas e inovadoras, que mais tem para dizer. E além disso, que sabe dizer, com investigação de novas fórmulas expressivas e conseguindo acertos que tenham sido salientados pola crítica galega, portuguesa, brasileira, italiana e espanhola. Este novo livro continua esse feliz caminhar com segurança por trilhos muito difíceis na Galiza,

conseguindo vencer já algumas resistências e ultrapassar por vezes a censura que de regra se impom sobre os defensores do reintegracionismo. E com um reconhecimento exterior cada vez maior, de que este lançamento em Portugal é nova e clara evidência.

COMPOSTELA, JUNHO 2008.

## OLLADAS NO FUTURO

RAMÓN PIÑEIRO

Por Joám Manuel Araújo

Muito se leva falado de Ramón Piñeiro nos poucos dias decorridos desde que a Real Academia Galega acordou dedicar-lhe a comemoração do Dia das Letras Galegas de 2009; e muito mais se falará nos próximos meses. Isso pode ser positivo se serve para avaliar o contributo de quem foi um agente central do Grupo Galaxia e do denominado “Galeguismo”, que participou activamente na vida cultural e política galega sobretudo na segunda metade do século XX.

Umha figura também central para o campo do poder político autonómico, que o honrou na década passada ao dar o seu nome a umha instituição oficial. E personagem, enfim, que está a actualizar-se nos

últimos meses pola editora Galaxia, ao reeditar a sua produção, com alguns volumes já no mercado que recolhem os seus escritos, tendo-lhe dedicado, específica, a “Biblioteca Ramón Piñeiro”.

Um dos livros mais significativos dessa colecção é *Olladas no futuro*<sup>5</sup>, publicado inicialmente em 1974 e agora reeditado. Trata-se de uma colectânea de quase meio cento de contributos de muito diverso feitio: artigos breves, epístolas, estudos e trabalhos de homenagem, alguns certamente curiosos ao serem lidos com perspectiva actual.

A língua e o seu futuro é assunto principal em muitos destes trabalhos; mas também valorizações de Rosalia, Castelao, Pimentel, Otero Pedrayo, Antón Vilar Ponte, Viqueira, Risco, Curros, Cunqueiro ou Valle-Inclán; ou vultos da cultura portuguesa como Teixeira de Pascoaes, Eça de Queirós, Jacinto do Prado Coelho, Rodrigues Lapa ou Francisco Cunha Leão. Do Reintegracionismo encontramos nas páginas deste livro alusões a Carvalho Calero ou a Carlos Durão, além de a Corominas, por colocar algumas referências das mais de 300 páginas dessa publicação.

[5] Piñeiro, Ramón, (2007), *Olladas no futuro*, Vigo, Galaxia, Biblioteca Ramón Piñeiro, nº 2.

Entre os estudos há um que resulta especialmente significativo. Trata-se do intitulado (Piñeiro, 2007: 211-215) “Galicia nos estudos luso-brasileiros”, defendido como relatório no VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, celebrado no ano 1966 nas universidades norte-americanas de Harvard e Nova Iorque, e em que este intelectual galego foi unha das três figuras convidadas do campo da Lingüística. É bom lembrar como no Comité Organizador desse acontecemento encontravam-se importantes nomes de universidades dos EUA, entre eles Ernesto Guerra da Cal, na altura também colaborador principal do Grupo Galaxia, mesmo um dos principais no exterior.

Nas apenas cinco páginas desse texto, que ele próprio define como “breve e esquemático panorama histórico do galego”, Piñeiro conclui que os especialistas em estudos luso-brasileiros devem interessar-se por Galiza, e argumenta-o destarte (p. 215):

«En primeiro lugar a comunidade das orixes idiomáticas. Durante os períodos da romanización, da cristianización e da formación do romance galego, a Gallaecia foi unha unidade cultural e política. De aí que, en rigor, débese hoxe falar de cultura galego-luso-brasileira.

» En segundo lugar, a comunidade literaria durante o ciclo medieval galego-portugués.

» En terceiro lugar, a conservación dun gran caudal documental dos séculos XIII ao XVI.

» Finalmente, o interesante fenómeno do seu vigoroso rebrote cultural contemporáneo.

» Temos, xa que logo, unhas orixes idiomáticas galegas –da Galicia–, unhas orixes literarias galego-portuguesas e unha comunidade cultural actual galego-luso-brasileira.»

Este e outros trechos desse volume, que contém textos redigidos originariamente entre meados das décadas de 40 e 70 da centúria pasada, evidenciam como o dito Galeguismo defendeu naquela altura pressupostos de aproximación ao espaço luso-brasileiro que abandonou com posterioridade.

É este um assunto do maior interesse para comprender a nossa história lingüístico-cultural –e política– de finais do século pasado e mesmo da actualidade.

Oxalá, pois, a comemoração da efeméride das Letras Galegas<sup>6</sup> nom

[6] A celebração mantém-se desde 1963. No tempo do franquismo também havia comemorações como o “Día del Subnormal” ou o “Día del Domund”, que fôrom perdendo força com a normalização democrática. No

se convirta num ritual de pouco interesse e sirva para um diálogo aberto e frutífero que permita conhecer melhor o passado para, a partir dele, avançar para a frente com decisão e trabalhar por um futuro em que exista umha convergência de actuação e interesses entre os defensores da língua da Galiza. Que ajude, enfim, para ultrapassar as divisões actuais, que están a enfraquecer as perspectivas do idioma, apesar de ter a potencialidade de desfrutar de um mercado de mais de 230 milhões de lusófonos na CPLP, que nom se está a aproveitar e para o qual, com as excepções bem conhecidas neste meio, se continua a virar as costas propositada e irresponsavelmente.

COMPOSTELA, JULHO 2008.

## FIOS DE CONTAS

PAULA SAN VICENTE

Joám Manuel Araújo

*E naquele mesmo instante tantas camas cheias de mortos, tantas camas*

entanto, a efeméride das “Letras Galegas” mesmo se pode dizer que é na actualidade a actividade central da Real Academia Galega, sem dúvida a que lhe oferece maior projecção na sociedade galega, o que prova como soubo tirar-lhe rendimento e transformá-la.

*cheias de pessoas em ruínas chorando,  
que carecia de importância saber que na  
aquele momento havia crianças a fazerem  
castelos nalgumha praia.  
(Fios-de-contas, p. 36).*

Nas vidas de todas as pessoas há continuados actos recorrentes. Fazem-se todos os dias muitas actividades semelhantes à(s) jornada(s) anterior(es), quer para solucionar necessidades do corpo ou exigências da integração social; e quando assim nom acontece pode ser mesmo causa de preocupação. “Saber a rotina tranquiliza. Repetir tranquiliza”, afirma Paula San Vicenteneste volume<sup>7</sup> (p. 46), distinguido com o Prémio Carvalho Calero de Narrativa, convocado pola Cámara Municipal de Ferrol. O livro oferece-se-nos em 25 breves capítulos e um índice final.

Esse recurso da reiteração, assumido com normalidade no dia-a-dia de todo ser humano, nom tem bom acolhimento na literatura. A maioria dos produtores tentam ultrapassá-lo e tratam de provar um bom domínio do léxico procurando alternativas de sinónimos e recursos técnicos diversos que o evitem. Há, com certeza, excepções, e escritores canonizados que tenhem demonstrado a sua eficácia, v. gr. Eça de Queirós.

[7] San Vicente, Paula, (2007), *Fios-de-contas*, Bertamiráns (Ames-Galiza), Laidovento, 75 páginas.

Mas de regra foge-se dele por julgar que resultam enfastiantes e contrariantes para um leitor as repetições desnecessárias. E assim pode ser, com efeito, sobretudo quando som desnecessárias.

Nom é isso o que depara este trabalho literário de Paula San Vicente, em que esse é um recurso estilístico propositado e central. E nom a repetição de umha palavra qualquer num ou em diferentes parágrafos: som mesmo trechos inteiros, com todos os seus termos ou quase, em várias partes do livro. Vejamos um exemplo:

Na página 37, o capítulo “Erundina fica ali”, finaliza destarte:

« O cam nom acreditou no último dia e nom se levantou, apenas mexeu o rabo. O gato, no umbral da porta, fixo todas as perguntas que nom tinham resposta. O carro sem borboletas, sem perguntas, sem respostas, sob a chuva e o vento, sem mae e quase sem filho, desapareceu entre as pedras molhadas. »

E na página 45, um terceiro capítulo mais para a frente, o segundo dos intitulados “O Filho” (de novo a reiteração!, que usa de modos muito diversos), inicia-se com a seguinte epígrafe:

« O cam nom acreditou no último dia e nom se levantou, apenas

mexeu o rabo. O gato, no umbral da porta fixo todas as perguntas que nom tinham resposta. O carro sem borboletas, sem perguntas, sem respostas, sob a chuva e o vento, sem mae e quase sem filho, desapareceu entre as pedras molhadas. »

Tam só umha vírgula e o itálico, este justificado no segundo caso pola sua situação, diferencia ambos os parágrafos. Nas páginas anteriores há outros exemplos, e nas posteriores. Chega até tal ponto a insistência neste recurso, que a epígrafe com que se inicia o livro (p. 9) é quase coincidente com a que o finaliza (p. 69): as 13 linhas que se encontram no princípio do volume reproduzem-se, exatas, só que no final se precedem de “Aquela tarde a avó Erundina, a maior das três crianças, tivo umha ideia:”; e desse modo, o breve texto que introduz nesta narrativa ajuda para sair dela.

A autora nom trata de dissimular esta proposta da sua escrita: antes polo contrário, procura que o leitor bata com ela. Num primeiro instante resulta muito surpreendente, mas progressivamente consegue umha cumplicidade que pode converter-se em jogo entre produtora e consumidor, em repto para este ao propor-se descobrir as ocorrências, que nunca desagradam. A leitura deixa assim de ser passiva, e devém numha acti-

vidade, grata, e no reconhecimento deste achado, inovador nas letras galegas dos nossos dias.

Em *Fios-de-contas* há que pôr também em destaque o uso do léxico: as palavras de todos os dias predominam e imponhem-se, mas combinam-se com algumas que se introduzem (v. gr. “contas de orixás”, “kanji de penas”, “aiyé”, “orún”, “ikó”, “miçanga”, e poucas mais) com o que, desta maneira a autora “empresta palavras” à língua galega com termos que, isoladamente, podem parecer incompreensíveis, mas que bem integrados na seqüência da narrativa, como ela faz, resultam mais um acerto. Todos esses vocábulos som utilizados em povos que, por causa do “mundo que o português criou”, hoje empregam na sua comunicação diária, a milhares de quilómetros da Galiza, outros (substantivos, adjectivos, verbos, advérbios...) que nascêrom, se desenvolvêrom e pervivem na própria Galiza, e que permitem um entendimento sem dificuldades, com normalidade, sem necessidade de tradutores. O que supom um alicerce e argumentação central do Reintegracionismo, e a sua causa de ser, à qual Paula San Vicente soma destarte novos e valiosos contributos, ao dialogar com essas formas do mesmo idioma com que se quer confundir, na esteira do que defendia Castelao na década de

40 do século passado, e tantos outros.

Vale a pena salientar ainda o ritmo da prosa: nom é aquele a que a narrativa de consumo de massas porventura nos tem costumados, mas um ritmo pausado em que se nos refere a possibilidade da vida como um suceder de fios-de-contas, em que convivem os jogos de criança com a morte, a separação das pessoas, as diferenças de classe social, o racismo, a imigração, o “sexo vazio”, o “sexo e carcoma”; onde as “palavras sem sentido” se dam à par de “pessoas em ruínas” mas também da solidariedade, do amor, da inocência, dos animais que acompanham por muito que por vezes nom repare neles (os já citados cans, gatos e borboletas, mas também ave-láinhas...); e em que a rotina, e reiteração, a recorrência, a repetição, som imprescindíveis, também para poder progredir e arvorar novidades. Observa-se igualmente como a construção de Erundina, Armandu, Matilde, Marta, Ana, Cláudia, personagens que fornece a leitura, progride aliciente, adequada para os objectivos propostos pola autora.

Paula San Vicente prova ser umha produtora experimentada no campo literário, apesar da sua juventude. A sua apresentação nele foi em 1998, com a publicação na editora Caminho, de Lisboa (a mesma que

promociona José Saramago, certamente, entre outros muitos vultos), do poemário *Gatos a Lápis sem Ponta*, conjunto de 42 composições em que emerge a presença desse animal doméstico no título de todas elas (“Gato com infância”, “Gato com poltrona”, “Gato com janela”, “Gato com jardim” e assim por diante, até as duas últimas, intituladas “Gato com chuva” e “Gato com final”), onde já se evidenciava, pois, essa tendência ao uso deste recurso estilístico baseado na recorrência. Na Galiza também se apresentou como poeta, no festival do Condado. Foi ganhadora da XII edição do concurso de narracões breves Manuel Murguia, convocado pela Câmara Municipal de Arteixo, com “As idades dela”<sup>8</sup>, em que em apenas 20 páginas também usa deste mesmo procedimento para se exprimir<sup>9</sup>. Carlos Quiroga contou

[8] San Vicente, Paula, (2006), “As idades dela”, relato incluído no volume colectivo *Contos da baiuca*, O Burgo - Culheredo (A Corunha), Espiral Maior, pp. 35-53.

[9] Talvez fosse esse um dos elementos que convencêrom o júri, integrado segundo se nos informa por Dolores Vilavedra, Yolanda Castaño, Emma Pedreira e Henrique Rabuñal, para lhe outorgar o prémio. No “Limiar” do volume colectivo em que foi publicado, Henrique Rabuñal refere-se a essa narrativa breve (p. 11), entre outras valorizações com esta síntese: “Un compendio abreviado de boa literatura que contén as vibracións humanas máis engaiolantes”.

com ela na antologia com que divulgou em 2004 a literatura galega actual na revista portuguesa *Mealibra* a que contribuiu com um relato breve.

Assim, esta escritora galega, que se tinha apresentado publicando poesia em Portugal, confirma agora a sua revelaçom na Galiza como narradora premiada e com importantes achados estilísticos. Nom podemos dizer que seja umha produtora ignorada, pois de *Fios-de-contas* algo se tem ocupado a crítica galega; mas como acontece com outros escritores (v. gr. o citado Carlos Quiroga, ou João Guisán Seixas, Concha Rousia, Artur Alonso Novelhe, José Alberte Corral Iglésias, Ângelo Brea, Raquel Miragaia, Marcos Abalde, por citar apenas alguns outros nomes que também tenhem difundido nos últimos anos produtos literários de enorme interesse e valor, e que se situam na mesma esfera que ela no que diz respeito ao uso do idioma) está a ser secundarizada. E é pena, porque um trabalho tam invulgar bem merece maior reconhecimento.

É por isso que, desde aqui, recomendamos sem reservas este magnífico *Fios-de-contas*, para poder comprová-lo. E desfrutá-lo.

COMPOSTELA & FERROLTERRA,  
28 DE JULHO, 2008.

## **ATLAS HISTÓRICO DA GALIZA** | JOSÉ MANUEL BARBOSA (TEXTO) E JOSÉ MANUEL GONÇALES RIBEIRA (DESIGN GRÁFICO E ILUSTRAÇOM)

Joám Manuel Araújo

Muitos som os elementos que fazem recomendável este volume<sup>10</sup>, mas entre todos eles há dous que merecem salientar-se especialmente: em primeiro lugar esclarece como as actuais fronteiras do território galego som relativamente recentes, pois fôrom modificadas por última vez em 1864; e coloca Galiza no centro, estudando-a como um todo, em lugar de como parte de um todo.

Estas duas circunstâncias resultam especialmente enriquecedoras. É um lugar comum que nos mapas de publicaçoms recentes, mesmo de algumas especializadas, e em

livros de texto para o ensino, se amostre a Galiza com a actual configuraçom para referir-se a tempos pretéritos, como se o território das quatro provincias fosse sempre como agora. Até se podem ver mapas sobre a Idade Média com a actual divisom territorial. Porém, foi na primeira metade do século XIX quando se estabelecêrom os limites orientais; e os do Sul no Tratado de Fronteiras de 1864, sendo esta a última transformaçom, segundo se indica na p. 142.

Em total oferecem-se-nos neste *Atlas* 70 textos informativos (2 da Pré-História, 5 da Proto-História, 2 da Idade Antiga, 36 da Idade Média, 9 da Idade Moderna e 16 da Idade Contemporânea) e 85 mapas (2 da Pré-História, 5 da Proto-História, 12 da Idade Antiga, 41 da Idade Média, 9 da Idade Moderna e 16 da Idade Contemporânea). Servem para visitar a história da Galiza, desde o Paleolítico Superior, em que se estima (p. 10) que pudessem ter vivido os primeiros grupos humanos de caçadores e recolectores no actual territorio galego há mais de 120.000 anos (no entanto, como na mesma página se indica, as provas do Carbono-14 falam de umha dataçom aproximada há uns 24.750 anos, na zona das Gándaras de Budinho) até à actualidade. Atendem-se também de maneira especial as

[10] Samartim informa que este artigo “recolhe, no básico, a comunicaçom “Conflito Sócio-Lingüístico, Código e Sistema Intercultural Galego-Luso-Afro-Brasileiro na Galiza: A Fabricaçom de Possibilidades na Década de Setenta”, apresentado ao IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), celebrado em Porto Alegre em Julho de 2004.

transformações lingüísticas.

Há trabalhos de leitura certamente muito aliciante, como v. gr. o intitulado “A Galiza na Europa do ano 500”, em que se relata como (p. 50) “o reino da Galiza governado polos suevos é o primeiro território independente do Império Romano”; ou o que se ocupa da “Partilha da Galiza entre Teresa/Enrique e Urraca/Reimundo”, em que se referem (p. 74) os factos que antecederam o processo de independência política de Portugal, especificamente analisado mais para a frente (na p. 80), acompanhado de um impactante mapa (p. 81) do Reino da Galiza, que teria naquela altura limites orientais com os de Navarra e Aragom e com as diferentes taifas da Península, chegando o seu extremo sul até ao rio Tejo.

Para dar umha ideia do teor deste volume, vale a pena citar um exemplo, quando foca “A Guerra Peninsular na Galiza”, acontecimento relacionado com a Guerra contra o Exército da França na primeira década do século XIX, factos de que neste ano se está a comemorar o bicentenario, quando se afirma (p. 134):

«[Após Maio de 1808]. Na Galiza cria-se a Junta Suprema do Reino, autêntico governo soberano da Galiza que vai organizar de forma

executiva a política exterior, a economia e um exército nacional galego que vai ser o protagonista da expulsão dos franceses da Península. Esta Junta tinha as competências todas dum país soberano com jurisdição militar e civil, com poder executivo e com diplomacia. Mercê a isto último consegue-se uma aliança militar com o Reino Unido em Junho de 1808.»

Na continuação há mais textos sobre esse assunto, para além de dous mapas, nas três páginas seguintes. Para se referir aos acontecimentos que deriváram no fuzilamento dos Mártires de Carral define-os de (pp. 146-147) “Revolução de Abril de 1846”. Oferece igualmente informação e mapas de (pp. 150-151) “A Guerra de 1936-1939 na Galiza. Resistência e Repressão”, bem como de (pp. 152-153) “A guerrilha antifranquista na Galiza” situando as principais zonas de acção da mesma.

A parte mais recente atinge a actual Comunidade, no quadro do Estado Español, informando com pormenor das Comarcas e Concelhos estabelecidos (pp. 156-157) polo Governo Autonómico, mas também (pp. 158-159) “segundo o soberanismo galego”, e mesmo com (pp. 160-163) “apontamentos próprios” e umha “Proposta de regio-

nalização”, que se realiza “segundo critérios históricos, geográficos e territoriais”.

Segundo depoimento de José Manuel Barbosa na sequência do lançamento público deste volume, celebrado em 24 de Julho no Festival, em Compostela, a elaboração foi resultado de quatro anos de pesquisas. Na parte final inclui a Bibliografia utilizada, também um guia importante de textos, em que se incluem 12 títulos para o estudo da Pré-História, 6 para o da História Antiga, 33 para o da História Medieval, 19 para o da História Moderna e 17 para o da História Contemporânea.

O historiador que se utiliza como fonte principal em vários períodos é Emilio González López, mas também se vale de outros investigadores e autores galegos (Carvalho Calero, Risco, Cuevillas, Carlos F. Velasco Souto, R. Villares, Justo Beramendi e Núñez Seixas, Anselmo López Carreira, Jesús de Juana, Dionisio Pereira, García Fernández-Albalat, Bernárdez Vilar, José García Oro, Luís Manuel García Mañá, Álvaro X. López Mira, Xosé Ramón Barreiro Fernández, Rosa Brañas, Casimiro Torres, Xavier Castro...) bem como portugueses (Oliveira Marques, Jorge de Alarcão, Orlando Ribeiro, José Lopes Alves, Manuel de Sou-

sa, Carlos de Azeredo) e outros trabalhos de Eugénio Coseriu, Alonso Zamora Vicente, Harmut Heine, Commandant Var, Georges Duby, entre outros.

Seria bom que, em próximas edições, se incluíssem notas de rodapé para indicar a procedência de vários textos, bem como um prefácio para dar conta dos objectivos e metodologia.

Em definitivo, um contributo positivo e recomendável, que abre caminhos e perspectivas, fruto de um muito generoso esforço de documentação e de redacção dos dous autores, os dous profissionais do ensino, e que pode responder a muitos interesses e contrubuir com sugestons muito valiosas para um maior e melhor conhecimento da Galiza.

Merecem destaque o grafismo de José Manuel Gonçalves Ribeira, que faz muito atraente o volume e resulta de grande ajuda para facilitar a leitura; e o magnífico labor de edição.

Livro, por tanto, para (in) formar(-se), mas que também é um bom objecto para presente. Vale a pena para ter na librería particular, e merece estar nas das instituições públicas para consulta dos estudiosos.

COMPOSTELA, AGOSTO DE 2008.

## LONGA LÍNGUA N.º 19

Joám Manuel Araújo

A revista *Longa Lingua*, da Mesa pola Normalización Lingüística, oferece no número 19, correspondente ao verao deste ano, as habituais secções de notícias, umha entrevista sobre a música Guadi Galego, reportagens muito aliciantes a respeito da divulgação da lusofonia em centros de ensino galegos; ou umha interessante análise de dicionários galegos realizada por Robert Neal Baxter, professor da Universidade de Vigo, em que evidencia a sua surpresa polo “nesgo rancio” com o que se elaboram estes produtos.

Há dous trabalhos, os mais compridos, que sobressaem especialmente neste volume. Um é o de Roberto Samartim, professor da Universidade da Corunha e membro do Grupo de Investigación Galabra da Universidade de Santiago, intitulado “O Princípio da inércia. A fabricaçom de possibilidades no final do tardofranquismo”, em que parte de que “as estratégias de superaçom do alegado ‘conflito lingüístico’, em que os grupos defensores da primazia social do galego se opoñem aos partidários de manter a preeminência do castelhana, as alternativas colocadas para a fixaçom dum código estándar para a língua

galega e a natureza da relaçom entre os modelos lingüísticos da Galiza e Portugal, constituem alguns dos principais elementos de debate entre os diferentes agentes e grupos actuantes no sistema cultural galego tanto nos últimos anos da ditadura franquista como na actualidade”. A elaboraçom de propostas ortográficas por parte do Grupo Galaxia, da Real Academia Gallega e do Instituto de la Lengua Gallega da Universidade de Santiago; a posiçom de grupos políticos como o Partido Socialista Galego, a Unión do Povo Galego e o Partido Comunista Espanhol na Galiza; ou a intervençom de Rodrigues Lapa e a polémica com Ramón Piñeiro, som elementos que se analisam no artigo, que ocupa seis páginas da publicaçom, e em que reproduz documentos muito valiosos para entender melhor os acontecimentos. Samartim finaliza fazendo referência à primeira Lei de Newton, também conhecida como princípio da inércia, segundo a qual quando a resultante das forças que actuam sobre um corpo for nula, esse corpo permanecerá em repouso (ou em movimento rectilíneo uniforme), por entender que se pode aplicar ao resultado desse período, que ele estuda de maneira tam acertada, atraente e inovadora.

Outro trabalho que merece especial destaque é a unidade didác-

tica “Escrever e ler em português”, de Cilha Lourenço Mória, também professora da Universidade da Corunha, quem em sete páginas e três lições orienta para começar a ler e a escrever português, com actividades muito atractivas, e com indicações para ouvir textos e complementar as suas propostas através da Internet. Inclui exercícios e solucionário, e exprime umha concepção da língua que parte do Galego-Português medieval e chega à Lusofonia actual, com muitas referências de interesse para introducir os interessados na produção e na compreensão oral e escrita.

Este número de *Longa Lingua*, que se vende a 4 euros, tem 38 páginas, com apresentação atractiva, e evidencia um grande esforço para colocar no mercado umha revista muito recomendável, que de regra reserva espaço para a lusofonia nas suas páginas, e que neste número resulta de especial acerto.

COMPOSTELA, NOVEMBRO  
DE 2008.



# PERCURSO

PORTUGUÊS PARA NÓS / A LÍNGUA A DEBATE EM GZNACION.COM / ENCONTRO DE ASSOCIACIONISMO JUVENIL GALIZA-NORTE DE PORTUGAL / JORNADAS SOMANDO ESFORÇOS PELA LÍNGUA EM VIGO / COMUNICADO DO CONSELHO DA AGAL: TEMOS DIREITO A VIVERMOS EM GALEGO / CONSTITUÍDO O CONSELHO MUNICIPAL DE LÍNGUA EM FERROL / REPORTAGEM DA RTP SOBRE AS RÁDIOS E TVS PORTUGUESAS NA GALIZA / INTERVENÇÃO CULTURAL GALEGA NO PORTO: GALIZA EM TRÁNSITO / I JORNADAS DE LÍNGUA EM OURENSE / REPRESENTAÇÃO GALEGA NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA / CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O ACORDO ORTOGRÁFICO / O PARLAMENTO APROVOU A RECEPÇÃO DAS TELEVISÕES PORTUGUESAS NA GALIZA / O PARLAMENTO APROVOU A RECEPÇÃO DAS TELEVISÕES PORTUGUESAS NA GALIZA / APROVADO POR UNANIMIDADE O “MODELO BURELA” DE PLANIFICACIÓN LINGÜÍSTICA MUNICIPAL / DIA DAS LETRAS E MANIFESTO “A NOSSA LÍNGUA É INTERNACIONAL” / A NOSSA LÍNGUA É INTERNACIONAL / CONCELHO DE CORCUBIOM EDITA CARTAZ COMEMORATIVO DO DIA DAS LETRAS EM NORMATIVA AGAL / RECONHECIMENTO SOCIAL A RICARDO CARVALHO CALERO / SIMPÓSIO LÍNGUA E GÉNERO / VALENTIM RODRIGUES FAGIM, ELEITO NOVO MEMBRO DA COMISSOM LINGÜÍSTICA DA AGAL / MARIA ISABEL MORÁN CABANAS DISTINGUIDA COM O PRÉMIO SHIP, NA CATEGORIA MONOGRAFIAS 2008 / HOMENAGEM A LUÍS G. BLASCO ‘FOZ’ / HOMENAGEM DA AGAL A ISAAC DIAZ PARDO / COMITÉ DE SEGUIMENTO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS LINGÜÍSTICOS APRESENTOU AO CONSELHO DE DIREITOS HUMANOS DA ONU / CONSELHARIA DA CULTURA ASSINA PROTOCOLO COM A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSISTANISTAS / REVELADO INTERESSE OFICIAL NA ADESOM DA GALIZA À CPLP / ELIAS TORRES E CARMEN VILLARINO, PRESIDENTE E SECRETÁRIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS / BRIGA LEVOU REIVINDICAÇÃO LINGÜÍSTICA À SUA CAMPANHA DE MURAIIS POR TODO O PAÍS / CLUB FINANCIERO DE VIGO APRESENTA DOCUMENTO GALEGOFÓBICO / APRESENTAM ESTUDO SITUACIÓN DO ENSINO DA LÍNGUA E DA LITERATURA GALEGA NA EDUCACIÓN SECUNDARIA OBRIGATORIA / II JORNADAS DE DIDÁCTICA DA LÍNGUA EM OURENSE / CONSTITUÍDA A ACADEMIA



## PORTUGUÊS PARA NÓS

Em 22 de Janeiro tivo lugar, na sala de imprensa da Vice-Presidência da Junta da Galiza, a apresentação do primeiro e-learning de português elaborado na Galiza e que contou com financiamento da Direcção Geral de Juventude e fundos europeus INTERREG de Cooperação Transfronteiriça.

Português para Nós, curso voltado para utentes da Galiza com um nível limiar, está dividido em 8 blocos, constando cada um deles de umha tabela de conteúdos que som desenvolvidos através de vídeo, audiçom, tabelas descritivas e exercícius práticos. Cada umha das unidades inclui conteúdos comunicativos, gramaticais, léxicos e sócio-culturais.

Sob a coordenação do director do grupo Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, Elias J. Torres Feijó, participárom no projecto Alfonso Villar Agra, Álvaro Iriarte Sanromán, Maria Jesus Rodríguez Fernández, Felisa Rodríguez Prado e Valentim Rodrigues Fagim. O desenvolvimento informático foi responsabilidade da empresa Imaxin Software.

O endereço web é [portuguesparanos.com](http://portuguesparanos.com)

## A LÍNGUA A DEBATE EM GZNACION.COM

Em 24 de Janeiro de 2008, o portal informativo GZnacion.com publicou um debate a respeito da língua e o conflito normativo, sob o título “O galego. En perigo de extinción?”. A AGAL foi convidada a participar no debate e estivo representada polo membro e escritor João Guisan Seixas, que juntamente com Xosé Ramón Freixeiro Mato reflectírom a respeito da situação da língua, as estratégias de normalização, o possível convívio entre as normativas galego-castelhana e galego-portuguesa.

## ENCONTRO/MOSTRA DE ASSOCIACIONISMO JUVENIL GALIZA-NORTE DE PORTUGAL

A Direcção Geral de Juventude e Solidariedade da Junta da Galiza organizou entre o 8 e o 10 de Fevereiro de 2008 o Encontro – Mostra do Associativismo Juvenil de Galiza e o Norte de Portugal, que tivo lugar em Vila Nova de Famalicão, (distrito de Braga) e no qual participou umha delegação de jovens membros da AGAL.

O objectivo do encontro foi favorecer o contacto entre jovens de

ambos os lados da raia, de maneira que podam intercambiar ideias, projectos e actividades e também construir novas redes que no futuro dêem como resultado actividades de carácter transfronteiriço.

Durante as actividades programadas neste evento foi realizada a apresentação pública da Associação Cultural Morraceira, formada por jovens galegos e portugueses.

## **JORNADAS SOMANDO ESFORÇOS POLA LÍNGUA EM VIGO**

O passado sábado, 16 de Fevereiro, tivérom lugar no Museu Verbum - Casa das Palavras, em Vigo, as jornadas Somando Esforços pola Língua, organizadas pola AGAL. Durante todo o dia, cerca de cem pessoas participárom num diálogo intergeracional acerca dos problemas e as possíveis soluções para a situação da língua galega.

**Primeira palestra: João Guisan Seixas: “Nom é suficiente somar esforços”**

O escritor João Guisan Seixas iniciou a sua intervenção discordando com o título das Jornadas. Na sua opinião o galego está numha situação em que nom é suficiente com somar esforços “um a um” senom

que devemos “multiplicar esforços”. Considerou que após 25 anos de Lei de Normalização Lingüística, pode concluir-se que esta lei falhou totalmente nos seus propósitos, vista a constante perda de falantes do galego, e afirmando a sua crença nas ciências e nom nas leis, reflectiu sobre a necessidade de adequar as análises e estratégias a respeito da língua à realidade em vez de tentar adequar a visom da realidade às nossas conveniências ideológicas. Criticou o idealismo e voluntarismo que dominam no reintegracionismo, que neste aspecto seria continuador do galeguismo em geral, e que seria responsável por tornar numha corrente ultraminoritária o que realmente é um movimento universalista. Apostou por aproveitar as ondas da história em vez de tentar modificá-las, e portanto procurar as vantagens do contexto actual, marcado pola globalização e a integração europeia, e por tentar concentrar as forças do reintegracionismo em vez de dispersá-las em questões accidentais, para fazer um furo a partir do qual o avance do reintegracionismo seria socialmente inevitável.

### **1ª Mesa Redonda: Os Problemas da Língua na Galiza**

José Alberte Corral, representante da A. C. ‘O Facho’, enquadrou a normalização lingüística no seu sen-

tido libertário; Xavier Fontaínha, ex-membro do Conselho da AGAL, apresentou a sua visom da situação lingüística desde a sua experiência pessoal nos últimos anos em que permaneceu desligado do movimento normalizador e considerou fundamental reclamar a língua como um valor económico; Artur Alonso advertiu contra o excesso de idealismo e propujo a construçom de alternativas; Raquel Paz, representante do centro social de Vigo “A Revolta”, focou os problemas no facto de o galego ser menos falado cada vez pola imposiçom do castelhano bem como a contínua dialectizaçom do galego com respeito ao castelhano; Lorena Cambom, do mesmo centro social de Vigo insistiu na gravidade do processo de substituiçom lingüística, e o labor dos Centros Sociais ante isso.

Além disso, expujo-se o ataque a unidade lingüística galego-portuguesa como umha estratégia que debilitou o movimento normalizador, sendo a aplicaçom da velha máxima do ‘divide e vencerás’, e portanto a necessidade de eliminar hostilidades a respeito dos sectores favoráveis ao galego que nom compartilham o reintegracionismo de modo a evitar o nosso próprio enfraquecimento. Ainda no sentido da validade prática do reintegracionismo citárom-se as resistências por parte do poder ao contacto da populaçom galega coa

variante portuguesa da língua (problemas para conseguir a recepçom das televisões portuguesas ou para a introduçom do português internacional no ensino).

### **Segunda Palestra: Modelo lingüístico normalizador e alternativas de sucesso**

Eduardo Maragoto falou sobre o modelo de língua, o modelo de correcçom, à própria correcçom lingüística no uso do galego, a dialectizaçom do galego com respeito ao castelhano e novamente sobre a utilidade do reintegracionismo nestes aspectos.

### **2ª Mesa redonda: “Soluções, Propostas e Actuações na Defesa da Língua da Galiza”**

José Manuel Outeiro, pujo a ênfase na defesa dos direitos lingüísticos, concebidos como direitos cívicos; Luís Gonçalves Blasco, (Foz), apresentou o projecto de Academia Galega da Língua Portuguesa e os seus objectivos, considerando que nom colide com outras organizações existentes e que nom nasce para enfrentar-se a ninguém mas para realizar o seu labor de forma independente, contribuindo para a visibilizaçom da Galiza como país lusófono em ámbitos académicos ou institucionais lusófonos. Teresa Carro, do Movimento Defesa da Língua (MDL), além de introduzir a

trajectória e compromisso do MDL nos últimos anos em actividades como a presente, reflexionou sobre o importante efeito que tivo tanto entre reintegracionistas como isolacionistas a falsa mas repetida apresentação de Portugal como país de costas à nossa problemática lingüística e do qual nom caberia esperar a menor ajuda. Face a isso, lembrou o recente encontro sobre associativismo juvenil galego-português, no qual mais de um centenar de associações portuguesas estavam presentes em enquanto que a representação galega era mínima, ou um encontro de escritores também no Norte de Portugal onde havia grande expectativa pola representação galega, que no entanto foi residual; Bernardo Mais do Centro Social “Revolta” expujo como elementos para a compreensom e diagnose da situação lingüística a emigração maciça a outras zonas do estado espanhol, as diferenças sociais entre os utentes de galego e castelhano e o ensino como factor desgaleguizador. Aurélio Lopes, representante da Comissom de Língua do mesmo centro social de Vigo, apresentou as actividades desenvolvidas pola citada comissom.

Falou-se também da urgência de fazer surgir o conflito lingüístico pois na Galiza o problema é que este estaria latente mas nom se eviden-

cia, e a importância de reclamar o uso da língua para fazê-la necessária.

## **SOLUÇONS, PROPOSTAS E ACTUAÇONS NA DEFESA DA LÍNGUA GALEGA, RESULTADO DO ENCONTRO NACIONAL SOMANDO ESFORÇOS POLA LÍNGUA**

### **1. Defesa dos direitos lingüísticos e exigência das políticas de normalizaçom**

Defesa dos direitos lingüísticos e na proclamaçom e informaçom sobre os mesmos em todos os ámbitos da sociedade, incluídos o comercial e o consumo.

Isto implica a reclamaçom de políticas que liguem a língua à sua utilidade e necessidade social, pondo de parte declaraçons de amor inúteis e denunciando as atitudes contrárias à língua e portanto socialmente discriminatórias.

### **2. Aproveitar as Lusofonias**

Impusionamento da inclusom da Galiza no espaço cultural dos países lusófonos, tornando habitual o contacto com a comunicação social, o cinema, os livros, a literatura e os produtos culturais dos países de língua galego-portuguesa. Projectos como levar o ensino do Português aos liceus, com a campanha pedindo a sua inclusom como segunda língua estrangeira, ou o pedido de recep-

ção das televisões e rádios portuguesas na Galiza som fulcrais para aproveitarmos-nos das *Lusofonias*

### 3. A importância do status

O movimento normalizador tem que incidir nas questões de status. Existe uma grave diferença social de status entre o galego e o castelhano; e há problemas de status na aceitação na Galiza do galego-português, incluindo as suas variantes internacionais.

### 4. Redes sociais e uso social da língua

Potenciação e constituição de redes sociais por todo lado como elemento fulcral de socialização galegófona, utilizando estas redes como elemento chave das actividades do movimento normalizador e das suas organizações. Encorajar o uso social da língua: apoio aos neofalantes, cursos de língua, etc.

## COMUNICADO DO CONSELHO DA AGAL: TEMOS DIREITO A VIVERMOS EM GALEGO

A Lei de Normalização Linguística foi aprovada por unanimidade no Parlamento galego a 15 de junho de 1983. Depois de quase 25 anos, tem-se mostrado insuficiente e ineficaz quanto aos seus objectivos. Hoje, em 2008, o galego é umha

língua praticamente inexistente e portanto inferiorizada em muitos âmbitos da vida social. Na administração da justiça, quase 100% em castelhano, 0% em galego; na Banca, 100% em castelhano e 0% em galego; no mundo comercial e empresarial, onde o galego praticamente não existe; no cinema, 100% em castelhano e 0% em galego; na imprensa, quase 100% em castelhano; no sistema educativo, não o esqueçamos, ainda hoje o principal elemento desgaleguizador. E poderíamos continuar.

Apesar disso, sectores ligados à extrema-direita, como o grupo *Galicía Bilingüe* ou a *Mesa por la Libertad Lingüística*, aproveitando o período eleitoral, estão a organizar campanhas contra a que eles chamam «imposição do galego», promovendo a derrogação da própria Lei de Normalização Linguística, por considerarem-na excludente com o castelhano (!!!), depois de 24 anos em vigor. Diante da situação de marginalização que vive a nossa língua, a língua própria da Galiza, o galego, com um sério risco de desaparecimento nalguns anos, segundo afirmam todos os estudos, incluídos os da UNESCO, parece incrível que haja quem se atreva a falar nesses termos.

Falar da imposição na Galiza do seu idioma próprio é como falar

da imposição em Castela do castelhano. Um completo absurdo. O que está em jogo é a sobrevivência da nossa própria língua, da nossa própria cultura, do nosso próprio povo. O que está em jogo são os irrenunciáveis direitos de galegos e galegas a viverem na sua língua e a não serem desprezados e postos de parte por motivos linguísticos, como acontece em todos os âmbitos sociais citados anteriormente. O que está em jogo é a negação dos direitos humanos neste canto da Europa.

A Associação Galega da Língua (Agal), fundada em 1981, quer denunciar publicamente a completa subversão da realidade de marginalização que os galegos e galegas vivemos dia a dia por parte de sectores extremistas e neofranquistas cujo único objectivo é completar o processo de desgaleguização e substituição linguística que padecemos. Continuaremos trabalhando pela plena normalização do galego-português. Continuaremos trabalhando para denunciarmos os ataques à língua. Língua que se espalhou pelos cinco continentes. De Rosalia e de Camões, mas também de todos os galegos e galegas.

COMPOSTELA,  
25 DE FEVEREIRO DE 2008.

## **CONSTITUÍDO O CONSELHO MUNICIPAL DE LÍNGUA EM FERROL**

O 21 de Fevereiro de 2008 foi constituído formalmente o Conselho Municipal de Língua em Ferrol, um organismo concebido para a participação cidadã e a normalização da língua, designadamente importante numa cidade em que os dados estatísticos reflectem uma marginalização maciça do Galego.

A Fundação Artábria, que conta com um representante nesse organismo, ofereceu-se como veículo para apresentar propostas e ideias que qualquer ferrolano ou ferrolana defensor dos nossos direitos linguísticos queira fazer chegar a esse organismo institucional.

## **REPORTAGEM DA RTP SOBRE AS RÁDIOS E TVS PORTUGUESAS NA GALIZA**

Uma reportagem de mais de dois minutos sobre a demanda social em favor da recepção das televisões e rádios portuguesas na Galiza foi passada o domingo 24 de Fevereiro, no Telejornal da estação pública RTP-1, em horário de máxima audiência. Na peça jornalística foram incluídas declarações de Ângelo Gonçalves (da Fundação Via Galego) e Francisco Rodrigues (Deputado do BNG), am-

bas legendadas, com referências explícitas à Plataforma pola recepçom das TVs Portuguesas e ao MDL.

Durante a reportagem é destacado o predomínio dos canais a emitirem em castelhano na Galiza (seis face a um único em galego), e a perda de falantes a que contribui esta. Além disso, também informa acerca dos posicionamentos do primeiro ministro espanhol e da Junta da Galiza.

Esta reportagem terá contribuído para umha ampla divulgaçom desta campanha em Portugal.

## **INTERVENÇÃO CULTURAL GALEGA NO PORTO: GALIZA EM TRÂNSITO**

“Uma intervenção cultural galega no Porto”, desta maneira se apresentava Galiza em Trânsito, umha iniciativa abrangendo umha série de actividades que fôrom desenvolvidas no conhecido espaço portuense Maus Hábitos. Os objectivos desta açom incluíam conseguir financiamento para o projecto da biblioteca Anna Politkovskaya, da Gentalha do Pichel e fazer um intercâmbio cultural entre a Galiza e Portugal.

**Galiza em trânsito**  
Galiza em trânsito  
Galiza em trânsito

INTERVENÇÃO CULTURAL  
GALEGA NO PORTO



## **I JORNADAS DE LÍNGUA EM OURENSE**

Entre o 26 de Março e o 26 de Abril de 2008 decorrerom as I Jornadas de Língua no Centro Social “A Esmorga” de Ourense e na Escola de Idiomas de Ourense, incluindo palestras, cinema (documentario Fronteiras) concertos ao vivo (Ataque Escampe, Frédi Fevereiro e Rui David), concursos, cursos, lançamentos editoriais... num variado programa. Incluímos a seguir a relaçom de palestras:

### **Palestras das I Jornadas de Língua:**

26 de Março. 20h30 - CS Esmorga: «A normalizaçom Linguística nos últimos 25 anos: Fazer como que se fai», por Xosé Manuel Sarille.

27 de Março. 19h30 - Escola de Idiomas de Ourense: «Léxico galego: escândalos e imposturas», por Carlos Garrido.

29 de Março. 20h00 - CS Esmorga. «Lançamento do Manual Galego de Língua e e Estilo»

3 de Abril. 19h30 - Faculdade de Humanidades - sala 04. «A perda da língua, as classes e as formas do capital», por Celso Álvarez Cáccamo.

4 de Abril. 20:30 h. CS Esmorga. «Mudar de língua, por quê?», Laura Rios, em representaçom do colectivo Tagen Ata, Língua e comunicaci3n.

9 de Abril. 20h30 - CS Esmorga.

«O catalám galeguizado: secessionismo linguístico no País Valenciano», por Francesc Esteve i Beneito.

11 de Abril. 20h30 - CS Esmorga. «Estratégias para o galego a partir das TIC», por José Ramom Pichel Campos.

14 de Abril. 20h00 - C.S. Esmorga. «Academia Galega da Língua Portuguesa», Ângelo Cristóvão e Concha Rousia.

16 de Abril. 19h30 - Faculdade de Humanidades - sala 04. «Para que nos serve umha cultura?: Sistema e planificaçom cultural na Galiza», por Elias Torres Feijóo.

24 de Abril. 19:30 H. Escola de Idiomas de Ourense. «O galego visto de Portugal», por José Manuel Almeida e Nuno Gomes Lopes.

## **REPRESENTAÇOM GALEGA NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O ACORDO ORTOGRÁFICO**

A Comissom de Ética, Sociedade e Cultura da Assembleia da República Portuguesa organizou o 7 de Abril de 2008 umha Conferência Internacional/Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O Conselho da Associação Galega da Língua fizo gestões perante a Assembleia da República Portu-

guesa e a CPLP para conseguir a presença de representantes da Galiza. Como conseqüência disto, foi-lhe realizado um convite que o Conselho da AGAL estendeu a outras organizações reintegracionistas: o Movimento Defesa da Língua (MDL, a Associação de Amizade Galiza-Portugal (AAGP), a Associação Sócio-Pedagógica Galego-Portuguesa (ASPGP) e a Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (APAGLP).

O Conselho da AGAL nomeou o Presidente, Alexandre Banhos, e o Vice-Presidente, Isaac A. Estraviz, representantes perante a Assembleia da República e propiciou a redacçom dum comunicado conjunto de modo a manter umha representaçom unitária das diversas organizações reintegracionistas. No entanto, manteve-se a petiçom à Assembleia da República para que convidasse às outras organizações galegas, sendo finalmente convidada também a APGLP.

Ambas as intervenções, o comunicado conjunto lido polo Presidente da AGAL e a da Associação Pró Academia Galega da Língua Portuguesa, fôrom disponibilizadas em meio audiovisual e textual no Portal Galego da Língua.

A delegaçom da AGAL destacada em Lisboa aproveitou a ocasiom para realizar umha reuniom com representantes da CPLP.

Posteriormente a esta Conferência Internacional, no 16 de Maio, a Assembleia da República aprovou o Segundo Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico.

Reproduzimos a seguir a intervenção do Presidente da AGAL:

**INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA ÁGAL, ALEXANDRO BANHOS, NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA O DIA 7 DE ABRIL DE 2008:**

Introdução

Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia da República, Ex.mo Sr. Presidente da Comissão de Ética, Sociedade e Cultura, Ex.mos Senhores Presidentes da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras, Digníssimos representantes do Governo de São Tomé e Príncipe e instituições internacionais da lusofonia, prezados intervenientes neste encontro sobre o Acordo Ortográfico. Senhores membros desta nobre Câmara.

Quero em primeiro lugar agradecer o convite da Comissão Parlamentar da Assembleia da República Portuguesa, que nos permite apresentar brevemente a posição galega sobre um tema tam importante para a Galiza e para a lusofonia como é a escrita da nossa língua comum desde a nossa diversidade de sotaques e falas. Intervenho neste encontro

nom só em nome da AGAL, a que presido, mas de todas as entidades lusófonas galegas que, reunidas para tratar esta questão, acordámos manter uma posição comum a respeito do Acordo Ortográfico e a situação da língua na Galiza.

É a seguinte:

**COMUNICADO DAS ENTIDADES LUSÓFONAS GALEGAS NA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE LISBOA SOBRE O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.**

Assembleia da República, 7 de abril de 2008.

Ex.mos senhores:

1. Em 1958 o professor Rodrigues Lapa, que na altura se encontrava exilado no Brasil, encaminhava carta para o seu amigo galego Fernandes del Riego em que consta o seguinte parágrafo:

“A inesperada visita que tive ontem de um professor galego, Guerra da Cal, residente nos E.E.U.U., tornou forçosa esta carta de hoje. Que rapaz admirável: belo tipo físico, sentimento transbordante de galeguidade. Veio aqui para fundar na sua Universidade um Instituto de Estudos Brasileiros. Falámos em vocês, Castelão, Otero Pedrayo, Ramón Pinheiro, tudo veio à baila, política, literatura, ortografia. Pensa ele, e muito bem, que devíamos fa-

zer uma reunião entre portugueses, brasileiros e galegos para lançar as bases de uma reforma ortográfica”.

(Informação publicada na revista científica AGÁLIA da Associação que presido, números 71/72, páginas 248 e seguintes).

Quer dizer, há 50 anos dous vultos como Lapa e Da Cal sonhavam com um instante como o que propicia este Acordo Ortográfico; e ambos concordavam em que seria ótima a presença da Galiza.

Em 1963, na seqüência do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros realizado em Coimbra, Ernesto Guerra da Cal defendeu conjuntamente com o português Alberto Machado da Rosa (na altura professor na Universidade de Winsconsin), e os brasileiros Celso Cunha e Pedro Calmon (este último era Reitor de uma Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro) uma proposta que propunha a constituição de um “Centro de Documentação e Informação da Língua Portuguesa Contemporânea”. Segundo consta nas Actas desse acontecimento, editadas pola Universidade de Coimbra em 1965, a proposição foi aprovada, mas resultou muito polémica e provocou numerosas intervenções, entre as quais a de Celso Cunha, que insistiu na “necessidade de simplificações ortográficas que permitam uma uniformização ortográfica que,

sem prejuízo de ocasionais diferenças fonéticas (unidade na diversidade), apresente uma grafia única do português de Portugal e do Brasil”.

É, pois, outro instante marcante em que participou Guerra da Cal, a ver com a questão da uniformização ortográfica.

Ernesto Guerra da Cal foi convidado para ser um dos partícipes do Acordo Ortográfico de 1986, tanto por Portugal como polo Brasil, e ele manifestou participar nos encontros na sua condição de galego e, portanto, lusófono, e desde 1986 presidiu à Comissão para a Integração da Galiza no Acordo Ortográfico. Gestões suas propiciaram a participação galega nas reuniões do Rio e de Lisboa de 1986 e 1990, respetivamente. Tenho a honra de estar acompanhado neste acto polo professor Isaac Alonso Estraviz, Vice-Presidente da AGAL, um dos grandes lexicólogos da nossa língua e um dos membros galegos activos nesses Encontros.

A Delegação de Observadores da Galiza colaborou activamente na redação do texto acordado em 1990 e agora finalmente ratificado polo governo português. Com a nossa presença nesta conferência internacional continuamos e reafirmamos a nossa pertença à lusofonia.

2. As entidades lusófonas galegas, que de longo tempo vimos mantendo uma atividade de defesa, ilus-

tração e dignificação do galego, entendido como a variedade da língua portuguesa utilizada na Galiza -o português da Galiza- cientes da necessidade de reforçarmos a unidade da escrita, melhorarmos a coesão da comunidade linguística e a sua projecção ternacional, manifestamos a nossa satisfação polo Acordo Ortográfico de 1990. Gostaríamos de falar de adesão da Galiza ao Acordo mas infelizmente nesta algura nom é possível, por questões políticas para além da língua própria de nas nossas vontades.

3. No caminho que a Galiza tem de percorrer para conseguir a inserção plena nas instituições internacionais, nomeadamente a CPLP e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa, os responsáveis políticos podem contar, hoje como ontem, com a nossa colaboração para favorecer um diálogo construtivo, e encaminhar da forma mais satisfatória esta questão ainda nom resolvida. Julgamos que, actualmente, existem as condições suficientes para dar os primeiros passos neste sentido.

4. O nosso país faz parte essencial do território em que nasceu a língua portuguesa. A sua origem, a secular elaboração popular e a literatura galega contemporânea conferem à comunidade linguística da Galiza um espaço próprio e singular, cuja riqueza expressiva ainda não foi in-

corporada aos dicionários da língua comum.

5. Ao mesmo tempo chamamos a atençom para um maior reconhecimento da diversidade cultural e linguística em toda a extensom da lusofonia, dos diferentes sotaques, pronúncias e variedades nacionais e regionais, que devem ter o seu espaço de difusom, sem pôr em questom a unidade da língua escrita.

6. O processo de normalizaçom linguística da Galiza encontra-se numa encruzilhada histórica, cheia de dificuldades, mas também de oportunidades. As circunstâncias históricas criaram uma fronteira política no rio Minho, partindo em dous o território onde nasceu e deu os seus primeiros passos a nossa língua comum, e posteriormente fizeram com que esta perdesse a sua condiçom de língua administrativa e literária na Galiza, isolando-se durante séculos do tronco comum. Língua do povo, perdeu porém a sua condiçom de língua escrita. Já no século XIX, uma vanguarda de intelectuais e literatos liderados pola imortal Rosalia de Castro iniciou a dignificaçom da língua, retomando a sua escrita. Esta formidável geraçom de poetas românticos carecia, porém, duma formaçom linguística, e empreenderam a sua obra utilizando regras ortográficas improvisadas, amiúde, com decalques do castelhano.

O percurso posterior do movimento de dignificação e normalização linguísticas na Galiza é o do progressivo caminho, nem sempre fácil, para a reintegração no tronco comum, liderada pelos mais notáveis defensores da língua e cultura galegas, como Castelão, que afirmou no início do passado século “A nossa língua floresce em Portugal”. Hoje, apesar do indiscutível avanço nessa direcção, a comunidade linguística desenvolve-se, ainda, em condições difíceis do ponto de vista legal e social.

Ante esta situação reclamamos o livre movimento de informação através da fronteira com o norte de Portugal, a recepção livre das rádios e televisões portuguesas na Galiza, a facilitação do acesso aos produtos culturais da lusofonia, e o definitivo reconhecimento do nosso direito ao emprego normal do galego, da língua portuguesa, a todos os níveis na Galiza.

#### Assinantes:

Associação Galega da Língua (AGAL)

Associação de Amizade

Galiza-Portugal (AAG-P)

Associação Pró Academia Galega da Língua Portuguesa

Associação Sócio-pedagógica

Galaico-portuguesa (ASPG-P)

Movimento Defesa da Língua (MDL).

## **O PARLAMENTO APROVOU A RECEPÇÃO DAS TELEVISÕES PORTUGUESAS NA GALIZA**

Dous dias depois da participação da Galiza na Assembleia portuguesa para dar a sua opinião sobre o acordo ortográfico, o Parlamento aprovou por unanimidade dirigir-se ao Governo espanhol para «no prazo mais imediato possível» lograr a recepção das televisões portuguesas na Galiza.

O acordo produziu-se após a proposta apresentada por Bieito Lobeira, porta-voz do Bloco Nacionalista Galego (BNG) na Câmara. «Há crianças na Galiza que sabem o que significa friday, mas nom sexta-feira», assegurou o nacionalista que, ainda, realizou umha defesa da unidade galego-portuguesa ao salientar o facto de que «galegos e portugueses partilhamos um mesmo sistema linguístico».

A visom de Lobeira foi discutida polo deputado Francisco Cerviño (PSOE), quem apostou no isolamento ao defender que «som línguas mui próximas, mas diferentes, sobretudo no aspecto fonético», ao tempo que assegurou perceber melhor o italiano do que o português lisboeta. A réplica de Lobeira foi, mais umha vez, contundente: «isso nom é normal».

Contudo, e apesar da sua visom lingüística, Cerviño reconheceu que a chegada das televisões portuguesas à Galiza contribuirá «a evitar a morte da nossa língua, que está gravemente enferma».

No entanto, a aprovação da iniciativa exigiu negociações, pois o Partido Popular (PP) apelou à reciprocidade estatal, isto é, que as televisões portuguesas se podam ver na Galiza sempre que as espanholas se possam ver em Portugal (algo que, porém, já acontece em muitas regiões e cidades lusas). Afinal as três forças parlamentares acordaram restringir a reciprocidade às rádios e televisões galegas (actuais e futuras).

A Associação Galega da Língua (AGAL) acolhe muito positivamente que se tivesse chegado a um acordo unânime sobre esta petição. Contudo, a AGAL nom quer cair na euforia e exige compromisso aos representantes públicos galegos, sobretudo após comprovar algumas declarações como as de Touriño, Zapatero ou Sócrates na passada Cimeira de Braga (em Janeiro deste ano), que situavam o início do estudo deste requerimento para depois de 2012. A reciprocidade exigida polos grupos parlamentares galegos nom deve provocar o adiamento da recepção, já que o processo, segundo engenheiros de telecomunicação consultados, seria tecnicamente

mui simples, e o investimento a realizar nom ultrapassaria o milhom de euros. Ainda, é preciso lembrar que o Conselho da Europa considerou como «urgente» que os galegos podam receber com normalidade as emissões dos canais portugueses de rádio e televisom.

Diversos meios da comunicação social reflectírom a notícia.

### **APROVADO POR UNANIMIDADE O “MODELO BURELA” DE PLANIFICACIÓN LINGÜÍSTICA MUNICIPAL**

Em 24 de Abril de 2008, o pleno da Cámara Municipal de Burela aprovou por unanimidade um modelo de planificação lingüística pioneiro na Galiza ao recolher acções de dinamização do Galego e de outras línguas, como o francês, o inglês ou o castelhano. O plano é promovido por umha equipa coordenada por Bernardo Penabade e pretende implicar agentes sociais, empresas e outras organizações para marcar um ponto de inflexom nas políticas lingüísticas do nosso País.

Precisamente o carácter multilíngüe é o seu grande sinal de identidade, seguido polo grande consenso concitado na localidade marinhã, umha das que maiores percentagens tem de pessoas monolíngües em galego.

O Modelo Burela inspira-se noutros casos europeus, como o que funciona já nos Países Baixos, e pretende chegar a ser referente da planificação lingüística de outros concelhos ou entidades do nosso País.

Apesar de o galego ser a língua ultramaioritária entre a população burelá, a equipa redactora do plano constata a grande ausência do galego na escrita, polo que um dos primeiros passos a seguir será disponibilizar modelos em galego dos documentos que utilizam habitualmente para o seu trabalho, por exemplo, imprensas, funerárias, comunidades vicinais, estabelecimentos comerciais e outros.

Os sectores nos que mais incidirá o Modelo Burela som o eclesiástico, o da administración municipal, os meios de comunicación (nom existem meios em galego de distribución importante na comarca), a cultura, o desporte, o ensino e a mocidade (apesar de esta ser maioritariamente galego-falante).

## **DIA DAS LETRAS E MANIFESTO “A NOSSA LÍNGUA É INTERNACIONAL”**

Com ocasiom do Dia das Letras, a AGAL fizo público o Manifesto “A Nossa Língua é Internacional”, aprovado na Assembleia Geral da associação que tivo lugar o 26 de

Abril. O Manifesto ganhou amplo apoio tanto de associações como de aderentes individuais.

O Manifesto fazia um chamado à participación na Manifestação do 18 de Maio, que concentrou milhares de pessoas nas ruas de Compostela, enchendo a Praça da Quintana.

Reproduzimos o texto a seguir:

### **A NOSSA LÍNGUA É INTERNACIONAL**

A Asociación Galega da Língua (AGAL), com motivo da celebración do Dia das Letras, *convoca* todos os galegos e galegas a manifestarem-se o próximo 18 de Maio às 12 horas na Alameda de Compostela, em defesa da Língua da Galiza, que identifica o nosso Povo, e convida a fazê-lo de modo firme e cívico polos nossos direitos lingüísticos individuais e colectivos de acordo com as seguintes considerações:

1. Denunciar as políticas de substituição lingüística que levamos sofrendo durante os últimos 25 anos, disfarçadas de falsa normalização lingüística.

2. Exigir o reconhecimento da condição internacional da nossa Língua, que com a variedade própria das línguas internacionais é falada por centos de milhões de pessoas no mundo, quer como língua nativa, como é o caso dos galegos, quer como

língua oficial de oito Estados, ou como língua cada vez mais estudada em todo o mundo pelas vantagens das línguas internacionais.

3. Denunciar as autoridades e administrações públicas que, em vez de garantirem os direitos lingüísticos e democráticos do Povo galego, discriminam e perseguem aqueles que nom aceitam a deriva de substituição lingüística e dialectização castelhanizadora do Galego que o torna desnecessário no seu próprio País.

4. Apoiar a iniciativa aprovada no Parlamento por unanimidade reclamando a recepção das rádios e televisões portuguesas na Galiza, que pedimos que se efective desde já e que nom fique numha simples declaração sem vontade real de a levar a cabo.

5. Denunciar também os grupos extremistas que, protegidos por certos sectores políticos, atacam o direito e a liberdade de vivermos na Galiza em galego.

6. Finalmente, apelamos a toda a sociedade para exigir umha mudança das políticas que tornam a Língua desnecessária e dialectal, como forma de impor o uso do castelhano, por políticas que garantam os nossos direitos lingüísticos individuais e colectivos, assegurando que o Galego continue a ser a língua própria dos galegos e galegas, e umha língua extensa e útil.

#### **Adesons Colectivas:**

1. Movimento Defesa da Língua;
2. Ciberirmandade da Fala (Galiza);
3. Plataforma para a Recepção das Rádios e Televisões Portuguesas na Galiza;
4. Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa;
5. Renovação-Embaixada Galega da Cultura (Madrid – Espanha);
6. Associação VOGAL (Ensino em Galego – Galiza);
7. Associação Socio-pedagógica Galego-Portuguesa (AS-PG-P);
8. Assembleia Universitária polo Galego (AUGA);
9. Assembleia Geral de Estudantes de Compostela;



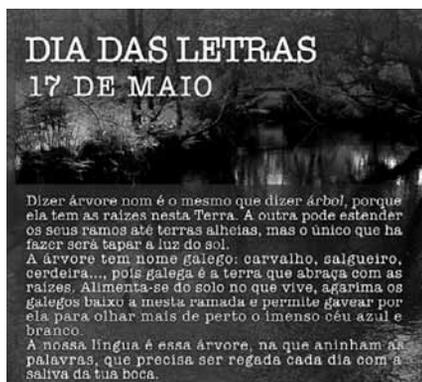
10. Mulheres Nacionalistas Galegas; 11. TransGaliza; 12. SCD Condado (Salvaterra de Minho); 13. Fala Ceive (Asociación Berziana de Defensa da Língua); 14. Associação Abertal (Eu-Návia); 15. Agrupação Cultural O Facho (Corunha); 16. Centro Social Aguilhoar (Límia – Galiza); 17. Local Social Faisca (Calvário – Vigo); 18. CS A Esmorga (Ourense – Galiza); 19. Colectivo Cultural Buri (Burela – Marinha); 20. AC Arrinca-deira (Rio Torto – Galiza); 21. Associação Cultural V Irmandade (Vigo – Galiza); 22. Associação Civil Amigos do Idioma Galego (Buenos Aires – Argentina); 23. Xunta de Persoal dos Servizos Periféricos da Junta da Galiza (Província de Ponte Vedra); 24. Galiza Sosego (GzS); 25. Esquerda Nacionalista (Galiza); 26. Galiza Nova – Barbança; 27. Galiza Nova – Chantada; 28. BNG de Sober; 29. Alternativa Asturiana Eunaviega Aturuxo Local Social (Boiro – Barbança); 30. AGIR (Organização Estudantil da Esquerda Independentista – Galiza); 31. Assembleia da Mocidade Independentista (AMI); 32. Escola da Amieira (Amieira / Ourém – Portugal); 33. Elos Internacional da Comunidade Lusíada; 34. Portugueses pela Galiza Lusófona; 35. Casa Amadis (Associação Lusófona de Montpellier – França); 36. Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia

- UNIR (Porto Velho - Rondônia – Brasil); 37. ACOPEUS (Associação de Consumidores e Utentes de Serviços – Galiza); 38. Rádio Kalimera (Rádio Livre de Compostela); 39. Edições da Galiza; 40. Gráficas Xerga, SC (Corunha – Galiza); 41. Galempresa (Galiza); 42. Arte Tripharia (Editora de Música – Portugal); 43. Barxa Advogados, SLP (Ourense - Galiza) Bufete Barxa e Viso, SLP (Ourense - Galiza)

Adesons individuais: 628

## **CONCELHO DE CORCUBIOM EDITA CARTAZ COMEMORATIVO DO DIA DAS LETRAS EM NORMATIVA AGAL**

A Câmara Municipal de Corcubiom, que já disponibilizara a sua página web na normativa proposta pola AGAL, editou, com motivo do Dia das Letras de 2008, um cartaz



com textos em norma RAG e Norberto Pais é o autor do texto, e Pablo Damonte da foto que ilustra o trabalho.

Foi destacada no seu dia por ser a primeira Cámara galega em disponibilizar a sua página em normativa AGAL, defendendo umha visom de língua aberta e sem fronteiras. Agora, e para comemorar o Dia das Letras 2008, a Cámara Municipal de Corcubiom (Costa da Morte) acaba de editar um cartaz oficial com textos igualmente em normativa AGAL, à par que em normativa ILG-RAG.

### Texto e cartaz do Concelho de Corcubiom

« Dia das Letras Galegas 2008

» Dizer árvore nom é o mesmo que árbol, porque ela tem as raízes nesta Terra. A outra pode estender os seus ramos até terras alheias, mas o que ha fazer será tapar a luz do sol.

» A árvore ten nome galego: carvalho, salgueiro, cerdeira... pois galega é a terra que abraça com as raízes. Alimenta-se do solo no que vive, agarima os galegos baixo a mesma ramada e permite gavear por ela para olhar mais de perto o imenso céu azul e branco.

» A nossa língua é essa árvore, na que aninham as palavras, que precisa ser regada cada dia com a saliva da tua boca.»

## RECONHECIMENTO SOCIAL A RICARDO CARVALHO CALERO

Nos primeiros meses de 2008, e nomeadamente no mês de Maio, decorrerom vários actos de homenagem e reconhecimento á figura de Ricardo Carvalho Calero.

No próprio Dia das Letras foi convocada pola AGAL, a Casa Encantada, A Fouce de Ouro, A Gentilha do Pichel, CS Henriqueta Outeiro e o MDL umha concentración na Praça do Toural em Compostela, às 12 horas, recordando o escritor ferrolano e reivindicando que se lhe dedique o Dia das Letras de 2009.



A Fundación Artábria, que desenvolveu campaña coa mesma reivindicación, organizou as Jornadas “Ricardo Carvalho Calero no século XX galego” entre os dias 27 e 29

de Maio na cidade Universitária de Esteiro, em Ferrol e o seu membro Maurício Castro interveiu no acto de celebração do Dia das Letras organizada pola Cámara Municipal de Ferrol no Teatro Jofre defendendo a candidatura de Carvalho Calero para o Dia das Letras de 2009.

Também em Maio, o dia 29, a Cámara Municipal ferrolana anunciava a compra da casa natal do intelectual e lingüista que fora Membro de Honra da Associação Galega da Língua.

## **SIMPÓSIO LÍNGUA E GÉNERO**

Nos dias 14, 16 e 30 de maio tiverom lugar as conferências do Simpósio Língua e Género, no Salom de Actos da Fundación Caixa Galicia, em Compostela.

**A profesora Pilar Garcia Negro falou sobre: “O Papel da Mulher na Transmissom da Língua”.**

A profesora Garcia Negro reflectiu sobre a forma como o conflito lingüístico atinge à mulher na Galiza, procurando a marca feminina vinculada à normalização, e os parámetros nos quais as mulheres som mais susceptíveis à vulneração lingüística. Destacou a importância da reivindicação social da mulher e os seus direitos e a relação coa reivindicação social da língua e os direitos

lingüísticos. Realizou um percurso histórico destacando figuras como Egéria e Rosalia de Castro, significando a importância desta última para a reactivação do uso literário do galego, e sublinhou o adiantado discurso racionalista do Padre Feijó a respeito da mulher, menos conhecido que o seu discurso sobre a língua galega, mas de conteúdo similar, ao enfrentar igualmente os preconceitos sociais.

Perguntou-se também sobre o suposto comportamento diferencial dos géneros, especialmente no âmbito dessa etapa vital de formação das pessoas que é a adolescência, tirando a esse comportamento diferenciado qualquer carga pejorativa antifeminina e discutindo a sua existência.

**A profesora Raquel Miragaia falou sobre: “Qual Língua? Qual Género”**



A professora Raquel Miragaia proferiu a conferência «Língua e género: qual língua e qual género? Umha tentativa de clarificar o paradigma», introduzindo a ideia da centralidade e o role que jogam as mulheres na mesma.

O Presidente da AGAL Alexandre Banhos proferiu palestra subordinada ao título “A construçom de uns modelos de linguagem de mulheres no projecto de construçom dumha língua”.



Na sua palestra, o presidente da AGAL falou do processo de aquisição lingüística e das variedades internas das línguas, diastrática e diatópica ademais de formal e informal. A seguir explicou que os elementos fracos da sociedade sofrem umhas exigências a respeito do seu comportamento para ser aceites, exigências que nunca som

formuladas a respeito dos elementos socialmente fortes.

Todos os áudios fôrom disponibilizados no PGL.

### **VALENTIM RODRIGUES FAGIM, ELEITO NOVO MEMBRO DA COMISSOM LINGÜÍSTICA DA AGAL**

No passado 30 de Maio, na reuniom ordinária do Plenário da Comissom Lingüística da AGAL correspondente ao segundo quadrimestre do ano em curso, o Prof. Valentim Rodrigues Fagim foi designado novo membro da Comissom.

Valentim R. Fagim (Vigo, 1971), licenciado em Filologia Galego-Portuguesa e diplomado em Geografia e História pola Universidade de Santiago de Compostela, é professor de português na Escola Oficial de Línguas de Ourense e desenvolve desde há anos umha intensa actividade como publicista e divulgador da unidade lingüística galego-portuguesa, com frutos tam relevantes como a fundaçom da livraria compostelana “A Palavra Perduda” e a do centro sócio-cultural “A Esmorga” de Ourense, umha assídua colaboraçom sobre temas lingüísticos com o Portal Galego da Língua e com o periódico Novas da Galiza e a publicaçom do livro de *divulgaçom O Galego (Im)*

possível. *Radiografia de umha Regeneração Inconclusa* (Laivento, 2001).

Esta incorporação produziu-se dous meses depois da renúncia apresentada por razões pessoais pelo Prof. João Guisan Seixas, no mês de Março.



Composição actual da Comissom Lingüística da AGAL:

José Luís Rodrigues (Presidente)

Carlos Garrido (Secretário)

Isaac Alonso Estraviz

Maurício Castro

Maria José Díaz Pinheiro

Luís Gonçales Blasco

José-Martinho Montero

Santalha

Bernardo Penabade

Valentim Rodrigues Fagim

Jorge Rodrigues Gomes

José António Souto Cabo

Paulo Valério Árias

## **MARIA ISABEL MORÂM CABANAS DISTINGUIDA COM O PRÉMIO SHIP, NA CATEGORIA MONOGRAFIAS 2008**

O livro *O Padre António Vieira e as Mulheres – O Mito Barroco do Universo Feminino*, recentemente publicado polo professor português José Eduardo Franco e pola professora galega Isabel Morâm Cabanas, foi premiado como melhor Monografia 2008, galardom instituído pela Sociedade Histórica pela Independência de Portugal (SHIP), neste ano virado para o tema “Padre António Vieira – A Dimensão Cultural da Sua Mensagem”, de forma a celebrar o quarto centenário do nascimento do pregador jesuíta padre António Vieira.

Conforme informam diversos meios da comunicação social portuguesa, a obra premiada «constitui um documento essencial para a História das Mentalidades», pois



«construindo uma análise objectiva das representações barrocas da figura feminina a partir do sermão do padre António Vieira, revela a influência da herança cultural e mental de Seiscentos na compreensão contemporânea da mulher e do seu lugar na sociedade».

Maria Isabel Morám Cabanas é professora titular da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela (USC), especialista em história e crítica da literatura portuguesa, com a tese de doutoramento virada para o Cancioneiro Geral de Garcia Resende. Autora também de diversos trabalhos sobre autores e temas relativos às literaturas comparadas no espaço ibérico e lusófono.

José Eduardo Franco é doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris em História e Civilização. Actualmente é presidente da Direcção do Instituto Europeu de Ciências da Cultura P. Manuel Antunes.

## **HOMENAGEM A LUÍS G. BLASCO 'FOZ'**

O histórico militante do galeguismo político e defensor do reintegracionismo, Luís G. Blasco, mais conhecido pelo alcunho de 'Foz', vila em que nasceu em 1941, recebeu em 14 de Junho umha merecida homena-



gem em Compostela polos seus 40 anos de militância e activismo político, cultural e linguístico. Luís G. Blasco, 'Foz', é membro em activo da Comissom Linguística da AGAL e fai parte do Conselho Assessor da Revista Agália.

O evento foi apresentado pola actriz Comba Campoi e contou coa participaçom de Xosé Luís Mendes Ferrim, Antón Moreda, Antón Arias Curto, Xesús Sanjoás, Margarita Ledo, Manuel A Fernandes Domingues, Xan Carlos Ánsia, Bernardo Penabade, Charo Lopes, Eoín O'Murcho (Sinn Fein) e Hervé Grall (UDB). Igualmente, houvo actuações musicais da mão de Miro Casavelha, Tino Vaz, A Quenlla e Na Virada.

Os actos de homenagem encerrarom com umha grande ceia-homenagem, às 22h30, no restaurante do Auditório da Galiza.

## HOMENAGEM DA AGAL A ISAAC DIAZ PARDO

Com motivo do lançamento do livro de homenagem a Isaac Díaz Pardo editado pola AGAL, que tivo lugar o 12 de Junho na “Biblioteca Ánxel Casal” de Compostela foi entregue ao pintor e escritor polo presidente da Asociación Galega da Língua, Alexandre Banhos, um diploma como “galego bom e generoso”, polo seu “compromiso insubornável com a língua da Galiza”.

O acto, que contou com presenza de persoas chegadas de distintas zonas do país, foi aberto por Isaac Alonso Estraviz, quem lembrou elementos de interesse para conhecer a fortuna da língua da Galiza nas últimas décadas. O reputado lexicógrafo e ensaísta referiu como ele redigiu a Tese de Mestrado em galego na Universidade de Madrid, num tempo em que era excepcional que isso se fizesse na Galiza; lembrou como Ramón Piñeiro lhe falava com entusiasmo do Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira editado pola Figueirinhas do Porto, e como esse vulto do Grupo Galaxia presumia de que os nomes das Letras Galegas ombreassem naquele repositório à par dos mais canonizados de Portugal e do Brasil, ao tempo que defendia a aproximação ao português da língua da Galiza.

Memorou igualmente Estraviz os tempos em que exerceu no mosteiro de Usseira, e os problemas que se davam para o uso do galego entre a comunidade de religiosos, mesmo perseguições, de que se podia inferir que “falar galego era pecado”: um testemunho que provocou impacto em muitos dos presentes pola sua emotividade. Ao referir-se a Díaz Pardo, frisou ser umha pessoa que se preocupou por “dar valor à língua” e que “como industrial é prático”, o que contribuiria para explicar a sua defesa da confluência da língua da Galiza com a de Portugal, na esteira do assinalado por Castela e por outras persoas da Galiza, já desde os tempos de Sarmiento.

Isaac Díaz Pardo referiu-se a muitos dos assuntos focados nos artigos recolhidos no livro que se apresentava. Demonstrou o seu conhecimento da História da Galiza e como tem umha interpretação muito própria e interessante da mesma. Díaz Pardo aludiu à divisom da Galiza do Norte e a Galiza do Sul, citou Gelmírez, Sancho II, a história do seqüestro do rei galego Dom Garcia... e ao se ocupar da Galiza actual assinalou que “os recursos nom som nossos, nem sequer o ar é nosso”, rejeitando as que julgou de “ cousas absurdas” dos “normativizadores oficiais” do idioma. Citou Carvalho Calero, a quem se referiu como “um homem

extraordinário, perseguido em plena democracia”.

No final do acto Díaz Pardo, e também Estraviz, assinárom vários exemplares do volume apresentado, que inaugura a nova colecção “Testemunhos” da AGAL.

## **COMITÉ DE SEGUIMENTO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS LINGÜÍSTICOS APRESENTOU AO CONSELHO DE DIREITOS HUMANOS DA ONU**

Na terça-feira 17 de Junho de 2008, tivo lugar nos escritórios das Nações Unidas em Genebra (Palácio das Nações), na Suíça, um evento de apresentação da proposta de resolução para promover a adopção de uma futura Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL) como convenção internacional. O foi realizado no contexto do Ano Internacional das Línguas. Apresentamos a carta de apresentação e o texto da proposta de resolução.

### **Carta de Apresentação**

A linguagem é, sem dúvida, o elemento mais decisivo na configuração da personalidade e a cultura humanas. Com a linguagem comunicamo-nos e exprimimos as nossas ideias e opiniões, na linguagem cultivamos o nosso mundo interior,

as nossas crenças, sentimentos e esperanças. Daí cada língua ser o lugar privilegiado da vida mais pessoal e íntima, ao tempo que é um meio único de comunicação e de realização social a favor do diálogo, a convivência e a paz.

Existem já numerosas declarações, resoluções e convénios de diversos organismos internacionais, nomeadamente da ONU e da UNESCO, em defesa das línguas, as culturas e as relações interculturais. As organizações abaixo assinadas também levamos a cabo umha longa tarefa a favor dos direitos de todas as pessoa à sua própria língua. Em 1996 conseguimos consensuar umha «Declaração Universal de Direitos Linguísticos», aprovada em Barcelona por 61 ONG, 41 centros do PEN Club Internacional e 40 peritos reconhecidos em direitos linguísticos. Desde entom, outras muitas organizações públicas e privadas adoptárom-no como um contributo necessário para compreender e assumir o valor universal da diversidade lingüística. E, também, tem-lhe ajudado a cobrir lacunas que existem no direito internacional precisamente em relação com os direitos lingüísticos e que, por isso, se utilizárom para gerar atitudes contrárias ao princípio que todas as línguas som respeitáveis ao ser expressões das pessoas e as suas respectivas comunidades lingüísti-

cas, todas elas iguais em dignidade.

O acerto da proclamação, por parte da ONU, do ano 2008 como «Ano Internacional das Línguas» pode ser umha óptima ocasião para avançar no caminho empreendido que acabamos de assinalar. Nessa perspectiva seria de grande importância, para o fomento da paz e o entendimento entre as nações, que a ONU se pronunciasse explicitamente no sentido que os direitos lingüísticos som um elemento essencial dos direitos humanos, como implicitamente já reconhece a «Declaração Universal de Direitos Humanos», de 1948, quer no seu artigo 2, ao proclamar que os direitos e liberdades de cada pessoa devem ser exercidos sem distinção nem discriminação de qualquer tipo, também nom de língua; quer no artigo 27, ao reconhecer que todas as pessoas ham de poder exercer os seus direitos na própria comunidade.

Por todo isto, solicitamos que o Conselho de Direitos Humanos da ONU, com sede em Genebra, queira pronunciar-se ao respeito; como um contributo de alta qualidade ao Ano das Línguas; como amostra da sua sensibilidade ante um dos direitos humanos mais fundamentais para a convivência e a paz; como toque de alerta ante o facto de que a dinâmica da globalização pom em perigo tantas línguas que, apesar de

ser património enriquecedor da humanidade, acham-se em processo de desapareção, ao nom ser suficientemente reconhecidos e respeitados os direitos lingüísticos dos seus falantes. Solicitamos assim mesmo que o pronunciamento do Conselho de Direitos Humanos promova a constituição, no seio das Nações Unidas, de umha comissão para preparar umha futura Declaração Universal de Direitos Lingüísticos, contando com os mencionados trabalhos realizados e a disponibilidade de quem os está pondo em dia.

*Barcelona-Genebra, Abril de 2008*

AURELI ARGEMÍ  
Secretário-geral do Comité  
de Seguimento da Declaração Universal  
dos Direitos Lingüísticos

### **Texto da Proposta de Resolução**

Os representantes do Conselho dos Direitos Humanos das Nações Unidas,

Respondendo aos objectivos propostos pelas Nações Unidas, no sentido de que o ano 2008 fosse o Ano Internacional das Línguas, e para que esse convite tenha efeitos concretos antes de este período concluir,

Considerando que os direitos lingüísticos fam parte dos direitos humanos e, conseqüentemente, entram no marco das competências

do mesmo Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas

Tendo em conta que os seres humanos expressam as suas identidades em diferentes línguas e que a diversidade lingüística é um dos valores culturais mais importantes da humanidade

Conscientes dos reptos que comporta a globalizaçom para a diversidade cultural e lingüística,

Inspirando-se nos propósitos, normas e disposiçons gerais da Carta das Naçons Unidas e, especialmente, nos princípios consagrados na Declaraçom Universal de Direitos Humanos, em particular no artigo 2, que proclama que os direitos e liberdades de cada pessoa tem que ser exercidos sem distiñom nem discriminaçom por qualquer motivo, também nom de língua, e no artigo 27, que reconhece a toda pessoa o direito a participar livremente na vida cultural da comunidade,

Guiando-se também pelo Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais, em particular no artigo 2, que proclama que os direitos enunciados no Pacto tem que ser exercidos sem distiñom nem discriminaçom por qualquer motivo, também nom de língua, e no artigo 15, que reconhece o direito de toda pessoa a participar na vida cultural.

Evocando a recente adopçom, por parte da Assembleia Geral das Naçons Unidas, da Declaraçom sobre os direitos dos povos indigenas, de 13 de Setembro de 2007, que reconhece o direito destes povos a revitalizar, utilizar, fomentar e transmitir às geraçons futuras os seus idiomas, direito extensível a todas as comunidades lingüísticas sem excepçom,

Recordando que a Conveçom sobre a protecçom e promoçom da diversidade das expressons culturais, adoptada pola Conferência Geral da UNESCO em Paris o 20 de Outubro de 2005, reconhece que a diversidade lingüística é um elemento fundamental da diversidade cultural e recomenda a aplicaçom de medidas para a sua protecçom e promoçom,

Vistas, inter alia, as diversas declaraçons da Uniom Europeia e as declaraçons e convençons do Conselho da Europa, como o Convénio europeu para a protecçom dos direitos humanos e as liberdades fundamentais, de 4 de Novembro de 1950, que instam a reconhecer e respeitar as diferentes línguas que se falam no âmbito das suas competências; a Carta da Organizaçom para a Unida-de Africana de 25 de Maio de 1963, em que se reconhece a necessidade imperativa de que as línguas africanas podam desenvolver-se livremente; o que estabelecem a Conveçom Americana sobre Direitos Humanos

da Organização dos Estados Americanos, de Novembro de 1969; a Carta Árabe dos Direitos Humanos da Liga Árabe, de 15 de Setembro de 1994, e a Carta da Associação de Nações do Sudeste asiático, de Novembro de 2007, sobre o necessário respeito às diferenças linguísticas, para garantir e reforçar a união entre os povos,

Rememorando a Declaração sobre os princípios que guiam as relações entre os estados participantes à Conferência de Helsínquia, de 1973-1975, cujo princípio número sete se refere ao compromisso que tais estados assumem de respeitar os direitos humanos sem discriminar ninguém por motivos de carácter linguístico, entre outros,

Valorizando a Declaração de Durban (África do Sul) de 8 de Setembro de 2001, adoptada pela Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, que condena, entre outras discriminações, a de índole linguística

Pondo em evidência que, apesar das numerosas declarações, convenções, cartas e tratados internacionais existentes que destacam, nem que seja aludindo ao princípio de não discriminação, a importância do respeito aos direitos linguísticos, preservando e promovendo a diversidade linguística, até hoje não existe nenhuma declaração

da ONU que recolha especificamente, em positivo, que som e quais som os direitos linguísticos,

Tomando nota com interesse das contribuições da sociedade civil em torno do reconhecimento e desenvolvimento dos direitos linguísticos, como, por exemplo, a Declaração Universal de Direitos Linguísticos, aprovada em 1996 em Barcelona por experientes juristas e linguistas qualificados de todo mundo,

1. Reconhece a igual dignidade e valor de todas as línguas, enquanto cada uma delas é expressão da identidade da pessoa que a fala e de cada comunidade à qual esta pertence,

2. Afirma que na medida que seja respeitada a diversidade linguística mais será garantida e promovida a convivência humana, a união entre os diferentes seres humanos, que é fonte de uma paz construtiva entre os povos,

3. Exorta os Estados e as instituições internacionais a continuarem avançando em todas aquelas políticas favoráveis ao respeito, a promoção e o uso social de todas as línguas, em todos os âmbitos que afectam a vida individual e colectiva das pessoas,

4. Compromete-se, como contribuição específica do Conselho de Direitos Humanos da ONU, a seguir ocupando-se do tema para que os direitos linguísticos possam ser desen-

volvidos em todo mundo, conforme os objectivos auspiciados no actual Ano internacional das Línguas, e tendo em conta os considerandos, preocupações, reivindicações, estudos e iniciativas citados e outros análogos,

5. Pede que, em curto prazo (ou no prazo de dous anos), com a ajuda e apoio deste Conselho, a ONU aprove umha Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, como necessário complemento da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

## **CONSELHARIA DA CULTURA ASSINA PROTOCOLO COM A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSISTANISTAS**

A conselheira da Cultura e Desporte, Ánxela Bugallo, e a presidenta da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), Regina Zilberman, assinárom a 10 de Julho um protocolo de colaboração cultural através do qual a Conselharia «apoiará o labor desta instituição com presença em 32 países e que tem por objecto o fomento dos estudos das línguas portuguesas, entre elas o galego».

O protocolo assinado pretende estabelecer linhas de trabalho conjunto entre a AIL e a Conselharia através da Direcção Geral de Cria-

ção e Difusão Cultural. Este labor em comum «facilitará a aproximação da cultura galega à dos países lusófonos», assinala o comunicado da Conselharia.

A AIL foi fundado em Poitiers (França) em 1984 e tem a sede actualmente em Coimbra. Dela fazem parte docentes universitários, investigadores e estudiosos de 32 países, com a Galiza em destaque. Esta associação tem assinados protocolos com instituições e organismos como a Fundação Gulbekian ou o Instituto Camões e em 2005 realizou em Compostela o seu VIII Congresso Internacional, este ano decorrerá o IX Congresso em Madeira.

## **REVELADO INTERESSE OFICIAL NA ADESOM DA GALIZA À CPLP**

Conforme informou no dia 10 de Julho a agência informativa Lusa, as autoridades galegas parecem mostrar interesse na adesão da Galiza à CPLP. Luís Fonseca, secretário executivo dessa instituição, deu a entender isso à comunicação social, justo duas semanas antes da VII Cimeira que essa organização realizará em Lisboa. Destarte, conforme garantiu Fonseca, a própria CPLP terá dado informação por-

menorizada às autoridades galegas, detalhando que só através de acordo com o governo central espanhol é que se poderá vir a concretizar o reconhecimento da Galiza com o estatuto de observador associado, pois é o governo espanhol quem tem de dar «luz verde» para «evitar conflitos diplomáticos».

Luís Fonseca, segundo a Lusa, lembrou que a CPLP é formada por países [reconhecidos oficialmente] e nom por regions; portanto, a Galiza só poderá ter esse estatuto, que partilharia com territórios como Goa (Índia), Macau (China) e Malaca (Malásia), mas assegurou que, se Madrid der autorização às autoridades galegas, a Galiza terá muitas possibilidades de conquistar esse estatuto, dadas as semelhanças e convergências com a cultura portuguesa.

Actualmente fam parte da CPLP como observadores associados a Guiné Equatorial (que terá de adoptar o português como língua oficial) e as Maurícias, às que se somará o Senegal de aqui a duas semanas, pois está na agenda da VII Cimeira da CPLP, que decorrerá em Lisboa nos dias 24 e 25 de Julho, tratar o assunto. Além disso, nessa cimeira também serão definidas as funções do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, entre outras medidas.

## **ELIAS TORRES E CARMEN VILLARINO, PRESIDENTE E SECRETÁRIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS**

Elias Torres Feijó e Carmen Villarino Pardo, da Universidade de Santiago de Compostela, fôrom eleitos presidente e secretária-geral da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) no seu IX Congresso, que tivo lugar em Agosto passado. A proclamação aconteceu na seqüência da sessão de encerramento, na qual o escritor e professor Hélder Macedo, presidente honorário da AIL, salientou a “transcendência” do facto de esta entidade, à qual pertencem especialistas de língua, literatura e cultura de mais de 30 países, vir a ser presidida por um galego. A nova directiva está integrada por outros conhecidos docentes de Portugal, Brasil, Estados Unidos da América, Polónia e Hungria.

Torres Feijó e Villarino Pardo lideraram portanto a AIL nos próximos anos, em que está prevista a implementação do Acordo Ortográfico, e umha importante projecção internacional para a língua portuguesa, segundo se acordou no mês passado na cimeira da CPLP celebrada em Lisboa, em que participárom vários Chefes de Estado e de Governo dos países lusófonos que integram essa

instituição supranacional. Na anterior diretoria da AIL, que presidia a professora brasileira Regina Zilberman, Torres Feijó era vice-presidente, e Villarino Pardo vogal.

Na reunião celebrada na Madeira deu-se conta do convénio assinado entre a AIL e a Conselheira de Cultura do Governo da Galiza, que foi acolhido mui positivamente e recebeu entusiasta louvor dos assistentes. Na assembleia geral da AIL, celebrada na sequência das sessões do congresso, também foi ratificado novo convénio de colaboração, esta vez com a Associação de Lusitanistas da Alemanha, que tinha importante representação neste acontecimento. Foi igualmente escolhida a Universidade do Algarve como sede do X Congresso, agendado para o ano 2011.

Na Madeira também aconteceu o lançamento das Actas do VIII Congresso Internacional da AIL, celebrado no ano 2005 na Universidade de Santiago de Compostela. A publicação consta de dois tomos, com perto de 2.000 páginas no total, que incluem mais de 180 trabalhos de pesquisa. Os assistentes louvaram a magnífica edição, realizada pela Universidade de Santiago de Compostela, em que se recolhem alguns “instantes únicos” (como a reunião de escritores da Galiza e dos países da CPLP ou a homenagem a Rosalia

de Castro) de aquele acontecimento e importante iconografia, com fotografias de actos e participantes nas suas sessões. Esse volume de Actas coordenáram-no os professores-doutores Elias Torres Feijó, Carmen Villarino Pardo e José Luís Rodríguez.

A presença da Galiza no IX Congresso da AIL, com a participação de cerca de 35 representantes (era a terceira delegação mais numerosa, atrás a portuguesa e brasileira) foi posta em destaque mesmo pela comunicação social nos espaços dedicados ao congresso.

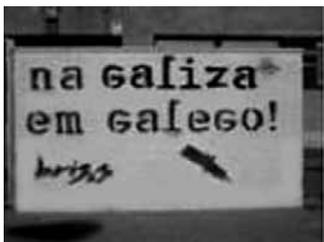
Muitos dos trabalhos de pesquisa apresentados pelos especialistas gallegos foram acolhidos com enorme interesse por professores de outros países, e assim se evidenciou na presença às exposições e na participação activa nos colóquios.

## **BRIGA LEVOU REIVINDICAÇÃO LINGÜÍSTICA À SUA CAMPANHA DE MURAIIS POR TODO O PAÍS**

Durante o último ano, a juventude independentista organizada em Briga desenvolveu uma ambiciosa campanha de murais por toda a Galiza, dedicados às mais variadas temáticas. Foram, ao todo, 366 murais repartidos por 39 comarcas, incluídas

algumas das nom reconhecidas no actual Estatuto de Autonomia.

O objectivo da campanha, segundo afirmam no site de Briga, era “recuperar as ruas” para o exercício da liberdade de expressom, levando aos seus muros as reivindicaçoms juvenis. As previsoms fôrom cumpridas, incluídas as multas, denúncias e até algum julgamento por parte das forças policiais.



Em concreto, Briga informa que fôrom feitos murais nas seguintes comarcas: Trasancos, Ortegal, Marinha, Terra do Návía-Eu, Corunha, Marinhas, Eume, Terra Chá, Bergantinhos, Ordes, Marinha, Muros-Noia, Costa da Morte, Compostela, Arçua, Terra de Melide, Ulhoa, Lugo, Sárria, Ancares, Berzo, Barbança, Caldas, Taveirós, Deça, Valdeorras, Cabreira, Ourense, Ribeiro, Paradante, Condado, Vigo, Baixo Minho, Ponte Vedra, Salnês, Barbança, Morraço, Carvalhinho e Terra de Montes.

Salientamos, por motivos óbvios, um tema concreto entre os que pro-

tagonizárom esta campanha independentista: a reivindicaçom lingüística, que está presente em murais realizados em comarcas como a da Corunha, Bergantinhos, Vigo, Trasancos, Ponte Vedra, a Marinha, o Berzo, Caldas e Taveirós, entre outras.

### **CLUB FINANCIERO DE VIGO APRESENTA DOCUMENTO GALEGOFÓBICO**

«A língua pode favorecer os fluxos económicos, valorizar ou reduzir custos em transaçoms comerciais e ser umha ferramenta mui útil para um empresário que pretenda projectar a sua actividade para além das fronteiras de seu país, para além dos limites lingüísticos». Mas essa língua para o Club Financiero de Vigo é o castelhano, claro.

É isso que recolhe o documento Política lingüística. Umha visom empresarial que, no quadro da série ‘Cadernos para o Debate’, apresentárom o passado 3 de Setembro presidente e o director do Club Financiero de Vigo, Jaime Borrás e Jesús Bahillo.

A publicaçom diz ter como objectivo «dar a conhecer as dificuldades que começárom a encontrar as empresas viguesas à hora de contratar pessoal qualificado

procedente de outras comunidades espanholas e com filhos em idade escolar». Do CFV chegam a afirmar que algumas grandes corporações podam, pola questom linguística, transladar as suas delegaçons territoriais fora de comunidades que aplicam um regulamento linguístico similar ao da Galíza.

O documento coloca o galego como causa da «fragmentaçom do mercado», da possível falta de investimentos «espanhóis e estrangeiros» e afugentador de «profissionais mui valiosos», além de criticar a política de subsídios, concursos e ofertas da Administração pública galega, igualmente um travom por causa da língua.

Nom admira que a Lei de Normalizaçom Linguística de 1983 seja louvada, pois «possibilitou uma convivência e equilíbrio aceitáveis do galego e do castelhano», mas «desde 2005, e sobretudo a partir da publicaçom do Decreto 124/2007 as possibilidades de escolarizaçom em castelhano foram reduzidas notavelmente, até o ponto de que em algumas etapas educativas são praticamente nulas».

O CFV diz estar em contra das imposiçons, porque «avivam as posiçons contrárias e corre-se o risco de prender o lume da discórdia e o

confronto», embora as suas reflexons se refiram sempre negativamente para com o galego.

«Que a Galiza seja uma comunidade bilingüe deveria ser uma vantagem, e dificilmente se pode justificar que a preservaçom de uma língua possa se converter numa restriçom para a aprendizagem e a concorrência em outras», afirmam.

Ora bem, o documento refere só o espanhol como factor de competitividade e progresso económico, «como demonstra o valor de 15% do PIB de Espanha atribuído ao castelhano». Assim, alertam que «nom garantir o seu pleno conhecimento às geraçons futuras possa ter graves consequências para a economia galega».

Os exemplos de Gales, do Alto Adagio-Trentino/Süd Tirol (Itália), da Finlândia, e da Irlanda som defendidos como modelos a seguir. Desta maneira, o CFV propom que sejam os pais os que decidam a língua em que educarem os seus filhos, e os empresários e comerciantes os que escolham o idioma dos seus rótulos; por seu lado, que a Administração atenda e responda os escritos dos cidadãos na língua em que estes se dirigirem a ela, e que a sinaléctica oficial no território seja bilingüe, castelhano-galego.

## **APRESENTAM ESTUDO SITUACIÓN DO ENSINO DA LINGUA E DA LITERATURA GALEGA NA EDUCACIÓN SECUNDARIA OBRIGATORIA**

No pasado 6 de Setembro foi presentado em Compostela um novo relatório resultado de um convénio entre o Instituto das Ciências da Comunicación (ICE), da Universidade de Compostela, e o Conselho da Cultura Galega (CCG). O relatório foi elaborado entre 2005 e 2007, e revela os já bem conhecidos défices na instalación social e escolar do galego.

Conforme o CCG docentes e estudantes coinciden basicamente em apontar que o pessoal nom docente é o mais galeguizado, seguido dos pais/mães e do professorado (estes últimos numha zona mais indefinida), entretanto que o estudante é bastante favorável ao castelhanao.

O relatório é mais umha amostra de que «os resultados obtidos a partir da introdução do estudo da língua galega, e mesmo do galego como língua veicular, no currículo educativo som notavelmente inferiores aos esperados quando menos no que atinge ao incremento do uso do galego por parte dos estudantes», salientam do CCG.

Bieito Silva, membro do ICE e director do trabalho, asseverou que o

estudo permite intuir que «as cousas nom se están facendo da melhor maneira se considerarmos a necessidade de atingir, no final do ensino obrigatório, a concorrência do estudantado nas duas línguas oficiais».

Henrique Monteagudo, secretário do CCG, falou da necessidade de implementar medidas de apoio e de acompanhamento por parte das autoridades educativas e do que considerou «umha orientação excessivamente filológica e gramaticalizante no ensino».

Ramón Villares, presidente do CCG, aludiu à necessidade «repen-sar a fundo a segunda fronteira da política lingüística, saindo ao passo dos que tratam de criar um clima social que situa num nível de suspeita ou rejeição a utilização mesma do galego».

No jornal electrónico Vieiros foi publicada umha completa análise deste relatório, sendo de destaque os seguintes dados:

« Na língua habitualmente empregada polos alunos hai um claro predomínio do castelhanao face ao galego, com percentagens bem mais marcadas no ensino privado que no público (nos inquiridos, 44% dos estudantes declaram-se bilingüe, 28,9% empregam o castelhanao e 25,7% o galego).

» A língua utilizada polo professorado [de língua e literatura galega]

dentro das aulas é o galego quase na totalidade dos casos (os usos monolíngües neste idioma superam os 90%), mas esta percentagem é menos fora das aulas: o monolíngüismo em galego nom supera neste caso os 73%.

» Observa-se um descenso considerável do emprego do galego na relação com os pais e com os filhos, face ao uso com os avós e no trato com os amigos de fora do centro face aos companheiro de trabalho.

» Além dos estereótipos que identificariam o professor de galego com uma certa militância linguística, há umha parte do profesorado que distingue entre o âmbito académico, no qual emprega o galego, e o extra-académico, no qual a escolha da língua depende de outros factores.

» Profesorado e estudantado discrepam sobre os objectivos que procuram as matérias de língua e literatura galega. Enquanto os docentes consideram que se busca a concorrência comunicativa do estudante em galego, estes rejeitam uns conteúdos que percebem demasiado filológicos ou de conhecimento gramatical.

» Tanto professores como alunos percebem que a situação sociolinguística peja de maneira muito importante a prática pedagógica: falta de compromisso das instituições e da sociedade em geral, a escassa

valoração social da língua, por baixo do castelhano e do inglês, ou a permanência de velhos preconceitos contribuem a dificultar uns resultados académicos satisfatórios.»

## **II JORNADAS DE DIDÁCTICA DA LÍNGUA EM OURENSE**

Com umha assistência média de mais de cem pessoas, os cinco dias de conferências, cinema e lançamentos editoriais das II Jornadas de Didáctica da Língua organizadas em Ourense entre o 8 e o 12 de Setembro pola AGAL, especialmente viradas para o mundo do ensino, desbordárom as previsons mais optimistas.

No primeiro dia foi passado o documentário *Fronteiras* e a seguir lançado o epistolário Eugénio de Castro e a Galiza, do qual já demos notícia aqui no PGL. Ainda, foi inaugurada a exposição de Oliveira Guerra no edifício do Liceu.

No segundo dia, a História da Galiza nas aulas e a apresentação do Atlas Histórico enchérom quase por inteiro o Salom Nobre do Liceu ourensano, revelando-se o grande desconhecimento e a tergiversação existentes a respeito. O exemplo dos Quadrilheiros irmandinhos foi colocado como mostra disso, num momento em que é debatido o nome

da Polícia Autónoma e quase ninguém parece conhecer a existência de referentes históricos de polícia civil na Galiza.

No terceiro dia o professor Eduardo Maragoto protagonizou umha das sessões mais participativas com umha palestra virada para a problemática do ensino em galego. O aproveitamento de textos reais e do português como reforços para o galego, centrárom umha exposição que nom deixou ninguém indiferente.

Já no quarto dia Jorge Rodrigues colocou a riqueza das gírias galego-portuguesas, as mais importantes na Europa e ainda com vitalidade, como um dos recursos para desenvolver a criatividade escolar, além do seu valor patrimonial.

Finalmente, umha tertúlia virada para a problemática da língua nas aulas, bem como um recital poético protagonizado pola escritora portuguesa Maria Eulália Fonseca Fernandes, encerrárom as Jornadas no quinto e último dia.

Se bem o próprio José Paz, coordenador principal do evento, reconheceu que o elevado número de inscriçõs nas Jornadas foi devido a estarem homologadas pola Junta da Galiza, o certo é que constituem desde já umha das actividades com a assistência mais numerosa de sempre a respeito das organizadas polo movimento reintegracionista.

## Programa das II Jornadas de Didáctica da Língua Galega

ORGANIZA: AGAL

(Associação Galega da Língua)

SUBSIDIA: Conselharia da Educação e Ord. Univ<sup>a</sup>

(Junta da Galiza)

LOCAL: Liceu de Ourense  
(Sala Nobre)

DATAS: 8 a 13 de Setembro de 2008  
(das 17 às 19h30)

DIA 8: ÀS 17H

– Acto de abertura

– Projecçom do documentário *Fronteiras*, realizado por Rubém Pardiñas (2007, 58 min.) Com colóquio ao final. Relator/Ponente: Vítor Manuel Lourenço (Director do Portal Galego da Língua, da AGAL)

– A continuação, apresentação do livro Eugénio de Castro e a Galiza, por Isaac Alonso Estraviz (vice-Presidente da AGAL)

DIA 9: ÀS 17H

– *A história da Galiza como recurso didáctico para o ensino da língua*. Relatores/Ponentes: Artur Alonso, J.M. Barbosa e J.M. Ribeiro.

– A continuação, apresentação do livro *Atlas da Galiza*

DIA 10: ÀS 17H

– *A problemática do ensino do nosso idioma*. Relator/Ponente: Eduardo

Sanches Maragoto (Prof. da EOI de S. de Compostela)

– A continuação, apresentação do livro *Manual Galego de Língua e Estilo do periódico Novas da Galiza*.

DIA 11: ÀS 17H

– *A etnografía lingüística e o seu uso nas aulas* (o exemplo do barallete e Ben-Cho-Shei). Relator/Ponente: Jorge Rodrigues Gomes (Membro da AGAL, especialista)

– A continuação, apresentação do livro *Falas Secretas. Estudo das Gírias Gremiais Galego-Portuguesas e Ibéricas*

DIA 12: ÀS 17H

– Mesa redonda: *O ensino da nossa língua: alternativas, estratégias, experiências e propostas*. Participantes: Isaac A. Estraviz, Rosa Alonso, Alexandre Banhos, M<sup>a</sup> das Neves Hermida, José Rodrigues (Roi Brás) e Manuela Ribeira.

– A continuação, Recital poético por M<sup>a</sup> Amélia Fonseca Fernandes (de Portugal)

– No acto de encerramento posterior, assembleia valorativa e entrega de diplomas aos assistentes.

– Actividade paralela:

– Durante as Jornadas estará exposta a Mostra sobre Manuel Oliveira Guerra (pioneiro do relacionamento luso-galaico)

Matrícula: 20 € (depositar na conta da AGAL de Caixa-Galiza nº 2091-0450-48-304001888)

Diplomas: Por 15 horas, válidos para todo tipo de concursos.

COORDENAÇÃO DAS JORNADAS:

Isaac A. Estraviz (vice-presidente)

José Manuel Barbosa

Vítor M. Lourenço

José Paz Rodríguez

## **CONSTITUÍDA A ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

O dia 20 de Setembro em Compostela, no Centro Galego de Arte Contemporânea, a assembleia de sócios e sócias da Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa para estabelecer um novo marco da sua actividade, cujo culme foi a constituição no mesmo dia da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP).

Por volta das 13h00 tivo lugar o acto formal de constituição da AGLP, com a presença de todos os académicos fundadores e a eleição de cargos (presidência, secretaria, tesouraria, arquivo e vice-secretaria). O Prof. Dr. José-Martinho Montero Santa-lha foi eleito Presidente.

A AGLP nasceu com a vocação de dar apoios à futura Academia Gale-

ga, apresentada como repto polo Prof. Martinho Montero Santalha no V Colóquio Anual da Lusofonia de 2007 em Bragança. Anteriormente à sua constituição, o projecto já tinha recebido os apoios dos académicos Prof. Evanildo Bechara (ABL) e Prof. Malaca Casteleiro (ACL) em Compostela, durante as conferências pela Comissão Promotora da AGLP.

A marca «Academia Galega da Língua Portuguesa» foi registada nos territórios da República Portuguesa e o Reino da Espanha, pois umha das finalidades desta entidade é «a publicação de coleções de literatura clássica, linguística e sociolinguística, além de teses de doutoramento».

## **A AGAL FOI RECEBIDA POLO SECRETÁRIO GERAL DE RELAÇÕES EXTERIORES**

Na manhã do 4 de novembro, às 12:30 horas, tivo lugar umha reunião entre o Secretário Geral de Relações Exteriores, Júlio César Fernández Mato, e Alexandre Banhos e José Manuel Outeiro, Presidente e Secretário do Conselho da Associação Galega da Língua (AGAL), na sede da devandita Secretaria Geral.

Os representantes da AGAL apresentárom a associação e as múltiplas linhas de trabalho desenvolvidas nas últimas décadas (congres-

os internacionais e outros eventos científicos, revista Agália, PGL...), nomeadamente no relativo às relações internacionais e à cooperação transfronteiriça, colocando a importância de a Galiza estar presente na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e de incrementar o relacionamento cos países de língua nacional ou oficial galego-portuguesa.



O Secretário Geral afirmou considerar central para a Galiza a CPLP e o relacionamento cos países membros, à margem de questões normativas, e informou das gestões realizadas polo seu departamento para avançar na presença do nosso país nesse organismo internacional, para o que considerou importante o projecto de novo Estatuto de Autonomia.

Salientou também a importância do relacionamento co Brasil, pola sua enorme entidade no citado organismo internacional e o seu crescente papel de liderança política na América do Sul. Igualmente, subli-

nhou o avanço nas relações co vizinho ao sul através da Comunidade de Trabalho Galiza-Norte de Portugal, as quais deverão intensificar-se no futuro.

Na reuniom fôrom exploradas possibilidades de colaboraçom entre a Secretaria Geral de Relações Exteriores e a Associação Galega da Língua, projectando-se a realizaçom dumha segunda reuniom nos próximos meses.

## CICLOS DE CINEMA LUSÓFONO

Organizado pola Agal, A Esmorga, o departamento de Português da EOI de Ourense e a ASPGP, decorreu entre os dias 13 e 17 de outubro um ciclo de cinema lusófono na cidade das Burgas. Os filmes fôrom projectados na sala de conferências da Escola de Idiomas e a entrada foi livre.

O cartaz incluiu dous filmes do Brasil (*O Homem que Copiava* e *Carandiru*), mais dous de Portugal (*A Sombra dos Abutres* e *Preto e Branco*, este último ambientado em Moçambique), bem como uma co-produçom luso-brasileira (*A Selva*). Todos os filmes, com excepçom de *Preto e Branco*, estavam legendados em português.

Posteriormente, e organizado pola A.C. A Revira, com colaboraçom da AGAL, tivo lugar em Ponte Vedra um

ciclo de cinema brasileiro no qual pudérom ser vistos os filmes *Terra Estrangeira*, *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias*, *O Céu de Suely* e *O que é Isso Companheiro*. Nesta ordem foi projectado cada um dos quatro filmes em cada sexta-feira do mês de Novembro às 21h no local social de A Revira.

## MOBILIZAÇOM ESTUDANTIL EM PROL DA LÍNGUA

Mais dos 75% do alunado de segundo ciclo do ESO, ciclos formativos e bacharelato superior, terám apoiado a greve estudantil convocada para o dia 26 de Novembro, para pedir o cumprimento do decreto da galeguizaçom do ensino.

Os dados estatísticos fornecidos pola organizaçom convocante, a Mocidade pola Normalización Lingüística, falam num seguimento de até os 80% no bacharelato e FP, e 65% no segundo ciclo do ESO, em que «a dificuldade para secundar este tipo de convocatórias por parte do alunado é evidente, pois nom tenhem possibilidade de sair do centro ou precisam permissom familiar», por palavras de Fran Rei, responsábel nacional da MNL.

O objectivo de chegarem aos 340 centros educativos galegos foi, des-tarte, praticamente cumprido, e os

dados de participação na greve som considerados «suficientemente positivos, pois o estudantado «nom fai greves ao chou, mas sabe o que reivindica», afirmou Fran Rei. A convocatória era apoiada por Galiza Nova e os Comités Abertos de Estudantes, organização estudantil maioritária no ESO.

«Educação tem que fazer agora os seus deveres, tenhem que cumprir com as suas obrigas e garantir a plena aplicação e desenvolvimento do decreto, tal como demandou o alunado», assegurou Fran Rei, que ainda pediu ao departamento gerido pola socialista Sánchez Pinhom para oferecer dados oficiais a respeito do galego no ensino e assim corrigir melhor as eivas que fossem detetadas.

Iniciativas paralelas do alunado e «coaçõs pontuais»

A jornada de reivindicação nom tinha previstas actividades paralelas, mas nalguns lugares o alunado realizou sentadas (quarto do ESO em Cedeira) ou realizou concentrações com leitura de um manifesto em prol do galego (como aconteceu no liceu de Porto d'Oçom).

Das Mocidades da Mesa, igualmente, lamentárom a impossibilidade de «exercer o direito democrático à greve nalguns centros, bem como «os impedimentos colocados» nalguns outros, mas embora isso

fórom capazes de chegar a quase os 340 centros educativos galegos chamados a participar na convocatória.

Entre os casos em que acontecérom «coaçõs pontuais», destacamse o IES Sam Clemente de Santiago, o Dionisio Gamallo Fierro de Ribadeu, ou o Terra de Soneira em Vimianço, onde a direcção do centro e algum do professorado impedírom na prática a greve, bem corno no IES Francisco Aguiar de Betanços onde a chefia de estudos advertiu que os grevistas teriam umha falta de ordem no seu expediente.

Entre os dados da realidade do galego no ensino, som de salientar que 75% dos centros de ensino médio da comarca de Vigo nom chegam aos 50% de ensino em galego; 26% dos centros de ensino infantil nas cidades galegas nem sequer ministram umha única hora semanal em galego; e 90% dos ciclos formativos nom possuem material específico, conforme assinalam diferentes estudos da Universidade de Vigo e da própria Mesa.

## **A AGAL NO I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AS LÍNGUAS MENORIZADAS**

Nos dias 20 e 21 de Novembro A Fundación Leizaola (elkargoa) organizou o I Congresso sobre Línguas Menorizadas, virado de ma-

neira especial para o importante role que joga a juventude na normalização linguística e como ela é o melhor instrumento de análise para vermos os futuros das línguas minorizadas.

O Congresso tinha como objetivo apresentar práticas de sucesso desenvolvidas noutros lugares da Europa e analisar a viabilidade de novas iniciativas para promover a língua basca entre a juventude basca.

No dia 20 o Congresso esteve centrado nos esforços e experiências que desde as instituições públicas bascas se temem levado avante para garantir o conhecimento e domínio do éuscaro por parte da mocidade e para estender o seu uso com múltiplas intervenções.

Além disso, estudárom-se actividades que se realizam noutros lugares, como a experiência galesa de ligar o estudo de costumes e tradições com a língua (Malrion Pryl Jones); os problemas que se apresentam em situações de bilingüismo (Jane Arnold); os ranchos de moços e moças e a recuperaçom do éuscaro (Diego Eguizabal apresentou kuadrillategui).

Participárom também membros dos partidos bascos, sendo mui interessante a intervençom de Eltxabel Amandoz, de Eusko Alkarta-

una, e os resultados da tormenta de ideias sobre o assunto realizada por esse partido.

No dia 21 Timo Riiho, catedrático (de português é espanhol) da universidade de Helsínquia, que realizou a sua comunicaçom e respondeu perguntas em éuscaro -língua que estudara durante três meses em Zarautz em 1980-, apresentou a problemática lingüística da Finlândia, com duas línguas oficiais: finês -94 per cento da populaçom- e sueco -6 per cento-, mais a língua dos lapões (sami), para a qual existe umha estratégia, embora nom oficial, devido ao baixo número de utentes -7.000- e pola dispersom da populaçom sem existência de nengum núcleo dessa fala.

Timo Riiho destacou que é fundamental na Finlândia, para garantir o bilingüismo, a obriga de todo o funcionariado: policial, professoral, médico etc., ter que demonstrar para os seus trabalhos um bom conhecimento das duas línguas, pois, por exemplo, se a policia te detém e és de fala sueca deve fazê-lo em sueco, independentemente de onde quer que estiveres nesse momento; apresentou a seguir a situaçom dos espaços monolingues suecos e as relações destes entre eles (duas variantes do sueco) e com o finês.

O membro da Academia Valenciana da Língua, Josep Lluís Domenech Zornoza, informou da política

linguística de governo valenciano, resultando todo, segundo ele, «com grandes avanços e maravilhas» no País Valenciano, lugar onde o PSOE o fizera «mui bem» e o PP parece que continua na mesma «linha de sucesso».

A Chefa do Serviço linguístico da Universidade de Girona, M<sup>a</sup> Jesus Ferrés Fluvià, apresentou a situação da língua na sua universidade, na qual desceu o uso do catalão nas aulas de 90 por cento para 85 por cento no século XXI, nom por avanço do castelhano mas do inglês, e comentou a experiência de sucesso que se vive na língua através da integração dos estudantes Erasmus de todas as partes do mundo, processo em que estão tendo muito sucesso.

Falando no Erasmus, dixo que todo estudante que chega de fora tem o primeiro mês dedicado à língua e à sua introdução na mesma, sendo raro o rejeitamento do catalão. Explicou como criaram a experiência do voluntariado linguístico, mal copiado depois pela Generalitat, pois o voluntariado deve procurar pares com interesses comuns para ser garantia de sucesso. Explicou que os direitos linguísticos nom som dos alunos mas da/o professor/a que tem liberdade de cátedra, como já a jurisprudência na Catalunha vem confirmando.

Alexandre Banhos, presidente da AGAL, apresentou a situação da Galiza, explicando como o sucesso linguístico do galego só se pode dar desmontando o actual modelo normalizador que se vive na Galiza. Apresentou os piores desse modelo, o processo autonómico e a língua, para passar a seguir aos resultados (dados oficialistas dos inquéritos linguísticos).

O presidente da AGAL falou de como se está a desmontar (ou na tentativa) esse modelo (o papel que jogam os que dele beneficiam), e se constrói um outro, com os problemas que enfrenta essa desconstrução e as experiências de sucesso. Sobre este último assunto falou dos centros sociais e das redes que geram, além de outras experiências. Informou também dos aspectos positivos da candidatura do Património Imaterial Galego-Português e das organizações reintegracionistas todas, ao lado do papel tam importante que tenhem. Citou igualmente a recente constituição da AGLP e as implicações positivas que esse facto pudesse ter para o futuro.

A apresentadora do painel, vários dos intervenientes e pessoas do público ficaram mui surpreendidos ao saber qual é a situação real da língua na Galiza. Foi comentado que da Galiza, quando recebem

informaçom, esta é enormemente confusa, estão habituados a escutar autoridades políticas e académicas em fóruns dos Países Catalães e do País Basco a falarem dos avanços que se levam dado com a incorporaçom maciça do galego ao ensino e a normalizaçom, confusom que jornais como *El Mundo*, com a sua campanha contra o galego, parece divulgar em todo o Estado. Porém sempre há algo que nom casa nas informações ou que choca com a realidade que se percebe se se viajar pola Galiza: é como se as cousas da Galiza estivessem entre um espesso nevoeiro. «A Galiza é do G-8 linguístico, como som o espanhol e o francês, mas a política linguística trata-a como se for o lapurdiano [dialecto do basco]», em palavras dum interveniente basco depois de escutar o depoimento.

Iker Martinez de Lagos, Director de Topagunea, apresentou a experiência dos 38.000 jovens bascos envolvidos na federaçom de associações excursionistas, onde todas as relações só podem ser feitas em éuscaro, nom ponhem pejas se alguém chegar falando o *basgunhol*, mas a língua tem que ser o éuscaro.

O Presidente do Instituto Labayru, apresentou os materiais que elaboram para a juventude, dos dous anos aos trinta, e como os materiais som específicos por fai-

xas de idade e segundo as necessidades de cada faixa.

Xabier Monastério, de Zenbat Gara, expujo os problemas do éuscaro no dia a dia entre a juventude e os problemas dialécticos que se apresentam entre os éuscaro batua e os dialectos bascos, como o biscaíno, e a necessidade de encher de vida a língua, além de a conhecer e conectá-la com os falantes idosos que viveram sempre nela.

O Director o Gabinete da Língua do Governo Basco, José António Rodriguez Ranz, deu os dados estatísticos da língua em toda a sociedade e na mocidade.

Segundo esses dados é a mocidade o sector da sociedade basca em que mais se conhece a língua basca, no que mais se usa e no que tem um forte prestígio. Das seiscentas mil pessoas de menos de 30 anos, só duas em cada dez tenhem muitas dificuldades com o éuscaro e só usam o castelhano. Dous em cada dez declaram-se bilíngües e usam o castelhano normalmente e o éuscaro nalgumas situações; seis em cada dez som bilíngües, porém sentem-se perfeitamente instalados em éuscaro falando essa língua com normalidade.

Igualmente, os estudos revelam que os problemas com o espanhol (e francês) som por essas línguas serem do G-8 linguístico e terem

umha muito maior velocidade de circulación e imenso número de meios em comparación com os dispoñíbeis em éuscaro.

## **JUNTA PERMITIRÁ UMHA SANIDADE COM MÉDICOS QUE NOM SAIBAM GALEGO**

Na Alemanha, Portugal, Itália... resultaria impensábel un sistema sanitario público com persoal nom capacitado na língua maioritária da populacòm. Porém, Galiza, mais umha vez, será sitio distinto com umha excepçom garantida desde o próprio Governo do país.

Da Conselharia de Sanidade, gerida polo PSOE, já foi anunciado que na vindeira oferta pública de emprego a prova de língua galega nom será eliminatória. Deste jeito, fica aberta a porta do Serviço Galego de Saúde (SERGAS) para persoal sanitario nom capacitado na língua galega.

O secretario-geral do SERGAS, Cayetano Rodríguez, manifestou que isto será assim porque a Junta «tem clara a prioridade», isto é, o acceso à sanidade pública de suficiente persoal como para cubrir as demandas dos pacientes.

Deste jeito, os responsábeis socialistas da Sanidade pública afastamse do Bloco Nacionalista Galego (com os quais están coaligados), que através de Bieito Lobeira manifestou

ser o galego «sinónimo de qualidade [no SERGAS]», e alinham com a oposiçom.

## **HOMENAGENS A JENARO MARINHAS DEL VALLE POLO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO**

A Concelharia de Cultura da Corunha, a Universidade e a Asociación Socio-Pedagóxica Galega (AS-PG) renderom tributo à figura do ilustre corunhês Jenaro Marinhas del Valle (1908-1999) com motivo do centenário do seu nascimento.

Por este motivo decidírom organizar un homenagem que constou de diversas actividades ao redor do intelectual e escritor. Os actos repartírom-se em duas jornadas, a primeira das quais foi na terça-feira dia 11 de Novembro, e a seguinte no dia 21 do mesmo mês.

### **A seguir reproducimos o programa da homenagem.**

DIA 11 DE NOVEMBRO DE 2008 (TERÇA-FEIRA). Faculdade de Filologia da Universidade da Corunha

–12 h. Apresentaçom dos actos. Primeira aproximaçom a Jenaro Marinhas del Valle. Intervençom de María Xosé Bravo, Pilar García Negro, Pablo G. Mariñas, X. María

Monterroso Devesa e Teresa López.  
– 13 h. Perfil humano-literário de Jenaro Marinhas. Henrique Rabunhal.

– Experiências em direcção e encenação de obras teatrais de Jenaro Marinhas. Intervenções de Lino Braxe e Francisco Rodríguez.

– Biblioteca de Estudos Locais (Durán Loriga)

– 19h30. ACTUALIZAÇÃO DA NOTÍCIA: Da organização informam-nos de que a conferência prevista para 11 de Novembro às 19h30 fica adiada para o dia 18.

DIA 18 DE NOVEMBRO DE 2008 (TERÇA-FEIRA). Casa-museu Casares Quiroga

– Apresentação da obra dramática completa e de Caderno de Notas. Intervenções de Alexandrina Fernández Otero, Lino Braxe e Pablo G. Mariñas.

DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2008 (SEXTA-FEIRA). Casa-museu Casares Quiroga

– 18 h. O feminino e o protesto na obra de teatro Ramo Cativo. Intervenções de Kathleen March e Tareixa Campo.

– 19 h. Mesa redonda

– Continuidade dos pressupostos vanguardistas no teatro de Jenaro Marinhas. Laura Tato.

– Chaves expressivas do teatro de Jenaro Marinhas. Cilha Lourenço.

– O público na constituição de um

teatro nacional: o pensamento de Jenaro Marinhas. Carlos Viscaíno.

– Teatro Rosalía de Castro

– 20h30. Encenação d'A Velada. Teatro proscrito (Memorial Iván Toxero. Asociación Alexandre Bóveda)

– Exposição Jenaro Marinhas: drama e exemplo do século XX galego.

Ainda, da organização informam que no mês de Dezembro a Casa-museu Casares Quiroga acolherá umha exposição que pretende ajudar a difundir a vida e obra de Jenaro Marinhas del Valle, «um intelectual galeguista sempre comprometido com a dignificação da nossa cultura», apontam.

A Associação Galega da Língua projecta organizar um Congresso de Homenagem ao seu membro de honra Jenaro Marinhas del Valle no mês de Fevereiro de 2009.

## **EDITORA ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LÍNGUA INTEGRA-SE NO 'CONSORCIO EDITORIAL GALEGO'**

Com o objectivo de apresentar a AGAL e o reintegracionismo como projecto normal e visível no nosso País, é que a AGAL se integrou como editora, no passado Dezembro, no Consorcio Editorial Galego.

O Consorcio Editorial Galego

é uma empresa nascida em 2001, formada pelas editoriais Galaxia, Bahía, Sotelo Blanco e A Nosa Terra. O seu objectivo: garantir uma distribuição mais eficaz dos livros publicados e aproveitar sinergias geradas e obtidas pelas vantagens da colaboração. Depois de 2001 outras editoras galegas fôrom incorporando-se ao Consorcio.

A formalização da integração da Editora Associação Galega da Língua no Consorcio à par das mais prestigiadas editoras do livro galego implica mais um passo para levar a AGAL a umha situação mais avançada e dentro do possível com um esforço de profissionalização.

### **CONSELHO DA EUROPA SUGERE SISTEMA DE IMERSOM LINGUÍSTICA TOTAL NO ENSINO**

Inúmeros meios de comunicação ecoárom no mês de Dezembro as conclusons do último relatório do Comité de Peritos do Conselho da Europa a respeito da aplicação da Carta Europeia das Línguas Minoritárias ou Regionais no Estado espanhol. No que toca ao caso galego o documento assinala que os planos de acção «nom fôrom todo o eficaces que se guardava».

Em concreto refere o Plano Geral de Normalização Linguística,

aprovado por unanimidade em 2004, e considera que os efeitos derivados do mesmo produzirom algumas melhoras nos âmbitos da administração local e autonómica, mas nom noutros, em particular no ensino, onde o número de alunos que recebem educação escolar em galego continua a ser mui baixo.

O Comité de Peritos parabeniza a iniciativa da rede Galescolas da vice-presidência e valoriza positivamente o decreto 124/2007, que garante uns mínimos de 50% de aulas em galego, mas considera que a Conselharia da Educação deve promover outros programas que estabeleçam o galego como língua veicular em todas as matérias e em todas as etapas.

O modelo de imersom linguística total é o desejável, e consideram o exemplo catalám como o modelo a seguir noutros territórios do Estado espanhol, entre eles a Galiza.

Outra série de melhoras devem abranger os âmbitos da administração do Estado, Justiça, meios de comunicação e intercâmbios com Portugal. Neste último caso o relatório insta ao Estado a cumprir os compromissos e informar o Conselho da Europa sobre os esforços para estabelecer umha cooperação interestatal entre as autoridades portuguesas e espanholas em

benefício do galego.

De modo mais genérico, o documento convida a esclarecer a situação da língua e adoptar medidas nas Astúrias (Eu-Návia) e Castela e Leom. Ainda, a destacar também o caso de Olivença, pois pela primeira vez, o Conselho da Europa recomenda proteger e promover o português oliventino.

No que toca a outras línguas, o novo relatório do Conselho da Europa insta, em termos gerais, à potenciação das línguas minorizadas nos âmbitos da justiça e a administração, além de empresas como Renfe, Telefónica ou Correos, e sugere melhorar a protecção do catalão e o aragonês em Aragom, o asturiano em Astúrias, o amazigh em Melilha e o árabe em Ceuta.

### **HIGINO MARTINS ESTÊVEZ, MEMBRO DE HONRA DA AGAL, VISITA GALIZA**

No dia 12 de Dezembro de 2008, chegou ao aeroporto de Lavacolha em Compostela procedente da Argentina o membro de Honra da AGAL, académico da AGLP e grande reintegracionista Higinio Martins Estêvez, motor da Associação Civil de Amigos do Idioma Galego em Buenos Aires, quem foi recebido pelo Presidente e Secretário do Conselho

da AGAL e o director de Edições da Galiza.

Higinio Martins é a máxima autoridade nos estudos célticos na Galiza, recentemente foi homenageado com o livro *Orgulho Galego da Diáspora*, co-editado pela AGAL, e agora Edições da Galiza acaba de lançar *As Tribos Calaicas – Proto-História da Galiza à luz dos dados linguísticos*, trabalho da sua autoria.

No livro, o professor Martins Estêvez trabalha com a toponímia e os dados linguísticos galegos para investigar e aprofundar no conhecimento das épocas mais longínquas e



primórdias do nosso país. Para além da exaustiva pesquisa e informação fornecida nos textos, eles vam acompanhados de um mapa explicativo que recolhe as conclusões às que chega o professor Martins Estêvez na sua investigação.

Entre os dias 13 e 18 diversos eventos servírom para divulgar o lançamento do livro. Na segunda-feira, dia 15, foi-lhe rendida homenagem em Santa Maria de Oia (Baixo Minho), a terra nativa dos seus pais. Na quarta-feira, dia 17, deslocou-se até ao Porto para dar a conhecer o seu livro na Biblioteca Garret. Após participar na quinta-feira, dia 18 num evento co-organizado pola Agrupação Cultural O Facho, , na livraria Couceiro da Corunha, regresou para Buenos Aires.

#### **Programa da homenagem em Oia no dia 15:**

- 12h30 Recepção oficial na Casa do Concelho de Oia e pronunciamento dos discursos de abertura do acto.
- 13h15 Descoberta de placa comemorativa.
- 13h45 Jantar oficial.
- 18h00 Visita ao Mosteiro de Oia.
- 19h30 Apresentação do livro *As Tribos Calaiças*, na Casa de Cultura de Vila de Suso. Intervenhem: Alejandro Rodríguez Rodríguez, Alcalde de Oia, e Higinio Martins.



